

M A R C E L O G A R C I A



AMOR  
DE  
PUTA

VOLUME 1

M A R C E L O G A R C I A

AMOR  
DE  
PUTA

V O L U M E 1

ARTE



**Elefante**

## Nota do autor

Investi seis anos para finalizar o primeiro volume da obra. Foi um tempo de muitas desistências e dúvidas. Não dúvidas quanto ao inquietante sonho de me tornar um escritor conhecido, pois esse sentimento carregou comigo desde os meus 15 anos de idade. Minhas dúvidas giravam sempre em torno da competência em criar um material bom e acessível a todos. Um livro que me deixasse com um frio na barriga a cada palavra, a cada parágrafo, a cada capítulo.

Senti esse frio quando digitei o último ponto e em todas as vezes que precisei lê-lo. Fui tomado por um sentimento de dever cumprido. Quer estivesse bom ou não, eu finalmente havia conseguido terminar algo importante. Houve tropeços e dúvidas, sim, mas nunca perdi a convicção.

Entrego essa obra a vocês de peito aberto e com a certeza de que dei o meu máximo a cada linha. Perfeccionista que sou, jamais estarei satisfeito, pois sempre enxergarei espaço para mudanças e melhorias. Se começar a ler mais uma vez agora, encontrarei frases que precisam ser mudadas com urgência, pois eu evolui do autor que fui ontem.

No entanto, o livro precisava ser lançado nesse momento em que minhas certezas estão em alta e vejo-me confiante. O perfeccionismo que me perdoe, mas se não fosse agora, talvez não fosse nunca.

Encontrei em *Amor de Puta* uma bela oportunidade de falar de amizade, amor, relacionamentos, preconceitos, tabus, conquistas, amadurecimento, medos, sonhos, desejos e por último, mas não menos importante, sexo. Tudo o que é inerente ao ser humano. Por tanto, se o que você procura é somente pornografia, sugiro que vá a uma locadora ou visite sites de entretenimento adulto. *Amor de Puta* é muito mais do que apenas sexo raso e desenfreado.

Use a sua imaginação para compreendê-lo da melhor maneira possível.

Tenho uma porção de pessoas de extrema importância para agradecer. Pessoas que estiveram comigo desde o começo ou que surgiram no meio do caminho, e que têm em comum o fato de sempre acreditarem em mim, apoiarem, torcerem e até mesmo cobrarem resultados para que eu não me acomodasse.

Primeiramente, agradeço a mim. Só eu sei como é lidar com as constantes dúvidas e as inconstantes certezas de um geminiano. Remei muito, e nas inúmeras vezes em que me tornei o meu maior obstáculo, tive forças para vencer. Obrigado pelo Marcelo crítico e chato que nunca deixava a obra ser finalizada em paz, pois dessa forma a tendência era sempre a conquista da maturidade, e um obrigado igualmente grande ao Marcelo que teve paciência e não desistiu de buscar um produto final aceitável.

Agradeço muito aos meus pais, maiores e incansáveis incentivadores dessa estrada que escolhi trilhar. Amavam cada texto que lhes apresentava quando adolescente, por pior que fosse - e hoje vejo o quanto todos eram ruins. Nunca houve pressão, nunca houve um ultimato, nunca houve uma decisão que não fosse minha. Houve sempre a preocupação com o meu futuro e, acima de tudo, a confiança no meu talento e a convicção de que eu conquistaria o meu sonho. Vocês dois são e sempre serão meu principal pilar de sustentação. E se existe alguém no mundo que eu quero encher de orgulho por quem eu sou e pelas coisas que fiz, esse alguém são vocês, pois não passo do reflexo da criação exemplar que me deram e das pessoas maravilhosas que são.

Um obrigado muito grande ao meu querido amigo de longa data, Leonardo Daronco. Quando já estava tudo pronto para o lançamento do livro, ele me indagou se eu tinha em mente criar um site para a divulgação. Sem poder de investimento para contratar os serviços, afirmei que se tratava de um objetivo para o futuro. Pois ele criou o site sem cobrar um único centavo. Registrou o domínio e pagou do próprio bolso para garantir o nome na rede - que fique claro que eu já quitei a dívida do registro.

Muitas vezes se mostrou mais empolgado e engajado do que eu, vindo com ideias e sugestões a todo o instante. O trabalho final ficou impecável.

Obrigado a Thiago Belo por ter sido a primeira pessoa a ler um capítulo inteiro do livro quando comecei a buscar por opiniões. Foi um pedido seu para que eu perdesse o medo e enviasse, e devido ao feedback positivo que me destes, criei coragem de enviar para diversos outros amigos. Isso me remete a Ronaldo Souza, o primeiro a ler o livro em sua íntegra, antes mesmo de ser lançado. Obrigado pelas suas palavras, sugestões e principalmente por me alertar sobre um furo que eu estava cometendo na trama. Você tem me cobrado o segundo volume desde então. Quando for a hora, prometo recorrer a ti de novo.

Agradeço de coração todo o apoio e segurança que recebi do meu professor Fábian Chelkanoff. Todas as vezes em que precisei sanar uma dúvida ou buscar conselhos, você se mostrou aberto, extremamente empolgado e encorajador, do tipo "dê a cara a tapa e vê no que dá". Sentir a segurança de um professor que tem muito a lhe ensinar não é pouca coisa.

Obrigado a Rafael Nobre e Rafael Peduzzi pelo belíssimo trabalho de ilustração. Obrigado a todo mundo que leu e analisou pelo menos um capítulo: Affonso Neto, André Castro, Caren Accordi, Carlos Roberto Mendes, Cassyus Silva, Daiane Madruga, Débora Amorim, Felipe Cecagno, Fernanda Orestes, Flávio Tavares, Gabriella Müller, Geovani Braga, Gianluca Favarini, Gustavo Guindani, Jade Ferreira, Kandi Van Gról, Karine Martins, Leonardo Borba, Lucas Parlatto, Lucas Pozatti, Luciana Lang, Luciene Barbiero, Monir Borba, Naiara Oss-Emer, Natasha Militz, Nathalia Prado, Priscila Tavares, Rafael Bastos, Raphael Raz Cardoso, Sérgio Dalcol, Vanessa Pacheco e Vinícius Renner.

Também aos que sempre vieram com palavras de apoio e incentivo nas redes sociais, mesmo quando o livro estava muito longe de ser finalizado. Foi-me depositada uma confiança que eu jamais pensei que fosse ser digno de receber. Vocês foram extremamente importantes, não tenham dúvidas disso. Cada um sabe a força que me deu, e isso é algo que eu valorizo acima de tudo.

Por fim, deixo a seguinte frase: "Talvez eu escreva tudo o que sinto, mas com certeza não sinto tudo o que escrevo". Essa obra não é uma autobiografia ou biografia exclusiva de terceiros, muito menos a opinião integral do autor sobre os assuntos tratados. Essa obra não é sobre uma única pessoa, mas de muitas. Essa obra não fala somente de mim ou de você, mas de nós, da vida e do dia-a-dia que nos cerca. Se você se enxergar em alguma situação relatada nas próximas páginas, então saberei que meu objetivo foi alcançado.

Se devido ao perfeccionismo eu não terminei satisfeito com um livro escrito ao longo de seis anos, imaginem com uma nota do autor feita momentos antes do lançamento. Desejo a todos uma ótima leitura e espero que possamos nos ver de novo nos próximos volumes. Obrigado.

*Marcelo Garcia*

2016

*Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência*

*Tenho três coisas para te dizer. Primeiro, maturidade envolve acreditar em você mesmo. Não interessa se alguém já fez alguma coisa muito boa, de alto nível. Se você quer fazer também, faça. Você tem os seus próprios limites, então, procure fazer o melhor dentro desses limites, sem ficar se comparando aos outros. Procure ser melhor do que você, superar a si mesmo. O resultado tem que ser bom aos seus olhos. Se alguém mais gostar, ótimo, é lucro, nada além disso. As outras duas coisas eu fico devendo porque esqueci.*

- Disseram-me em um sonho

# **1**

## **Ode**

Apesar de todas as diferenças que nossos mundos tinham, eu não conseguia deixar de sorrir ao vê-la e de querê-la bem. Aproximei-me do sofá e me agachei próximo à sua cabeça. Acariciei de leve seus cabelos, cheirei seu pescoço e beijei a lateral que me era oferecida do seu rosto. Naquele momento, juro a vocês, eu não pensei em sexo.

- Você quer mesmo a minha opinião?
- Mas é óbvio que sim.
- Certo – suspirei fundo. – Antes, preciso muito mijar. Você não calou a boca pelas últimas duas horas. Minha bexiga está quase no chão. Já volto.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

Levantei-me com um pouco de dor no saco, poderia mijar até pelos ouvidos. Também senti minhas pernas pesadas, como se todo o ambiente ruim que se formou entre nós nas últimas horas afetasse meu espírito. Podia visualizar uma longa batalha pela frente. Uma batalha pela paz interior de um único indivíduo, para que ele pudesse voltar a viver como uma pessoa feliz: Rafael.

Do caminho entre a mesa do bar e o banheiro, lamentei ter deixado a situação chegar àquele ponto de desespero. Deveria ter aberto os olhos antes para uma verdade gritante. Meu irmão de coração vinha sofrendo há anos e eu nunca fora capaz de notar. Encarei a tudo como apenas uma crise passageira, ou ainda uma maneira muito reservada de viver a vida. A duras penas, aprendi uma verdade: ninguém que sorri o tempo todo é plenamente feliz como procura demonstrar.

Então, visto uma roupa de velho sábio que viveu muito e viu muitas coisas estranhas na vida e deixo uma dica a vocês. A quietude plena é tão perigosa quanto o alvoroço de uma falsa alegria.

E o sofrimento que Rafael tentava me passar era um – muito contido e mascarado, – enquanto o que se podia enxergar em seus olhos era muito mais óbvio do que ele julgava ser. Sua dor era verdadeira e preocupante, mas de irônica doçura. Rafael sofria pela falta de ter alguém a quem amar e ser amado de volta. Rafael queria conhecer a pessoa certa, ter o relacionamento de uma vida inteira e alcançar a felicidade plena a dois.

Com o pau mole e enrugado de frio na mão, mijando toda a cerveja que havia bebido, sorri. A tristeza por vê-lo mal pairava sob minha cabeça, mas servia de alívio saber que o que ele queria era algo tão bonito e ingênuo. Era algo que vinha do fundo do seu coração.

Mesmo preocupado, não posso negar que o maior lamento da noite foi ter deixado uma loira gostosa deitada e pelada na minha cama. Quando Rafael me telefonou, eu estava sendo chupado por Paula. Ah, Paula, que mulher. Chupava bem demais, colocava todo o meu pau na boca e ainda deixava a língua de fora para lambe as bolas. Isso inclusive me levantou uma dúvida muito preocupante na época em que ela me chupou pela primeira vez. Olhei-me no espelho um dia, pau bem duro, para analisar se era pequeno e fácil de se colocar inteiro na boca e ainda sobrar espaço para a língua trabalhar.

“Pequeno ele com certeza não é”, Paula tratou de me acalmar. É, talvez não fosse mesmo. Pelo menos na média eu sabia que ele estava. Passei a reparar melhor cada vez em que era chupado por uma mulher diferente. Algumas não sabiam fazer um bom boquete e colocavam só a cabeça dentro da boca e lambiam o resto do corpo como se fosse um mero picolé. As dignas de análise chupavam de verdade, faziam desaparecer meu pau dentro de suas bocas. Nem todas conseguiam engolir por completo, e somente duas, além da Paula, engoliram-no e usaram a língua para acariciar as minhas bolas.

Concluí uma espécie de equilíbrio. Ao mesmo tempo em que meu pau tinha um tamanho de normal para grande, Paula era perita em boquete e possuía uma garganta privilegiada.

Por isso lamentei muito sair da minha cama. Exceto dentro de sua buceta bem depilada e de lábios delicados, não havia outro lugar melhor para o meu pau entrar que não fosse a sua boca.

E foi enquanto eu tinha os olhos fechados e saboreava cada momento de intenso prazer que o celular tocou na cabeceira da cama. Paula me olhou de maneira desafiadora, como se perguntasse se existia, naquele momento, algo mais importante do que o seu boquete. A princípio, não. Além do mais, havia uma listinha de pessoas que me ligariam só para falar asneiras ou atormentar a minha paz.

Deixei tocar até cair a ligação. Mas daí tocou de novo. “Será que é o meu pai?”, pensei. Bem, se fosse, era mais um motivo para não atender. Não pararia um boquete para atendê-lo nem que ele estivesse em uma ilha deserta, em meio a uma tempestade, no alto de uma montanha e todo esticado em uma antena de telefonia para captar um sinal quase nulo de celular que surgia somente uma vez a cada cinco anos, tipo um cometa.

A ideia de que era alguém aleatório querendo encher o saco caiu por terra quando o celular tocou pela terceira vez, uma seguida da outra. Ninguém telefona tanto assim à toa.

Não pedi para que Paula parasse, então, ela não parou. Segui me chupando maravilhosamente bem, enquanto atendi ao chamado.

- Alô? – Falei em um tom bem incomodado.
- Está na hora.

A voz era estranha e arrastada, demorei a reconhecer.

- Rafa?
- Não aguento mais, Leo. Preciso tirar isso de mim.
- Isso o quê? Aconteceu alguma coisa?
- Aconteceu tudo, tudo. Eu não aguento mais essa dor em mim.

Não precisei de mais do que isso para entender sobre o que ele estava falando. Só achei estranho ser tão repentino e aparentemente fora de contexto.

- Mas Rafa – não havia nada que eu já não tivesse dito. – Já faz dois anos, cara. Você disse que havia superado.
- Eu só preciso que você me ouça. Estou indo aí.
- Não!

Dei-me conta da minha ênfase somente depois de falar. Tentei desconversar dizendo apenas que estava acompanhado. A garota provavelmente estivesse no sofá assistindo televisão ou pintando as unhas, enquanto eu a xingava para que não manchasse o estofado, e não na minha cama me chupando por inteiro.

- Por favor, Leo. Eu não aguento mais. – Parecia um pedido de socorro, e isso arrepiou todos os pelos do meu corpo.
- Rafa, estou acompanhado. Não tenho como te receber aqui agora.

- Vamos a um bar, então. Você adora conversar em bar.
- Rafa – olhei para Paula me chupando, como eu poderia querer sair dali? – Não pode ser amanhã? Já está tarde, daqui a pouco os bares começam a fechar.

Não houve resposta imediata. O seu “tudo bem”, após alguns segundos de reflexão, soou mais triste do que qualquer outra palavra dita. Havia uma imensa frustração em sua voz. Pude perceber a força que ele fazia para conter as lágrimas. Uma baque surpresa que provavelmente o levaria para a cama para que refletisse sobre todas as coisas ruins do mundo, os fracassos de sua vida e o quão infeliz era. Foi quando me dei conta da cagada que estava prestes a fazer.

“Como assim amanhã?”, pensei. Era o meu irmão pedindo ajuda. Um chamado seu devia ser atendido sem que dúvidas tomassem conta de mim. Essa era a coisa certa a se fazer, independente da mulher que estivesse em minha cama.

Uma onda repentina de indignação comigo mesmo tomou conta de todo o meu corpo. Decidi sem refletir, por impulso, coisa que eu pouco fazia durante os meus dias de vida.

- Eu te busco.
- Obrigado – tive a certeza de que ele chorou de alívio.

Apesar de muito preocupado com o que estava por vir, sorri por ter a sua plena confiança. Se havia uma pessoa no mundo que confiava em qualquer vírgula do que eu dissesse, mesmo que parecesse um absurdo, essa pessoa era o Rafael, meu irmão de coração.

A primeira missão difícil veio quando desliguei o telefone. Paula não me perguntou quem era e nem do que se tratava. Ela simplesmente me olhou e seguiu me chupando. Aquela mulher não parava, era uma máquina de dar prazer. A prova que ela tinha de que o seu boquete era bom estava diante dos seus olhos. Mesmo conversando por breves minutos ao telefone, meu pau continuou duro feito pedra. Nem mesmo a distração foi capaz de vencer os prazeres que sua boca me proporcionava.

Eu tinha um problema muito importante a resolver. Ou mesmo que não tivesse as ferramentas para revolver, pelo menos emprestaria os meus ouvidos e ofereceria o meu ponto de vista das coisas. “Para um pouquinho”, pedi a ela com um sorriso no rosto. “Está ruim?”, perguntou-me com um olhar muito safado e passando a língua na ponta daquela cabeça grande e roxa.

Não, o boquete dela jamais era ruim.

- Preciso resolver um problema de última hora – disse ao me sentar na cama.
- Agora? – Ela permaneceu deitada, apoiando-se em seus cotovelos.
- Sim, agora.
- Mas acabei de chegar.
- Eu sei. Você não faz ideia do quanto é difícil para mim, mas eu preciso ir.
- Vamos terminar primeiro – ela se pôs de joelhos e me abraçou por trás, passou a mão pelo meu peito e desceu até o meu pau. Somente sua pegada já me deixava louco de tesão.

Sentir seus peitos grandes apertarem contra as minhas costas também me excitou. Fechei os olhos e deixei os sussurros invadirem meus ouvidos. Um arrepio imediatamente correu por todo o meu corpo. Sentia meu pau pulsar e bombear sangue quase tão forte quanto meu coração fazia. Se ele tivesse voz, imploraria para que eu não cortasse aquela maravilhosa onda de prazer.

Quase me entreguei à sua sedução quando ela passou a língua em meu pescoço. Como podia uma mulher me deixar tão louco?

Estava bom e eu queria transar? Sim, muito. No limite entre o não e o jogá-la na cama para fodê-la como ela gostava, respirei fundo e me levantei de supetão. Chega de sofrimento.

- Não acredito que você vai me deixar aqui, morrendo de tesão.
- É, nem eu acredito – respondi enquanto colava as calças.
- Você vai sair mesmo? – Talvez ela pensasse que fosse brincadeira.
- Sim, tenho que ir.
- Posso saber o que é tão mais importante do que ficar comigo? Pela urgência, só imagino que seja o seu pai.
- Felizmente não é.
- Então, o quê?
- Digamos que um amigo está com alguns problemas emocionais, uma fase difícil, esse tipo de coisa chata. Ele está precisando muito desabafar.
- Está falando sério? – Ela me olhou incrédula. – Vai me deixar por isso?
- É importante, acredite – afirmei enquanto colocava a camiseta.
- E não pode ser outra hora? Ele vai se matar por um caso?
- Olha, do jeito que anda, não posso descartar, então, nem brinca com isso.
- Quem é esse amigo?
- Rafael. Eu já te falei sobre ele inúmeras vezes.
- Sério, eu não consigo acreditar que você vai fazer isso – ela foi se irritando aos poucos. – A gente está no meio de uma transa, Leonardo! A não ser por um incêndio, morte ou nascimento de bebê humano, jamais se interrompe o sexo!
- Ensinações do Mariano – eu ri. – É, mas isso é até um incêndio, de certa forma. Preciso ajudar a apagar, ou pelo menos controlar.
- É tão difícil conseguir hora livre para ficarmos juntos, Leonardo – ela deixou o tom irritado de lado e tentou atacar com o seu dengo. – Pensa nisso, nem sei quando vamos poder ficar juntos assim de novo.
- Eu sei, Paula, eu sei, eu sei – e só eu sabia mesmo o quanto era difícil. – Mas você precisa entender que eu não posso negar ajuda a ele.
- Não vou entender porra nenhuma – Paula raramente falava palavrões. Isso me fez sentir o cutuco do problema. – Ele é mais importante do que eu?
- Ah, não – cortei de imediato aquele tipo de conversa. – Não vá por esse lado. Você vai quebrar feio a cara, e eu não quero isso agora.
- Por quê? Tem medo de admitir que só me quer para fazer sexo?
- Não, Paula – odiava ladainhas assim. – Porque eu já te disse que o Rafael é meu irmão de coração. Nada é mais importante do que ele.
- Na verdade, Leonardo, tudo é mais importante do que eu.

- Tá, Paula – suspirei e procurei não dar assunto.
- Tá, Paula, tá, Paula. É só o que você diz quando quer fugir.
- Não estou fugindo. Só acho desnecessário esse tipo de coisa. É sempre a mesma novela. Você não é mais e nem menos importante do que fulano, beltrano ou ciclano. Acontece que eu não posso deixar o meu irmão na mão. É difícil entender isso sem dar chilique?
- Vai à merda – irritou-se. – Acha um saco conversar comigo, mas quando precisa de sexo liga correndo atrás de mim.
- Paula, não vou discutir agora – surpreendi-me com a minha paciência. – Não sei que horas eu volto, mas se quiser me esperar, a gente continua.
- Você só pode estar de brincadeira comigo.
- Que seja – terminei de colocar os tênis e caminhei até a porta do quarto. – Você que sabe. Se quiser ir embora, é só bater a porta. Beijou.

A minha naturalidade – que também me surpreendeu, pois normalmente eu era explosivo com a Paula – a deixou ainda mais irritada. Na minha opinião era aquela coisa de mulher gostar de bater boca e sentir-se ignorada quando o cara não caía na armadilha. Além de eu não ter paciência para discussões sem fundamento, a preocupação com Rafael me impedia de ficar um segundo mais dentro do quarto.

Saí de casa e deixei uma loira maravilhosa, pelada e sedenta por sexo sozinha na minha cama. Isso era ou não uma coisa insana?

Mas acima da insanidade estavam os meus sentimentos mais profundos e sinceros por Rafael. Não tínhamos os mesmos pais e nem o mesmo sangue. Não fosse o destino, sequer teríamos conhecido um ao outro. E acreditem, eu sou muito cético quanto a essas coisas de destino, predestinação e estradas já previamente traçadas. Para mim, somos sempre donos do nosso destino e devemos ir para onde o nosso nariz quiser apontar. O que ou quem surgir no caminho não passa de mero acaso banhado em aleatoriedade.

Pois um grande acaso fez com que eu conhecesse, quando criança, uma das pessoas mais importantes da minha vida. Rafael não era meu grande amigo ou o meu melhor amigo. Eu jamais o chamava assim, nem quando o apresentava a outras pessoas. Eu falava que aquele cara era o meu irmão.

Nossa história começou quando tínhamos apenas sete anos e cursávamos a segunda série, lembro perfeitamente cada detalhe. Crianças, no auge da inocência e ainda com muitas coisas a aprender. Eu vinha de outra cidade, por tanto, era novo na escola. Além da timidez de uma criança de sete anos, eu ainda tive que enfrentar o fato de entrar no meio do ano letivo. As crianças já se conheciam o suficiente para se amar ou odiar. Eu era apenas um novato perdido no meio de tudo.

Aconteceu exatamente no meu primeiro dia. A professora fez a tarefa que lhe cabia: apresentou-me a todos e pediu para que me dessem as boas-vindas. Em seguida, indicou meu lugar na sala. O último da fila, um dos dois únicos vagos. Mas vamos pular direto para o recreio.

O que uma criança recém chegada faz nesse horário? Nada, é claro. Eu fiquei isolado de todos. O lugar era bonito, uma pracinha cheia de brinquedos. Enquanto meus colegas e crianças de outras

séries corriam de um lado para o outro, eu fiquei apenas sentado debaixo de uma árvore. Acho que não pensei em nada, apenas fiquei observando. Lembro muito pouco do que se passava em minha cabeça.

Pergunto a vocês: alguma criança tem a obrigação de agradecer a uma outra criança? Tem alguma noção do que é certo ou errado? Não sou psicólogo ou educador, mas acho que não. A inocência da juventude implica na falta de discernimento das coisas. Logo, deve ser ensinado com o passar do tempo. Mas e quando atos de carinho e generosidade ocorrem sem que um adulto indique o caminho, sem que alguém interfira no raciocínio puro?

Pois eu estava lá, sentado, quando Rafael sentou ao meu lado com um sorriso de orelha a orelha. Então, ele abriu em seu colo um pote de lanches com pedaços de bolo. Era a sua comida.

Enquanto podia estar brincando com aqueles que já conhecia, ele estava lá debaixo da árvore me oferecendo um pouco da sua refeição. Eu não tinha nada, estava de mãos vazias. Não por falta de cuidado dos meus pais, especialmente da minha mãe. Eles apenas estavam em um correria frenética com mudanças e o caralho a quatro.

Fui relutante no começo, estava tímido e amedrontado com tanta coisa nova. Mas ele insistiu, sempre com um sorriso acolhedor no rosto. Preciso dizer algo mais? Tenho certeza de que ali começou a nossa amizade.

Não sei explicar em palavras o que essa passagem de nossas vidas significa para mim. Só depois de velho eu fui ter noção do tamanho do seu ato de generosidade. Foi espontâneo.

Claro que o fato de considerá-lo meu irmão era definitivo para abandonar uma transa, mas havia mais coisas na jogada. Eu prezava, protegia e admirava a pessoa doce que Rafael era. Sem exageros, juro. Nenhum ser humano jamais foi ou será puro. Somos feitos de acertos e erros, e muitos carregam mais defeitos do que qualidade. Mas Rafael tinha em seu coração uma bondade acima do normal.

Talvez oferecer lanche a um colega recém chegado não fosse algo tão fora do normal, tudo bem. Mas os anos apenas confirmaram o que estou afirmando a vocês agora. Ele se tornou um adolescente amável, uma pessoa simples e bondosa, e afirmo que às vezes até demais.

Lembro-me de uma vez quando estávamos também no recreio do colégio. Por volta de doze anos cada um. A gente conversava um de frente para o outro, ele segurando um copo de refrigerante. O pátio era sempre tumultuado, muita gente parada em grupos ou caminhando de todos os lados. Fora os pirralhos de séries mais baixas que brincavam de polícia e ladrão e corriam de um lado para o outro usando as pessoas como obstáculos a serem radicalmente desviados. Muito fiz isso.

O fato foi que alguém muito mais velho e maior trombou de costas com Rafael. O cara se virou reclamando: “Não olha por onde anda? Sai fora!”. A reação dele? “Desculpa, foi sem querer”. Eu vi claramente que a culpa não fora dele, por tanto, não tinha obrigação nenhuma de pedir desculpas. E ainda por cima perdeu parte do refrigerante que caiu no chão.

Mas o que eu quero dizer com isso? Que toda a bondade de uma criança inocente, com o passar do tempo, tornou-se algo em demasia. Ele era uma pessoa tão boa que jamais revidava um ato de hostilidade, qualquer que fosse. E eu presenciei muitos. Aos maus olhos, toda a sua bondade era vista como covardia, e muitos se aproveitavam disso. Coube a mim ser o lado ruim, a metade podre da

dupla. Eu o defendia sempre e tomava todas as suas dores, embora ele insistisse para que eu deixasse de lado.

Uma pessoa bondosa a ponto de não ter reação para certos momentos, de não ter poder para se defender de atos hostis, de não conseguir odiar um outro alguém, mesmo que esse lhe causasse algum mal terrível. Isso é mesmo bondade, ou ele estava se tornando uma pessoa patética e covarde?

Confesso que muitas vezes a sua falta de indignação me irritou. Tentei mudá-lo com conselhos, mas ele apenas sorria dizendo que era a sua maneira de ser. Seus pais tinham orgulho do seu caráter irretocável, todos o admiravam por isso. E antes que vocês pensem, não, eu não tinha inveja, se é o que parece. Eu também sentia orgulho de ser o irmão de coração daquele rapaz.

A gente se completava. Era o que diziam: de um lado a maçã doce, do outro a maçã podre. Mas eu não era má pessoa, por favor. Era apenas uma maneira de tornar a ideia dos opostos mais palpável. Um pouco forte, concordo, mas não passava de brincadeira.

Sério, eu não era uma criança problemática, tá? Acreditem.

Certa vez avistei uma luz no fim do túnel. Finalmente ouvi que Rafael havia praticado um ato hostil, indo inclusive parar na diretoria. Única vez em toda a sua vida escolar, diga-se de passagem. Na época classificaram como violento, mas não foi para tanto. Pelo que ele me contou depois, um garoto o zombara pelo fato de ser covarde. Coisa de adolescente imaturo, vocês sabem. Entre muitas bobagens, dissera que ele só era meu amigo porque eu o defendia e, principalmente, porque minha família tinha dinheiro.

Ora, vejam só. Isso foi o suficiente para Rafael enruguar o rosto e empurrar o garoto no chão. Não passou disso. Não teve soco, pontapé, puxão de cabelo, dedo no olho ou no cu. Foi um simples empurrão. De qualquer forma, serviu especialmente para mostrar a ele que às vezes era preciso revidar, mostrar indignação com o que era errado. Foi uma boa lição que me deixou muito aliviado na época.

Vou contar uma última coisa para carimbar a essência do que é o Rafael.

Um dia ele se apaixonou. Sim, aquele coraçãozinho também era muito, muito romântico. Eu brincava dizendo que ele parecia uma menina. Sonhava em encontrar a garota certa, a que o amasse de verdade e que vivesse com ele para o resto da vida – um dia lembrei disso e percebi que Rafael almejava um grande amor desde sempre. Pois ele a encontrou, ou ao menos pensou ter encontrado. Aconteceu no último ano do colegial. Ele vinha alimentando aquele sentimento desde anos anteriores, mas nunca dissera nada a ninguém, muito menos a mim ou à garota.

Essa garota em questão se chama Andressa. Nós três éramos bons amigos e frequentávamos o mesmo grupo. Como começou aquele amor incurável? Não sei exatamente. Só sei que notei depois de um tempo, devido às suas atitudes. Ele não me falava nada, era muito discreto quanto aos seus sentimentos. Mas ficou muito óbvio quando tudo o que ele fazia acabava girando em torno dela.

Lembro-me muito bem de todas as cenas. Vou citar alguns exemplos. Andressa nunca foi o tipo de garota tímida, muito pelo contrário. Adorava festas e vivia nelas. Era comunicativa e absurdamente sociável, principalmente com os homens. Mas não levem isso para o lado pejorativo. Só quero dizer que ela não tinha vergonha nenhuma de viver e fazer parte do mundo.

Pois quando precisava fazer algo simples como ir à biblioteca entregar ou pegar um livro, ela pedia auxílio a Rafael. Nada contra isso, eu faria o mesmo se me pedissem. Mas usando a desculpa de que tinha vergonha? Ah, por favor, cheira o meu saco.

Ou então quando pedia para que ele enfrentasse toda a fila do bar para comprar seu lanche enquanto ela “ia ao banheiro”. Coisas pequenas? Tudo bem. Então, o que vocês me dizem do fato dele ter sempre feito suas lições de casa quando ela esquecia, ou de inúmeras vezes ter escrito, na mesma aula, duas redações, uma para cada um? Ela o usava? Sim, usava. Mas, sinceramente, não sabia se havia má intenção.

Uma coisa era certa: notava-se a distância o amor dele por ela, e nada mais do que uma boa amizade dela por ele. Só que Rafael nunca notou. Eu também nunca lhe disse, né? Fui um idiota. Além disso, eu conseguia perceber que ela já compreendia toda a história. Andressa sabia perfeitamente que Rafael a queria de uma maneira diferente.

Não éramos apenas nós dois. Andávamos em um grupo de cinco pessoas. Andressa tinha sua melhor e inseparável amiga, Renata. Éramos grandes amigos na época, sempre juntos durante e depois das aulas. Correndo meio que por fora, alguns anos depois, chegou um sujeito chamado André. Em um primeiro momento confesso que não fui muito com a cara dele, fiquei com um pé atrás. Meio estilo falastrão, malandro que sabia de tudo e metido a pegador. Mas, como os outros três gostavam dele, eu tive que aprender a gostar. Juro que um dia quase consegui, mas certas atitudes me impediram.

O que esse pessoal tem a ver com a história? São importantes peças do quebra-cabeça. Cada dia que passava Rafael se mostrava mais e mais apaixonado. Estava realmente cego, tudo o que fazia ou deixava de fazer girava em torno de Andressa. Se fazia um passeio em família com os pais, lamentava a falta de uma namorada para aproveitar melhor o momento. E aqui entra mais um traço da personalidade do nosso garoto. Um traço lamentável, adianto.

Rafael se menosprezava diante dos outros. Achava-se um cara feio e sem nada de interessante, sem nada que pudesse despertar o interesse de uma garota, em especial a que ele tanto queria. Não dizia tão abertamente, mas deixava claro com atitudes que não gostava de ser o que era, não gostava de si. Sua autoestima era realmente baixa. Por esses e tantos outros pensamentos negativos foi que ele chegou à conclusão de que jamais conquistaria Andressa, mesmo antes de sequer tentar.

Um dia descobri, por intermédio de Renata, que ele jamais a conquistaria mesmo, pois ela o queria apenas como amigo. Mas isso ele não sabia, apenas sentia. Eu nunca falei diretamente para evitar machucá-lo. Uma coisa tão óbvia, que todos percebiam à distância, seus olhos não eram capazes de ver.

O papel que tomei foi o de apenas aconselhar quando requisitado. Inúmeras vezes Rafael perguntou o que eu achava da situação, se ele tinha que continuar na dele ou se declarar de uma vez por todas. O que eu respondia? “Cara, não sei. Só quero que você tome cuidado. É uma situação delicada”. Fiz mal? Devia falar logo o que sabia? Não sei, realmente não sei. Ficar no muro me pareceu covardia, mas seguro, pois odiava fofocas e a ideia de falar pelos outros.

Se arrependimento matasse.

E conforme o tempo passava, mais angustiado Rafael ficava, às vezes beirando à depressão. Tinha vezes que passava o dia todo sem falar nada, se excluía do grupo apenas alegando não estar

bem. E para piorar, algumas vezes Andressa ia atrás para lhe dar atenção e tentar animá-lo. Acho que era isso o que ele queria. A atenção de quem ele amava e não conseguia ter. Era triste.

Lembram daquele rapaz alegre e bondoso do começo? Aos poucos foi se tornando um rapaz triste e melancólico, que vivia quieto pelos cantos. Várias vezes abri os ouvidos para os seus lamentos. Muitos relatavam seu descontentamento consigo mesmo, com o que era, como agia e como pensava. Na sua visão cega, ele era uma pessoa sem qualidades.

Isso se estendeu por durante muito, muito tempo mesmo. Saímos do colégio, todos se formaram, e o grupo continuou junto. Rafael e eu começamos a trabalhar juntos na empresa do meu pai. Negócios de construções imobiliárias, mas outra hora falamos sobre isso, não vem ao caso agora.

Certo tempo depois, para a felicidade de Rafael, e por que não minha, consegui uma vaga para Andressa. Estávamos os três juntos, de novo. Por mais algum tempo Rafael se mostrou radiante com o simples fato de poder viver novamente o dia a dia com sua amada. Uma falsa esperança reascendeu em seu peito, e com ela, falsas expectativas.

O grande baque, aquele golpe que o fez cair de um prédio de quarenta andares, logo em seguida ser atropelado por uma frota de ônibus e ainda por cima pisoteado por uma manada de elefantes rosas de três patas, aconteceu em uma certa noite após o expediente. Nós dois fazíamos faculdade e íamos com a minha moto. Já Andressa fazia um curso técnico e ia para outros lados. Aconteceu que naquela noite, em vez de pegar o ônibus, ela se despediu de nós e logo na primeira esquina encontrou com André. Bom, não preciso dizer nada. Rafael viu e surtou, encheu a cabeça de nóias e paranóias.

O caso Andressa foi apenas uma das passagens de fracasso de sua vida que eu precisava citar. O que realmente lhe jogou no fundo do poço, onde os medos da solidão e do desespero açotaram a sua paz, aconteceu depois disso. O término de um namoro que durou dois anos.

Rafael conheceu uma garota na faculdade, logo após a desilusão com Andressa. Foi amor à primeira vista, coisa de filme romântico. Infelizmente eu não posso entrar em maiores detalhes quanto a esse relacionamento porque Rafael vestiu uma roupa de burro, vendou os olhos e esqueceu do mundo. Por durante dois anos ele viveu, respirou e viu apenas uma pessoa. Sua ex-namorada, a quem agora ele se recusava a falar o nome por tamanho ódio. Fazia uso de um apelido bem carinhoso quando precisava falar dela.

O menino apaixonado viu seu coração se partir em pedaços mais uma vez. O relacionamento durara dois anos e já havia terminado também há dois anos, até o momento em que nos encontramos no bar. Não imagino a dor que ele carregou em silêncio por tanto tempo. E isso eu garanto, ao mesmo tempo em que foi uma tragédia grega, também foi um marco para uma mudança magnífica de personalidade.

Eu fui o primeiro a receber a notícia. Ele me ligou aos prantos e tão desesperado que eu mal consegui compreender suas palavras. As frases também eram desconexas e atropeladas. Foi uma época muito complicada de lidar com ele. Ao mesmo tempo em que sofreu para que o mundo todo visse, certo tempo depois se calou para que ninguém mais soubesse de sua existência.

Rafael mais uma vez se isolou do mundo. Fez de sua privacidade um mundo alternativo. Quando lhe perguntavam se estava bem, a resposta era pronta: “sim, já estou muito melhor”. E ao seu

sorriso cativante e acolhedor estava de volta. Como pude não perceber a tristeza escondida por detrás de um sorriso tão falsamente feliz?

Se por um lado acho que foi negligência minha, por outro penso que fui respeitoso. Cada pessoa tem a sua maneira de encarar os problemas. Uns se recuperam rápido, outros demoram mais. Uns abrem sua vida para o mundo, outros contam somente às paredes de seus quartos.

Não insisti em nada. Convidava-o a todo o instante para sair com uma turma de amigos meus, mas ele rejeitava. Dizia que tinha muitas coisas a fazer, especialmente da faculdade. “Já que não tenho mais amor, quero pelo menos me dedicar ao trabalho e conquistar o sucesso”. Cara, como o seu sorriso mascarado enganava.

Deixei-o em paz. Se bem o conhecia, ele tomaria banho, jantaria e ficaria deitado no quarto escuro ouvindo música para refletir em suas noites mais tristes e solitárias. Era o jeito dele. Guardava e digeriria todas as angústias sozinho, não dividia nem com os próprios pais.

Por mais que eu tentasse ajudar, acabava sendo muito difícil para mim pelo fato de eu não ser capaz de compreender tamanha dor. Eu já havia sofrido por amor uma vez e minha reação fora parecida. Fiquei mal, mas não por muito tempo. Eu parti em busca da melhora e encontrei muito mais. Conheci pessoas diferentes, muitas passageiras, mas outras importantes demais. Coisas maravilhosas passaram a acontecer comigo. Comi muita mulher, fui a muitas festa, me enfiei em incontáveis brigas, minha relação já ruim com o meu pai só piorou, e tudo isso em prol de um instinto que deve ser básico de todo ser humano: a vontade de viver.

Eu usei a minha dor como um grande impulso para ser quem eu sou hoje. Mas e Rafael, seria capaz de fazer isso? Perguntei-me isso por um bom tempo. Durante aqueles dois anos de tristeza reprimida, não, ele não foi capaz. E o resultado estava na mesa de bar. As lágrimas que muito caíram no escuro do seu quarto, longe dos olhares de qualquer pessoa, agora caíam diante dos meus olhos preocupados.

Em quatro horas de conversa eu acabei sabendo como haviam sido os dois anos de relacionamento. Não sei se ele exagerou por carregar no coração muito ódio e rancor ou se era mesmo verdade, mas por tudo o que ele falou, sua felicidade no namoro havia sido ilusória.

Os relatos foram todos baseados no arrependimento. Além de afirmar que abriu mão de muitas coisas, ele também deixou claro que por dois anos aquele relacionamento havia sido de mão única. “Eu me dediquei por total e pensei em nós, enquanto ela sempre foi egoísta e pensou somente em si”, ele disse. Bom, eu jamais saberia se era verdade ou apenas um coração quebrado cuspidando no prato que um dia comeu.

Enquanto lavava as mãos depois de uma mijada maravilhosa – quando chega a fazer uma certa cócega na cabeça do pau, sabem? - eu refleti o que mais poderia dizer para resgatar meu irmão. Já havia dito tanta, tanta coisa. Ofereci ajuda, conselhos e empurrões para um lugar melhor. Tudo rejeitado.

Ao secar as mãos, dei-me conta do que poderia ser diferente. Pela primeira vez Rafael pedia por ajuda. Talvez eu não precisasse mudar o discurso, pois agora ele estaria disposto a ouvir. Será que ele aceitaria o que eu tinha a dizer? Independente do motivo que o levou a me telefonar, se por profundo

desespero ou por uma vontade inédita de querer se reerguer, eu aproveitei a oportunidade. Enchi-me de esperança e preparei o discurso mentalmente no caminho de volta para a mesa.

Acabei não usando porra nenhuma, afinal.

Quando me aproximei da mesa ele estava olhando para o lado, longe, hipnotizado. Segui seus olhos até um grupo de garotas. Bonitas, falantes, alegres e cheias de amor para dar. Segundo um amigo meu afirmaria, o que elas estavam loucas para dar não era amor, ficava mais embaixo e piscava molhadinho.

Bem, pelo menos o nosso garoto ainda desejava mulheres, né? Depois de duas grandes decepções amorosas, vai que começasse a sentir uma coceirinha na bunda. Nada contra, mas acho que antes ele ainda precisava aproveitar mais as experiências de ter uma mulher na cama.

- Quer chegar lá? – Segui olhando com ele para as garotas.
- Nunca – ele imediatamente saiu de seu estado hipnótico.
- Por que não?
- Porque não estamos em um filme pornô, onde basta dizer oi, oferecer uma cerveja e sair comendo bundas.
- Olha – não contive a risada. – Você faz piada, mas isso acontece muito por aí. Dependendo do lugar, é mais rápido arrumar uma foda do que uma cerveja em bar cheio.
- Claro, em puteiros.
- Não me refiro a puteiros, mas enfim. Teve alguma nova reflexão enquanto fui ao banheiro?
- Não. Por quê?
- Parece mais animado.
- Tenho cara de quem está animado? – Ele me encarou com uma cara tão feia que achei que estivesse conversando com um segundo cu.
- Não, claro que não. Às vezes esqueço que você esconde a tristeza e o mau humor com piadas sarcásticas.
- É a vida – suspirou pesado ao olhar para o copo vazio.

Hora de agir.

- O que você quer?
- O quê?
- O que você quer?
- Como assim o que eu quero?
- A pergunta é simples, idiota. O que você quer? Diz a primeira coisa que te vem na cabeça.
- Costumava achar que era amor – seu olhar para o nada foi reflexivo.
- Não é mais?
- Ainda é, mas ficou em segundo plano. Cansei de procura-lo.
- Então, fala logo o que você quer, porra. Não fica enrolando.
- Para que toda essa agressividade? Acho desnecessário.
- Meu cu peludo é algo desnecessário. Às vezes eu faço força para cagar, mas a merda não sai toda. Daí fica um cotoquinho de bosta presa nos pelos do cu, sabe? É um saco isso, o cara só consegue

limpar tudo se for lavar o rabo no banho. Isso sim, meu caro, é algo desnecessário. Pelo no cu é algo desnecessário, não a maneira como eu falo. Agora me responde, afinal, o que você quer?

Serviu de chacoalhada. Agressivo ou não, fiz com que ele refletisse. Quando em dúvida, Rafael sempre coçava a cabeça de maneira involuntária. Sorri por conseguir fazê-lo sair do transe que estivera o tempo todo. Estava na hora de deixar o passado para trás de uma vez por todas, meu irmão.

Notei em sua expressão a vontade de responder, mas um recuo imediato o impediu disso. Ele colocou as mãos em volta do copo vazio e recuou.

- Você sabe o que eu quero.
- Não, não sei. Se eu fosse adivinho, já estaria rico e vivendo muito longe de pessoas irritantes como o meu pai.
- Não me faça repetir uma vergonha dessas, Leonardo.
- Mas eu juro que não sei no que você está pensando – eu não fazia ideia, de verdade. – Um bacanal?
- Não.
- Uma orgia com negros de pênis anatomicamente assustadores, daqueles tão grandes que chegam a ser pesados e envergam para baixo mesmo quando estão duros?
- Cala a boca – ele riu. – Só fala merda.
- Então, diz logo o que você quer! Vamos dar um jeito nisso o mais rápido possível – afirmei já bastante animado ao bater na mesa.
- Quero perder a virgindade, Leonardo. Eu quero perder a porra da minha virgindade.
- Virgindade? Que virgindade?
- Como que virgindade, Leonardo? A que todo mundo perde quando transa.
- Agora quer dar o rabo? É isso?
- Que dar o rabo, cara! Está ficando louco?
- Mas é a única explicação.
- Você está me irritando. Eu quero transar com uma mulher e perder a virgindade.
- Como assim? Sério, não estou entendendo. Você não é mais virgem.
- Sou sim.
- Não, não é.
- Dá licença?
- Você não é virgem.

Ele defendia que a situação se baseava em pontos de vista. Cada pessoa que tomasse conhecimento da história poderia interpretar de uma maneira diferente. Uma ova! Ele não era mais virgem e ponto final. Sua teoria não tinha cabimento.

- Você já comeu uma mulher – insisti.
- Não, não comi.
- Ah, tá. Enfiar o pau numa buceta, entrar e sair várias vezes, não é perder a virgindade. Sexo virou outra coisa e não me avisaram.
- Eu não gozei.
- E daí? Isso não muda os fatos.

- Muda sim. Eu não tive o prazer de gozar. Não sei o que é gozar fazendo sexo, por tanto, ainda sou virgem.
- Cara, pelo amor de Deus, não fala uma asneira dessas para ninguém – levei as mãos ao rosto e abafei o alto tom da voz. – Eu tolero ouvir porque sou seu irmão. Mas por favor, tenta não passar essa vergonha na frente de outras pessoas.
- Vai à merda.
- É porque você não percebe o tamanho da bobagem que está falando. Nem o Mariano tem teorias tão absurdas assim.
- Quem é Mariano?
- Um amigo meu, não vem ao caso. Só quero que você pare de se cobrar por algo que não é. Chega de carregar esse peso nas costas. Ou nas bolas.
- Vou carregar até gozar dentro de uma mulher. E se você tem algum problema com isso, foda-se você.
- Então, por que você não procura a Gabriela de novo?

Gabriela foi a garota que ele comeu e não gozou.

- Não, nem pensar.
- Por que não? Vocês se deram tão bem.
- Foi apenas um romance passageiro. Não quero reviver ou alimentar isso.
- Não vejo que mal teria. Lembro que você estava bem feliz na época.
- Sim, estava. Mas moramos em cidades diferentes e muito distantes um do outro. Não quero esse tipo de relacionamento.
- Pensei que você achasse romântico essa coisa lírica de amar à distância, é a sua cara.
- E o sexo, como fica? Cansei de me relacionar, gostar, curtir e não fazer sexo. Chega. Chega!

“Ótimo”, pensei. Gostei de ver a indignação em seu olhar. Estava na hora de largar o conformismo e fazer acontecer.

- Então, Rafa, se você se acha virgem e quer tanto resolver esse problema, o que está esperando?
- Uma mulher que aceite de boa vontade, pois até onde sei, à força é crime.
- E como espera conseguir isso estando preso na porra do teu quarto o tempo todo?
- Não sei, tá legal? Eu não tenho a resposta. Se tivesse, não estaria aqui alugando os seus ouvidos. Eu sei que é um saco tudo isso. Se eu não aguento mais, imagino você.

Reagi imediatamente. Não me defendi, e sim ataquei suas palavras. Com certa indignação, confesso.

- Não, não, não. Não venha colocar palavras na minha boca. Eu nunca disse que é um saco. Estou aqui para te ajudar, como sempre estarei para o resto das nossas vidas. Depois de ouvir toda a sua história, eu não tenho nada a te dizer.
- Nada? – Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso. – Como assim nada?
- Tudo o que eu tinha a dizer, eu já disse. Várias e várias vezes. A única coisa que eu posso fazer é um pedido.
- Qual?

- Que você me deixe te ajudar.
- Como assim?
- Você que perder a virgindade, mas se diz incapaz de conseguir isso, né? Então, me deixa resolver esse seu problema.
- Vai dar para mim?
- Quer me comer?
- Só de camisinha. Você tem cara de quem tem cu cagado.
- Nunca enfiei o dedo para ver se saía merda, na verdade.
- Tá, chega – ele fez cara feia por imaginar a cena, provavelmente. – Que nojo.
- Enfim. Começa a sair comigo. Você vai conhecer muita, muita, muita mulher. Quando menos esperar, vai estar na cama com uma. Ou duas. Ou quem sabe três.
- Hm – ele levou a mão ao queixo. – Promete?
- Te dou a minha palavra. Esquece o passado, cara. Por favor, para o seu bem, que esse tenha sido o último desabafo. A sua ex-namorada já partiu há dois anos, ela deve estar feliz com algum outro cara e sequer pensa no seu sofrimento. Vale a pena perder tempo com um passado que não está nem aí para você?
- Não, não vale – ele suspirou de olhos baixos.
- Então, Rafa! Confia no seu irmãozinho aqui. Já te dei motivos para um dia duvidar de mim?
- Sim – ele respondeu de imediato.
- Ora, sim – rebati de cara feia. – Quando?
- Eu o procurei pouco depois do término do meu namoro. E o que você fez?
- Tenho certeza de que o ajudei, estou errado? – Desafiei-o a me desmentir.
- Cantando Amado Batista?
- Porra, melhor ajuda!
- É, deve ser – ele revirou os olhos.
- Canta comigo – pigarreei. – Amigo, vamos sair por aí, nos divertir e curtir coisas boas. Devemos é mesmo comemorar. Para que sofrer por mulheres à toa? – Sinalizei para que ele seguisse cantando.
- Tá bom – ele cruzou os braços e se negou com a cabeça, achando tudo aquilo uma bobagem.
- Amigo, a tempestade vai passar – continuei eu mesmo. – O mal tempo vai embora e o bom vem. Você vai encontrar um grande amor – dei abertura de novo para que continuasse. Mesmo revirando os olhos, ele o fez.
- E você merece ser feliz também – concluiu sorrindo timidamente.
- Melhor ajuda do mundo! – Gesticulei com as mãos para o alto para dar mais ênfase.
- Sim, claro. Ainda tenho as minhas dúvidas.
- O importante é você sair dessa. Estufa esse peito e bola para frente, meu velho. Você vai ver as oportunidades caindo no seu colo assim que sair do quarto.
- Eu sei disso. É o que eu mais quero.
- Além do mais, você já namorou por dois anos e comeu uma guria de outra cidade. Competência você tem. O que te falta é confiança.
- Aquilo não foi sexo, que fique claro.
- Que seja, não torra o meu saco com isso agora. Um dia te apresento o Mariano e vocês debatem sobre teorias e conspirações absurdas. Combinado que essa foi a sua última recaída?

Estendi a mão para que selássemos um acordo. A cara de desconfiado que ele me deu não foi por medo de não conseguir cumprir uma promessa. Aposto que ele cogitou que eu tirasse a mão na hora, ou que fizesse alguma outra brincadeira de adulto que não crescera.

Pois não o sacaneei. Apertamos as mãos e sorrimos um para o outro. Pela primeira vez nos últimos anos eu vi um brilho sincero em seus olhos. Claro que parte do brilho era por causa das lágrimas que haviam caído, né? Estavam lubrificadas, a ciência pode explicar isso melhor. Mas eu podia sentir em meu coração que algo novo nos cercava. A começar pelo seu próprio aperto de mão. Firme e decidido, como raramente havia sentido em tantos anos de convivência.

Quando toda a conversa acabou e ele me perguntou como estavam as coisas, eu não quis soar rude ou transparecer que estava com pressa. Respondi somente “tudo bem” e imediatamente levantei da cadeira. Ao pegar a comanda, deixei claro que me levantara para ir embora.

No caminho até a moto telefonei para o celular da Paula para saber se ela havia ficado no meu apartamento ou ido embora. Se me respondesse a segunda opção eu não pensaria duas vezes para ir busca-la de volta.

Acontece que ela não me atendeu. “Porra”, xinguei ao colocar o aparelho de volta no bolso.

- O que foi? – Rafael perguntou enquanto colocava o capacete.
- A Paula não me atende.
- Quem é essa?
- Verdade, você não a conhece. Aliás, esse é o próximo passo que vamos tomar, meu caro – afirmei ao dar a partida na moto.
- Qual?
- Vou te apresentar as amigas da Paula.
- Bonitas?
- Bonitas? – Ri alto com a pergunta. – Ora, bonitas, Rafael. São gostosas e feitas para o sexo, isso sim.
- Hm, interessante.
- Muito. Vai por mim que você só tem a ganhar nessa vida.
- Não quero ganhar muito. Só quero fazer sexo.
- É o que você vai ter, confia em mim.

Cortei as ruas em alta velocidade e furei uma porção de sinais vermelhos, tudo para largar Rafael e chegar o mais rápido possível em casa. Torci o caminho todo para que Paula ainda estivesse na minha casa e que não atender ao telefone fosse apenas mais uma de suas birras. E as birras, modéstia à parte, eu sabia resolver muito bem.

Ao entrar no apartamento, deparei-me com todas as luzes apagadas. Mal sinal. Caminhei pé por pé até o quarto, abri a porta com cuidado e chamei pelo seu nome. A fraca luz da lua não era o suficiente para visualizar direito a cama. Ascendi a luz para vê-la vazia. Baixei a cabeça e lamentei. Queria tanto que ela estivesse lá.

Tirei o celular do bolso para tentar uma última vez. Não era nem duas horas da manhã, impossível que estivesse dormindo. Para a minha completa surpresa, ao dar o primeiro toque, ouvi uma musiquinha de telefone vindo direto da sala. “Paula”, pensei e sorri.

Fui até a sala sem fazer muito barulho. Ela estava deitada de lado no sofá, de costas para o restante da sala. Usava uma das almofadas como travesseiro e outra entre as pernas. Paula não conseguia dormir sem um travesseiro entre as pernas. Quando deitávamos juntos, ela substituíria pela minha perna, pois dizia que era uma forma de saber que tinha alguém perto dela o tempo todo. Fofa, não?

Apesar de todas as diferenças que nossos mundos tinham, eu não conseguia deixar de sorrir ao vê-la e de querê-la bem. Aproximei-me do sofá e me agachei próximo à sua cabeça. Acariciei de leve seus cabelos, cheirei seu pescoço e beijei a lateral que me era oferecida do seu rosto. Naquele momento, juro a vocês, eu não pensei em sexo.

Cochichei seu nome algumas vezes por não querer acordá-la no susto. Ao ajeitar a cabeça na almofada, tudo o que ela me respondeu foi um gemido: “hm”.

- Paula, vem pra cama – disse enquanto acariciava seu rosto.

Não obtive resposta.

- Paula – insisti com uma voz suave. – Vem pra cama, minha linda. – Ela voltou a se mexer e percebi que acordara.

- Não – respondeu com voz de sono, sussurrada, quase inaudível.

- Esse sofá é desconfortável. Vem deitar na cama comigo.

- Não quero.

- Por que não? Vem, por favor – pedi ao pé do seu ouvido.

- Pode ir. Vou ficar no sofá.

- Por quê?

- Porque estou braba. Quero ficar sozinha.

- Você não está braba, vai.

Apesar de eu ter falado de maneira carinhosa, afim de convencê-la a mudar de ideia, não obtive respostas de novo. Não sei se pelo sono ou por sua convicção de não sair do sofá.

- Vem, Paula – insisti.

- Já disse que não – e sua voz já não era mais de sono. Ela se manteve o tempo todo estática, como se dessa forma reafirmasse que não sairia de lá.

- Se está braba, por que não foi embora?

- Porque estou sem dinheiro para o táxi.

- Isso não é desculpa. É só ligar para a Cris.

- Ela não me atendeu, deve estar ocupada.

- Ligasse para a casa dela, então.

- Ninguém atendeu também. Todo mundo ocupado, inclusive eu.

- Ocupada com o quê?

- Tentando descansar. Se você permitir, por favor, gostaria de dormir. Tive uma semana movimentada.

Não fiquei brabo com a sua maneira de falar. Como eu disse antes, no fundo eu sabia que era uma questão de birra e orgulho. Eu só não insisti porque também estava cansado e não queria reiniciar uma discussão sem fundamento.

Em vez disso, respeitei seu pedido. Mas respeitei da minha maneira. Fui até o meu quarto para pegar dois travesseiros e dois cobertores. Ao voltar para a sala, tirei com cuidado a almofada de sua cabeça e troquei por um dos travesseiros. Mesmo acordada, ela não reclamou e nem agradeceu. Com os dois cobertores eu fiz uma pequena cama no chão, ao lado do sofá, e me deitei.

Não sei exatamente o que me levou a fazer aquilo. Não era para me passar por coitadinho e ela ter pena de mim, isso eu garanto. Eu queria de verdade ficar perto dela, pois como ela havia dito, eram cada vez mais raros os momentos em que podíamos curtir um ao outro com calma. Se Paula não me queria colado junto ao seu corpo, então eu ficaria pelo menos ao seu lado.

A falta de conforto não espantou a vontade de dormir. Fechei os olhos e comecei a viajar para longe. Retomei toda a conversa que tivera com Rafael. Senti de novo a esperança correr por todo o meu corpo. Acreditei que agora as coisas poderiam mudar de verdade e de maneira definitiva.

No limite entre o acordado e apagado, ouvi Paula quebrar o silêncio. Não sei precisar, mas deviam ter se passado quase dez minutos desde que eu me deitara ao pé do sofá.

- Leonardo.

- Hm? – Já estava embriagado pelo sono a ponto de mal conseguir responder.

- Deixa de ser idiota.

- Por quê?

- Esse joguinho não vai mudar nada.

- Não é joguinho, Paula – respondi ao me virar para o lado e relaxar ainda mais o corpo.

- Por que está deitado no chão? Quer que eu tenha pena?

- Não. Só quero ficar perto de você.

Mais um momento de breve silêncio. Não sei quanto a ela, se estava pensando no que falar ou não, mas eu estava mudo pelo sono.

Então, quando mais uma vez sobrevoei o limite entre o despertar e o sono, ela insistiu.

- Não vou transar só porque você está fazendo isso.

- Eu não quero que você faça nada, Paula – já sentia a saliva meio seca em minha boca. – Volta a dormir e esquece que estou aqui.

- Está me incomodando saber que você está aí.

- Por quê?

- Porque sim.

- Medo de não resistir à tentação? – Consegui um pouco de ânimo para brincar.

- Mas credo.

- Volta a dormir, Paula. Também preciso descansar. Amanhã de manhã a gente resolve isso.

- Amanhã cedo já pretendo ter ido embora.

- Que seja. Vamos dormir.

Não dei pano pra manga. Mantive os olhos fechados e deixei minha consciência se perder em pensamentos aleatórios. Dali um tempo, de novo, Paula chamou pelo meu nome. Ela não precisou dizer muito mais do que havia dito para eu perceber que a insistência significava que não estava mais tão braba assim.

- Leonardo.

- Hm?

- Lembra do que eu te disse sobre dormir sozinha?

- Hm?

- Lembra?

- Sim.

- Mentiroso. – Suspirei pesado ao me sentir desafiado.

- Você disse que nasceu para dormir sozinha porque precisa de muito espaço para se esticar e detesta dormir apertada.

- Você lembra – seu tom foi de uma alegria contida.

- Claro que eu lembro, garota.

Quando ficamos em silêncio de novo e achei que fosse pela última vez, que eu poderia enfim dormir, ela voltou a me chamar.

- Leonardo.

- Hm? – Meu tom já foi meio de impaciência.

- Não me importo de dormir apertada, contanto que seja com você.

- Que bom, fico feliz por saber disso.

- Não parece.

- Fiquei feliz, juro. Só estou com sono para ficar conversando ou soltando rojões.

- Não por isso.

- O que, então?

- Era para você estar dormindo aqui comigo.

- Mas você não quer.

- Agora eu quero. – Meu sono evaporou feito milagre. E um sorriso que a escuridão da sala tratou de esconder brotou em meu rosto.

- Tem certeza?

- Muita.

Meu sono deu lugar a um sentimento de felicidade. E também alívio, é claro. Foi uma conversa a menos que eu precisei ter para arrumar a minha relação com a Paula. Peguei o travesseiro e deitei-me junto dela. Abracei-a bem apertado, coloquei minha perna entre as suas, exatamente como ela gostava, e entrelaçamos nossas mãos. Assim dormimos, sem muito espaço, mas em um aperto quente e carinhoso.

Com o tempo de convivência eu aprendi a ter certeza de duas coisas sobre a Paula. Uma era de que ela sempre cedia. Uma hora ou outra, ela cedia. E a outra certeza era de que eu gostava dela de

uma maneira muito especial e sincera. Eu podia sair com dezenas de outras garotas, mas nenhuma jamais me despertava tamanho sentimento.

Meu carinho por Paula ia além do sexo. E Paula era uma garota de programa.

## 2 Ângelo

- Segue a vida, vai por mim. Mas sem essa de ouvir conselhos bonitinhos, não aceite que te passem a mão na cabeça. Se está fodido, aceita e sofre tudo o que puder. Daqui um tempo você vai ver que a dor se transforma em risada, e aí você vai se sentir um idiota por ter sofrido tanto. Confia em mim, já passei por isso. É como eu vivo dizendo, a vida é uma privada.

- Privada?

- Sim, uma privada cheia de merda. Às vezes você limpa, outras deixa suja, e assim ela segue, sempre balanceando entre estar feliz e triste. Dualidades do mundo, meu caro.

Minha vontade de fazer qualquer coisa era tão grande que nem sair do quarto eu tinha forças. Havia em mim uma ressaca moral por tudo o que fora dito e exposto na noite anterior. Mesmo que tivesse despejado as minhas frustrações em Leonardo, eu não me sentia bem. Era como se um peso saísse dos meus ombros e migrasse para a cabeça, fazendo-a cada vez mais pesada e arrependida.

Eu tinha sérios problemas em me abrir para qualquer um que fosse. Por isso eu me julgava uma pessoa discreta.

Em meio àquela maré de tristezas, somente uma obrigação tinha o poder para me fazer sair de casa. Eu precisava ir até a faculdade resolver algumas questões acadêmicas importantes e inadiáveis. Em uma era de tecnologia avançada onde as pessoas resolviam grande parte dos problemas com apenas meia dúzia de cliques, era inadmissível ter que tirar a bunda do sofá para lidar com a burocracia. Então, lá fui eu de novo, abrindo sorrisos falsos em público e mergulhando no meu mau humor quando sozinho.

Embora eu realmente não quisesse colocar o nariz para além das fronteiras da porta do meu quarto, algo superior me forçara a sair do casulo. As sutilezas que o destino insiste em jogar na sua cara e você só percebe quando está realmente no chão, sabem? Quando a dor se espalha por todo o seu corpo e você acaba ficando entorpecido por isso, daí o seu corpo é afetado, você passa a sentir-se cansado, irritado e impaciente. E o que mais afeta são seus olhos – metáfora para cérebro. O órgão mestre que o guia não consegue ver nada além de desgraça à sua frente. Assim era a minha tristeza. Nada estava certo.

Ou, em uma visão sutilmente otimista, a sua sensibilidade e depressão são tão fortes que qualquer sopro de vento já serve de sinal positivo. É a torpe ideia de que o que está péssimo não pode piorar.

O saguão da faculdade estava quase deserto, não havia aulas no turno da tarde. Pude ver somente algumas pessoas aleatórias sentadas nas mesas jogando conversa fora ou mexendo em seus notebooks caros. Bando de desocupados. Ou seriam eles ocupados com suas próprias alegrias, enquanto eu apenas me corroía em inveja por não ser igualmente feliz? Danem-se todos, simplesmente. Só queria cumprir meu compromisso e dar o fora daquele ambiente irritante. Meu quarto sentia a minha falta, podia ouvi-lo de longe.

Cabe dizer que naquele tempo, sim, a alegria alheia me incomodava. Nem eu mesmo saberia dizer se era coisa de uma amargura ranzinza ou se porque eu estava triste demais e queria que alguém se importasse a ponto de sofrer comigo, como se eu fosse pequeno demais para tanto sofrimento. Independente do motivo, eu julgava certas felicidades de certas pessoas como algo efêmero. Para mim os sorrisos eram falsos e teatrais, e todo mundo queria se livrar das algemas das aparências e abraçar o direito de sofrer com os seus próprios problemas, mas não o faziam para manterem as máscaras.

Bando de idiotas. Todos.

O leve toque do destino que citei aconteceu quando deixei o prédio e passei de novo pelo saguão para ir embora. No caminho, por acaso, encontrei um colega de aula. Ex-colega, na verdade. Havíamos feito poucas cadeiras juntos e agora raramente nos víamos, pois os horários não batiam mais. Não se tratava de um irmão como Leonardo, mas era um bom amigo com quem eu podia conversar sobre diversos assuntos, preferências e gostos semelhantes. Sua visão de mundo era ampla, mas ampla de

uma maneira que eu acredito que pouquíssimas pessoas tinham a capacidade intelectual de acompanhá-lo.

Eu era evoluído a ponto de me identificar com as coisas que ele dizia. O que me faltava eram a coragem e o desprendimento da realidade.

Ele trabalhava em outro prédio da universidade no período da tarde e estava pelo nosso saguão dando uma volta em seu horário de intervalo.

Cumprimentamo-nos com um abraço e perguntas banais de como cada um estava. Minha intenção não era prolongar demais o encontro, mas ele disse que já estava terminando seu intervalo e voltando para o prédio de trabalho, por isso me convidou para acompanhá-lo até lá. Enquanto isso, ele fumaria o seu cigarro e poderíamos trocar uma ideia. Queria ir para casa, mas o que eu tinha a perder? Sempre gostei de ouvir as pessoas, e com ele a conversa costumava ser boa.

Caminhamos a passos lentos, como se fosse um simples passeio no parque em meio a uma tarde agradável de sol. “Minha namorada não pode saber que estou fumando”, disse ao acender seu cigarro. Embora não tivéssemos muito contato – nunca visitamos um a casa do outro, por exemplo, – eu o admirava bastante. O cara era muito inteligente e, acima de tudo, descompromissado. Não vagabundo, entendam a diferença. Ele fazia as coisas da maneira que queria e no tempo que achava melhor, pois tinha a certeza de que conseguiria cumprir qualquer prazo e exigência de qualidade. Isso era genial e me causava certa inveja. Tratava-se de confiança, coisa que eu não teria nem em milhões de anos luz de evolução pessoal.

Por um caminho de pedras, canteiros, muretas, curvas e retas, fomos avançando aos poucos em direção ao seu prédio de trabalho. Em um primeiro momento ele me comentou a respeito dos seus projetos profissionais. Juntamente com um grupo de amigos, estava planejando uma empresa que iria desenvolver aplicativos de telefone para outras empresas. Eu não entendia porcaria nenhuma, mas ouvi com atenção e interesse.

Quando terminou de falar, perguntou-me como eu estava e o que andava fazendo da vida. Bem, o que responder? Entre falar a verdade melancólica ou a mentira ilusória, optei pelo meio termo enigmático. “Indo”, balbuciei olhando para baixo. Então, veio à tona, mais uma vez, um assunto recorrente na minha vida naqueles últimos tempos. Já estava cansado dele, mas talvez algumas pessoas ainda tivessem coisas para me falar a respeito. Ouvi-las era como subir mais um degrau na escadaria da compreensão do porque as coisas aconteciam, porque machucavam tanto e como fazíamos para seguir adiante.

Valeu a pena revisitar meus pesadelos com ele, sem dúvida valeu a pena.

- Ainda mexido por causa da ex? – Perguntou-me com a certeza de que era aquilo que ainda me incomodava em segredo.
- Bastante – respondi com um suspiro pesado. – Não sei mais o que fazer para sair dessa, sinceramente.
- E quem disse que você precisa sair? – Seu questionamento me pegou de surpresa.
- Como assim? Tenho que ficar sofrendo o resto da vida?
- Não. O resto da vida, não. Isso é tempo demais para qualquer coisa nesse mundo, seja boa ou ruim. Mas digamos que tempo o suficiente para realmente conseguir sair.
- Meio absurdo pensar isso – e eu não consegui mesmo compreender o real fundamento.

- Tem certeza? Eu penso diferente – afirmou baforando a fumaça do cigarro. – Você acha que vão ser as minhas palavras doces do tipo “cara, sai dessa, tenha força, levanta a cabeça, não vale a pena sofrer, a vida é curta demais, você precisa ser feliz, tem muita mulher por aí” que vão te fazer sair dessa? Uma porra que vão. Você está na merda e nenhum consolo furado vai te ajudar.

- Mas é uma espécie de conforto saber que as pessoas querem o seu bem. O meu, no caso – corriji em tempo.

- Ninguém precisa passar a mão na sua cabeça para demonstrar que quer o seu bem. E é como você disse, são apenas palavras de conforto. No fundo não vai mudar absolutamente nada. Você vai continuar na merda total. Não passa de uma questão psicológica, uma mentira que serve de consolo momentâneo.

- Então... – tentar compreender suas palavras me ocupou a ponto de não saber exatamente o que falar – o que eu faço?

- Sofre, ué! – Deu de ombros.

- Mais do que já estou sofrendo? – Parecia-me impossível.

- Mais, muito mais. Chora com paixão, chora tudo o que tiver para chorar. Acha que está no fundo do poço? Pois tenta descer ainda mais – seus gestos enfáticos com as mãos demonstravam o quão baixo ele dizia que eu deveria descer. – Abraça essa tristeza que você está como se fosse sua melhor amiga.

- Bizarro pensar assim – eu seguia surpreso, para não dizer apavorado, com a sua visão das coisas.

- Mas é a verdade, cara. Ninguém, além de você, é capaz de te tirar dessa angústia toda. Nenhuma forma de consolo é capaz de fazer essas coisas. A força para sair tem que estar com você, dentro de você – afirmou apontando para o meu peito. – Mas primeiro você precisa sofrer de verdade, a ponto de encher o saco dessa merda e começar a reagir.

- Os dias parecem tão longos que não sei quanto mais vou aguentar – filosofei em total desânimo.

- Então começa a passar o tempo fazendo coisas que você gosta. Procura na internet umas receitas novas e vai para a cozinha, coloca um som bem alto e se diverte. Você adora cozinhar, então faça isso. Baixa uma série de TV que você adora e passa o final de semana enfurnado no quarto assistindo a uma temporada completa. Joga bastante videogame, começa a se viciar em todas essas porcarias possíveis. Essa é a oportunidade de você ficar sozinho e fazendo as coisas que gosta. O sofrimento é um sentimento solitário. Por mais que alguém sinta por você e queira te ajudar, somente você sabe o que se passa dentro da sua própria cabeça – concluiu tocando com o dedo em minha testa.

- Cara, se eu desejar ficar mais sozinho do que já estou, não saio mais do quarto nem para me alimentar!

- Mas essa é a ideia – deu uma risadinha contida, como quem já passara por algo semelhante. – Não existe coisa bonitinha ou luzinha no fim do túnel quando se está na merda. Aceita ela como companheira e só depois pensa em um jeito de escapar. Tudo o que as pessoas querem é serem felizes, né?

- Acredito que sim.

- Por quê?

- Por quê? – Eu não sabia a resposta para uma pergunta que jamais me ocorrera.

- É, por quê? Por que as pessoas têm essa necessidade insana de serem felizes?

- Acho que porque a tristeza é uma merda. E afirmo isso com propriedade.

- Tá, concordo que a tristeza pode ser uma merda. Só que a gente aprende que a busca por felicidade é a principal meta em nossas vidas, e que se não a alcançarmos, morreremos deprimidos e seremos fracassados. Isso está muito, muito errado.

- Por quê?

- É só olhar para você. Essa obrigação que temos de sermos felizes, seja por sentimento sincero ou apenas por aparências, é algo que nos coloca contra a parede. Assim a gente esquece o verdadeiro significado da vida e de ser realmente feliz, daí nos contentamos com qualquer coisa. Por isso às vezes somos tão rasos e efêmeros em nossas ambições.

- Queremos sempre mais, né?

- Mas isso é bom, não vejo relação. Devemos querer sempre mais, pois assim saímos do lugar. Vamos para frente ou para trás, mas saímos do lugar. A questão é que as pessoas têm muito medo de ficarem tristes. Qual o problema com a tristeza, afinal? Há tanta coisa magnífica na história humana que foi criada a partir da tristeza, de um coração partido, de uma alma despedaçada, de uma mente perturbada. Os grandes gênios da humanidade tinham sérios problemas psicológicos e algumas peculiaridades que os impediam de serem plenamente felizes ou normais.

- Não existe felicidade plena – afirmei.

- Exato! – Comemorou. – Esquece a busca pela felicidade plena, pois ela não existe. Você tem o direito e deve buscar ser feliz e sentir-se bem. Mas jamais permita que isso o faça temer a tristeza. Como eu disse, ela pode servir de combustível para coisas melhores. Alegria e felicidade são coisas diferentes. Você pode abrir um sorriso enorme em um dia ensolarado, mas isso não significa que esteja feliz. É isso que as pessoas precisam entender. Se bem trabalhada, a tristeza tem muito mais poder de mobilização do que a felicidade. A felicidade pode acomodar, meu caro, e isso sim é um perigo.

Como era incrível ouvi-lo. Poderia emprestar meus ouvidos por horas e nem veria o tempo passar.

- Mas na real nem é esse o problema – segui.

- E qual é o problema?

- Não comer ninguém. Principalmente não ter comido aquela vadia desgraçada.

- Isso o incomoda, né?

- Muito! – Senti a raiva crescer em mim. – Sinto-me um idiota, sabe?

- Não sei, não passei por isso. Mas posso compreender a sua insatisfação. É totalmente aceitável, sem dúvida.

- Essa seca já parece se arrastar por décadas. É essa a sensação.

- Então vai bater punheta – sugeriu como se fosse uma solução simples e mágica.

- Fala sério – e sou-me como um grito abafado de derrota.

- Mas é sério. Eu bato muita punheta, cara. Não tem coisa melhor para se aliviar quando o cara está de bobeira no computador.

- Eu até bato, mas depois me sinto com a consciência pesada. Os caras tudo comendo mulher por aí e eu no banheiro batendo punheta. É deprimente.

- Foda-se – deu de ombros de novo. – Eu também fico meio assim às vezes, mas que se foda. Bata punheta porque é bom e ponto final.

- Não tenho esse seu desprendimento e confiança, sinto muito.

- E quem disse que eu tenho confiança?

- Você é um cara foda. Sabe das coisas, entende das coisas, é inteligente e bonito para cacete! – Eu o achava lindo. – Para você é muito fácil falar tudo isso.

- Não fala merda, velho – ele riu. – Como se eu fosse perfeito. Se estou te dando todos esses conselhos é porque já passei por isso. Todo mundo já sofreu por alguém ou um dia vai sofrer. Sei como você se

sente, por mais que você ache que a sua dor seja a pior do mundo. É da vida, aceita e seja feliz. Não tem como fugir. Eu já sofri por amor quando uma ex me deixou. É parecido com o seu caso, só que ela me traiu.

- Que merda deve ser.

- Na época foi foda demais. Estava exatamente como você, triste e sem vontade de fazer nada. Procurei me focar em coisas que eu gosto de fazer. Escrevi bastante, desenhei, assisti a uma porrada de filmes e seriados, bati muita punheta em frente ao computador, passei um tempo comigo mesmo. E olha para mim hoje! Dou risada do que aconteceu e cago e ando para essa garota. Um dia ela até veio falar comigo, querendo voltar. Eu ainda era bem apaixonado por ela, confesso. Transamos algumas vezes, enquanto comia outras também, e depois cortamos relações para sempre, sem remorsos.

- Eu ainda sinto muita coisa pela minha ex – era verdade. – Sinto principalmente que perdi o amor da minha vida – isso também era uma verdade absoluta.

- Pode ser. Ela pode realmente ter sido o amor da sua vida. Mas passou, já era, já foi. Só pelo fato de alguém ser o amor da nossa vida não quer dizer que tenhamos que passar o resto dos tempos com ela. Quem disse que precisa ser assim?

- É – parei um pouco para saborear lembranças que há muito desejava esquecer. – Não me vejo amando outra pessoa da maneira como a amei.

- Claro que não, é diferente com cada pessoa. Também acho que o meu grande amor já passou por mim e hoje cada um seguiu sua vida.

- Mas e a sua namorada?

- Eu a amo – vi sinceridade nele. – Mas não é a mesma coisa, nunca será. E isso faz parte da vida. O nome dado a esse sentimento é amor, mas a maneira com o sentimos nunca é igual. Tive uma outra namorada depois da que me traiu, antes da que estou agora. E eu fiz o mesmo, traí. Senti-me mal para cacete e terminei o relacionamento. Foi uma época em que eu sentia a mesma raiva que você tem agora.

- Como sabe que estou com raiva?

- Posso ver em seus olhos.

- Achei que estivesse fingindo bem – pensei em voz alta.

- E está – ele sorriu. – Nunca vi alguém fingir alegria e esconder tão bem os sentimentos ruins como você faz.

- Sério? – Surpreendi-me.

- Sério. Sei da sua raiva porque os caminhos que trilhamos rumo à tristeza foram diferentes, mas nos levaram para o mesmo lugar. O resultado é exatamente o mesmo, vê? Eu senti muito ódio, queria que o mundo explodisse para que eu não precisasse mais sofrer.

- Você me entende – sorri feliz por sentir a sua identificação.

- E sabe aquele velho clichê de pegar o ódio e transformá-lo em combustível? Não curto muito os clichês da vida, mas sou obrigado a admitir que esse funciona.

- Não devo reprimir esse ódio, então?

- Mais ou menos. Deve liberá-lo, mas internamente.

- Como assim?

- Permita-se sentir toda a raiva do mundo, mas tente não extravasar. Quanto mais você deixá-la dentro, mais forte ela vai ficar, a ponto de deixar seu peito pesado, carregado e cansado. E essa é a parte final que eu te disse antes. Cair o máximo que puder, afogar-se na miséria própria até encher o saco e finalmente cansar de tanto dramalhão.

- Acho que entendo a sequência dos fatos – rememorei tudo o que ele havia dito. – E demora muito? Demorou muito com você?
- Varia, depende da sua força de vontade. Só agora consegui me firmar com outra pessoa, por exemplo.
- Há quanto tempo vocês estão juntos?
- Dois anos. Mas entenda o seguinte. Esse relacionamento não impede que eu tenha medos e dúvidas. Muito menos diminui meu poder de indignação. Não sou nada confiante, pelo menos não da maneira como você me descreve.
- Você também finge muito bem, então – brinquei.
- Essa é a questão. Foda-se, entende? Não vale a pena perder tempo tentando achar explicações para as coisas que acontecem dentro da sua cabeça. Não devemos buscar explicações para alguns sentimentos que nos tomam. Se estou triste, estou triste, se estou feliz, estou feliz. Ponto final. Aproveita a vida conforme a música que estiver tocando na hora. Entende o que quero dizer?
- Acho que sim – algumas coisas ainda me soavam meio surreais. – E juro que estou tentando melhorar.
- Segue a vida, vai por mim. Mas sem essa de ouvir conselhos bonitinhos, não aceite que te passem a mão na cabeça. Se está fodido, aceita e sofre tudo o que puder. Daqui um tempo você vai ver que a dor se transforma em risada, e aí você vai se sentir um idiota por ter sofrido tanto. Confia em mim, já passei por isso. É como eu vivo dizendo, a vida é uma privada – afirmou enquanto apagava o cigarro com o pé.
- Privada?
- Sim, uma privada cheia de merda. Às vezes você limpa, outras deixa suja, e assim ela segue, sempre balanceando entre estar feliz e triste. Dualidades do mundo, meu caro.
- Por isso eu gosto de conversar com você – caí na risada. – Consegue me divertir mesmo nessa situação.
- Que bom que eu faço isso, fico feliz – seu sorriso foi acolhedor. – Bem, está na minha hora, tenho que voltar ao trabalho. Anotou tudo o que disse?
- Tudo gravado na cabeça. Se um dia escrever um livro, vou colocar toda essa nossa conversa nele.
- Faça isso, será foda demais! Quero que o meu personagem seja loiro. Sempre quis ser loiro. Um dia até pinteí, mas ficou uma bosta. Loiro de farmácia é bagaceiro. Poderia me deprimir por isso, mas é como eu disse, foda-se, é a vida. Você acerta e erra praticamente na mesma proporção. A diferença é como você vai lidar com ambas as situações.
- Entendo. E qual nome vai querer para ele?
- Você escolhe. Surpreenda-me – tocou em meu ombro de punho fechado. – Quero ler e me achar no livro.
- Combinado – sorri.
- E cara, não esqueça de uma coisa muito importante. Desculpa, não consigo parar de falar – ele riu. – Você é uma das poucas pessoas que me dá corda. Acho que alguns me vêem como uma personificação de um livro de autoajuda.
- Não se preocupe – ri junto. – Suas palavras me fazem muito bem.
- Ótimo, mas nada do que eu acabei de dizer é a verdade.
- Como assim, cara? – Caí na risada. – Você me dá uma aula filosófica sobre a vida e depois me diz que é tudo mentira?
- Não, eu não disse que é mentira. Eu só disse que não é a verdade.
- Tá, agora você realmente me confundiu.

- Quero dizer que você não deve se deixar levar por tudo o que eu disse, muito menos entender como se fosse uma verdade absoluta. Eu só te dei o meu ponto de vista, e apesar de afirmar que conselhos são uma merda, eu te joguei uma caralhada deles. Se achar que algum vale a pena, absorva. Se achar tudo uma bosta, mande à merda e crie a sua própria verdade. Não faça o que estou dizendo, faça o que você achar certo.

- Você é bom nisso – admirei-o. – Nunca pensou em ensinar filosofia?

- Eu não posso ensinar nada a ninguém, eu posso apenas fazê-los pensar – afirmou em tom filosófico.

– Essa frase deveria reger os homens para que aprendessem a ser mais humildes e entendessem que o universo não gira em torno dos seus umbigos.

- Quem a disse?

- Um cara com certa relevância para a humanidade – riu de sua piada interna. Mais tarde tive de pesquisar na internet para compreender. – Bem, estou realmente atrasado! A gente se pecha por aí. Abraços.

- Até – acenei, muito feliz por ter ido à faculdade.

Mais tarde, quando cheguei em casa, pesquisei na internet o significado do seu nome, só por curiosidade.

“Originário do Latim, anjo, mensageiro, aquele que comunica seus conhecimentos em busca de harmonia nos ambientes que frequenta”.

Não preciso dizer mais nada, né?

### **3**

#### **Vestido rosa**

Muito bonita, tive que admitir. Tanto de corpo quanto de rosto. Usava um vestido rosa bem curto, salto alto e dançava como se nada mais em volta existisse. Também admito que sua dança era um tanto sensual, justamente por estar sozinha. Ela transmitia um quê de autossuficiência, entendem? O tipo de mulher que sabia e gostava de se divertir sem dar importância ao resto. Coisas assim emanavam poder, mistério e atiçavam a curiosidade.

As palavras estavam gravadas em minha cabeça e volta e meia lembrava delas. Rafael queria alguém para ser feliz e tinha problemas em conseguir isso. Incontáveis vezes o questionei sobre o assunto, de que ele jamais encontraria alguém trancado em seu quarto. Nem em conto de fadas uma garota iria bater na porta de sua casa perguntando se gostaria de namora-la. “Você tem que sair, conhecer gente, se enturmar, socializar. Lembre-se, só é visto quem aparece”, eu dizia.

Eu tinha uma vida social bastante ativa. Praticamente todos os dias da semana eu saía para um bar ou dava pelo menos uma volta de carro pelas ruas para observar o movimento. Conhecia bastante gente e de estilos bem diferentes. Sempre, todas as vezes, eu convidava Rafael para ir junto comigo. Mesmo sabendo que receberia um não ou alguma desculpa esfarrapada, eu convidava. E realmente ouvia não em quase todas essas vezes. Em algumas oportunidades, quase raras, ele ia junto.

Um dia eu me dei conta do que rolava. Rafael não saía com o intuito de se divertir ou distrair a cabeça. Ele saía para tentar encontrar alguém. Socializava como uma pessoa normal, sempre sorridente e engraçado. Não era tímido como eu sempre achava que fosse ser quando conhecesse um grupo novo de pessoas. A simpatia era o seu cartão de visitas para o mundo. Só que no fim não resultava em nada do que ele realmente queria. Não sei o que se passava em sua cabeça, como se em alguma dessas nossas saídas uma garota se interessaria por ele e o procuraria no dia seguinte.

O problema é que nunca aconteceu, o que me fez ter certeza de que isso o desmotivava a voltar a sair. Aquele tipo de coisa não se forçava, eu vivia dizendo a ele. Tinha que sair cinquenta, cem, duzentas vezes se fosse preciso, até encontrar alguém legal. Sair com a obrigação de conhecer a garota de uma vida toda era errado, muito errado.

Depois de todas as últimas conversas que tivemos, especialmente a do bar, eu resolvi ser um amigo de verdade. Estava mais do que na hora de tirar o meu irmão da fossa de plano vitalício. Ele merecia voltar a ser feliz, sem dúvida. Mas depois de todo o seu relato sobre os dois anos de um namoro de mão única e de alegria ilusória, eu tinha para mim que ele merecia uma felicidade verdadeira. Não seria fácil, não se tratava de uma fórmula pronta.

Enfim, aconteceu uma semana antes do seu vigésimo aniversário. Preocupar-se e conversar qualquer um é capaz de fazer. O verdadeiro amigo age. E foi o que eu fiz, finalmente.

Em um sábado telefonei para Rafael dizendo para que se arrumasse, pois passaria em sua casa para buscá-lo. Não foi um pedido ou uma pergunta. Eu apenas disse. Apesar dos infinitos questionamentos jornalísticos do tipo como, onde, por quê e com quem, mantive-me calado. Usei seus pais como garantia de que minha ida até lá não seria em vão. Ele sabia que se eu comentasse com sua mãe que o estava convidando para sair, ela o estimularia. E mais, ficaria chateada com a recusa.

O resultado foi eu parado de moto em frente à sua casa e cinco minutos depois ele saindo para me encontrar. Estava um frio impiedoso.

- Para onde nós vamos, afinal? – Seu tom irritado não me causou preocupação. Suas mãos no bolso e o corpo encolhido dentro do casaco indicaram sua grande vontade de voltar para dentro de casa. – Posso saber, pelo menos?
- Nenhum lugar especial – dei de ombros, afinal, eu sabia o que estava fazendo. – Uns amigos meus combinaram de se encontrar em um barzinho. É para lá que vamos, curtir um momento bacana.
- Com esse frio, é querer muito – ele se encolheu ainda mais, coisa que achei que não fosse possível.

- Confia em mim, o pessoal é legal – afirmei com um sorriso ao lhe entregar o capacete. – Vamos nos divertir e beber a noite toda. Você precisa sair do casulo e se distrair um pouco.
- É o que eu mais tenho feito nos últimos dias. Distração, estar alheio sobre o mundo ao meu redor e fazer de conta que vivo em uma bolha. Aliás, tenho feito isso nos últimos vinte anos da minha vida.
- Você tem mais de vinte anos.
- Pior ainda! – Abriu os braços, perplexo consigo mesmo.
- Cara, mas que pessimismo – caçoei sua maneira de falar e dei algumas batidas em seu ombro. Se ele esperava de mim uma espécie de consentimento por falar daquela maneira, podia esperar sentado no chão duro e frio. – Parece uma moça reclamando das unhas.
- Só que isso é sério – ele suspirou pesado, desanimado.
- Vou te dizer o que é sério. Não importa o que você tem ou não nas mãos, se é uma pessoa boa ou ruim, se tem dinheiro ou não. O coitadismo não é saída para nada. O que acontece com você, também acontece comigo, com fulano e com beltrano.
- E daí? – Seu olhar para o chão me remetia à imagem de uma criança encabulada por receber uma chamada de atenção. Para completar a cena só faltou fazer círculos imaginários com a ponta do pé.
- E daí que ninguém vai ter pena de você. E nem você deveria ter pena de si mesmo. Ao invés de ficar lamentando com o rabo entre as pernas, deveria dar jeito na vida e fazer acontecer. Você só vem se distraindo há vinte anos porque quer, pois as ferramentas você tem. É só deixar de ser idiota. – Ele ergueu levemente a cabeça e me olhou com um singelo sorriso.
- Você é bem delicado para dar conselhos, né?
- Isso não é conselho. É um choque de realidade. Eu o conheço, sei da pessoa exemplar que é e até compreendo sua tristeza. Mas quem vem de fora vai encará-lo como um coitado, ou um bosta, ou um cara deprimente. Não deprimido, mas deprimente. Acha que vai conquistar alguma coisa com essa imagem?
- Não, não acho – ele baixou o olhar para o chão de novo.
- Então, cara, vamos começar levantando esse olhar – segurei seu queixo e puxei seu rosto para cima. – Cabeça firme e peito estufado. Por enquanto você é uma bichinha perdida, mas vem comigo que eu vou te transformar em um homem de verdade.
- Além de idiota isso o que você disse, foi extremamente gay. Essa pegadinha no meu queixo e tudo. Estamos indo a um motel por um acaso, para você fazer de mim um homem?
- Não, para isso eu te levaria para a minha cama. Lá você se entregaria de corpo e alma a mim.
- Que nojo – disse ao colocar o capacete e subir na moto. – Vamos logo, essa conversa está me dando náuseas.
- Ótimo! Pelo menos já sei como fazê-lo mover os pés – sorri e dei a partida.

Dizer “beber a noite toda” foi um pequeno excesso de otimismo. Rafael não tinha o costume de beber. Mas duvido que naquela noite ele fosse ficar apenas no refrigerante.

Liguei a moto e cortamos as ruas frias a toda velocidade. Quanto mais frio, melhor. Aquele era o momento e ele sabia disso. O frio a ponto de rasgar a pele não importava em nada. Estávamos lá, em cima da moto, livres, soltos, donos do mundo, indo para um lugar bom. Tenho certeza de que ele se sentiu assim, livre de todas as suas angústias. Notei euforia em sua voz, mesmo que contida. Éramos dois amigos cheios de energia, e a noite fria apenas um cenário estimulante.

Não dizer para onde estávamos indo foi estratégico. Na verdade, não tenho certeza absoluta se ele recusaria ou não sabendo previamente. Apostaria em sua timidez para não querer sair de casa, apesar de ser um local muito, muito interessante.

Quando próximos do lugar, parei a moto em uma sinaleira e telefonei para os meus outros amigos para saber se já haviam chegado. A resposta foi sim e estavam nos aguardando na rua.

- Pronto? – Perguntei para sentir sua voz.
- Pronto? Perguntar isso levanta todas as suspeitas do mundo. Que lugar é esse, afinal? Boca de fumo?
- Não, nada a ver. Relaxa e curte. Vem comigo que você vai se divertir demais. Não confia em mim?
- Ele ficou em silêncio por uns instantes.
- Confio naquelas, né?
- Mas depois de hoje, vai passar a confiar sempre.

Acelerei a moto em direção às últimas quadras. Fiz um pequeno retorno na rua e diminuí ao nos aproximarmos de uma casa. Ou o que aparentava ser apenas uma casa. Rafael inclusive me questionou sobre onde estava o bar, pois de esquina a esquina sequer tinha standard de bar. “Relaxa e curte”, repeti como se fosse um gravador emperrado.

O pequeno portão de ferro na entrada estava aberto. Assim que passamos, dali uns metros, havia um grupinho de pessoas conversando alto. O caminho seguia sempre em linha reta. Ao lado direito ficavam os carros estacionados no gramado. Lá no fundo dava para perceber a casa e o som abafado de uma música que devia estar muito alta do lado de dentro.

Reconheci as pessoas próximas ao portão e andei devagar com a moto apenas para dizer oi, e em seguida acelerei sem esperar respostas. “Leonardo, seu cretino! Você nunca mais me ligou!”, foi o que deu tempo de ouvir antes que o motor roncasse a todo vapor. Mesmo sem entender nada, Rafael imediatamente riu. O grito foi engraçado, mas acredito que ele tenha rido mais pelo fato de que não foi uma das mulheres que estavam lá, mas sim um viado. No lugar dele eu questionaria por que um viado estava reclamando da falta de telefonemas.

Vocês não?

Havia carros e motos espalhados a esmo ao longo do caminho. Com exceção de um carro mais sofisticado, todo o restante era popular. O chão era um pouco desnivelado, encontrei certa dificuldade em achar um lugar plano para estacionar. Assim que descemos da moto meus outros dois amigos nos abordaram. Já estavam animados, era momento de muita euforia, apesar do frio. E eu sentia a mesma euforia emanando também de Rafael, pois obviamente ele já havia notado do que se tratava o lugar. Parecia algo preso que queria a todo o custo sair, ser extravasado. “Vamos entrar logo, está um frio do cão aqui fora!”, disse um dos rapazes.

No pequeno deck em frente à porta de entrada havia mais um pessoal conversando, uma pequena fila e dois funcionários recolhendo o dinheiro. Um enorme cartaz preso a uma das vigas exibia uma mulher seminua de corpo escultural. Uma bela propaganda promocional do lugar.

Para mim tudo era muito normal, já havia frequentado o ambiente centenas de vezes. Era um lado meu que Rafael não conhecia, embora o convidasse sempre a participar. Pois agora eu queria que tudo aquilo também passasse a ser algo normal para ele. O que eu estava fazendo era apenas dando um empurrão.

Aproximei-me do funcionário na entrada para lhe falar. “A Cris já chegou? Falei com ela mais cedo. Ela ficou de nos conseguir entrada livre”. Ele nos pediu um momento para verificar pelo rádio.

Sim, eles tinham rádio. Não era a boate mais fina da cidade, mas também não era coisa para qualquer chinelo entrar.

Na verdade, não era somente o dinheiro que abria as portas, mesmo que você tivesse muito. Lá era preciso ter contatos. E eu tinha o melhor possível.

- Inacreditável você – Rafael cochichou enquanto esperávamos.
- Vai ser demais, confia em mim. O lugar é muito tranquilo. Só é meio escondido, nem todo mundo conhece. E nem todo mundo pode conhecer.
- Por quê? Algo ilícito?
- Depende. É óbvio que rola droga aí dentro, mas nada muito pesado. É que a intenção do dono é que o lugar seja meio que privado, sabe?
- Não, não sei.
- É quase uma associação de casas de sexo. Se não me engano, aqui tem umas três ou quatro cafetinas que usam o espaço para expor suas garotas. Há quartos aqui, mas o programa pode ser feito na própria casa de massagem ou em motéis. Ou até em alguns casos, quando for permitido pelas regras da cafetina, na casa do cliente.
- Não sabia que isso existia.
- É, eu também não sabia antes de conhecer.
- E você conhece uma das cafetinas, então?
- Na verdade, conheço duas – sorri com certo orgulho de mim mesmo.
- Por que não estou surpreso? – Ele sorriu de volta enquanto balançava a cabeça.
- Mas me dou de verdade somente com uma delas.
- A tal de Cris, no caso.
- Exato. Ela que vai nos colocar para dentro de graça.
- Eu também?
- É claro.
- Então, você já havia planejado me trazer aqui com antecedência?
- O que você acha? – Bati de leve em seu braço.

Dava para ouvir lá de fora a música tocando. Ficava ainda mais alto quando a porta abria e fechava. Em uma das vezes que abriu, dois seguranças saíram arrastando um sujeito para fora. Mesmo imobilizado, fazia força para se soltar. Naquela noite ele não teria mais o direito de entrar. E dependendo do motivo da confusão e o tamanho dela, não entraria nunca mais. “Isso não acontece muito, é só um idiota querendo se aparecer”, disse a Rafael, pois eu afirmara anteriormente que o lugar era tranquilo. Boca maldita.

Passado o incidente, o funcionário nos chamou e liberou a comanda, já dando um carimbo de pago. “Boa noite e aproveitem os shows, senhores”, ele disse. Entramos os quatro.

Uma parede bloqueava a passagem logo em frente. Um pessoal fumava naquele espaço. Para a direita, uma pequena peça vazia. Para a esquerda, o verdadeiro caminho. Não demos dois passos e uma garota apareceu. Linda, loira, corpo escultural, seios firmes e bunda grande. Vestia um conjuntinho branco e prateado, sendo que a saia parecia ficar quase na mesma altura da calcinha. O rosto era angelical, e se a visse na rua, eu não diria que era garota de programa. Gostosa, mas não de programa.

“Oi, meninos”, ela disse sorridente. Cumprimentou os três que já conhecia e em seguida apresentei Rafael. Conversamos um pouco ao pé do ouvido. Ela passou os braços em meu pescoço e deixou o corpo bem colado ao meu. Ouvi uma porção de coisas sacanas, palavras desafiadoras e

declarações de carinho. Antes de seguir caminho, ela me deu uma lambida que começou no pescoço e terminou na orelha. Além, claro, de passar a mão por dentro das minhas calças e agarrar o meu pau.

Colei em Rafael de novo.

- Essa é a Paula – disse a ele. - Fissurada em mim, precisa ver.
- Gata.
- Um dia ela me ligou de madrugada. Frio, frio, frio! Eu já estava debaixo das cobertas, nem queria fazer festa naquela noite. A louca me ligou para que eu a buscasse na casa de um cliente. “Não acredito que você me ligou só para isso”, eu reclamei. Ela disse que não queria pegar táxi, queria que eu a buscasse. Mas falou daquele jeito, sabe? Me provocando e tal, sendo dengosa.
- Se você me disser que não foi.
- Claro que eu fui. Não consigo resistir quando ela fala dessa maneira comigo. Mas também não dá para ficar dando muita moral, senão elas se acham e depois o cara que acaba correndo atrás. Tem que deixar querendo. É disso que elas gostam.
- Ah, mas eu correria atrás sem pensar duas vezes. Que gostosa!
- Calma, espera para ver mais – eu ri e segui o caminho. – E o melhor em relação a ela é que posso vir aqui com a tranquilidade de que não vou vê-la sair com nenhum cliente.
- Por que não?
- Porque ela tem uma cartilha de clientes fixos, daí não precisa e nem pode fazer programa com desconhecidos. Ela já ganha uma grana boa o suficiente para não precisar se comprometer. Menos rodízio de clientes, pessoal fixo e bolso cheio. Isso acontece com poucas, digamos.
- Então, o que ela está fazendo aqui?
- Se divertindo como uma pessoa normal – sorri. – E claro, trabalhando.
- Como?
- Vendendo o peixe da Cris. Ao mostrar o corpo dela, por exemplo, mesmo que não vá fazer programa, ela deixa claro o nível de beleza que a casa dela oferece.
- Hm – pensou. – Que inteligente isso.
- É tudo bem pensado, né?

Eu estava em casa e Rafael deslocado. Mas dava para ver que ele estava gostando muito, apesar de nem termos avançado para além do primeiro corredor. Meus outros dois amigos já haviam entrado muito antes de nós, quando parei para conversar com a Paula. Assim que dobramos e vencemos a parede, enfim, surgiu o que realmente interessava no lugar.

Algumas mesas redondas e pequenas encostadas na parede do lado direito, no centro a pista de dança, ao fundo uma segunda peça em anexo com o bar, e à esquerda mais um pedaço da pista com passagem para os banheiros. Havia espelho ao longo de todas as paredes. Em frente a isso tudo, um pequeno palco para as atrações. Não era para comediantes, músicos ou artistas em geral. Era apenas para mulheres fazerem o que os homens estavam lá para ver.

Rafael abriu um sorriso de orelha a orelha. Eu adorava o ambiente, mas a noite em si já passou a valer a pena só de ver seu sorriso. Duas mulheres estavam em cima do palco fazendo uma espécie de pseudo sexo ao vivo, enquanto molhavam uma a outra com cerveja. Chegamos bem na hora em que uma lambia a buceta da outra. Não conhecia nenhuma delas, então pertenciam a alguma cafetina com quem eu não mantinha relações.

Eu conhecia algumas figuras confirmadas, tanto frequentadores quanto quem trabalhava lá. Minhas aparições vinham sendo raras nos últimos tempos pela necessidade de mudar de ares. Apesar de adorar jogar conversa fora em lugares como aquele, às vezes eu sentia que precisava apenas me esconder em uma mesa de bar e jogar conversa fora com outras pessoas. Os amigos de verdade, no caso.

Daquele momento em diante não precisei mais ficar de babá para Rafael. O show estava bom demais para eu grudar em seu ouvido dizendo para que relaxasse e aproveitasse o momento. Caminhei de encontro a um pessoal, trocamos algumas ideias rápidas e voltei com dois copos de cerveja. Mesmo sabendo que ele não tinha o costume de beber, não perguntei se ele queria. Apenas entreguei.

Ele aceitou.

Quando o show terminou, as garotas fizeram reverência em sinal de agradecimento e receberam os aplausos dos clientes da noite. As atenções logo se dispersaram pela pista. O lugar era exatamente aquilo que aparentava ser. Uns gastando a lábia com as garotas de programa, outros apenas em grupo conversando, algumas meninas simplesmente dançando como forma de exibição, pessoas segurando paredes, empinando copos, olhando para os lados, tentando falar ao telefone, etc, etc, etc. Tinha tanto quem ia lá para ter um programa quanto quem ia apenas para olhar e aproveitar a noite.

Ficamos os quatro de pé conversando e bebendo. O astral era ótimo. Mulheres bonitas e pessoas que só estavam lá para se divertir.

Volta e meia uma garota nos cumprimentava e parava para trocar algumas palavras, fosse por me conhecer ou para tentar fisgar um cliente. Logo depois seguia o rumo. Notava-se que pelo menos os outros dois rapazes e eu éramos frequentadores do lugar, justamente pelo modo natural e descontraído de lidar com as garotas. Rafael não tinha muito o que fazer a não ser olhar, admirar e sorrir. Mas pensei comigo que tendo em vista seu estado de espírito nos últimos anos, aquele momento representava um abismo de diferença.

Dali um tempo, enfim, a Cris apareceu. Era uma mulher naturalmente alta e elegante. De salto ficava um pouco maior do que os meus 1,83m de altura, por exemplo. Diferente de suas comandadas, ela usava um vestido mais longo e comportado, digamos. Uma verdadeira líder. Morena de cabelo ondulado, nariz bonito e fino, plasticamente fabricado, olhos azuis e sorriso de dentes perfeitos. Não tinha um corpo tão estourado como a da Paula, mas não deixava de ser gostosa. Eu, por exemplo, vivia dizendo a ela que deveria tentar uma carreira de modelo, nem que fosse fotográfica.

Ela cumprimentou quem conhecia e lhe apresentei Rafael. Estava ansiosa e irritada procurando alguém que eu não compreendi quem era, então, nem ficou muito conosco. Inclusive, apresentar Rafael foi o mesmo que apresentar um hidrante roxo amarrado em uma árvore. Ela apenas deixou a bolsa em cima da mesa e pediu para que eu a cuidasse.

Cris era uma transexual lindíssima e cobiçada.

Encostei em Rafael mais uma vez.

- Ela agencia algumas das garotas que estão aqui hoje. Tem uma casa de massagem. Nos damos muito, muito bem. Aquela Paula que te apresentei antes, sabe? Trabalha para ela. Tem que ver, toda hora entro nos lugares de graça e bebo de graça. Tudo por conta dela.

- Que inveja – respondeu-me enquanto não tirava os olhos do salão.
- Quanto a isso, relaxa. Se vier comigo, aos poucos você vai sair do seu mundinho e entrar no meu.
- Sério? – Percebi de cara a sua onda de ansiedade.
- Claro, cara. O melhor de tudo, e que pode acontecer com você também, é que eu nunca paguei um programa sequer. Todas as garotas que comi, comi de graça. Esse tipo de contato é muito bom o cara ter hoje em dia para se divertir. Mas não pode se apaixonar, por motivos óbvios.
- Tem cada uma aqui – ele olhou em volta, - difícil não se apaixonar por pelo menos meia dúzia.
- Normal, normal – eu ri. – Aqui não tem muitas tops, mas são bonitas sim.
- Bonitas? Você chama isso de bonita?
- Não são top de linha, vai por mim – afirmei.
- Acho meio difícil – ele disse sem jeito, - mas será que você não conseguiria uma dessas para mim? Digo, sem pagar?
- Depois a gente vê isso, prometo – disse ao bater em seu ombro. – Por ora, vamos só curtir aqui.
- Tá bom.
- O importante não é só você aparecer, mas formar laços. Vai por mim. Aqui nenhuma delas vai ligar se o cara é lindo ou feio. O que querem mesmo é dinheiro. Não se iluda e nem tenha medo de ser assim ou assado. Tenho um conhecido que você não dá nada para ele. Menor que a gente, magricela e feio. Mas feio pra cacete! Só que o cara está sempre no meio, é engraçado, tem bom papo, conhece muita gente e, acima de tudo, é montado na grana. Precisa ver.
- É, ter muita grana facilita demais – ele não parava de observar em volta enquanto conversávamos.
- Um dia vim aqui com ele, só nós dois. Eu estava meio abalado com uma garota que não queria mais saber de mim, então, aceitei seu convite para vir beber. Ele bancou tudo. Gastou uns quinhentos reais só de bebida, como se estivesse comprando pacotes de bala.
- Que foda.
- É, mas nessas situações o cara tem que ter malícia e cuidado. Não tiro ele para amigo. É só um conhecido. Não confio minha vida, mas para essas diversões está ótimo. O mesmo para todas essas garotas. Com o tempo você vai se acostumar e adquirir a malícia necessária. Pode ter carinho e amizade um dia, mas tudo começa numa base de interesses. Esse cara gasta uma grana preta para se mostrar, questão de status. As garotas estão sempre em volta dele justamente porque ele tem a grana, entende? É assim que funciona.
- Entendo. Acho justo, ninguém sai perdendo. Se procuramos apenas diversão, é mais do que o suficiente.
- Boa, meu garoto – sorri e ofereci um brinde.

Finalmente ele estava no clima. Eu tinha certeza de que existia um outro Rafael ali dentro querendo ganhar vida. Só era preciso aquele tipo de empurrão para começar. Fui deixando ele de lado aos poucos de propósito, para que se ambientasse melhor sozinho.

Quando Paula apareceu de novo, veio direto em mim para conversar e ficarmos um pouco juntos. Enquanto isso, uma voz no autofalante anunciou a apresentação que estava para começar. Dessa vez, apenas uma garota para dançar e fazer um striptease. Um dos meus conhecidos havia sumido no meio das pessoas, e o outro, que eu considerava um amigo de verdade, puxou assunto com Rafael.

Mesmo com Paula, fiquei de butuca.

- Até que é bonita essa daí – disse Renato ao indicar o palco com o olhar.
- É, sim. Digamos que eu ia – brincou Rafael.
- Acho que é nova. Pelo menos nunca a vi antes. Você também é novo por aqui, não?
- Primeira vez.
- Para tudo há uma primeira vez. Bem-vindo, então. Prazer, Renato – disse ao estender a mão.
- Rafael – ele sorriu e aceitou o cumprimento.
- O lugar é bem isso, tranquilo para o cara curtir.
- Estou gostando bastante. Digamos que eu não me importaria de vir todos os dias – brincou.
- Seria uma boa – Renato riu. – Então, você é o famoso Rafael. Finalmente o conheci.
- Famoso? Não sabia disso.
- Ouço Leonardo falar que tem um irmão desde que o conheci, mas não o tinha visto até hoje.
- Sou meio complicado de aparecer – Rafael sorriu sem jeito.
- Esse tempo todo? Complicado mesmo – e Renato riu sem perceber.
- Eu não estava passando por uma fase muito boa nos últimos tempos. Meio que me isolei do mundo. Foi isso.
- Mulher, aposto.
- Isso. Amor perdido.
- Eu sei como é isso. Antes de começar a namorar eu conheci uma puta. Saí com ela várias vezes. Acabei meio que gostando demais dela. Ficava louco de ciúmes quando ela fazia programa com outros caras. Chegou um momento em que levei um pé na bunda de tanto que enchi o saco. Nem pagando ela me queria mais.
- É, mas no meu caso não era uma puta.
- Claro! – Renato ficou nitidamente sem jeito por ter feito a comparação. – Não quis comparar as coisas, não me entenda mal. Quis apenas dar um exemplo. O cara não pode se abalar por mulher nenhuma. Não dá para se prender a uma só, entende? Se uma te dá um pé na bunda, relaxa. Há outras milhares por aí. Esse é o espírito.
- Eu sei. Venho tentando pensar dessa maneira. Creio que seja o caminho certo mesmo.
- Elas gostam de serem tratadas bem, entende? Mas tem um limite, não pode deixar montar em cima. Daqui a pouco pisam e te trocam por outro. Não digo só elas. Nós também somos assim. Por isso tem que ter sempre cuidado, ir com calma. Assegurar que no final o cara não vai sair machucado.
- Uma pena não ter como prever esse tipo de coisa, né?
- Não há como. Eu namoro há cinco anos, somos felizes e apaixonados. Mas quem sabe o dia de amanhã? De repente ela descobre que vim num puteiro e acaba com a minha raça.
- É um risco que você corre vindo aqui, mesmo.
- Em minha defesa, afirmo que não faço programas. Venho apenas beber cerveja e conversar com os amigos – afirmou ao erguer o copo.
- Claro, claro – Rafael ergueu em resposta.
- Mas chega desse papo chato. Vamos beber e curtir. Olha essa daí – disse apontando de novo para o palco, - já mostrou os peitos.
- Bonitos – Rafael afirmou com um brilho nos olhos. – Muito bonitos.
- Gosto desse tipo de mamilo que ela tem.
- Aqueles fofinhos, né?
- É, mais redondinhos e saltadinhos. Parecem naturais.
- Acho que são naturais, sim.

Revezei minhas conversas. Ficava um pouco com o pessoal que conhecia de lá e outro pouco com Rafael. Estávamos usando uma das mesas para deixar as cervejas e copos usados. Sem cadeiras, de pé. O banco para sentar era embutido na parede às nossas costas, de ponta a ponta, de forma que a pessoa ficasse de frente para todo o salão.

Assim como sumiu, Cris ressurgiu um tempo depois. Parecia ainda um pouco estressada com alguma coisa, mas disposta a ficar parada. O que eu havia dito antes para Rafael se confirmou, para não parecer que eu mentira ou que fosse exagero. Ela apareceu com um balde repleto de cerveja. Era por conta dela, sempre.

Dentre tantos ensinamentos que procurei passar a Rafael naquela noite, um era importante, de certa forma. Pelo menos para mim, claro. Cris estava bebendo e passou a ele o copo. Não era nenhum tipo de investida da sua parte, como se quisesse conhecê-lo ou torná-lo parte de alguma coisa. Ela lhe ofereceu um gole como se oferecesse a qualquer outra pessoa. Pois sem que ela percebesse, tirei de suas mãos e dei-lhe outro. “De copo de puta e traveco, o cara não bebe”, afirmei com um sorriso.

Bem, a noite era aquela. Não tinha planejado nada além do que poderia acontecer dentro das quatro paredes. Queria primeiro ver como Rafael se portava, não tinha certeza se iria gostar ou não. Sua vontade de ter um romance era inversamente proporcional à sua timidez. Mas quando o vi socializar sozinho com pessoas que nunca havia visto na vida, senti-me satisfeito e seguro de que fizera a coisa certa ao tirá-lo de casa.

Naquele momento eu tinha certeza de que não era fingimento, afinal, o cenário era totalmente novo e havia bundas e peitos para admirar por onde quer que se olhasse. O sorriso em seu rosto era verdadeiro. Meu amigo estava feliz de verdade, e isso era o que mais importava para mim.

Eu tinha segundas intenções guardadas na manga, obviamente. Como disse, para aquela noite era aquilo, não ia acontecer mais nada. Mas eu vinha prevendo um presente de aniversário para ele na semana seguinte. As ideias ainda eram cruas, precisaria da ajuda de terceiros e isso não seria tão simples de se conseguir. Envolveria muito dinheiro, boa fé, organização e algo de suma importância: contatos.

Em um determinado ponto da noite, notei que ele olhava fixo para um só lugar, no meio do salão. Havia inclusive mais uma mulher se apresentando, já completamente nua e esfregando-se no poledance. Uma loira alta pra caralho, pernas longas e torneadas na medida certa. A bunda, então, nem se falava. Diferente da maioria das buquetas que se via naquele lugar, a dela era bem peludinha. E bonita, pelos douradinhos. Bucetas assim me faziam querer gozar em cima só para vê-la passar a mão e espalhar a porra por tudo, até que os pentelhos ficassem grudados uns nos outros.

Enfim. Nem mesmo isso tirou sua atenção. Rafael estava literalmente secando uma outra garota com os olhos. Suspeito que em seus mais profundos desejos e pensamentos ele gostaria de seca-la com a língua.

Ela estava no meio do salão, dançando sozinha. Morena, cerca de 1,70m de altura com salto, baixinha – pelo menos para nós; enquanto Rafael tinha 1,79m, eu tinha 1,83m. Muito bonita, tive que admitir. Tanto de corpo quanto de rosto. Usava um vestido rosa bem curto, salto alto e dançava como se nada mais em volta existisse. Também admito que sua dança era um tanto sensual, justamente por estar sozinha. Ela transmitia um quê de autossuficiência, entendem? O tipo de mulher que sabia e

gostava de se divertir sem dar importância ao resto. Coisas assim emanavam poder, mistério e atiçavam a curiosidade.

Ou eram somente coisas da minha cabeça fantasiosa e Rafael sequer pensou parecido.

Rafael parecia hipnotizado por ela, e ela em transe pela música. A conversa entre o pessoal seguia, ele participava um pouco, comentava aqui e ali, desviava os olhares para o palco – a loira de pernas longas agora estava de quatro enfiando um vibrador rosa no cu, – olhava para quem mais estivesse ao redor, mas no fim fixava as atenções naquela garota em particular.

Renato também notou. Olhamo-nos e rimos um para o outro.

- Mas o cara não tira o olho! – Ele disse.

- Cara, muito bonita – mesmo sem nos olhar, Rafael sabia que estávamos falando dele. – A melhor que vi aqui dentro.

- Bonita mesmo – concordei. – Mas não conheço. Deve ser nova. Pelo menos não faz parte do grupo da Cris, até onde eu sei.

- Também nunca a vi por aqui – Renato completou.

E Rafael não tirava os olhos mesmo. Estava maravilhado com a garota misteriosa. Sobre o lance que falei de sua dança ser hipnótica, acho que ele havia realmente sofrido com isso. Não somente pela dança, mas num todo. A beleza, principalmente. Seu rosto não condizia com o corpo que tinha e muito menos com o lugar que estava. Era angelical, de feições delicadas e serenas.

Observei tanto que me questionei de verdade o que aquela garota fazia lá e quem era. Não tinha cara de garota de programa. É sério. Há mulheres que nascem com cara de sexo, daquelas que você vê que vieram ao mundo para foder, seja por prazer ou por dinheiro. Aquela garota, não. Ela demonstrava doçura demais para qualquer selvageria ligada ao sexo, especialmente no que dizia respeito à arte de vender o próprio corpo para ganhar dinheiro.

- Eu sabia que devia ter saído de casa com mais dinheiro – Renato lamentou enquanto vasculhava os bolsos. – Se tivesse aqui comigo, pagava ela para você, de tão maravilhado que está. Chega a ser bonito!

- Ah – e Rafael ficou nitidamente sem graça por olhar tanto. – Valeu.

- Mas o seu cartão de crédito? – Instiguei-o. – Achei que o limite fosse bem alto.

- Imagina se a minha namorada olha a fatura? Consegue visualizar o fim da minha vida? Já que meus pais ficariam furiosos por eu jogar fora um relacionamento tão promissor.

- Claro, eu sei – ri ao passar o braço pelo seu ombro. – Só queria verificar se estava atento, afinal, você é a cabeça mais centrada e responsável da equipe.

- Certo, certo – ele riu e também passou o braço pelos meus ombros.

- Mas relaxa, deixa o fluxo seguir – completei. – Depois a gente descobre de onde ela é. Alguém que conhecemos deve conhecê-la. Impossível ser um anjo que simplesmente resolveu bater asas no antro da promiscuidade.

- Olha, eu não duvidaria – disse Rafael, cada vez mais hipnotizado.

Ficamos por lá até mais ou menos umas três horas da madrugada. Antes de irmos embora, conversei um pouco com a Cris, enquanto Rafael, já sentado, seguiu observando sua mais nova musa inspiradora. Para a sua tristeza, a garota parou de dançar, sumiu no meio das pessoas e não apareceu mais. Ele teve que se contentar em “apenas” acompanhar as apresentações e conversar com Renato.

- Você anda meio sumido ultimamente – disse-me Cris. – Conheceu alguém melhor do que eu, foi?
- Já disse milhares de vezes que só gosto de sugar o seu dinheiro – brinquei.
- Acho bom mesmo. Alguma novidade nessa vidinha?
- Não, nada demais – olhei para o palco. – Só estudando muito, trabalhando mais ainda e me divertindo pouco. Aliás – olhei para ela de novo, – muito pouco.
- Temos que dar um jeito nisso, então. O meu queridinho não pode sofrer dessa maneira. Qual das meninas você quer? Hoje te deixo escolher.
- Na verdade, minha querida – aproximei-me para falar em seu ouvido, – hoje eu vou querer apenas uma informação.
- Informação – sua voz soou receosa.
- Havia uma moça mais cedo dançando no meio da pista, sozinha. Morena, corpo lindo e vestidinho rosa. Sabe quem era?
- Você é péssimo em descrever uma mulher, sabia?
- Que seja – revirei os olhos.
- Vestidinho rosa? – Ela pensou. – Se não tinha outra morena com a mesma cor de roupa, é a Dana.
- Nome de guerra?
- Não. Apelido de Daiana. Ela não gosta do nome, então prefere ser chamada de Dana. Por que quer saber?
- Porque estava me perguntando quando você pretendia nos apresentar – sorri enquanto acariciava seu cabelo.
- Pode ir tirando o cavalinho da chuva, querido – ela respondeu dando um tapa na minha mão. – Nessa você não toca tão cedo.
- Que maldade. Por quê?
- Porque primeiro ela vai ter que encher o meu bolso de dinheiro. Enquanto você brinca de deixar o pintinho duro, eu preciso de dinheiro para sobreviver.
- Nova no ramo?
- Não muito. Já tem uma certa quilometragem. Não nasceu ontem, se você entende o que quero dizer – suas palavras me diziam que sim e depois que não.
- E de onde você a tirou?
- Ela se desentendeu com a ex-cafetina. Era uma das melhores moças da casa, bastante requisitada, alguns clientes com dinheiro, a história de sempre.
- E qual foi o problema? É do tipo barraqueira?
- Não, não. Descobriu que a cafetina tirava muito mais dinheiro por fora. Cobrava quase o triplo dos clientes mais ricos e repassava um valor menor ao que ela tinha por direito. Dou razão, sabe? Conheço a cafetina que agenciava a menina, uma velha exploradora. Além disso, vem sendo investigada por tráfico, então, é questão de tempo até o negócio todo ruir. Ela fez bem em dar o fora antes disso.
- Então, você já a conhecia antes.
- Não, nunca ouvira falar dela.
- E como sabe de tudo isso?

- Porque fiz uma entrevista completa com ela, né, meu bem? – Ela me olhou com uma expressão de obviedade que me fez sentir um franguinho burro. – Não é qualquer uma que trabalha comigo. Por ganhar pouco e ter alguns gastos mensais, ela não tinha muito dinheiro em caixa para aguentar por tanto tempo. Não tem formação e nem emprego fixo, então, me procurou. Recebeu indicações até chegar a mim. Acredito que eu tenha feito um bom negócio, sabe? Vai me trazer lucro.
- Acho que sim – concordei enquanto relembrava sua dança. – Pelo menos é uma das mais bonitas que já passou pela sua casa.
- Hm, sei – lançou-me um olhar de desconfiança. – Se está tão interessado assim, posso repensar no assunto e te liberar ela. Para ver como você mora fundo no meu coração.
- Já sei que você não resiste a mim, não precisa me provar mais nada. Mas só queria saber detalhes mesmo, fiquei curioso.
- Só curioso? – Olhar mais desconfiado e investigativo ainda. – Estranho.
- Sim, apenas curioso – bati nossos copos em um brinde. – Vou lá, então. A gente se fala.
- Não some! – Ela me abraçou com tanta necessidade que quase derrubou cerveja em mim. – Às vezes as meninas precisam se locomover entre um cliente e outro.
- Me adoram, eu sei – sorri, um tanto convencido.
- Também. Mas é que só confio em você para levá-las. Ai, não dificulta minha vida, só faz!
- Está bem, está bem. Deixa comigo.

Por ora, fim de noite para nós. Ao pé do meu ouvido, Cris disse que dali partiria com algumas meninas para a sua casa para continuar a festa com alguns “amigos especiais”, vulgo endinheirados. Bebida por conta, quartos liberados e pouca gente. Algo privado, pois o convite era exclusivo para os mais próximos.

Não deixei Rafael saber da festinha por não estar afim de participar, do contrário ele insistiria para ir, e eu queria muito ir para casa dormir. Rolara um estresse danado com o meu pai durante a tarde, tudo o que eu precisava era de descanso e paz. Agradei o convite e despedi-me.

Paula estava do outro lado do salão e nossos olhares se cruzaram. Apenas um aceno de cabeça meu e um meio sorriso dela disseram tudo. Se estivéssemos no lugar certo e ela livre de compromissos, transaríamos a noite toda.

Àquela hora a temperatura havia caído um pouco mais. O frio vinha colocando à prova a força dos corajosos que ainda perambulavam pelas ruas. Mesmo querendo correr de lá e chegar em casa para me atirar na cama, tive que socializar com mais alguns conhecidos do lado de fora, foi inevitável.

Um sujeito em especial, que simplesmente apareceu gritando e fazendo escândalos. Ezequiel, o mesmo viado que horas antes havia gritado do portão de entrada, lembram? Magro, magro, magro. E não era da droga. Nunca soube o que os caras que comiam sua bunda seca encontravam para agarrar.

- Quem é vivo sempre aparece! – Gritou de braços abertos para o mundo ouvir.
- Eu tento fugir, mas certas pessoas grudam.
- Ai, não fala assim com o Ezi! – Deu-me uns tapinhas no peito, ao mesmo tempo em que aproveitou para me alisar. – Isso ofusca o meu brilho.
- Você gosta – sorri com malícia.

- Ai, gosto mesmo, confesso! E esse bofe novo, quem é? – Virou o olhar interessado para Rafael, que estava logo ao meu lado, alguns passos atrás.
- Irmão de coração.
- Ai, que fofo isso – parecia uma moça.
- Trouxe para mostrar o lugar.
- Hm – aproximou-se lentamente dele e ofereceu as costas da mão para um beijo. – Prazer, meu nome é Ezequiel. Mas se quiser se tornar íntimo, pode me chamar de Ezi. Ao seu dispor, bofe.
- Prazer, Rafael – ele não beijou a mão, como imaginei que não o faria por causa da timidez. Limitou-se a segurá-la delicada e respeitosamente.
- Ui, que rapaz sério – Ezequiel tentou engrossar a voz e imitar uma carranca. – Adoro homens sérios! Batem mais forte – sussurrou.
- Tá, tá, tá – precisei interpelar e colocar-me entre os dois. – Menos, Ezequiel. É recém a primeira noite dele aqui com a gente, não precisa de tanta intimidade assim.
- Ele fala isso para você achar que o está protegendo – disse a Rafael por sob os meus ombros, - mas é mentira. Ele está é morrendo de ciúmes, essa é a verdade. Conheço bem a peça.
- Sabe se a Paula tem algum cliente confirmado para amanhã?
- Paula, Paula, Paula – revirou os olhos. – Sempre a mesma vaca sem sal. Não sei o que você vê nela, sabe?
- Tem ou não tem?
- Parece que sim – em nenhum momento ele deixava de me alisar, tenham isso em mente. – Aquele velho broxa de sempre e que a Cris morre de amores. Nunca sei o nome do infeliz.
- Fernando – senti um pingo de raiva ferver em meu sangue.
- O pró-pri-o! Por tanto, nada de vaca sem sal para você, meu lindinho. Mas se quiser, ainda estou livre. Quer dizer, recebi um convite mais cedo, mas por você, recuso todos. Só pedir – picou-me o olho enquanto mascava chiclete de boca aberta, no melhor estilo piriguete.
- Nem que você mergulhasse em um saleiro.
- Bofe, assim eu me apaixono – abanou-se. – Faz de propósito porque sabe que eu gosto!
- Se você vir a Cris antes de ir embora, avise-a que preciso falar com ela ainda essa semana. É urgente, entendeu? Se esquecer de dar o recado, nunca mais olho na sua cara.
- Eu sei que você jamais faria uma coisa dessas com *moi*. Mas pode deixar que não vou esquecer – completou tocando com a ponta do indicador no meu nariz.
- Obrigado – afastei sua mão antes que me passasse um pouco da sua frescura. – Vamos embora, Rafael, antes que essa libélula resolva te polinizar.
- Tchou, Rafa – ele gritou quando já estávamos em direção à moto. – Quando quiser, me liga. O seu amiguinho tem o meu número. A primeira vez é test-drive, não cobro nada!

Fugi mais por Rafael do que por mim. Eu já estava acostumado com aquele tipo de gente, principalmente com Ezequiel, uma das figuras mais engraçadas que conhecia do meio. Apesar do jeito espalhafatoso e da promiscuidade descarada, era uma pessoa amável e confiável. Conhecia-o tão bem que tenho a certeza de que se ficássemos mais alguns minutos lá, suas brincadeiras se tornariam sérias e ele realmente tentaria arrumar uma forma de convencer o Rafael a fodê-lo. Para não deixar meu pobre irmão em um mato sem cachorro, saímos correndo.

No caminho para a sua casa ele me fez inúmeras perguntas e comentários sobre a noite. Fui explicando quem eram as pessoas que ele havia conhecido, uma a uma, o que faziam, onde moravam, como eu tinha conhecido e o grau de importância para uma possível agenda de bons contatos. Dei-lhe uma breve aula para não estufar sua cabeça com tanta informação em tão pouco tempo.

Não toquei no assunto Dana e muito menos comentei que ela trabalhava para a Cris. Por ora, tratava-se de um segredo de estado. “Tudo a seu tempo, preciso ir com calma dessa vez”, pensei.

E essa calma não era por medo de como ele reagiria a determinadas situações, afinal, ele só tinha a ganhar com tudo o que eu estava lhe apresentando. Sexo, principalmente. A calma era justamente para instiga-lo, fazer com que procurasse conhecer mais por vontade própria e saísse do marasmo inerte que era a sua vida.

Quando estacionei a moto em frente ao portão, Rafael tocou em um assunto que eu não gostava muito de tratar com ninguém, pois era algo que me incomodava um pouco. Eu tentava não me incomodar e o meu discurso reforçava isso, mas volta e meia eu me incomodava. Como todo o cenário em que nos joguei era para ser uma espécie de ensinamento, tive de engolir o incômodo e abrir a boca.

- E esse tal de Fernando que vocês falaram, quem é? Cafetão?
- Não – eu odiava aquele cara. – É um velho ricoço. Caga dinheiro, não tem onde gastar.
- Mas é gente boa?
- Cara – respirei fundo para ser o mais imparcial possível – Na verdade, eu não sei, nunca nos falamos. Sequer nos conhecemos, ele nem sabe que eu existo. Ele é só mais um típico caso de velho rico e casado que cisca em outros galinheiros de vez em quando.
- Da forma como falaram lá, pareceu que se conheciam bem – indagou.
- É que tem um esquema que você precisa entender, Rafa. Nesse meio, as coisas são divididas por classes. E nesse caso, quando falo “as coisas”, me refiro às pessoas.
- Como assim? – Quase uma cara de quem chupa limão.
- Lá dentro você viu a minha relação com a Cris, né? Com ela, com a Paula, Ezequiel e uma porção de outras pessoas. Todos gostam de mim, já é uma relação meio que de confiança, pelo menos a que eu tenho com a Cris, em especial. Às vezes, quando posso, levo e busco as garotas dela na casa dos clientes, por exemplo. Pouquíssimos têm esse privilégio que eu tenho, entende?
- Põe privilégio nisso!
- Mas só vai até aí – ponderei. – Para tentar te explicar melhor. Você que apareceu hoje, por exemplo, está na classe mais baixa. Primeiro lugar, você jamais teria conhecimento daquela casa noturna. Segundo, teria que pagar para entrar e consumir. E terceiro, pagaria uma boa grana para ter um programa com alguma das garotas. Entende? Classe mais baixa.
- Sei... – acho que sua expressão foi de quem não gostou muito de fazer parte da classe mais baixa.
- Não vou ficar citando todas, mas eu já estou um pouco mais avançado que isso. Faço parte desse meio, só que sem injetar grana. A Cris sabe que o meu pai também é podre de rico, e se quisesse poderia me sugar à vontade. Mas eu conquistei a confiança e o carinho dela sem precisar do dinheiro para abrir as portas. Eu não interfiro em nada nos negócios dela, não a julgo, não a discrimino, nada. Muito menos peço na cara de pau para sair com alguma das suas meninas sem pagar. Tudo o que eu tive até hoje, vindo dela, foi porque ela quis me dar. Faço parte dessa classe, a que ela confia e tem como amigo. Tudo o que ela me dá são apenas os benefícios.

- E esse Fernando...
- É simplesmente a classe mais alta. Ele tem milhões na conta, do bolso dele só sai dinheiro. Esses sujeitos são intocáveis. Não porque ele é simpático ou bonito, mas porque ele tem grana e poder, muito poder. Ele pode estalar os dedos e ter a garota que quiser.
- Tá, só não entendi onde você quer chegar com isso.
- Nenhum lugar. Você só fez uma pergunta e aproveitei para desabafar. Lembra daquilo que eu disse de jamais deixar se apaixonar por uma daquelas putas?
- Sim.
- Não digo que estou apaixonado, muito longe disso – e era verdade, eu realmente não me sentia ou sequer me imaginava apaixonado. – Mas sinto algo diferente pela Paula. Não posso vê-la que o meu sangue já ferve e fico muito excitado. A Cris sabe disso. Em uma noite normal ela teria liberado a Paula dos serviços para ficar comigo, justamente pela relação que temos. Aí é que entra a questão que te falei das classes. Por mais que a Cris e a Paula gostem de mim, há um certo limite. Quando a grana preta aparece, eu me torno apenas mais um peixinho nesse mar todo. Não há como abrir mão dos negócios e do dinheiro em função da amizade.
- E acredito que você nem cobre esse tipo de coisa – ele afirmou.
- Óbvio que não – enfatizei. – Mas isso acontece ao natural, entende? É uma compreensão da realidade que o cara precisa ter para não se dar mal e evitar ilusões. Eu levo tudo isso numa boa, sei que elas precisam da grana e que eu não posso ter a pretensão de me colocar como uma figura mais importante só porque temos uma amizade verdadeira.
- Claro, concordo com você.
- Por isso, amanhã quem vai comer a Paula é o Fernando, porque a conta bancária dele vale mais do que as nossas vidas.
- Acho que te entendo – afirmou com olhar doce e a mão em meu ombro. – Se te serve de consolo, estou morrendo de frio, não tenho perspectivas nenhuma quanto a relacionamentos, seja com garotas normais ou putas, sou virgem, faço parte da classe mais baixa e fui cantado por um viado cujo apelido é Ezi. O que me diz?
- Boa, boa – ri e isso me animou, ajudou a lembrar que eu não podia me permitir aquele tipo de abalo, principalmente na frente dele. – Só quero lembrar que você não é virgem.
- Ah, não – bufou, - esse assunto de novo, não. Me nego a perder o que me resta de paciência falando disso, ainda mais nesse frio.
- Beleza. No verão a gente volta a tocar no assunto – ironizei. – Só penso que você está nessa situação toda porque quer. Mas vamos resolver isso uma hora ou outra, questão de tempo.
- Veremos – sorriu, e vi um pouco de luz em seus olhos. – De qualquer forma, obrigado pela surpresa. Vindo de você, não esperava menos. No sentido de se preocupar comigo, pois fiquei realmente surpreso com esse seu lado obscuro.
- Sério que você nunca desconfiou de nada? – Ri pela satisfação de ver que meus esforços em ser discreto vinham dando certo.
- Mas jamais saberia!
- Eu manjo das putarias. Meu caro, foi o que eu disse antes de sairmos de casa. Calma, relaxa e curte! É assim que tem que ser. Vem comigo que você só vai se dar bem.
- Vai ter sexo? – O sorriso em seu rosto acusou que a sua imaginação já maquinava algumas promiscuidades.
- Até o seu pintinho sentir câimbra.

- Ótimo então.

- Nos falamos segunda – abraçamo-nos com um beijo no rosto. – Boa noite.

Fui embora de lá com a alma lavada, uma sensação de missão cumprida na consciência. Rafael aproveitou o máximo que a noite podia oferecer, disso tenho certeza. Assim como também tinha certeza de que o próprio teria a iniciativa de me telefonar para darmos mais uma daquelas saídas secretas. Não o culparia, afinal, aquele mundo era mesmo viciante.

Ao chegar em casa verifiquei o celular na estúpida esperança de que os compromissos da Paula tivessem babado e ela imediatamente me mandado recado avisando. Então, eu a buscaria e passaríamos a noite fodendo feito dois amantes no cio, para logo em seguida dormirmos como dois amantes que se gostavam muito.

Nenhum recado.

Se eu defendia o discurso de que compreendia a minha posição entre amizade e negócio, eu devia no mínimo aceitar aquele tipo de situação. Não fui dormir chateado ou irritado. Fui dormir com saudade.

#### **4**

#### **Feliz aniversário**

De repente, após dar inúmeras voltas, como se fosse uma roleta russa, a de máscara vermelha fixou sua atenção em apenas um homem. Dentre tantos que estavam lá, já muito curiosos e excitados pelos mistérios do seu corpo, apenas um homem foi o escolhido.

Na segunda-feira seguinte, assim como em todo o resto da semana, as aparências foram de como se nada de anormal tivesse acontecido. Ninguém no local de trabalho sabia da minha espécie de vida dupla. Meu pai, então, não podia nem sonhar. Homem sério, de negócios, não aturaria o filho seguindo “maus exemplos”, conforme sua opinião. Em nosso escritório o clima era o mesmo de sempre. Descontração e trabalho, nada fora do comum. Aparentemente.

Somente eu reparei uma quase inexistente diferença. Além do fato óbvio de Rafael parecer mais sorridente e feliz, como de fato estava, vi que não trocou uma só palavra com Andressa. Pelo menos não com ele começando uma conversa ou mendigando atenção. Era como se ela não estivesse mais lá, como se o seu interesse por ela enfim tivesse morrido. Afinal, tratava-se de um desejo muito antigo e que já deveria estar a sete palmos do chão. Na minha concepção, o que ele sentia era apenas carência, por isso vinha tentando resgatar aqueles sentimentos.

E para ser sincero, eu não achava Andressa tudo aquilo. Era bonita de rosto, com feições finas, baixa, pele branca e cabelos bem negros. O que mais chamava a atenção eram seus seios. Nada surreal, mas visivelmente naturais, e pelos decotes que volta meia ela usava e o balançar de quando caminhava, o cara passava a imaginá-los durante uma boa foda. Eu mesmo imaginei diversas vezes. Ela em cima de mim, metendo como a cadela que deveria ser na cama, sedenta por sexo, enquanto aquele par de seios pulava para cima e para baixo.

Eu nunca a tinha visto pelada, apesar da vontade. Ficava somente no imaginário mesmo. E creio que mesmo ela sendo interessante, Rafael tivera na boate uma pequena prova do que seria uma mulher gostosa de verdade e do que ela seria capaz de fazer no sexo. Sabíamos todos que Andressa não dispensava uma foda quando tinha interesse, mas era irritante sua postura de boa moça e santa comportada. Não era por preservação, mas sim por medo de se permitir.

Isso pode ter feito com que Rafael perdesse de vez o interesse. Minhas suposições sendo verdadeiras, era algo digno de comemoração. Não comentei absolutamente nada com ele e nem com ninguém, mas por dentro eu soltei rojões. “Missão cumprida”, pensei, contente com o progresso inicial dos meus esforços.

O sábado em que levei Rafael para a casa noturna fora apenas um teste. Como as coisas se desenvolveram naturalmente bem e os resultados foram positivos, tive a segurança de continuar com os meus planos. Meu maior trunfo para realizá-los foi o fato de morar sozinho. A independência financeira me ajudava em muitas coisas, principalmente quando o assunto era liberdade. (Tá, mais adiante vocês verão que eu não tinha tanta liberdade assim, confesso).

Organizei tudo às escondidas. Seu aniversário foi em uma sexta-feira. À noite saímos com sua família para jantar em um restaurante boa pinta. Primos, tios, tias e avós. “Amigo”, somente eu.

Eu gostava daquele tipo de reunião de família, independente do lugar. Os parentes mais distantes de Leonardo, ou pelo menos os que eu tinha pouco ou nenhum contato, sempre me perguntavam sobre a minha vida e também sobre meu pai, infelizmente. Minhas respostas eram as mais banais possíveis, abordando faculdade, trabalho e diversões aleatórias. As mentiras surgiam quando eu afirmava amar o curso – Arquitetura; gostava, mas não era a profissão da minha vida, - que o meu trabalho continuava maravilhoso e que minhas diversões eram ir a bares com os amigos, especificamente aos finais de semana.

Mal eles sabiam que eu me relacionava com garotas de programa, era amigo pessoal de uma cafetina transexual, vivia em boates e puteiros e transava praticamente com uma garota diferente a cada dois ou três dias.

Falar todas aquelas mentiras me fazia bem no sentido de poder me sentir normal e pacato. Às vezes eu tinha a necessidade. E também é óbvio que eu jamais falaria a verdade para aquele tipo de gente, né?

Ah, outra mentira que eu contava era quando dava a entender que admirava e adorava meu pai. Posso afirmar que nenhuma outra mentira me divertia mais do que essa.

Consegui conversar intimamente com Rafael somente depois que já estavam todos jantados, alguns bêbados e cheios de alegria se distraíndo entre si. O aniversariante deixou de ser o centro das atenções em uma mesa cheia de gente e de assuntos variados. Nenhum importante, como sempre.

- Amanhã vou te dar o meu presente de aniversário – falei bem próximo ao seu ouvido para evitar curiosos.
- Esqueceu de comprar de novo? – Eu nunca dava presentes no dia certo.
- Não. Dessa vez não tinha como trazer mesmo. Não para cá.
- E o que é? – Sua expressão curiosa me satisfez.
- Amanhã, segura essa franga. Só quero que você vá lá em casa, à noite.
- Mais desses seus mistérios – revirou os olhos.
- Semana passada eu não te disse para confiar em mim?
- Disse, mas...
- Não tem mas. Você sabe bem aonde foi parar. E sei que você gostou. Então apenas confie em mim, como sempre. Faz o que estou falando. Toma um banho, se arruma bem bonito e vai cheirosinho lá para casa.
- Meio óbvio o que você vai me dar de aniversário, não precisa esse mistério todo – sorriu de maneira sagaz.
- Falei demais? – Perdi a noção por um momento e relembrei minhas falas para ver onde havia tropeçado.
- Acho que sim – seguiu com um ar de certeza. – É óbvio que você vai me levar lá naquela casa noturna de novo. Só sendo muito idiota para não cogitar isso.
- Ah, isso! – Respirei aliviado e tentei manter as aparências. – Mas fica quieto, ninguém aqui pode saber dessas coisas.
- Claro que não. Conseguiu o que te pedi?
- Comentei com a Cris, mas não tem nada confirmado. Você é recém chegado, então não é muito fácil conseguir essas coisas, até mesmo sendo um pedido meu. Você compreende, né?
- Claro, não se preocupe – mas foi visível o seu lampejo de desânimo.
- Vamos primeiro comparecer e ver no que dá.
- Só é notado quem aparece – parafraseou-me.
- Assim que se fala, irmãozinho.

As coisas melhoravam a cada dia, eu podia sentir. Fiquei tão satisfeito que a vontade foi de me levantar ali mesmo e fazer um discurso para toda a sua família, exaltando as grandes mudanças que eu

vinha presenciando nos últimos tempos, especialmente a partir do momento em que o havia levado a uma casa noturna. Eu poderia dizer que o sexo estava prestes a fazer de Rafael um homem perfeito, pois ele já tinha em seu coração muito amor, bom caráter e também era bonito. Só faltava ele gastar o tico em bucetas e mais bucetas, de diversas formas, tamanhos e procedências.

Seria o presente de uma vida que eu lhe daria.

Quase não nos falamos durante o sábado inteiro. Ele me ligou uma vez antes do meio dia apenas para saber se a programação seguia de pé. Pareceu ansioso ao telefone, e isso era ótimo. Procurei tratar tudo com a maior naturalidade do mundo para não levantar suspeitas. Rafael se achava esperto, mas daquela vez ele não passava de um mero espectador diante do teatro que eu estava armando.

Não sei o que ele fez o dia todo, enquanto eu corri contra o tempo. Convoquei alguns amigos para me ajudarem na compra das bebidas, comidas, completar lista de convidados, chamar os mais próximos e, principalmente, organizar o apartamento. Tudo o que fosse de quebrar ou que tivesse potencial de ser usado como arma devia ser estocado e trancado no quarto de hóspedes. Nunca se sabe o que pessoas bêbadas podiam fazer, ainda mais com os psicóticos em potencial que eu costumava socializar.

A arrumação me tomou boa parte do dia. O ambiente estava praticamente pronto umas duas horas antes da hora marcada. Escolhi uma roupa apropriada, mas nada muito elegante. Meu papel durante a noite seria apenas secundário. Entre uma conversa e outra com os convidados, eu sabia que passaria a maior parte do tempo revisando o apartamento para garantir a sua integridade. E eu estaria em casa, então, não me importava em parecer algo que eu não era para pessoas que pouco me interessavam.

Fiquei ansioso quando os ponteiros do relógio ingressaram na última volta antes da hora marcada. O nervosismo era principalmente pelo plano ser todo meu. Pouquíssimas vezes havia promovido uma grande festa com pessoas que conhecia apenas de vista ou de trocar meia dúzia de palavras. Queria que tudo desse certo, mas queria principalmente que desse certo para o Rafael.

Os convidados foram chegando em blocos, como se saíssem de uma fábrica. Pensando no incômodo que seria descer e subir o elevador para recebe-los – algo muito fora de cogitação, - contratei um amigo que trabalhava de segurança em casas noturnas. Deixei-o encarregado de abrir o portão do prédio e indicar o andar e o apartamento, mesmo que eu já tivesse previamente especificado tudo aos convidados. Não dava para subestimar a burrice das pessoas.

Antes que vocês se questionem, não, o prédio não era de luxo, por isso não tinha porteiro em tempo integral.

Quem também chegou muito antes dos convidados e passou quase toda a tarde comigo foi meu amigo Honda. Na verdade, seu sobrenome era Suzuki, mas com frequência quem o conhecia pouco confundia com Honda, então, ele ficou para sempre conhecido como Honda.

“Tranquilo, é tudo moto mesmo”, ele brincava.

Além de obviamente ter descendência japonesa e olhos puxados, Honda era DJ profissional.

Mais tarde, já com a festa bombando e o apartamento praticamente superlotado, meu celular tocou. Corri para o quarto e fechei a porta para abafar o máximo possível o som que vinha da sala. Era

Rafael avisando que estava saindo de casa. Sabendo da distância que nos separava, calculei mais ou menos o tempo, dei uma volta pela festa e depois desci para o portão de entrada do prédio.

Lá embaixo, meu amigo e segurança Pelezão – apelido por ser um negro de quase dois metros de altura por dois de largura, - recebia um casal de convidados. Conhecia a garota por já tê-la levado para cama há muito tempo atrás. O cara, que supus ser o namorado, nem desconfiava que eu havia sido um dos primeiros a esfregar o pau e a gozar em seus peitos assim que ela colocara silicone.

Coisas da vida.

- Já lotou, né? – Perguntou-me Pelezão. – A não ser que o seu apartamento ocupe um andar inteiro.
- Quase lotado. Acredito que não falte chegar mais tanta gente.
- Gostei da seleção de hoje – arqueou a boca em admiração.
- Curtiu?
- Ô, se curti! Onde conseguiu?
- Contatos, meu caro – cruzei o braço teatralmente.
- Daquela sua amiga cafetina?
- Também – não gostava muito de falar com terceiros sobre assuntos que envolviam a Cris. – Mas você sabe que também tenho amigas que gostam de uma putaria gratuita, né?
- E como sei – ele riu. – Só não vi a sua garota.
- A Paula?
- E quem mais seria?
- Você acha que eu convidaria a futura mãe dos meus filhos para um antro de perdição como esse?
- Não, que isso. Ainda mais uma santa como ela.
- Ela está viajando, na verdade – soou um pouco de lamento.
- A programa?
- Infelizmente.
- Está na hora de você morder o bolso do seu pai, não acha? Ter maior poder com a grana e bater de frente com esses coroaos ricos.
- E quem disse que eu quero isso?
- Olha, perdi a conta de quantas vezes por semana você me questiona se a Paula está em tal boate.
- Mentira – tentei desconversar.
- E pior! – Ele continuou para caçoar de mim. – Se ela não estiver na boate em que trabalho na noite, você me pede para ligar para os meus colegas das outras boates. E agora você tem a cara de pau de me dizer que não quer desesperadamente a garota? Estou louco, então!
- Você tem a péssima mania de fofocar sobre coisas que não existem.
- Eu vivo na noite, cara. Eu sei de tudo, por isso você me procura.
- Se você não tocar mais nesse assunto chato, prometo que daqui a pouco, quando eu subir, peço para alguma moça linda e decotada, ou talvez seminua, descer para lhe trazer uma cerveja.
- Opa, agora eu senti firmeza! – Comemorou ao esfregar as mãos.
- Ótimo. Agora, se você me der licença – afastei-me do portão em direção ao cordão da calçada quando avistei o carro do tio Paulo, pai de Rafael.

Dei um abraço fraterno em Rafael quando saiu do carro e em seguida me apoiei na porta para cumprimentar o tio Paulo.

- Oi, tio – disse com um sorriso.
- Oi, filho – ele me considerava como um.
- Quer subir para tomar uma cerveja? – Convidei-o com a certeza de que não subiria.
- Não, não. Larguei a bebida – brincou.
- Aposto que tem dedo da mãe Clara nisso aí.
- E você duvida? – Ele riu. – Cuidem-se, meninos. Não quero saber de bebida e direção.
- Pode deixar, pai – disse Rafael em tom impaciente para avisos do tipo.
- Eu vou cuidar do nosso menino – respondi com um sorriso.
- Eu sei que vai – tio Paulo completou.

E eu vinha cuidando.

Quando passamos pelo portão – Rafael ficou abismado com o tamanho do Pelezão, - contei os segundos para ouvir a uma pergunta inevitável. Com a resposta engatilhada na ponta da língua, disse que íamos com uns amigos a uma pizzaria comemorar entre homens. Rafael me olhou de canto de olho e sorriu um tanto cético. Ele acreditava piamente que estávamos indo à mesma boate.

Entramos assim que o carro partiu. Enquanto Rafael caminhou em direção à garagem, eu caminhei em direção ao elevador. Ele estranhou na mesma hora.

- Subir? Agora guarda a moto no apartamento?
- Calma, meu garoto. Vamos subir um pouco, ainda é cedo. O pessoal lá chega um pouco mais tarde. A essa hora a Cris nem deve ter ido tomar banho. Mas se quiser posso até telefonar para ver se ela não aceita que você esfregue suas costas.
- Só se o Ezi estiver junto – zombou.
- Nossa, consegui piorar uma cena que já era horrível – nauseei por imaginar. – Vamos só dar um tempinho lá em cima. Prometo que não vai demorar. Segura a ansiedade.
- Seguro se você me der o que comer. Estou de barriga vazia desde o almoço.
- Sabe do que isso me faz lembrar? – Segurei a porta do elevador para que ele entrasse.
- De quando eu te dei o meu lanche no seu primeiro dia de escola – ele revirou os olhos. – Você sempre lembra disso.
- É porque foi realmente marcante. Nunca achei que por isso eu tivesse alguma dívida com você, sabia?
- Mas é óbvio que não tem. De onde tirou isso?
- Dívida se paga, carinho se retribui. Digamos que hoje vou finalmente retribuir.
- Não precisamos desse tipo de coisa – ele cruzou os braços e desviou o olhar para baixo, visivelmente envergonhado.
- Não, estou falando sério. Ainda lembra bem da nossa conversa no bar, né?
- Como poderia esquecer – suspirou pesado.
- Eu também jamais vou esquecer, a menos que aquele Rafael nunca mais apareça na minha frente de novo. Desde então eu tenho feito o possível para isso, tomando as atitudes que acho cabíveis. Não sei se levá-lo a um puteiro é a melhor das alternativas, mas era o que mais se ajustava ao seu problema.
- Na sua opinião?
- Claro. A não ser que você odeie sexo.

- Digamos que a escolha foi razoável – afirmou com um sorriso irônico.
- Então – sorri de volta. – Não vou pedir para você me prometer que jamais falará daquela maneira de novo. Problemas acontecem. O importante é que a hora é agora, o momento é hoje.
- Do que você está falando? – Sua expressão mesclava dúvida com suspeita.

Soou o aviso de que o elevador havia chegado ao andar de destino. Com apenas dois apartamentos por andar, a minha porta ficava logo à esquerda no corredor. Dali mesmo já era possível ouvir a música abafada vindo de dentro do apartamento.

- A hora é agora e o momento é hoje – afirmei com as mãos em seus ombros. – Só quero que me prometa que assim que cruzar por aquela porta, você vai começar a ver as coisas de uma maneira diferente, assim como aconteceu lá na casa noturna. O que está aí dentro será o seu recomeço.
- O que, vamos atravessar um portal? Brincávamos disso quando crianças. Hoje é meio estranho, não acha?
- Sabe o que eu acho? Que você só faz piadas sarcásticas quando está nervoso. Isso é muito bom – sorri em aprovação. – Agora chega de conversa. Você é o meu melhor amigo, Rafael. Só não somos irmãos por mero detalhe genético, mas nos consideramos irmãos de coração. Quero que aproveite muito a noite de hoje – concluí abrindo a porta lentamente.
- Está começando a me assustar.
- Feliz aniversário, irmãozinho.

E abri a porta por completo. Eu sorri, Rafael arregalou os olhos, pasmo. Eu estava feliz, Rafael surpreso. Música alta e dezenas e dezenas de pessoas fazendo festa. Copos em mãos, vozes altas, risadas, diversão em todos os cantos do apartamento, pegação, nudez e libertinagem. Era o grande presente que eu havia programado por dias a finco. Convidei muitos amigos que tínhamos em comum e uma porção de outros que ele sequer conhecia, apenas para encher a festa. Se chamasse apenas os amigos de verdade, mal ocupariamos uma mesa. Para um evento como aquele era preciso apelar para os conhecidos e conhecidos de conhecidos.

As atenções se voltaram para nós quando as pessoas mais próximas à porta nos viram entrando. Saudações e palmas para o aniversariante da noite. Na hora eu não compreendi como eles souberam que o cara ao meu lado era o aniversariante. Tempos depois, ao refletir bastante enquanto dava uma bela de uma cagada, cheguei à conclusão de que era por conta da sua expressão facial. Algo próximo de uma pessoa prestes a entrar em pânico. Olhos arregalados, noção zero do que acontecia e menos noção ainda quanto ao que fazer. Era assim que se reconhecia o aniversariante da noite.

Rafael não sabia se sorria ou se arregalava ainda mais os olhos, a ponto de saltarem para fora das órbitas e o diagnosticarem com exoftalmia. No papel de anfitrião sorridente que empurra o aniversariante nervoso para o meio da sala para que todos os convidados o vissem, empurrei-o até o meio da sala para que todos os convidados o vissem. Acenei para Honda e pedi para que abaixasse o volume do som. Eu tinha certeza que ser o centro das atenções para aquele mundo de gente desconhecida deixou Rafael absurdamente nervoso. E confesso que o meu lado sádico se divertiu um bocado com isso.

- Pessoal – gritei para que me ouvissem. Surpreendi-me com o silêncio respeitoso que se fez. – Atenção aqui, só um pouquinho. Eu sei que a festa já estava rolando e todos se divertindo. Não quero atrapalhar e nem me prolongar. Só quero anunciar que o aniversariante, enfim, está entre nós. Espero que todos aqui o tratem com o devido respeito. Sei que convidei alguns gays, então, por favor, não passem a mão na bunda dele sem aviso prévio, combinado? – Houve risadas. – Todos estão por dentro da programação da noite e o que pode ou não ser feito. Espero não ter que bancar o tio mala da festa e ficar policiando alguns saidinhos. Isso aqui ainda é um apartamento, não uma boate. Lembrando. Apenas bebidas alcólicas, não bebam mijo e nem mijem em locais que não seja na privada. Não deixem drogas espalhadas pela casa, não quero ser responsabilizado ou preso por porte. E o sexo é liberado para quem estiver afim e não se importar com plateia. No mais, é isso. Boa festa e botem para quebrar!

Gostei do resultado. Com aplausos e gritos, o som voltou a todo volume e a festa recomeçou.

Em meio àquele mundo de gente, olhamo-nos e rimos um para o outro. “Você é maluco!”, Rafael me disse. Os longos anos de amizade me davam a certeza de que aquela simples afirmação era uma espécie de agradecimento, uma resposta positiva confirmando que tudo o que eu havia preparado estava perfeito para ele. Não me recordo ao certo quantas pessoas estavam lá, mas meu apartamento ficou abarrotado.

Não que eu tenha procurado evitar, mas já de cara os olhos de Rafael cruzaram por André, namorado de Andressa, mesmo com aquele bando de gente em volta. Esperei por uma reação ruim, afinal, as coisas ainda pareciam recentes. Mas o máximo que ele fez foi franzir a testa e me olhar em tom de questionamento, uma vez que ele sabia da minha resistência quanto ao sujeito.

- Desculpa, não pude evitar – lamentei. – Ele praticamente se convidou depois de me ouvir ao telefone chamando as putas.

- Putas?! – Falei de propósito para ele desviar o foco, e funcionou.

- Sim, ué! Tem algumas aqui. Só olhar em volta – acenei para as que consegui enxergar.

- Não pode ser sério – ele olhou em volta sem acreditar.

- Eu não brinco em serviço – pisquei. – Eu queria te dar um presente digno.

- Não achei que isso fosse possível.

- Mas é. Lembra da noite que tivemos sábado passado? Pois então, passei a semana conversando com a Cris e consegui convencê-la de me liberar algumas de suas meninas para virem aqui hoje à noite.

- Assim, de graça? Como num passe de mágica?

- Não, claro que não. Não é tão simples quanto parece. Sábado é um dia que bomba nos puteiros e as garotas fazem bastante programa. Tivemos que arquitetar um plano para que ninguém saísse perdendo.

- Como?

- A Cris vai abrir mão de uma modesta parcela da grana que poderia ganhar com os programas de hoje. A outra parte eu tirei do meu próprio bolso, e a terceira parte eu vou tirar do dinheiro dos convites e dos caras que quiserem fazer programa. Vai tudo para o bolso da Cris e depois ela divide com as garotas. Não foi muito difícil convencê-la de ceder, ainda mais quando a fiz ver que o prejuízo não seria assim tão grande ou até mesmo zero.

- Você deve ter gastado muito. Fico sem jeito com isso.

- Fica quieto – passei o braço em volta do seu ombro. – Nenhum dinheiro pagaria a satisfação de ver esse sorriso no seu rosto.
- Depois eu que sou gay, né?
- Também convidei algumas amiguinhas bem safadinhas e que só vieram para o crime. Enfim, mulher boa não falta, é só procurar. Teremos a mesma noite do sábado passado, só que em casa. Não é ótimo?!
- Estou sem palavras. Vou tatuar o seu nome na bunda.
- Não precisa tanto. Só quero que você tome cuidado. Também convidei garotas normais, digamos – eu não sabia como me referir a elas. – Algumas até vieram com namorados ou ficantes. Certifique-se bem antes de resolver agarrar alguma.
- Claro, agarrar – creio que ele pensou que eu estivesse brincando.
- Não, estou falando sério – insisti. – Cara, a festa é sua. Esse pessoal todo está aqui para se divertir, você estando aqui ou não. Mas as putas estão especialmente por sua causa. Hora de aproveitar.
- Por minha causa? Como assim?
- Elas estão aqui para fazerem strip, foderem entre si e dar show. Elas também estão liberadas para fazerem programas, mas o cara que quiser comer alguma vai ter que pagar e fazê-lo em público, aqui mesmo. A Cris deixou muito claro que nenhuma poderia deixar a festa até que você não estivesse mais. Hoje você será o único que vai comer de graça e poderá usar o quarto.
- Você não está falando sério – olhou-me com desgosto.
- Te juro! – Sua cara me fez rir e isso praticamente deslegitimava a seriedade que eu queria dar ao assunto. – Eu juro que é verdade.
- É impossível uma coisa dessas. Não acontece nem em filme pornô.
- É, mas está acontecendo diante dos seus olhos. Eu conheço putas e muitos caras com grana e que gostam de putaria. Só tive o trabalho de unir as duas coisas. O que você acha?
- Vou achar inacreditável pelo resto da minha vida. Por que as coisas são tão fáceis para você? Chega a ser irritante.
- Mas não são – sorri um pouco desconcertado.
- Milagres acontecem com você, Leonardo! Onde estão os vizinhos reclamando do som alto? De onde você tirou tanta bebida sem ter prejuízo? De onde saíram todas essas pessoas dispostas a tudo? Que luz é essa que você tem para transformar tudo em coisas incríveis?
- Não sei – as coisas apenas aconteciam para mim. E quando não aconteciam, eu tomava uma atitude. – Mas eu posso te responder sobre os vizinhos e a cerveja. O prédio tem só três andares, isso facilita. No primeiro andar mora um casal de velhos que mal ouve a própria campainha. O restante resolveu viajar tudo no mesmo dia. E no apartamento em frente ao meu moram pessoas da nossa idade que dividem o aluguel. Estão todos aqui – finalizei sorrindo.
- Viu? Todo mundo viajando na mesma noite. Isso é milagre e você é o santo.
- E a cerveja é artesanal, um amigo meu faz. Como o negócio dele é novo, combinamos um preço barato, e em troca eu lhe dei a oportunidade de divulgar o produto. Mas nada disso interessa agora. Rafa, aproveita! – Sacudi-o para que saísse do transe. – Se solta, irmãozinho. Hoje a noite é sua!

Sua incredulidade beirou a inocência.

Aquele ponto foi o meu limite, o fim da linha para mim e minhas asinhas de irmão coruja. Fiz tudo o que estava ao meu alcance. O resto era com ele. Simplesmente dei as costas e me enfiei no meio do bolo para também aproveitar a festa, afinal, ninguém é de ferro. Não pretendia ficar de olho nele e

nem verificar se estava realmente se divertindo. A única maneira de alguém não entrar no clima da festa era indo embora, e eu apostaria a virgindade do meu cu com o Pelezão de que ele não o faria.

E posso garantir uma coisa: o clima estava ótimo. Não demorou muito para a bebida liberar ainda mais o entusiasmo dos convidados. Empinamento de copos, camisetas girando no ar, seios à mostra e muita agarrção. A primeira cena mais quente que presenciei foi em frente à porta da cozinha com a porta de entrada do apartamento. Um cara escorado na parede, calças ao chão e uma garota chupando seu pau. Não a conhecia, mas era bonita e sabia o que fazia.

Formou-se uma pequena plateia de admiradores em volta dos dois. Era possível ouvir gritos de incentivo e aplausos. Senti que acertara a mão ao escolher os convidados – pessoas desapegadas e que queriam apenas diversão – quando notei que a maioria passava perto, olhava um pouco e depois seguia seu rumo atrás de bebida ou comida. A naturalidade com aquele tipo de coisa me deixou satisfeito.

Com os aquecedores ligados para espantar o frio que vinha da rua, fui passando de garota em garota avisando que já podiam começar a apimentar a diversão. Os shows da casa noturna estavam mesmo em meu apartamento. Para começar, aos poucos, conforme as pessoas foram se dando conta, abriu-se um círculo no meio da sala para que duas meninas se apresentassem. Deixei bem claro que podiam fazer o que quisessem, incluindo banhos de cerveja e afins. Era a vantagem de se ter um chão de cerâmica e sem tapete.

Eu sei que disse que não ficaria mais de babá dele, mas não pude evitar. Por mais que sentisse que aos poucos Rafael vinha se soltando, ainda tinha alguns detalhes que me davam agonia. Olhei em volta do círculo e não o vi. Nunca o veria, afinal, ele estava ao fundo, como um mero espectador que precisava espichar o pescoço para enxergar alguma coisa, e isso que ela era alto. Errado demais, a festa era para ser sua. Fui obrigado a puxá-lo do fundo para a primeira fila do centro.

“Lugar cativo”, gritei em seu ouvido.

O primeiro show durou cerca de vinte minutos. Duas loiras, uma branquinha e outra bronzeada. A branquinha fazia o estilo mignon, de feições e curvas delicadas. Se estivesse com a vestimenta apropriada para tal, poderia facilmente se passar por uma princesinha comportada do papai. Mas dentre tantas máximas que regem o mundo, uma diz que as angelicais são as que flertam com a verdadeira promiscuidade.

A loira bronzeada, mais alta e cavalona, parecia ter saído de um filme pornô. As duas eram boas no que faziam, mas a bronzeada parecia mais agressiva, mais mulher. Esfregou-se em dois caras aleatórios até vir para onde estávamos. Torci para que ele fosse escolhido, mas ela se esfregou em um outro próximo a nós.

Ela arqueou seu corpo para frente sem dobrar as pernas. Pela expressão dos caras do outro lado, a visão da sua bunda daquele ângulo devia ser espetacular. Sem cerimônias, abriu o fecho da calça do cara e agarrou seu pau com as duas mãos. A princípio, acredito que ela não tinha a intenção de chupá-lo, mas o fez quando ele ameaçou derrubar cerveja no próprio pau. Ela mostrou a língua como uma forma de pedido.

Mudei minha atenção para a loira mignon. Seu sutiã estava na cabeça do cara em que ela se esfregava. Seios que caberiam na palma da minha mão e mamilos rosadinhos e pequenos. Fiquei

especialmente encantado com a simetria do seu par. Ela precisou puxar a cabeça do cara para baixo para poder esfregá-los em sua boca.

Uma coisa boa naquele tipo de festa – eu já tinha ido a várias – era quando as demais garotas se soltavam e entravam no clima. Enquanto as duas profissionais davam o show, uma comum se arriscou a dançar bem no centro do círculo. Houve gritos de aprovação e estímulo.

Não fazia o meu tipo. Estatura mediana e muito magra. Quando ergueu a blusa e o sutiã, mostrou para quem quisesse ver os seus seios ao estilo ovos estalados. Na quase ausência total de mamas, o mamilo duro e comprido ganhava bastante destaque. Confesso que não sei se comeria, mas admirei e respeitei a sua atitude de dançar para o pessoal.

Quando virei para Rafael de novo para saber como ele vinha sentindo as coisas, fomos interrompidos por uma presença nada desejada. E digo mais, muito inconveniente. André já era falastrão ao natural, fazia parte de sua mediocridade como pessoa. Meio bêbado, então, era preciso paciência e um sorriso bem forçado para aguentar.

- Você – disse aos berros ao me abraçar e quase derrubar cerveja em mim. – Você é o meu ídolo! Ninguém no mundo é melhor do que você.
- Que bom que está gostando – sorri e afastei-o um pouco.
- Cadê o seu copo, Rafael? Não quero ver nenhum de nós sóbrio hoje!
- Daqui a pouco vou começar, ainda estou entrando no clima. – E pelo visto ia demorar, pois nem as mãos do bolso havia tirado ainda.
- Eu já cheguei trocando os pés – riu de maneira histérica, como se fosse a coisa mais hilariante do mundo. – Conta para ele, Leonardo, conta!
- É, chegou trocando os pés – afirmei quase sem prestar atenção, meus olhos estavam na loira bronzeada que deixara de fazer o boquete para protagonizar uma cena lésbica com uma garota aleatória. – Nesse ritmo vai trocar até de sexo.
- Tem viado aqui? – Perguntou-me com ênfase exagerada ao agarrar minha camiseta. – Toma conta de mim? Não deixa nenhum deles chegar perto!
- Não quis chamar a Andressa? – Não entendi o que motivou Rafael a perguntar isso, mas ajudou a afastá-lo um pouco de mim.
- Ficou maluco? Se ela sabe que estou aqui, sou um homem morto! Não contem a ela.
- Será o nosso segredo – senti um sarcasmo escondido em seu sorriso.
- Tem muita mulher boa aqui, mas eu vi uma que era fora do comum – disse procurando inutilmente ao seu redor. – Ou foi a cerveja que me fez ver demais, ou era realmente uma deusa.
- Morena, seios grandes? – Perguntou Rafael.
- Essa mesma! Onde ela está? Onde ela está?
- Deve ter umas quinze com esses atributos aqui – compreendi o deboche de Rafael. E o idiota precisou de uns segundos para juntar os neurônios e perceber que estava sendo caçoado.
- Pior! Você está me zoando, cara! Gostei, gostei – deixou de me abraçar para abraçar Rafael. – Cadê o seu copo? Tragam copo aqui!
- Mas fique à vontade, André – procurei distraí-lo e chamar a atenção de volta para mim. – Se você tiver dinheiro no bolso e lábia o suficiente, pode comer uma delas e fechar a noite com maestria.

- Posso! E vou. Vou mesmo – virou quase um monólogo onde ele olhava para mim, mas parecia não me ver. – Essa chance... eu não posso... perder.
- Então, vai lá – insisti para que percebesse que não o queríamos por perto. – É só escolher. Tenta encontrar a tal deusa.

Mas o cara simplesmente não se tocava de que não era bem-vindo. A vontade foi de simplesmente mandá-lo calar a boca e pedir para encher o saco de outra pessoa qualquer. Não o fiz para não ficar um clima ruim depois, afinal, Andressa trabalhava com a gente e éramos “amigos”. Muito pior do que o seu bafo de cerveja e os gritos em nossos ouvidos, era a mania que todo bêbado tinha de manter contato físico. Toleraria se fossem toques sutis apenas para buscar equilíbrio ou para transmitir uma ideia, como se o toque servisse de ponte para as palavras chegarem até a outra pessoa. Só que ele nos abraçava forte e aplicava tapas inconvenientes a cada piada ridícula que falava.

Quando a paciência chegou perto do fim, vi uma chance passar diante dos meus olhos. Com um gestual claro o suficiente para demonstrar o que eu queria, pedi auxílio a um outro amigo que também o conhecia. O cara estava do outro lado do círculo observando o show. Ao interpretar a informação, ele riu da cena e concordou com a cabeça. Aproximou-se naturalmente e roubou a atenção de André.

Dei graças a Deus.

- Cara mala – reclamei enquanto ajeitava a camiseta nos ombros. – Eu tinha certeza de que bêbado seria pior do que costuma ser.
- É com esse idiota que a Andressa escolheu ficar – senti lamento em sua voz.
- Andressa? – Precisei pensar e agir rápido. – Quem é essa? Não conheço nenhuma Andressa! Conheço só a Carla, aquela loira gostosa ali que está dançando sozinha – aponte para uma garota na primeira fileira. – Também tem a Renata, olha o tamanho da bunda dela. Essa eu já comi e garanto que é uma égua na cama. Olha lá no outro canto, tem a Bruninha – uma das meninas mais queridas que trabalhavam para Cris. – O cabelo dela é pintado, mas não deixa de ser uma ruiva de respeito. Prefere morenas? Tem a Carla. Olha o cara feio em que ela está se esfregando – e era feio pra cacete. – Podia muito bem ser você. São essas as garotas que eu conheço, e são essas as garotas que estão aqui!
- Eu sei, eu sei – respondeu-me como se recobrasse a consciência para a realidade que nos cercava. – Você tem razão.
- Não ouvi – fiz-me de surdo com a mão em concha na orelha.
- Você tem razão!
- Ótimo! Mas em uma coisa é o André quem tem razão. Cadê o seu copo? Tira as mãos do bolso, porra!
- Puxei seu braço com impaciência. – Daqui algumas horas eu quero ver a seguinte cena. Em uma das suas mãos um copo com cerveja, e na outra mão os peitos de uma dessas gostosas. É isso que eu quero ver! Vai me mostrar?
- Veremos – riu timidamente e tentou desconversar.
- Não, não, não. Vai me mostrar? Se não me mostrar, vou acabar a festa agora mesmo. Desliguem o som, a festa acabou! Desliguem o som – escandalizei como aquelas vizinhas velhas, gordas e barraqueiras de novela.
- Tá, tá, tá – ele imediatamente baixou os meus braços. – Eu vou te mostrar.
- Assim que se fala – abracei-o.

- Você também já está começando a trocar os pés, né?
- Mas nunca de sexo! Aproveita, irmãozinho. Deixa rolar!

É, meus olhos já começavam a brilhar mesmo. Mas era exatamente desse gás que Rafael precisava. Se na sobriedade havia uma trava de segurança, então que bebesse para ativar os motores da sem-vergonhice. Peguei um copo cheio e lhe entreguei em mãos.

Se de um lado aceitou sem resistir, por outro bebeu como se fosse passarinho mendigando gotas d'água em uma bica quebrada, achando que iria me iludir. Fiquei atento, e quando ele levou o copo à boca de novo e mal tocou o beijo na cerveja, eu empurrei para cima e o forcei a beber mais. Admito que exagerei um pouco na força, foi sem querer. Parte da cerveja caiu no chão. “Filho da puta”, ele me xingou ao retomar a respiração e bater as mãos no ar para enxugar o excesso.

Mas se ele achava já ter visto tudo, estava completamente enganado. E pensando bem, por um lado era ótimo Rafael ainda estar sóbrio ou não ter se atracado com alguma das mulheres. Mal ele sabia que o seu lugar no céu estava reservado para aquela noite.

Dali um tempo começou um segundo show, com apenas uma garota. Mesmo sozinha, ela soube como arrancar assobios e esquentar o clima nas cuecas e calcinhas alheias. Um cara não se aguentou e arriscou entrar no círculo e agarrá-la ali mesmo. Impossível negar que aquele tipo de mulher sabia como deixar um sujeito louco. Uma morena de cabelos bem cacheados, barriguinha reta, pernas e bunda firmes. O salto a deixava alta e poderosa. Ainda levava um imenso dragão nas costas.

Ela deu um pouco de corda para o cara, passou as mãos por todo o seu corpo, tirou sua camiseta e jogou para longe, lambeu seu peito, passou pelos mamilos e foi descendo lentamente. Quando fez menção de abrir seu zíper para chupar seu pau, ela parou e se afastou, deixando-o de lado e esfregando-se em outro.

Era exatamente assim que funcionava. Elas não estavam lá à toa e ainda tinham o poder de escolher com quem se agarrar. Visivelmente sem graça e excitado, o primeiro cara voltou para o seu lugar. No caminho alguém lhe jogou a camiseta de volta. Olhar era de graça, o prazer preliminar também. Mas para algo mais, somente abrindo o bolso, pois para aquelas mulheres não passava de uma noite normal de trabalho. E quanto mais programas, menos eu desembolsaria para pagar a minha parte à Cris.

Foi na quarta apresentação da noite que aconteceu o que realmente me interessava. O círculo se desfez pelo tempo que levou entre um show e outro. Descolei um pouco de Rafael, mas deixei Renato grudado nele e conversando sobre coisas aleatórias, apenas para evitar que ele ficasse encostado na parede e com as mãos nos bolsos. E também seria bom os dois socializarem o máximo possível, pois Renato era um dos meus melhores amigos. Eles acabariam convivendo com o tempo.

Mais uma vez o círculo se abriu no meio da sala. Em nenhuma das vezes eu consegui chegar a tempo para descobrir como começava a movimentação toda, parecia uma roda punk. Só sei que começava e dava certo.

Apesar de a maioria já estar acostumada com festas libertinas, eu podia sentir que o ambiente era diferente. Não sei explicar, talvez fosse pelo fato de ter apenas conhecidos. Mesmo que eu, o anfitrião, não fosse familiarizado com algumas pessoas, havia algum amigo em comum que nos conectasse. Isso dava a nítida sensação de que a festa era em família.

Foram duas meninas no quarto show. Quando conversei com elas, muito antes do dia da festa, questionei sobre uma maneira delas esconderem suas identidades. “Máscaras, simples”, uma delas disse em um tom que me fez sentir um idiota. Então, sim, dei-me ao trabalho de comprar máscaras. Ainda fiz uma breve pesquisa na internet para descobrir a porra do nome de um estilo de máscara que eu achava muito elegante e que apimentaria o show, esteticamente falando. Senti-me uma bicha entendedor de moda com todos os detalhes.

Enfim, comprei duas máscaras venezianas de base branca e que cobriam o rosto inteiro. Uma levava adornos vermelhos e a outra, azuis. O importante de tudo foi que o pessoal gostou da ideia.

As duas começaram dançando juntas e passando a mão uma no corpo da outra. A de máscara azul era de pele morena e com um rabo que fazia o pau de qualquer homem da festa parecer pequeno. A outra, morena de cabelo, não era do tipo mulherão. Suas curvas eram simétricas e de tamanhos perfeitos. Entendam como uma bunda nem tão grande e nem tão pequena. Seios nem tão grandes e nem tão pequenos. Um corpo de tamanho perfeito. Por essa ser menor, parecia a todo o instante ser dominada pelos movimentos da outra.

Elas se alisaram por um bom tempo, como se ninguém lá estivesse com pressa de vê-las sem roupa. E foi justamente quando um cara gritou “tirem a roupa” que a de máscara azul caminhou até ele. Dançou e rebolou na sua frente, foi até o chão e subiu em movimentos lentos e sensuais. Sem muita cerimônia, já que o pedido estava na roda, tirou o sutiã e passou-o gentilmente no rosto do cara. Esse o agarrou com os dentes, enquanto estampava um sorriso de orelha a orelha.

Não sei quanto aos demais homens presentes, mas eu me arrepiei quando vi os seios da morena. As auréolas e os mamilos bem negros. Eu tinha uma tara absurda por negras. Imaginei-a de quatro em uma cama, enquanto eu puxava seus cabelos compridos e ondulados.

Assim que passou a se esfregar no homem seguinte, a morena segurou as mãos dele e as guiou para a sua bunda. Depois de muito rebolar, indicou com movimentos sutis para que ele mesmo tirasse sua calcinha. Quando ele se agachou e pôs-se de joelhos, ela passou uma das pernas por cima do seu ombro e o puxou em direção a si. Foi quase uma chave de buceta.

Enquanto uma já estava completamente nua e se esfregando de homem em homem, a de máscara vermelha seguia vestida e dançando sozinha no centro do círculo. Parecia em transe, como se a música invadissem seu corpo e não a deixasse mais parar. Eu já tinha visto uma cena parecida antes.

De repente, após dar inúmeras voltas, como se fosse uma roleta russa, a de máscara vermelha fixou sua atenção em apenas um homem. Dentre tantos que estavam lá, já muito curiosos e excitados pelos mistérios do seu corpo, apenas um homem foi o escolhido.

Rafael.

O que se viu daquele momento em diante foi uma verdadeira aula de sedução. Ela apontou o dedo para Rafael, lambeu-o e passou-o entre os seios. Um cara que estava ao seu lado direito lhe cutucou sorrindo como se dissesse “é com você que ela está falando”. E era com ele mesmo que ela estava falando. Não olhou para mais ninguém. Sequer havia lado. Ela fixou sua atenção em linha reta.

A cena ficou tão marcante e atiçou a curiosidade dos presentes que alguns nem notaram quando a segunda dançarina deixou o círculo. Eu fui um deles.

Acredito que a ficha demorou um pouco a cair na cabecinha do Rafael. Sem dúvida ele achava que era uma provocação normal e que dali um tempo ela faria o mesmo com outro cara. E é claro que todos lá pensavam a mesma coisa, pois os shows seguiram praticamente o mesmo script.

Mas não, o círculo estava enganado. Quando Rafael finalmente percebeu isso, notei que começou a ficar sem graça. Foi engraçado, sempre do seu jeito de quem não sabia para onde olhar. As primeiras reações, como de praxe, foram coçar a nuca e colocar as mãos nos bolsos. Diverti-me e acompanhei a tudo de camarote, pois estava logo ao seu lado.

A garota foi se aproximando aos poucos. Naquele momento me deu vontade de pedir aplausos a ela. Sabia dançar de uma forma extremamente erótica e sem parecer pornográfica. Isso sem dúvida causava ainda mais prazer a quem olhasse. Alguns passos mais e já estava colada em Rafael. Passou as mãos pelo seu corpo, deu-lhe as costas e esfregou-se de forma sensual. Ao virar-se de novo, ficaram cara a cara. Ela era mais baixa do que ele, mesmo usando salto.

O constrangimento emanado pelo jovem rapaz pareceu lhe servir de combustível. Ao notar sua falta de interação, a garota pegou suas mãos e colocou-as em seus seios, por cima do sutiã. Com uma vergonha que eu suspeitava ser do tamanho do universo, Rafael estampou no rosto um sorriso sincero e feliz, porém muito ressabiado com tanta plateia ao redor.

Àquela altura a máscara em seu rosto era muito mais do que apenas um mistério.

Quando de frente mais uma vez, ela levou as mãos de Rafael até a máscara, mas não fez menção de tirá-la. Seguiu com sua dança, rebolando o quadril de um lado para o outro com movimentos lentos. “Tira, tira, tira”, foi o que se ouviu em uníssono. Todos queriam ver seu rosto.

A maneira como ela o fez foi teatral. Levando em consideração o real propósito de todo o mistério – eu sabia de tudo, - acabou sendo muito mágico.

Ela mais uma vez se afastou de Rafael. Voltou lentamente para o centro do círculo e virou-se de costas para ele. Juntou suas pernas e permaneceu ereta, como se prestasse sentido a um ponto fixo. De onde estávamos não deu para ver, mas pudemos imaginar que estivesse também de braços cruzados.

Suas mãos foram até a máscara com um movimento sutil, contrastando com a maneira rápida e agressiva com que a tirou do rosto. A garota permaneceu de pernas juntas e de braços bem abertos, como se respeitasse a presença de uma cruz imaginária às suas costas. Pudemos ver a reação positiva dos que olharam seu rosto. Envolveu aplausos, punhos cerrados para o alto e até mãos na boca.

Mesmo que eu tenha programado tudo, a curiosidade começou a me corroer por dentro também. Queria saber logo como se daria o desfecho.

A garota jogou a máscara para um cara logo à sua frente. Pela lógica se pensaria que ele seria seu novo alvo. Errado. Ela caminhou lentamente para trás de novo, em direção a Rafael. Olhei diretamente para ele: seus olhos estavam fixos e atentos. As mãos de volta aos bolsos me fez pensar: onde diabos foi parar o seu copo?

Quando o alcançou, ela dançou colada em seu corpo e jogou seus braços para trás, em volta do seu pescoço. Mesmo envergonhado, acredito que ele possa ter pensado que seria vergonha ainda maior ficar o tempo todo com as mãos nos bolsos. De maneira meio destreinada, mas muito fofa, ele alisou a barriga e os seios da garota.

Hoje eu sinto que deveria ter filmado a expressão de Rafael no momento exato em que a garota se virou. Não há palavra no dicionário que descreva a cena e o quanto foi engraçada. Seus olhos pareceram duas bolitas.

A garota misteriosa a dançar para ele se chamava Dana.

## **5**

### **A primeira**

Mas me agradou de uma maneira estranha. Cris me avisara previamente do gênio forte da garota. Não era qualquer uma, não era uma mulher que se sujeitaria a sorrisos forçados caso se sentisse diminuída ou acuada com alguma coisa. Ela me passava uma sensação de segurança, como se fosse uma pessoa confiável no sentido de que sempre encontraria uma saída racional para todos os problemas. No começo achei estranho pensar aquilo em relação a uma garota de programa, mas logo em seguida percebi que estava sendo um filho da puta preconceituoso.

Era Dana.

Sim, a mesma garota na qual Rafael não tirou os olhos quando fomos à casa noturna. Sua reação foi ótima. Enquanto as pessoas em volta se mostraram satisfeitas com a beleza ímpar do seu rosto, Rafael franziu a testa e arregalou os olhos, tamanho era a sua surpresa. Em seguida pude observar um meio sorriso. Com certeza ele não acreditava no que via, mas não duvido de que realizou um pequeno sonho.

Dana respondeu com outro meio sorriso, como se milagrosamente compreendesse o significado do encontro. Com os braços em volta do seu pescoço, ela colou seu rosto no dele enquanto seguia dançando ao ritmo cadenciado da música. Rafael a segurou pela cintura e os dois permaneceram assim, juntos. A visão quase me fez perder a noção do que era real. Se excluísse toda a plateia sedenta por putaria, os dois seriam apenas um casal dançando e curtindo um momento a dois. “Que merda é essa?”, pensei.

Acredito que as pessoas em volta esperavam muito mais da bela apresentação. Todo o mistério serviu para apimentar a dança e atizar a curiosidade. No entanto, Dana não mostrou absolutamente nada. Entrou e saiu do círculo sem tocar em uma única peça de sua roupa. A sensação devia ser de assistir a filmes soft porn, onde as partes íntimas não aparecem e sequer há penetração. Tudo um teatro ridículo que não satisfaz porra nenhuma.

Para terminar sua participação, Dana deu um longo beijo em Rafael. Foi bonito de se ver, quase lírico. Confesso que mais uma vez, por um momento, esqueci que se tratava de uma garota de programa. Podia muito bem ser cena de filme. E eu me assustei de novo por romantizar a putaria.

Após o beijo, Dana piscou para Rafael, agradeceu ao restante da plateia e retirou-se. Pude ouvir alguns reclames por ela justamente não ter mostrado nada, afinal, teoricamente estava lá para isso. Mal sabiam que ela estava apenas respeitando algo previamente combinado.

Rafael não tirou os olhos de Dana até que sumisse no meio das pessoas. E mesmo que ela tivesse sumido, ele seguiu olhando para ver se conseguia encontra-la, nem que fosse para admirar por mais alguns segundos. Não tenho bola de cristal, mas tenho certeza de que tudo o que ele quis naquele momento foi correr atrás dela. E como eu o conhecia muito bem, não seria para pedir por mais um beijo ou por uma noite de sexo animal. Seria para se apresentar e pedir por algum número de telefone.

Enquanto ele ainda apresentava expressões de surpresa e de quem tinha a cabeça nas nuvens, eu me aproximei satisfeito e com um sorriso enorme de realização.

- O que achou?! – Dei-lhe um tapa nas costas.
- Inacreditável – sua voz foi quase um sussurro.
- Gostou da surpresa?
- Era ela mesmo? Consegui descobrir quem era? De onde ela é? – Notem o tamanho da euforia.
- Óbvio que consegui! O nome dela é Dana. E adivinha?
- O quê? – Agarrou-se em meus braços.
- Trabalha para a Cris. Ou seja, o acesso a ela não vai ser tão complicado futuramente.
- Ah! – Ele gritou para desabafar toda a euforia contida em seu corpo. – Cara, ela é demais. Viu o beijo que ela me deu? E aquele rosto. Que rosto lindo!

- Ora, rosto lindo – que mania ele tinha de ser tão romântico. – Viu o corpo dela também, né? Não me decepciona.
- Sim, claro que vi. Mas o diferencial dela é o rosto. É tão angelical que me faz esquecer que ela é garota de programa. Entende o que quero dizer?
- Te entendo. Também tive essa impressão por um momento. Mas o importante de tudo é você ter gostado. Gostou? – Óbvio que sim, mas estava ansioso para ouvi-lo falar.
- Foi perfeito! Não tenho como agradecer esse presente – afirmou ao me dar um abraço apertado.
- Não precisa agradecer. Estou apenas retribuindo o carinho para o cara que dividiu comigo o seu lanche.
- Imagina o que vou ganhar quando te levar a um buffet livre – brincou.
- É, teria que pensar em um presente ainda melhor – nenhum presente seria melhor do que o que ainda estava por vir. – Mas a festa continua, Rafa! Ela se foi, mas tem mais mulher por aqui!

As coisas estavam dando certo, como se os encaixes fossem perfeitos para mover a engrenagem toda. A sensação de missão cumprida elevou demais o meu astral. Notei logo de cara que Rafael se desfez da sua fantasia de porta. Tirou as mãos dos bolsos, arriscou beber um pouco mais de cerveja e conversou com Renato com um sorriso sincero e espontâneo. Ele estava muito, muito feliz.

Talvez feliz de uma maneira que não ficava há mais de dois anos.

Eram quase duas horas da manhã quando verifiquei o relógio no alto da parede da sala. Mesmo com todo o clima festeiro, fui invadido por pensamentos carregados negativamente ao observar os ponteiros. Perguntei-me o que Paula estaria fazendo a uma hora daquelas. Provavelmente também estaria em uma festa, só que um pouco mais elitizada, de mãos dadas com um velho ricoço e cheia de sorrisos simpáticos para pessoas igualmente endinheiradas, como se fizesse parte daquele mundo de aparências douradas.

Consegui unir forças para voltar do devaneio quando lembrei que mais tarde ela estaria na cama com aquele coroa chamado Fernando. Isso me irritou de uma maneira que eu não podia me permitir sentir. Eu ainda tinha coisas importantes a fazer para perder tempo me preocupando com a Paula.

Primeiro, sumi da vista de Rafael. Deixei-o seguro e distraído com Renato, que estava totalmente a par do seu papel. Fui pedindo licença e cavando passagens por entre as pessoas até conseguir chegar ao meu quarto. Antes da festa começar eu havia deixado a porta trancada com uma folha colada com os dizeres: “a festa não é aqui, cai fora”.

Como eu jamais poderia subestimar a capacidade de um bando de bêbado, a maioria sem noção entre certo e errado, entrei com cuidado e verifiquei a situação lá dentro. Cama arrumada, ambiente vazio, silêncio e, acima de tudo, perfumado. Um perfume cítrico, mas suave. Gostei.

Entre sem fazer muito barulho e certifiquei-me de que ninguém havia me seguido, especialmente Rafael. Senti-me um idiota ao fechar a porta com cuidado e delicadeza, achando que algum mero ranger de dobradiças fosse vencer o som alto que vinha da sala. Não dei um único passo além da porta, como se o meu próprio quarto fosse um lugar proibido.

Era o meu quarto. Eu estava liberando o meu quarto para que outro cara fodesse na minha cama. “Rafael, é bom você dar conta”, pensei.

“Tudo pronto?”, perguntei para o vazio. Quem visse me chamaria de esquizofrênico ou paranormal. De dentro do banheiro, ao fundo na parede da direita, ouvi um sim como resposta.

- Já posso chamá-lo? – Perguntei. A resposta não foi imediata.
- Me dá mais dois minutinhos – foi um pedido seco e indiferente.
- Podemos trocar uma ideia antes?
- Claro – respondeu-me agora de imediato, com uma voz sedutora e ao mesmo tempo fria.
- Não quero te ensinar como fazer o seu trabalho – mas já ensinando. – Acontece que é um presente de aniversário e eu quero que tudo saia perfeito.
- Eu sei – respondeu-me com uma concentração que imaginei que estivesse passando batom ou alguma maquiagem nos olhos. – A Cris comentou.
- Que ótimo – sorri para a porta do banheiro, de onde a única coisa que eu via eram os reflexos da luz.
- Eu sei como funcionam os programas e as relações entre os clientes e vocês. Não passa de uma aproximação profissional.
- Vá direto ao ponto – pediu-me, seco de novo.
- Gostaria que essa noite fosse inesquecível para ele. Eu sei que é ridículo pedir uma coisa dessas, mas eu gostaria que hoje ele sentisse um pouco de carinho. Carinho e desejo de mulher. Entende o que quero dizer?

Não houve resposta, e pelo tempo que durou o silêncio – a única coisa a retumbar em meus ouvidos era a música da sala que fazia tremer as paredes, - achei que fosse ficar no vácuo por toda a eternidade. Mas qualquer que fosse o motivo, como concentração na maquiagem ou necessidade para pensar, houve uma resposta.

- Entendo. Pode deixar que eu sei exatamente o que tenho que fazer.

Normalmente aquele tipo de atitude me irritaria. Havia uma certa arrogância em sua voz, como se ela aceitasse me ouvir só porque estava recebendo por isso. Do contrário, me mandaria tomar no cu e não aceitaria que metessem o bedelho em seu trabalho.

Mas me agradou de uma maneira estranha. Cris me avisara previamente do gênio forte da garota. Não era qualquer uma, não era uma mulher que se sujeitaria a sorrisos forçados caso se sentisse diminuída ou acuada com alguma coisa. Ela me passava uma sensação de segurança, como se fosse uma pessoa confiável no sentido de que sempre encontraria uma saída racional para todos os problemas. No começo achei estranho pensar aquilo em relação a uma garota de programa, mas logo em seguida percebi que estava sendo um filho da puta preconceituoso.

Eu tinha como parâmetro a doçura e insegurança que Paula demonstrava para mim. E também outras garotas que se sujeitavam a qualquer coisa por um punhado maior de dinheiro, incluindo humilhações morais – percebam que ser garota de programa não é uma humilhação mortal. Se discordar, você é um bosta.

É claro que àquela altura eu não a conhecia para fazer tantas conclusões. Como eu disse, não passou de impressões que consegui captar nas poucas palavras que trocamos.

Ao compreender que não precisava dizer mais nada, pois se dissesse corria o risco de criar uma inimidade instantânea, pedi licença – dentro da minha própria casa – e saí do quarto. “Quem é essa garota?”, pensei ao perceber que eu estava instintivamente recuando, como se ela oprimisse o cara sem precisar abrir a boca.

Que mulher foda, já podia prever.

Então, estava na hora. Saí dali e entrei na porta logo em frente, que era o quarto de hóspedes. Muito diferente da organização e perfeição que estava o meu quarto, esse estava de pernas para o ar. Maloquei todos os objetos e móveis frágeis lá para evitar maiores transtornos. Peguei o celular e mandei uma mensagem para Rafael: “Me encontra no meu quarto, agora. Tenho uma coisa para te mostrar”.

Ficar de ouvido na porta do quarto de hóspedes não iria me ajudar em nada, pois a música estava muito alta. Precisei deixar uma fresta aberta para ter uma visão do corredor, mesmo que parcial. O importante foi conseguir visualizar a porta do meu quarto.

Após alguns minutos de espera, Rafael apareceu. Típico de sua irreparável educação, bateu três vezes e esperou um tempo que pareceu eterno para mim, e isso me deu uma agonia ainda maior. Ao perceber que ninguém responderia, ele desistiu e entrou. Esperei mais alguns segundos e saí do quarto de hóspedes de novo com a mesma cautela para fechar e trancar a porta.

Naquele momento eu tive que me contentar em somente encostar o ouvido na porta e concentrar-me para perceber os sons que vinham de dentro do meu quarto. Precisei esquecer a música alta que vinha da sala e as incontáveis vozes que invadiam o corredor até onde eu estava. A princípio, nada. Nenhuma voz, nenhum ruído, nenhum passo, simplesmente nada.

Fechei os olhos para aumentar o poder de concentração. Quando consegui me ausentar da festa e dos sons ao meu redor, para a minha suprema infelicidade, fui surpreendido por um tapa nas costas. Mesmo não sabendo de quem era e do que se tratava, irritei-me na mesma hora por inúmeros motivos. Primeiro, odiava levar susto. Segundo, o tapa foi forte, e eu odiava brincadeiras do tipo. E terceiro, a pior pessoa do mundo escolheu o pior momento do mundo para aparecer na minha frente.

Era André, já mais bêbado do que antes. Um pé de cana em pessoa. Engoli seco, enquanto meus olhos arderam de ódio.

- Era a minha deusa – gritou a plenos pulmões. – Era ela, eu tenho certeza!
- Não grita, porra! – Empurrei-o em direção à festa, o mais longe possível da porta. – O que você quer? De quem você está falando?
- A que dançou agora – ele se apoiou em meu ombro. – É namorada do Rafael? Eu a quero para mim, agora! Tem que ser agora – gritou como uma criança birrenta.
- Fica quieto, não grita – tapei sua boca com agressividade por quase perder a paciência.
- Me diz cadê ela, por favor – sua voz era quase chorosa. – Minha deusa, cara! Eu preciso conhecer.
- Já foi embora – não tinha outra coisa a dizer. – Ela cobra muito caro, não tive dinheiro para pagar a noite toda.
- Não acredito – lamentou ao deitar a cabeça em meu peito. – Não a-cre-di-to! Perdi a maior chance da minha vida. Por que você não nos apresentou? Achei que fôssemos amigos, cara – aquele teatro todo estava me irritando ainda mais.

- Eu desconfiei que fosse ela, então te procurei antes que fosse embora. Não deu tempo, foi mal. Mas eu tenho o contato dela, amanhã posso te passar. O que me diz?
- Jura? – Efusivo, agarrou a gola da minha camiseta. – Vou cobrar!
- Juro. Agora preciso que você...
- Você é o cara! – Interrompeu-me. – Quem é o cara? Quem é o cara? Ele é o cara! Aplaudam de pé, senhoras e senhores!
- Não grita – empurrei-o um pouco mais para perto da sala. – André, escuta. Eu convidei uma garota para me encontrar aqui no quarto. Daqui a pouco ela deve aparecer. Preciso que você saia daqui o quanto antes, senão vai intimidar a menina.
- Ah, saquei – abriu um sorriso pesado. Sua bebedeira era tanta que ele deixou cair um filete de baba ao falar, além de mal conseguir fixar os olhos em mim. – Garanhão! Assim que eu gosto de ver. Vou dar uma volta então, tentar convidar uma para vir aqui comigo também.
- Ótimo, faz isso – ele seria fuzilado se pisasse com o dedão no meu quarto. – Agora cai fora, aproveita a festa.

Mala, mala, mala. A cada berro que ele dava aumentava minha vontade de dar um soco em sua cara. Precisei me conter e procurar dentro de mim uma paciência que eu não sabia que existia. Se bater em bêbado já seria covardia, em André também seria chato devido ao laço em comum que tínhamos com Andressa. Mas ele que não abusasse, pois se insistisse um pouco mais em ser chato, nada me impediria de lhe expulsar da festa aos pontapés.

Quando finalmente me livrei do infeliz, voltei rápido para a porta e encostei o ouvido.

Cheguei em tempo de ouvir Rafael chamar pelo meu nome. Desconfiado e medroso como era, ainda não tinha sequer se afastado da porta. Era possível perceber que ele estava muito perto. Imaginei o que poderia estar passando pela sua cabeça ao ver o quarto todo arrumado e perfumado.

Também pus a imaginação para funcionar quando consegui ouvir, lá no limite do quase inaudível, o que seria uma porta batendo. Era certamente a porta do banheiro. Talvez Dana tivesse saído ao perceber a chegada do cliente.

Apertei os olhos, como se isso fosse aumentar meu poder de concentração. Também apertei o ouvido contra a porta a ponto da minha orelha ficar quente, dolorida e provavelmente vermelha.

Não foi claro como usar fones de ouvido, mas consegui decodificar tudo o que ouvi.

- Tudo bem? – Pela distância da voz, Dana ainda estava próxima da porta do banheiro.
- Tu-tu – Rafael gaguejou, como sempre. – Tudo. E você?
- Ótima – pela doçura na voz, estava sorrindo. – Estava te esperando, achei que não viesse mais.
- Leonardo me disse para encontrá-lo aqui. Mas daí encontro você assim.
- Assim como? – Voz provocativa, gostei.
- Assim, como você está. Semi – uma pausa, - quase – outra pausa, - nua. – Também gostei da descrição e fiquei imaginando como ela estaria vestida.
- Não gosta?
- Não. Quer dizer, não, eu gosto – pronto, ficou nervoso. – Sim, sim, eu gosto. É claro que eu gosto. Quem não gostaria, né? Só fiquei surpreso.

- Mas acho que está calor para tanta roupa – senti sua voz se aproximando aos poucos, o que me indicou que estava caminhando em sua direção.

- Ju-jura? – Tenho certeza de que ele estava coçando a nuca. – E pensar que lá fora está frio. Vai entender. Mas eu também estou sentindo um pouco de calor, mesmo. É, está bem calor. Não sei se lá fora está melhor, apesar do frio. Vai saber.

Com tanta explicação inútil e desajeitada, Dana teve uma reação que acreditei ser compreensível para a ocasião. Ela riu.

Sim, Dana caiu na risada. Acredito que por sua experiência de conhecer homens cheios de confiança e homens mais tímidos, ela tenha se surpreendido por encontrar alguém como Rafael, o ser humano mais inocente e atrapalhado do mundo quando ficava nervoso.

Mas entendi que a sua risada não era debochada ou com a intenção de humilhá-lo. Acredito que depois ele também percebeu o mesmo.

- Desculpa – ela disse ao retomar a respiração. – Não consegui segurar.

- Qual foi a graça? – Ele estava se sentindo um idiota, tenho certeza.

- Você! – Ela voltou a rir, mas de uma maneira carinhosa, entendem? – Estou me insinuando e você fica aí parado, dando explicações e falando do tempo.

- Ah, isso. Foi mal – é, ele estava se sentindo um idiota.

- Não, está tudo bem – sua voz era doce e compreensiva. – Esse nervosismo todo é por você ser virgem – uh, que sinceridade. – Eu entendo.

- Já te contaram, então. Eu sei que é vergonhoso – afirmou desanimado.

- Não! – Ela saltou para responder, como se quisesse reparar um erro. – Não falei com essa intenção. Estou comentando porque achei bonitinho. Por isso estou rindo.

- Ah, claro – ceticismo era a sua marca. – É muito bonitinho.

- Verdade – mais doçura na voz. Questionei-me se Rafael possuía uma aura diferente ou se ela era comprometida com o trabalho daquela maneira. – É algo raro de acontecer. Achei – pausou, - fofo.

- É, mas é algo que me incomoda demais. É patético – pena de si mesmo, quando isso ia acabar?

- Mas por que você ainda é virgem? Digo, nunca se interessou antes?

- Claro que sim. Mas eu sou travado.

- Já sei. Você faz o tipo tímido, talvez um pouco romântico – que porra de psicologia era aquela? Revirei os olhos, já impaciente com tanta ladainha.

- Sou muito, e esse é o problema.

- Problema por quê?

Ah, não, só um pouquinho! Eu não corri a semana inteira, gastei minha lábia e aproveitei-me do carinho privilegiado da Cris, além de também abrir o bolso, para que os dois ficassem de conversinha fiada sobre personalidades introvertidas e coraçõezinhos românticos.

Tive que agir. Antes que Rafael pudesse responder e palestrar sobre as lamúrias da sua vida, mandei uma mensagem para o seu celular: “Muito papo, pouca ação. Vai logo!”.

Esqueci completamente o fato de que eu estava xeretando a vida alheia e que não teria como eu saber que os dois estavam de papo se eu não estivesse justamente xeretando a vida alheia. E Rafael não era burro, obviamente.

Não deu cinco segundos e vi a porta se abrir à minha frente. Quase caí quando perdi o apoio, de tanta força que estava fazendo para ouvir a conversa. Rafael abriu somente o suficiente para colocar a cabeça para fora e olhar para baixo.

- E aí, tudo certinho? – Sorri forçado como uma criança que sabia que estava fazendo arte.
- Você, hein – disse com os olhos semicerrados.
- Rafa – pus-me de pé, - cala essa boca e agarra a garota de uma vez. É a Dana! Já percebeu isso? Ela não veio aqui para vocês tricotarem segredinhos sobre o amor e o universo paradoxal da vida humana nas galáxias governamentais no sentido inverso do problema matemático filosófico da existência! – Quase fiquei sem ar.
- Eu sei, é que...
- Não interessa – interrompi de maneira mais ríspida, mas cuidando para não levantar a voz e ser ouvido por ela. – Fecha essa porta, e principalmente a boca. Aproveita que esse é o seu momento. Vai lá – empurrei-o pela fresta.
- Então, sai da porta. Cai fora daqui. Não vou me sentir à vontade.
- Justo, justo – recuei mostrando a palma das mãos, como se reconhecesse alguma culpa. – Não estou mais aqui, você nem me viu e ouviu falar de mim. Mas não me decepciona!
- Tá, tá, tá – concluiu gesticulando para que eu fosse embora logo.

Tornou a fechar a porta. Embora a minha vontade de ficar ali ouvindo fosse gigantesca, tive que sair. Não podia sacaneá-lo. Querendo ou não, era um momento de intimidade dele, ainda mais em se tratando da Dana. O mínimo que podia fazer era respeitá-lo.

Eu nunca soube o que aconteceu na minha cama naquela noite. Juro que ele não me contou. Fiz inúmeros questionamentos e tudo o que ouvi foram respostas monossilábicas e evasivas. Fiquei curioso, mas não o pressionei para que abrisse o jogo.

O que quer que tenha acontecido, pelo menos ele me garantiu que havia gostado. E ainda me agradeceu da melhor maneira possível. Mandou-me uma mensagem por celular: “Obrigado por tudo. Eu te amo”.

Ao colocar a cabeça no travesseiro, quando os primeiros raios de sol já invadiam as frestas da janela, tive uma sensação de alma lavada. Não faria o mesmo tipo de esforço por mais ninguém no mundo. Apenas Rafael merecia. Era um menino de ouro.

## **6**

### **Por uma noite**

Coloquei-a apoiada de frente para a parede da casa. Suas mãos encontraram apoio no alto, do jeito que eu gostava, como se estivesse amarrada. Baixei um pouco mais as minhas calças para ter melhor movimentação. Sem dificuldade alguma, ela baixou as suas de abrigo e empinou aquele rabo maravilhoso. Ficou na ponta dos pés, coluna arqueada para frente e olhou-me de canto de olho, pedindo para que eu metesse o mais forte que eu podia.

Preciso comentar sobre os resultados? Os frutos colhidos foram os melhores possíveis. No domingo pós-festa daquele final de semana, Rafael me ligou umas três vezes só para falar do ocorrido. Como eu disse, ele não entrou em detalhes sobre a transa. Por mais que eu o questionasse de diversas maneiras diferentes, não consegui arrancar nenhuma informação. O que ele queria era somente demonstrar a sua alegria para alguém. Estava em estado de êxtase, parecia tão cheio de euforia que precisava extravasar.

Ouvi todos os relatos superficiais com muita alegria e paciência, pois um dia eu também estivera em seu lugar. Pesquisei em minhas lembranças e cheguei à conclusão de que não o via tagarelando daquela maneira há muito tempo. Além disso, parecia um papagaio limitado a apenas uma pergunta: quando iríamos de novo. Houve uma pequena evolução quando ele mudou a pergunta: quando eu o levaria pessoalmente na casa da Cris.

Pedi-lhe calma, pois as coisas não podiam andar tão rápido assim. Minha relação com a Cris era das melhores possíveis, mas funcionava como eu já havia lhe falado sobre as classes anteriormente. Não dava para abusar e querer atropelar certos processos evolutivos. A Cris gostar de mim não significava que iria gostar dele e aceitá-lo como um dos seus. Por isso precisei fazer com que ele lembrasse de certos limites. E ter paciência, muita paciência.

Também foi gratificante perceber as mudanças que ocorreram por tabela, apesar de ter precisado frear algumas. Na segunda-feira, no trabalho, chamei-o em um canto para ter uma palavrinha. Ele ainda estava um pouco eufórico, e mesmo esse pouco já era o suficiente para que seu comportamento mudasse da água para o vinho. De um cara desanimado e caricato no ambiente de trabalho para um sujeito falante, feliz e disposto a transformar os piores dias em nuvens rosas e arco-íris.

Nossos colegas de sala não precisaram nem de uma manhã inteira para estranharem a alegria exagerada. Para não levantar quaisquer suspeitas – talvez já fosse tarde demais para isso, - tive que pedir para que ele baixasse um pouco o ritmo frenético. Eu compreendia toda a emoção, afinal, foram anos de espera e depressão em função de uma necessidade tão básica do ser humano. Transar pela “primeira vez”, principalmente depois de já ter passado pela adolescência, era mesmo algo a se comemorar.

Parecia que Rafael havia levado um choque de alta voltagem. Além de acordar para a vida, entorpeceu-se de tanta felicidade. Uma felicidade quase que plena para aquela altura da vida. Felizmente isso não o impediu de seguir ouvindo os meus conselhos de irmão mais novo, porém mais experiente. Ele reconheceu que poderia estar passando dos limites em frente a pessoas que não tinham nada a ver com a sua vida pessoal.

O resultado? Ele voltou a vestir a máscara da falsa alegria para os outros. A diferença é que eu sabia que existia alegria de verdade dentro dele.

Apesar dos incessantes questionamentos, não levei Rafael a nenhum tipo de promiscuidade por pelo menos duas semanas. Juro que não foi nada planejado, mas veio a calhar. Eu estava atolado com a faculdade e não tinha muito tempo para me dedicar aos estudos durante a semana por causa do trabalho e por participar de reuniões entediadas da empresa até altas horas da noite – meu pai me

obrigava a marcar presença, mesmo que eu passasse o tempo todo calado. Precisei dos finais de semana para não me ver em maus lençóis quando terminasse o semestre.

Inclusive, recebi ligações da Cris querendo saber do meu paradeiro. Quando eu comentava da minha forte e sincera amizade com ela, alguns não alcançavam o significado real da coisa. Às vezes eu brincava que ela parecia uma namorada grudenta que queria atenção o tempo todo, telefonava para saber de todos os passos e já se preocupava com paranoias se não obtivesse respostas. Ela rebatia com uma de suas risadas forçadas e escandalosas, dizendo para eu me colocar no meu lugar porque eu era só mais um em sua vida.

Naquela sua ligação, pedi desculpas pelo sumiço e reiterei que estava precisando de um descanso para a cabeça. Uma espécie de retiro para buscar o autoconhecimento. “Autoconhecimento é o meu cu”, ela reclamou. O lado bom do sumiço, além de sossegar o faixo, foi que deu tempo de Rafael também baixar a sua adrenalina. O lado ruim foi que o entusiasmo pareceu acumular com o passar dos dias, até ele não aguentar mais e resolver me pressionar.

E ele estava inconformado.

- Você não está mais indo lá porque precisa estudar, só que durante a semana você as encontra!

Estávamos em minha sala, eu sentado e ele de pé em frente à mesa, com as mãos apoiadas.

- Cara, não é encontro – mantive sempre a lucidez. – Eu sequer toco nelas e mal entro na casa, tanto que esses dias a Cris me ligou para cobrar que eu não tenho mais aparecido. É aquilo que eu já te expliquei. Às vezes, quando posso, levo e busco algumas no cliente, especialmente a Paula.

- Eu sei disso – lamentou ao baixar a cabeça por um instante. – Mas você precisava se afastar justo agora que me mostrou tudo?

- Eu entendo esse seu imediatismo, também passei por isso. Mas te peço paciência, preciso mesmo estudar. E você também! Não fica só com isso na cabeça agora. Não esquece de viver outras coisas e principalmente de suas responsabilidades.

- Não esqueci, mãe – zombou. – Acontece que é algo tão bom. Me sinto bem, entende? Livre!

- Era exatamente isso que eu queria quando o levei à casa noturna e armei toda aquela festa surpresa. Mas por ora, não posso continuar com o plano de te inserir nesse meio. Peço um pouquinho de paciência. Enquanto isso, posso te dar uma dica básica, já que a sua aflição é tão grande assim e você ainda parece meio tapado.

- Qual? – Ansioso, puxou a cadeira e sentou.

- Se está com tanta vontade assim, liga para lá. É uma casa de massagem como outra qualquer. Tem site, fotos das meninas, telefone e acho que até e-mail. Entra em contato e agenda um horário. É muito cedo para conseguir de graça, mas posso conversar com a Cris e tentar com que ela faça mais barato.

- Só queria a Dana de novo.

- Então, telefona – tentei incentivar. – São tantas opções. Você pode ser atendido lá ou em casa, pode alugar um quarto de motel, uma garagem, enfim.

- Tenho uma ideia muito melhor – afirmou com um sorriso malicioso.

- Hm?

- Lá em casa é impossível, na casa de massagem prefiro ir com você primeiro, e não tenho carro ou moto para levar uma delas a um motel. Então, a solução é você me emprestar o seu apartamento!

Como se eu já não tivesse imaginado a possibilidade.

- Ih, nem rola – apoiei-me na cadeira e relaxei.
- Ah, por que não? – Surpreendeu-se com a minha negativa.
- Não dá, cara. Vai que minha namorada pega vocês lá.
- Ah, vai se foder – jogou-me uma caneta ao ver que era piada. – Você não tem namorada.
- Ué, mas posso vir a ter.
- Qual é, corta essa! Estou falando sério.
- Eu sei, eu sei – coloquei a caneta de volta no lugar e sentei normalmente na cadeira. – É claro que empresto o apartamento. Mas tem que me prometer que vai manter a ordem e jamais usar o meu quarto de novo. Para a sua primeira vez tudo bem, mas daqui para frente, use o quarto de hóspedes.
- Onde eu assino? – Ele pegou a mesma caneta e fingiu assinar um papel imaginário.
- Ótimo – sorri, pois sua alegria me fazia bem. – Eu tenho uma cópia da chave de casa, depois te passo.

Se eu não podia ajudá-lo pegando em sua mãozinha e levando-o até a casa da Cris, eu pude pelo menos telefonar para ela e tentar negociar um preço razoável. Chamou umas dez vezes e compreendi na mesma hora que ela queria me dar um gelo, coisa de birra, pois nunca ficava longe do celular por nada.

Percebi que a birra era maior do que eu imaginava quando ela fez corpo duro para ceder ao meu pedido. Não era algo que lhe faria muita diferença no final de uma semana de arrecadações com os programas, mas acredito que ela queria que eu pensasse para convencê-la. Queria carinho, em outras palavras.

- Só me liga quando precisa pedir alguma coisa, né? – Acusou-me de maneira teatral. – Para me dar carinho e saber como estou, nunca!
- Nossa, como você é mentirosa. Fico até ofendido assim. Vou desligar o telefone, então.
- Experimenta fazer isso – era muito amor por mim. – É que você sabe que fico com saudade. Me sinto abandonada quando você desaparece assim.
- Mas você é sempre rodeada de gente importante e melhor do que eu para se distrair. Duvido que eu faça tanta falta assim – um pouco de cu doce não caía mal.
- Você sabe que faz. Há coisas que só confio a você e mais ninguém. Às vezes fico sem ter com quem conversar.
- Tá, peço desculpas então. Já que ando meio ocupado para estar presente fisicamente, prometo pelo menos telefonar para dar oi e ver como você está.
- Ótimo, vou adorar – animou-se. – E você sabe que não sou só eu que sinto a sua falta, né?
- É, mas ela também não me telefona – coloquei-me na defensiva. – Prefere ficar fazendo programa com os clientezinhos ricos dela. Eu é que não vou ficar correndo atrás.
- Ué, deu para ter ciúmes da Paula agora? Nunca foi disso.
- Não é ciúmes – será que não? – Estou apenas me dando o valor.
- Mas às vezes ela pergunta de você – ela seguiu no assunto porque sabia que eu me interessaria.

- É? – E eu mordi a isca. – E o que ela diz?
- Que sente saudade, que a transa de vocês é ótima, essas coisas. Mas pelo amor de Deus, não diz que te contei! Isso é segredo que as minhas meninas têm comigo.
- Relaxa – senti meu ego inflar um pouquinho. – Mas eu telefono para ela qualquer dia desses então, para matar a saudade. Enquanto isso, vai fazer esse favorzinho que te pedi?
- Você está me pedindo para baixar o preço da menina mais nova e mais cara que eu tenho aqui na casa. Tem pipocado cliente antigo querendo comprar horários fixos, e por enquanto eu rejeitei todos por causa do baixo valor oferecido. Tem ideia do que significa uma coisa dessas?
- Tenho total ideia, por isso só peço esse tipo de coisa a você.
- Não vem como esse papinho batido de exclusividade, não cola mais. Sei que você também anda frequentando outras casas. Pensa que sou idiota? Eu sei das coisas, meu filho. Não nasci ontem para ser enganada por um franguinho como você, não.
- Isso nunca foi segredo para ninguém. Estou apenas expandindo meus contatos, mas sem jamais esquecer daqueles que me estenderam a mão primeiro – falávamos em tom de zombaria, mas sempre com muito carinho como pano de fundo.
- Nesse caso, eu, espero!
- Sempre você. Então, o que me diz?
- Ai, Leo, é complicado – seguiu com o jogo de resistência. – Eu sequer conheço esse seu amigo. Se fosse para você, não pensava duas vezes. Mas negócios são negócios.
- Não é para mim, mas é um pedido meu – jogo de palavras. – Eu nunca te peço nada, você sabe disso. Quando peço é porque é realmente importante. E você não o conhece agora. Ele vai começar a andar mais comigo, vou levá-lo nas festinhas que tem aí, vai frequentar comigo todos esses locais que a gente vai. Acredite, com o tempo você vai me trocar por ele. Anota.
- Meu bem, me recuso a ficar enchendo a sua bolinha, mas para trocá-lo por outro, o sujeito tem que ser muito bom mesmo!
- Vai por mim – afirmei rindo. – Se tem uma pessoa que eu coloco a mão no fogo, essa pessoa é o Rafael. Pensa como um investimento a longo prazo.
- Mas era só o que me faltava! – Imaginem uma mulher rodando nas tamancas. – Agora quer me dar aulas de como gerir o meu negócio.
- Não, presta atenção. Estou falando sério, eu vou inseri-lo nesse meio. Vou fazer com que você se apaixone por ele, assim como é por mim.
- Não exagera – disse em desdenho. – Eu simpatizo com você, nada além disso.
- Você me ama, essa é a verdade. E se você abrir o coraçãozinho, também vai amá-lo em breve. Vai ter dois caras que te admiram e respeitam jogados aos seus pés.
- Ah, tá – ela caiu na risada.
- Que outra cafetina da sua concorrência tem dois fiéis escudeiros? Tudo o que eu faço hoje para te ajudar, ele também vai poder fazer.
- Você não faz tanta coisa assim. Baixa essa bolinha.
- Dois quebra-galhos sem gastar um único centavo.
- Quebra-galhos – indagou ao pensar nas possibilidades.
- Sim. Seguido você quer oferecer jantar aos seus clientes mais endinheirados. Quem vai ao mercado fazer todas as compras? Quem assa churrasco para quando você quer um final de semana de folga com as garotas? Quem leva suas meninas para cima e para baixo quando não tem opção? Quem empresta os ouvidos quando você precisa de companhia? Quem...

- Tá, tá, tá – interrompeu-me. – Esqueci que você era bom de lábia. Vai ver foi por isso que me conquistou.
- Foi exatamente por isso que te conquistei – sorri pelo resultado. – Alguma vez dei motivos para não confiar em mim? Jamais apresentaria a você alguém em quem não confiasse. Vou inclusive liberar o meu próprio apartamento para ele fazer os programas.
- Está bem, você venceu. Vou conversar com a Dana sobre isso.
- Essa é a Cris que eu conheço – comemorei.
- O que eu não faço por você – lamentou ironicamente por se permitir ser tão amarrada a alguém. – Deixo até de ganhar dinheiro para atender a um pedido seu.
- O carinho é recíproco – e sem dúvida era.
- Mas não some! Você vem aqui buscar as meninas e sequer entra para me dar oi.
- Tá, prometo que não faço mais isso. Agora preciso trabalhar, querida. Beijos.
- Beijos, querido.

Mais uma missão cumprida. As coisas com a Cris não eram difíceis porque eu sabia os limites que eu podia ou não avançar. E eu saber desses limites e do meu devido lugar em determinadas circunstâncias foi o princípio de tudo, foi como ela começou a me enxergar com outros olhos. O segundo passo foi quando ela reconheceu que a minha maneira de ser era sincera, e não apenas um teatro para conquistá-la. Por isso ela reclamava e fazia uma ceninha, mas sempre cedia aos meus desejos, que eram poucos, diga-se de passagem.

Dentro de um tempo eu tinha certeza de que não precisaria mais intervir . Rafael logo teria os mesmos privilégios que eu tinha. Claro, contanto que ele se comportasse da maneira correta, coisa que realmente não me preocupava. Se eu havia caído nas graças dela, impossível que ele não caísse também. Seria um preconceito carimbar que a Cris só gostava de promiscuidade e de homens safados só porque era dona de uma casa de massagens. Como todas as pessoas do mundo, em seu íntimo, tudo o que ela queria era estar cercada de pessoas confiáveis, amáveis e carinhosas. E Rafael, bem, ele tinha isso de sobra.

Sua alegria foi imensa quando lhe dei a notícia. Uns dias depois do telefonema a Cris me ligou de volta para dizer que o meu pedido já estava em vigência, e com um bônus: Rafael teria uma atenção especial de qualquer menina que pedisse e pela metade do preço. Qualquer menina, não somente a Dana. Poderia dizer que não soube o que a motivou a dar mais do que eu havia pedido, mas seria mentira. Eu sabia exatamente o porquê. Dois motivos: demonstrar o poder que tinha em mãos e o carinho por mim. De qualquer maneira, foi um belíssimo presente.

Metade ainda não era um valor barato de bancar para pessoas normais como nós dois. Lembro muito bem de ter gastado muito dinheiro quando eu ainda não tinha tantos privilégios. A própria Paula me tirou uma boa grana do bolso. Mas os valores eram satisfatórios para aquele começo do Rafael.

O garoto não queria perder muito tempo, tamanho era a sua ansiedade. Ele só não puxou o telefone logo que recebeu a notícia porque estava nervoso, dizia não saber o que falar na hora de pedir pelo serviço. Recusei-me a ajudar justamente para que ele aprendesse de uma vez por todas a deixar de ser inseguro e envergonhado com coisas que deveriam ser naturais, principalmente para um homem sedento por sexo. Se no começo fui um amigo perfeito, a partir daquele momento, para determinadas coisas, eu seria um amigo isento e de braços cruzados. Era chegada a hora dele se virar sozinho.

A casa de massagem da Cris não era de ponta, mas um tanto sofisticada, lugar muito bem cuidado e com certo aspecto de glamour. O que mais me marcou na primeira vez que visitei o lugar foram as paredes veludadas em vermelho, que ia da recepção aos quartos. Os demais ambientes remetiam a uma casa normal.

Obviamente não era ela quem atendia ao telefone ou tratava de detalhes como valores, locais – na própria casa, hotéis, motéis ou a domicílio, esse último mais caro – e horários. Cris era a dona. Àquela altura seu trabalho era apenas monitorar os desempenhos, gerenciar a porra toda e colocar dinheiro no bolso. Enquanto isso, por fora, mantinha bem ativa a sua vasta rede social e pappicava os endinheirados para frequentarem a sua casa. Era um jogo pesado de interesses. E ela era uma das que estavam no topo do seu nível de investimento.

O importante foi que Rafael finalmente tomou coragem e telefonou. Eu sei que bati o pé para não interferir, mas no fim acabei não resistindo. Informei-o para que quando telefonasse, dissesse que era meu conhecido e que estava aos cuidados especiais da Cris. Coisa simples para que a atendente soubesse com quem estava falando.

Rafael nem se prestou a olhar o site da casa com todas as meninas disponíveis e dezenas de fotos para análise. A que ele queria já tinha o nome bem gravado em sua cabeça: Dana. Por ser nova na equipe, sua agenda permaneceria concorrida por um bom tempo. Do momento em que Rafael telefonou até o dia em que conseguiu horário, passou-se quase uma semana. Eu disse para ele esperar a garota não ser mais novidade e, enquanto isso, poderia fazer programa com outra. O time era um espetáculo, uma menina mais gostosa do que a outra. Mas não, Rafael aceitou esperar aquele tempo todo para que fosse com a Dana.

Uma coisa que eu consegui, até um pouco mais cedo do que esperava, foi fazer com que Rafael ficasse comentado na casa. Ninguém o conhecia ainda, exceto por Cris e Dana. A Paula tinha uma vaga lembrança da noite em que o apresentei na casa noturna, mas não recordava nem do seu rosto. A curiosidade das meninas era saber por que ele tinha tanta importância para Cris – quando deixou claro que o tratamento para ele seria diferenciado, - justamente quando ninguém sabia de quem se tratava. Cris não deu maiores explicações por simplesmente ser a dona. Sua palavra reinava como ordem na casa. Ela se limitou a dizer que se tratava de alguém de sua confiança e que por isso seria bem cuidado na casa.

Ela inclusive me confidenciou com detalhes uma conversa prévia que teve com Dana.

- Ainda não conheço esse rapaz direito – disse Cris. – Fomos apresentados em uma noite qualquer e não trocamos uma só palavra. Mas mesmo assim, quero que ele seja muito bem tratado. Foi um pedido de alguém que prezo muito, portanto, você sabe bem o que fazer.

- Não se preocupe. Jamais trataria qualquer cliente mal. Sendo esse alguém especial, como você diz, tratarei melhor ainda.

- Confesso que fiquei curiosa de te ver em ação, menina. Segundo Leonardo, esse seu amigo Rafael estava de olho em você muito antes de vocês transarem. Parece que não para de falar em você. É Dana isso, Dana aquilo.

- É só porque sua primeira vez foi comigo – Cris sempre me alertou sobre sua frieza e racionalidade. – Quando pegar o jeito ele vai se interessar por outras. Você sabe como é. Alguns ficam vislumbrados com a menina da primeira transa, ainda mais sendo de programa.

- Eu sei. Mas mesmo assim, dê-se um pouco de crédito. Se tivesse sido ruim, nem mesmo um recém desvirginado iria querer repetir a dose. Ainda mais com tanta vontade.
- Para uma primeira vez, até que ele se saiu bem – gostei de saber disso.
- Quantas vezes ele gozou?
- Quatro.
- E você?
- Nem perto. Mas é claro que eu não estava contando com isso. Já tinha em mente que seria impossível ter um orgasmo com ele.
- Mas quem sabe um dia, quando ele estiver melhor.
- É, quem sabe. Talvez ele tenha potencial, só precisa amadurecer sexualmente. Isso somente o tempo vai dar a ele.
- Então, enquanto você não tem prazer, dê a ele todo o prazer do mundo.
- Isso eu sei fazer.
- Não duvido. Foi exatamente por isso que a contratei para a minha equipe. Apenas mantenha o nosso alto padrão de qualidade.
- Pode deixar.

No dia marcado ele estava uma pilha de nervos e ansiedade. Foi em uma quarta-feira, às 19h. No trabalho, enquanto mexia no computador, não parava de bater com o pé no chão ou batucar na mesa. Quando de pé, caminhava rápido de um lado para o outro de forma estabana. Achei tão engraçado que não comentei nada e nem chamei a sua atenção. Deixei fluir naturalmente.

Conforme o combinado, não fui para casa naquele horário. Aproveitei para cumprir com algumas promessas. Fui visitar Cris e colocar o papo em dia.

Quando cheguei na casa de massagem, soube que Dana já havia saído. Pegara um táxi. Achei razoável, pois seria no mínimo bizarro eu levá-la de moto para fazer um programa com outro cara no meu próprio apartamento, mesmo em se tratando do meu irmão. Minha benevolência não chegava ao ponto de carregar uma auréola no topo da cabeça e asinhas brancas nas costas.

Eu sempre entrava pelos fundos em direção à cozinha, por um caminho na lateral da casa onde ficava a garagem, para não encontrar com nenhum cliente. Era de praxe naquele tipo de negócio. Os clientes entravam pela porta da frente, um a um na sala de atendimento para nunca se cruzarem.

Fui recebido por uma das meninas que não estava em horário de trabalho. Renata, um tesão de mulher principalmente pelo trabalho que fazia na cama. Morena de olhos verdes, nariz rebitado e lábios finos. Era alta, quase do meu tamanho, e tinha um par de pernas incrível. Pernas firmes, longas e levemente torneadas, na medida certa. Os seios eram naturais e pequenos, cabiam na palma da minha mão, e isso não era um problema, por mais que eu fosse tarado por peitos. Combinavam com o seu corpo e ajudavam a dar ênfase à sua bunda e cintura.

Transamos muitas, muitas vezes. Renata era uma máquina de fazer sexo, uma das poucas mulheres que conseguia me deixar esgotado ao final de duas ou três fudas. Ela tinha prazer em dar o rabo, e mais prazer ainda de dá-lo para mim. Tivemos uma espécie de romance baseado apenas em sexo. Duas faíscas que não podiam se encontrar porque o tesão já tomava conta de todas as partes dos nossos corpos.

Ela esteve na festa surpresa do Rafael.

Paramos de transar quando me tornei mais íntimo da Paula e surgiu todo aquele carinho especial entre nós. As duas tinham uma rixa interna na casa, chegando a disputar clientes e importância no quadro hierárquico das meninas. Paula estava acima por ter os seus horários vendidos de maneira fixa e com clientes fixos, preenchendo todos os dias da semana. Já Renata, até onde eu sabia, possuía somente um ou dois clientes fixos e os demais dias da semana ela se ocupava na casa de massagem ou na casa noturna.

Além disso, os clientes da Paula tinham maior poder aquisitivo, principalmente o ricoço Fernando. Com a maldita rixa fui eu quem saiu perdendo. Um dia levei uma prensa da Paula para que eu parasse de dormir com a Renata, ou então ela terminaria o relacionamento comigo. Odiar e não admitir ser cobrado, mas precisei ser racional e pesar as coisas. Com Renata eu teria um sexo sensacional, mas apenas isso. Com Paula o sexo também era incrível, só que eu também recebia muito carinho nos momentos em que o cara não quer pensar somente em sexo.

Minha decisão de ceder às cobranças da Paula me rendeu muita chacota por parte de amigos. Vocês não fazem ideia da dor de cabeça que me deu.

Dor de cabeça maior era suportar as investidas que vez ou outra eu recebia de Renata. Ela sabia de toda a história, então fazia questão de me provocar. Era muito difícil enforçar a excitação que ela causava só com o olhar.

Quando entrei na cozinha ela estava servindo um copo de água. A pia e a geladeira ficavam ao lado esquerdo, de costas para a porta. Ao ouvir o barulho, ela se virou e mostrou-se surpresa com a minha chegada. Não precisou de dois segundos para abrir um sorriso malicioso. O mesmo sorriso que dava sempre que nos víamos, mesmo que eu estivesse com a Paula do lado.

- Ora, ora – disse ao se virar para mim e apoiar as costas na pia. – Achei que não frequentasse mais a casa.
- Passei tanto tempo assim fora? – Fechei a porta às minhas costas e caminhei em sua direção. – Ou a sua saudade é que estava muito grande? – Dei-lhe um beijo no rosto, muito próximo à boca.
- E como sabe que sinto a sua falta? – Disse-me ao pé do ouvido e passou um dos braços em minha cintura, evitando que eu me afastasse.
- Porque eu sinto a sua também – completei acariciando sua nuca.

Uma conversa de dez segundos foi o suficiente para nos deixar com vontade de sexo. Eu queria muito e sabia que ela queria tanto quanto eu. Dei corda até onde pude suportar. Nossos rostos se roçaram carinhosamente, as respirações pesadas ao pé do ouvido sinalizaram a iminência do prazer e as mãos deslizando suavemente por nossos corpos indicaram a busca pelo toque da pele. Era um absurdo como meu sangue fervia nas veias.

Parei quando nossas bocas se tocaram e ela passou a mão por dentro das minhas calças. Ou eu fugia, ou a levava para a cama mais próxima.

Afastei-me de imediato, como um corte certo e cruel no tesão que eu estava sentindo. Ajudou um pouco ela estar usando uma calça de abrigo bem larga para ficar em casa, impedindo que eu viesse

suas pernas. O problema foi a blusinha branca e apertada. Dava tranquilamente para reparar no volume dos seus seios e os mamilos eriçados.

- Desde quando tem medo de mim? – Provocou-me.
- Vamos chamar isso de zona de segurança – contornei a mesa no meio da sala para que algo ficasse entre nós.
- Contra o quê? Não sabia que eu era tão perigosa assim.
- Prefiro não correr riscos.
- Ou tem medo da sua namoradina – ela avançou até a mesa e largou o copo.
- Não tenho namoradina – dei um meio sorriso para confrontar sua provocação.
- Ela nem está aqui. Você pode me agarrar à vontade e saciar o seu desejo pelo meu corpo, que eu sei muito bem que você ainda tem – passou a língua nos lábios ao concluir. – Ela jamais vai saber.
- Digamos que a minha consciência ainda é mais importante do que a vontade de te comer.
- Então admite que ainda me deseja?
- O tempo todo.
- Vamos nos permitir, então. Prometo me comportar direitinho, vai ficar só entre nós – enquanto falava ela agarrou os seios e apertou-os um contra o outro.
- Você não presta, garota – observei-a hipnotizado, desejando-a cada vez mais.
- E se eu fizer isso? – Ela pegou o copo e derrubou um pouco de água na blusa.

Pude ver nitidamente os seus seios. Meu desejo aumentou a ponto de eu querer pular para cima dela. E Renata sabia muito bem disso, tanto que não parou de se acariciar e de me fuzilar com os olhos. Ela não queria apenas me provocar por ter prazer em desafiar a rixa que tinha com a Paula. Ela queria dar para mim.

“Nem molhadinha você sente prazer por mim?”, perguntou-me. Olhei para a porta da cozinha, que dava para um corredor em direção à sala e aos quartos onde as meninas podiam dormir – os de programa eram outros, - certifiquei-me de que não havia chances de alguém entrar de surpresa e respondi à sua pergunta da maneira mais condizente comigo: abri o zíper da calça e mostrei meu pau duro feito pedra.

Ela abriu um sorriso enorme de alegria e mordeu o lábio inferior de desejo. Agressiva por natureza, Renata apoiou as duas mãos na mesa e arqueou o corpo para frente. Pude ver uma raiva por sexo imediato arder em seus olhos. “Me fode agora, Leonardo”, pediu de uma maneira que parecia uma ordem.

Sabem há quanto tempo nós não transávamos? Quase um ano. Eu, um cara solteiro, livre e que não se sujeitava a nada que podasse minhas vontades, estava respeitando um celibato por alguém que eu sequer namorava. Paula e eu tínhamos um carinho sincero, de fato, e eu a respeitava muito por ser garota de programa, coisa que nunca estive em nosso caminho – tá, nem sempre, às vezes eu me irritava. Mas desde que ela tinha imposto aquele limite eu vinha me perguntando se era justo. Não pelo fato dela foder com outros homens, mas pelo fato de não termos um relacionamento que podia ser chamado de fixo.

Remoí a pergunta ao longo de todo aquele ano, principalmente quando meus olhos cruzavam com os da Renata. Suportei e respeitei o pedido da Paula por dois motivos: força de vontade, pois não me fazia uma falta vital, e o fato de raramente ter ficado sozinho com a Renata.

Em outras palavras, ainda não tinha passado por aquela prova de fogo, com ela me intimando a fodê-la e os seios quase pulando em mim. E foi uma prova de fogo que sucumbi. Quando agarrei meu pau para mostrar a ela o quanto estava excitado, sequer me passou pela cabeça resistir à tentação de tê-la de novo.

Entendam que não foi um desrespeito com a vontade birrenta e ciumenta da Paula, mas sim um respeito aos meus desejos sexuais de solteiro. Do contrário, julgue conforme achar necessário.

Agi da mesma forma agressiva com que Renata havia se apoiado na mesa. Era do jeito que ela gostava, do jeito que ela mais sentia desejo. Com o pau ainda para fora da calça, dei a volta na mesa e a puxei pelo braço. Beijei-a com violência e força, como se todo o desejo reprimido por durante um ano quisesse sair de uma só vez do meu corpo. Enquanto isso, ela agarrou meu pau com uma das mãos e acariciou minhas bolas com a outra. Eu estava muito excitado.

Não poderíamos transar ali na cozinha, seria um grande desrespeito com a Cris. Também era arriscado caminhar até um dos quartos e topiar com alguém no caminho. A solução mais sensata que me ocorreu foi a de correr para a rua. Puxei-a pelo braço e saímos porta afora. Para a direita ficava a estradinha de grama em direção ao portão de frente da casa, cerca de vinte metros. Para a esquerda a mesma estradinha seguia mais uns dez metros até a garagem. No meio do caminho havia um pequeno arbusto encoberto pela escuridão. Veio a calhar a garagem estar em desuso e Cris não ver a necessidade de iluminar o local.

Fomos automaticamente para lá, pois não era nenhuma novidade. Já havíamos trepado inúmeras vezes ao lado do arbusto. Se falasse, ele teria muitas histórias para contar.

A todo o instante eu a segurei e empurrei com certa violência. Em nenhum momento ela fez menção de recuar ou reclamar, e isso me deixou com ainda mais tesão. Não bastava ser apenas bonita ou gostosa, para mim a garota tinha que ser tarada por sexo, desejar a todo o instante e estar disposta a fazer em qualquer lugar. Renata era assim. Sendo de programa ou não, ela transpirava um desejo quase incontrolável por sexo.

Coloquei-a apoiada de frente para a parede da casa. Suas mãos encontraram apoio no alto, do jeito que eu gostava, como se estivesse amarrada. Baixei um pouco mais as minhas calças para ter melhor movimentação. Sem dificuldade alguma, ela baixou as suas de abrigo e empinou aquele rabo maravilhoso. Ficou na ponta dos pés, coluna arqueada para frente e olhou-me de canto de olho, pedindo para que eu metesse o mais forte que eu podia.

E foi o que eu fiz. Fodi sua buceta – já molhadinha – com raiva e excitação. Quanto mais eu metia, mais eu queria meter. Quanto mais forte eu socava para dentro, maior era o barulho dos nossos corpos se batendo. Mesmo entorpecido pela loucura do momento, tive a consciência de não exagerar muito nos movimentos para não chamar atenção. Mas Renata era tão safada que parecia querer me desafiar a encarar o perigo. Quando diminuí um pouco o ritmo, ela olhou para atrás e disse: “Só isso?”.

Quando voltei a fodê-la com força de novo, ela abriu um meio sorriso em aprovação. Excitada e pedindo por mais, ela levou uma das mãos até minha bunda e puxou-a conforme os meus

movimentos. Era uma loucura olhar para baixo e ver aquela bunda grande, gostosa e durinha. Segurei-a tão forte pela cintura que senti minhas unhas cravarem em sua pele.

Era um espetáculo fodê-la de costas – melhor ainda de quatro, - mas como fazia tanto tempo que não transávamos, eu precisava ver o seu rosto. Eu precisava ver o desejo estampado nela. Tirei meu pau da sua buceta, peguei-a pelo braço e mandei que virasse de frente para mim. Apertei-a contra a parede e tivemos um beijo de arrancar a alma.

Enquanto ela me masturbou com as mãos, eu ergui sua blusa e lambi um delicado par de seios. Cabiam inteiros na minha boca. Quanto mais eu passava a língua em seus mamilos, mais ela puxava minha cabeça de encontro ao seu corpo. Enquanto em uma das mãos eu lhe dei dois dedos para que chupasse, com a outra eu usei dois dedos para foder sua buceta molhadinha. Não senti nenhum pentelho roçar na palma da mão, fazendo-me acreditar que estava perfeitamente depilada.

Isso me deu uma certeza imediata: eu precisaria fodê-la de novo com mais calma, em uma cama e em segurança, onde eu poderia lambê-la até que gozasse em minha boca.

“Foda-se a promessa”, pensei.

Aquela loucura toda de desejo insaciável, unida ao tempo que eu não desfrutava do seu corpo incrível, infelizmente me causou uma ejaculação precoce. Infelizmente porque eu queria fodê-la mais, muito mais, até que estivéssemos secos de tanto suar e exauridos de qualquer força. Era o que Renata causava em mim, era o que eu causava em Renata. Duas faíscas que criavam labaredas.

Tentei segurar o máximo que pude, mas sua pegada firme e constante me levou ao céu. Teria parado e descansado um pouco se tivéssemos tempo.

- Vou gozar – sussurrei em seu ouvido.
- Vai? – Ela sorriu feliz. – Goza para mim então, gostoso. Goza.
- Onde quer que eu goze?
- Não quero nada. Aqui eu só obedeco – disse com um meio sorriso safado antes de morder meu lábio.

Que loucura inesperada. De tantas pessoas a estarem na cozinha servindo um singelo corpo de água, fui topar justamente com Renata e sua tão abençoada falta de limites.

“Então me chupa”, pedi ao empurrá-la pelos ombros para baixo. E quando ela chupou a cabeça do meu pau e bateu punheta com as mãos, eu percebi que queria ainda mais. Renata sentia desejo por mim, e isso a permitia ser submissa sem ser diminuída moralmente. Era por prazer, por sexo. Sabendo disso, mandei que não usasse as mãos e chupasse-me por inteiro.

Eu podia ouvir o estalar da saliva no toque de sua boca com o meu pau. Segurei sua cabeça com ambas as mãos, entrelaçando meus dedos em seu cabelo, e literalmente fodi sua boca.

Meus pelos eriçaram com a iminência de gozar. Puxei seu rosto com tanta força que por duas vezes ela engoliu mais do que conseguia, fazendo-a engasgar. Mas nem por isso ela parou. Inclusive fui eu que parei na primeira engasgada, então ela imediatamente me puxou de volta para que continuasse.

Foi uma das melhores gozadas que eu tive por aqueles tempos. Eu não passara anos sem transar ou sem ter uma ejaculação, como se minhas bolas estivessem fartas de carregar tanto sêmen. Acontece

que havia muito tempo que eu não gozava com a Renata. Matar a saudade de algo incrível foi que tornou o prazer redobrado.

Dei um último puxão e mantive. Permiti apenas leves movimentos para dar continuidade ao prazer. Gozei no fundo de sua boca como quem gozava a morrer. Cravei as unhas em minhas próprias mãos, com seus cabelos entre os meus dedos, virei o rosto para cima e concentrei-me no prazer absurdo proporcionado pela sensibilidade que agora estava meu pau, ejaculando até a última gota de porra.

Fiquei muito ofegante. Imóvel, estático na mesma posição, senti uma queda abrupta de adrenalina. A baixa temperatura à nossa volta me fez suar frio. Enquanto meus pulmões imploraram por ar em meio a uma respiração ofegante, eu sentia a necessidade de dar uma única inspirada longa e pesada que preencheria todo o corpo de ar. Isso não foi possível por um tempo, até que meus níveis de adrenalina estivessem realmente baixos.

Renata continuou com o meu pau na boca. Masturbou-o com delicadeza para que saísse a porra toda. Já mais calmo e sereno, acariciei seu corpo e ajeitei seus cabelos. Quando ela olhou para cima, abri um sorriso que representava toda a minha satisfação.

Não havia carinho ou quaisquer sentimentos mais íntimos ao coração naquele sorriso. Havia somente gratidão sexual.

Ela engoliu tudo, até a última gota. Visivelmente contente com o resultado da própria performance, deu um beijo de despedida na cabeça do meu pau – já nem tão duro – e colocou-se de pé de novo. Conscientes do perigo, imediatamente subimos nossas roupas, abraçamo-nos apertado e finalizamos o encontro surpresa com um selinho de amigos.

“Me liga quando puder”, disse-me olho no olho, com um sorriso que exalava desejo. Sorri de volta e afirmei que sim com a cabeça.

Verifiquei a situação em volta antes de sair do arbusto. Com tudo na mais perfeita paz, voltamos para a cozinha. Ela pegou o copo em cima da mesa e caminhou até a pia para continuar o que estava fazendo anteriormente. Eu segui o meu caminho para além da cozinha, rumo aos quartos pessoais. E assim terminamos aquele reencontro entre corpos, como se nada tivesse acontecido.

A casa não era pequena, a começar pelo terreno em si, que eram dois, na verdade. Tudo já existia da maneira que era quando comecei a frequentar. Começara com uma casa pequena apenas com quartos para os programas e uma sala menor de recepção. Nada de cozinha ou cômodos pessoais. Naquele tempo Cris morava em um apartamento alugado e suas meninas tinham suas próprias moradias também, fosse na casa dos pais, aluguel ou de favor.

O investimento, que não saiu do bolso da Cris, veio alguns anos depois, conforme o negócio foi prosperando – ela era uma exímia gerenciadora de negócios e pessoas, diga-se de passagem. Comprou-se o terreno dos fundos da casa de programas para que fosse construída uma segunda casa, essa exclusiva para moradia e uso pessoal tanto da Cris quanto das meninas. Por isso era possível transitar tranquilamente por aqueles cantos em que eu estava, pois nenhum cliente tinha como passar pela única porta que ligava as duas casas.

Percorri alguns corredores ao sair da cozinha até chegar ao quarto da Cris. Sempre que segurava a maçaneta para abrir a porta, eu questionava quantos caras da minha idade, incluindo todos os meus amigos, não desejariam ter livre acesso ao quarto de uma cafetina, responsável por gerenciar lindas

garotas de programa. Porque por mais que daquele lado fosse uma casa de uso pessoal, só havia mulheres e um viado, logo, as chances de uma menina transitar pelada, livre, leve e solta pelos corredores eram grandes. E afirmo por experiência própria, são incontáveis as vezes que tive esse privilégio.

E melhor do que cruzar por uma garota de programa nua e despretensiosa, é ser conhecido e ter o carinho de todas a ponto de nenhuma se importar ou entender como invasão de privacidade. Até porque eu já havia transado com quase todas – com exceção da Bruninha, por termos criado uma estranhíssima relação de irmãos, sendo que às vezes ela me chamava de irmãozão, e Dana, por ser nova e obviamente ser do interesse de Rafael.

Claro que por isso também transitava a naturalidade que aquelas mulheres tinham com assuntos que costumavam ser tabus. Dentre tantos outros motivos para eu respeitá-las e admirá-las, esse era um que eu sempre levantava quando possível. Elas não eram apenas livres, elas se faziam livres. Isso era foda demais.

Cris me recebeu em seu quarto. E aqui uma curiosidade. Apesar de toda a liberdade que eu tinha, a educação me dizia que eu deveria sempre bater na porta antes de entrar. Cris era contra isso. Ela dizia preferir que eu entrasse sem avisar, pois achava excitante ser pega em algum flagra, como estar pelada, trocando de roupa, tendo uma conversa particular ou até mesmo transando. E vejam que incrível: só eu podia fazer isso. Nem Ezequiel, seu fiel escudeiro, tinha permissão.

Era muito louco, mas às vezes eu o fazia, como naquele dia.

Quando entrei, ela terminava de se arrumar para um encontro de negócios que faria mais tarde. Estava ajeitando os cabelos em frente ao espelho, em sua penteadeira. “Minha vida é mais ativa fora da cama”, ela costumava brincar.

Ela estava de costas para a porta. Olhou-me pelo espelho, sem se virar.

- Quando me disseram que você estava vindo, achei que fosse trote – apesar da tentativa de parecer indiferente, eu sabia que ela estava feliz em me ver.
- Eu disse que viria – sorri ao fechar a porta e dar-lhe um beijo demorado no rosto. – Isso prova, mais uma vez, que você não leva fé em mim.
- Sempre levei. Pega para mim uma bota que está debaixo da cama? – Pediu apontando para o local. – Não estou a fim de me abaixar.
- Onde está indo tão arrumada? – Percebi que estava fora de forma ao sentir dor nas costas quando me abaixei.
- Bajular um cliente novo.
- Deve ter muita grana para exigir tanto capricho – e a porra da bota estava do outro lado, precisei me esticar todo para não precisar dar a volta.
- Está querendo dizer que eu não me arrumo bem sempre? – Virou-se de maneira teatral. – É isso mesmo que estou ouvindo?
- Você está sempre bem arrumada – sentei-me na cama e entreguei a bota. – Me refiro à preocupação em excesso.
- Não cheguei até aqui sem querer. Boa aparência é um cartão de visitas.
- Está certo – sorri de maneira tímida, enquanto olhava distraído para o chão.

- Parece meio desanimado – ela tinha um sexto sentido comigo. – Aconteceu alguma coisa?
- Não, nada demais. Cansado só – depois da foda inesperada, quem não ficaria. - Hoje foi um dia movimentado.
- Quer uma massagem? Essas mãos aqui já salvaram muita gente.
- Outra hora, quem sabe. Daqui a pouco você vai sair e nem vai dar tempo de relaxar.
- Você que sabe. Já jantou? As meninas estavam preparando alguma coisa boa lá na cozinha.
- Não tinha ninguém por lá quando cheguei.
- Não? – Estranhou. – Então a Bruninha não chegou do mercado ainda. Essa garota é a filha da enrolação, nunca vi.
- Depois eu volto lá.
- Dana já saiu – jogou-me a isca enquanto vestia a bota.
- Interessante. Ela comentou alguma coisa?
- Nada demais. Disse que ele se saiu bem para uma primeira vez, mas nada além disso. Gosto da frieza dessa menina, sabia? Isso ajuda a manter a relação com o cliente estritamente profissional.
- É, é um ponto importante.
- Com todo o respeito, mas é meio estranho um rapaz dessa idade ser virgem, não? Tem certeza de que ele era virgem?
- Absoluta – achei engraçado o seu espanto, apesar de achar normal. – Não me pergunte os motivos. Quando conhecê-lo melhor um dia, irá entender.
- Por mim, tanto faz – deu de ombros. – Desde que não fique me sugando e comendo as minhas meninas de graça, como certas pessoas por aí – provocou-me sem olhar para mim.
- Ah, é? Não precisa de indiretas. De hoje em diante vou pagar tudo. Até para entrar aqui, se você quiser.
- Atreva-se a tirar um centavo do bolso. Seria uma ofensa sem precedentes.

Antes que algo mais pudesse ser dito, um raio ofuscante e barulhento abriu a porta do quarto e entrou sem pedir licença ou dar aviso prévio. Quem não fosse familiarizado com o ambiente, cogitaria incêndio, assalto ou até mesmo a chegada do fim do mundo.

Ezequiel, a bicha mais bicha que eu já tinha visto em minha vida. Um sujeito quase esquelético e naquele tempo de cabelo curto, pois precisou cortar as “madeixas lindas” quando inventou de pintá-las sozinho e acabou fazendo alguma merda. O drama grego em torno disso foi hilário. Outra coisa que todos pegavam no seu pé era o fato de ser uma bicha sem bunda para oferecer como atrativo. “Amiga, meu talento está no cu”, ele se defendia de maneira teatral.

Ele não tinha exatamente um papel a desempenhar dentro da casa. De maneira alguma estava no catálogo para os programas. O dinheiro que ganhava vinha de uma espécie de sustento que ganhava da Cris e pelos programas que fazia. Vez ou outra, a muito contra gosto, era incumbido de pagar as contas da casa e algumas pessoais da Cris. O que dá para dizer é que ele também gerenciava as meninas, no sentido de mantê-las na linha e reportar à chefona quando algo de errado acontecia. Em outras palavras, o cagueta.

Claro, sem falar que ele era uma espécie de mascote particular da Cris. Estavam sempre se xingando.

- Un-be-lie-va-ble – gritou com as mãos ao peito. – Veio me ver?!
- Coloque-se no seu lugar, bicha – Cris imediatamente o cortou, irritada. – E já disse milhares de vezes para não entrar no meu quarto dessa maneira. Sabe que eu odeio!
- Ai, sou assim, gosto de entradas cinematográficas – como sempre, veio para cima de mim, apoiou-se em meu ombro e ficou me alisando.
- Foi uma ótima entrada – concordei. – Só faltou purpurina.
- Rosa, por favor! – Quase fiquei surdo.
- Faz tempo que o Leonardo não vem me visitar, e agora que veio, não consigo nem um momento de paz com ele para conversar – Cris reclamou, ainda sentada em sua penteadeira. – Coisa chata, viu?!
- Ai, que coisa! Não vim tomar o seu precioso tempo com esse bofe maravilhoso – disse ao passar a mão na minha coxa. – Só vim avisar que o seu cliente novo telefonou. Quer dizer, o secretário dele.
- O que ele queria?
- Apenas confirmar o jantar de logo à noite – e não me largava.
- Hm, jantar – insinuei. – A coisa é séria mesmo.
- Bofe novo na parada – fofocou Ezequiel. – Ela está toda de segredinho, não abriu o jogo para ninguém ainda.
- Porque vocês são um bando de fofoqueiros espalhafatosos. E no mais, não tem absolutamente nada. São apenas negócios.
- Negócios, sei – segui insinuando. – Acho que até vou junto para me certificar de que o cara é um bom sujeito.
- Ai, também quero ir! Vou me arrumar – e correu em direção à porta, todo animado.
- Fica quieta, bicha – Cris se levantou, imponente e linda. – Ninguém vai a lugar algum. Aliás, faz alguma coisa nessa vidinha. Traz as escalas de hoje. Acabei não vendo os clientes agendados e as meninas que vão trabalhar. Preciso saber quem vou deixar de responsável pela casa.
- Acho que me lembro de cabeça – ele olhou para o alto, como se imaginasse as palavras no ar. – Tem a Bruninha, que está atendendo seu último cliente de hoje. Deixe-me ver quem mais... Ah, claro. Tem a enfadonha sem sal da Paula – ele sempre dizia isso quando estava perto de mim para me provocar. – Também tem só mais um cliente. As outras vão até mais tarde ou já foram embora.
- Então avisa a Bruna que ela vai ser a encarregada de hoje. Quero que feche o caixa, tranque a casa e verifique se todas as câmeras estão funcionando direito. E não esqueçam de deixar a luz da frente ligada.
- Ué, por que ela? – surpreendeu-se Ezequiel. – É sempre a Paula que fica de chefe.
- Porque a Paula vai ter outros compromissos mais tarde.
- Que compromisso? – Ele estranhou, mas depois caiu a ficha. – Ah, tá, entendi. Não sei o que você vê nessa garota, sinceramente – disse para mim.
- Não precisa segurá-la por mim, Cris – eu me sentia mal de verdade quando ela me fazia favores na frente dos outros. – Só vim te visitar mesmo.
- Faça questão. Acho que os dois estão precisando conversar um pouco.
- Conversar provavelmente seja o que menos vamos fazer.
- Eu sei disso. Bem, como estou? Bonita?

Ela usava um vestido preto brilhoso, curto e justo, acima do joelho, que ressaltou suas pernas longas e especialmente as curvas da cintura. A parte de cima era de um tecido macio e folgado, em formato de V, mostrando quase metade de cada seio. De salto alto, ficava mais alta do que eu. Sempre

me perguntava quantos homens tinham a coragem de chegar em um mulherão daqueles. Estava um espetáculo. De fato, muito gostosa.

- Um arraso – afirmei.
- Uma diva – completou Ezequiel, sempre performático.
- Obrigada – agradeceu-me com um beijo no rosto. Seu perfume era suave. – Vem aqui de novo quando puder, tá? Desculpa não ficar mais, é que esse cliente novo é realmente importante para os negócios.
- Não se preocupe comigo. Estou em casa.
- Eu cuido dele – voltou a me alisar. – Tratamento vip é comigo mesmo.
- Comporte-se enquanto estou fora, bicha!

Eu estava em casa mesmo. Rafael não imaginava o paraíso que o aguardava se viesse a ter os mesmos privilégios que eu tinha. Já o queria lá comigo, usufruindo de todas as alegrias que um homem poderia encontrar em uma casa de sexo repleta de mulher gostosa. Podia vislumbrar as cenas futuras com a certeza de que iríamos nos divertir muito. Só era preciso esperar o tempo agir.

Depois que a Cris saiu, fiquei mais um tempo no quarto conversando com Ezequiel. Mas que bicha que gostava de falar, nossa! Chegava a me deixar tonto. O “babado” da vez era sobre um cara com quem vinha saindo. A cada frase dita, uma reclamação sobre o sujeito. Pelo que entendi, o tal bofe não estava lhe dando a atenção necessária, chegando a cometer a audácia de dar trela para algumas sirigaitas mal amadas. “Mereço”, pensei.

Enquanto meu melhor amigo se divertia com prazeres sexuais, eu me divertia matando a fome. Na cozinha, quando voltei, encontrei com Bruninha, uma ruiva baixinha e espetacular, Carla, uma das mulatas mais lindas que eu já tinha visto na vida – e comido –, e Renata, que dispensava apresentações. Eu e três mulheres lindas, como não ser feliz? A cena só não foi perfeita porque Ezequiel apareceu um tempo depois para atormentar com sua felicidade efusiva, como de praxe.

Para alívio de quem ficou, ele saiu logo sem seguida para acompanhar Carla até um cliente importante.

Renata ficou incumbida de arrumar a mesa e lavar a louça conforme Bruninha terminava de usar. Na casa era tudo sempre muito bem esquematizado e dividido, senão, segundo Cris, a anarquia das meninas tomava conta.

- O cheiro está ótimo, mas ainda não consegui decifrar o que é.
- Não sou tão boa na cozinha, então fiz massa – disse Bruninha, já terminando de misturar no molho.
- Coisa bem básica. Melhor não arriscar muito, senão ninguém come hoje.
- Se não ficar bom, te dou coisa melhor para comer mais tarde – Renata virou o pescoço para me olhar, piscou e empinou um pouco a bunda.
- Ah, é? Bom saber que não vou passar trabalho, então.
- Só que não – Bruninha nos cortou sem imaginar que estávamos falando sério. – Pelo menos massa eu sei fazer, tenho certeza de que vai ficar boa.
- Estraga prazeres – lamentou Renata ao voltar sua atenção para a louça de novo.
- Conheço um excelente cozinheiro para dar aulas a vocês – e como conhecia.
- Ah, que legal! – Animou-se Bruninha, com toda a sua simpatia. – Trabalha em restaurante?

- Não, não. Meu irmão Rafael, que vocês já devem ter ouvido falar. Cozinheiro de mão cheia.
- Quem é esse tal de Rafael, afinal? – Questionou Renata, sem se virar. – Eu nem sabia que você tinha irmão. Nunca vamos conhecê-lo?
- Não hoje, pelo menos – advertiu Bruninha. – Dana saiu para fazer programa com ele.
- Hm, Dana – pude sentir um tom de curiosidade em Renata, como se o seu espírito de competitividade já começasse a aflorar. – Então esse é o gosto dele.
- O gosto dele é mulher, Renata – afirmei. – Espera ele chegar mais perto, você vai ver.
- Olha que eu recebo propaganda enganosa com frequência, hein.
- Já recebeu alguma de mim?
- Hm – pensou no que responder. – De você, nunca. Até acho que o produto foi melhor do que a propaganda.
- Não provoca – ri enquanto um desejo imediato correu pelo meu corpo.

Entendam que a Renata às vezes deixava o cara louco só de falar. Sabia atizar como poucas, uma safada de carteirinha. Trocamos provocações sem nos preocuparmos com a presença da Bruninha. De fato, ela era a mais confiável de todas as meninas. Apesar de muito simpática e falante, detestava fofocas e jamais se metia na vida dos outros.

Em meio a todo um falatório que beirava ao cochicho, algo muito agradável aconteceu. Na verdade, apareceu. Paula. Não vínhamos passando por dias muito bons, mas o interesse jamais se apagava. E a prova disso foi o que aconteceu.

Sua intenção visivelmente não era de ficar para jantar e nem entrar na cozinha para bater papo, tanto que só se prestou a colocar a cabeça na porta para dizer que estava indo embora para casa – ela dividia apartamento com umas amigas que não faziam programa. A sua surpresa ao me ver ali sentado foi de se notar a quilômetros de distância. A frase “estou indo para casa, meninas” teve até uma mudança de tom. Começou bem enfática, aos gritos para ser ouvida, e foi gradativamente ficando baixa, como se ela quisesse mudar de ideia. Por não morrerem de amores uma pela outra, Renata respondeu o mais rápido possível para que não houvesse desistência.

Pois houve. Eu não falei nada, fiquei na minha, sentado e sem demonstrar alterações de humor, como se Paula fosse igual às outras meninas. Mas não era, e por isso ela não foi embora ao me ver.

- O cheiro está bom – ela disse, ainda só com a cabeça para dentro da cozinha. – O que é?
- Macarrão! – Afirmou Bruna, sempre animada.
- Ué, não era massa? – Brinquei.
- Dá no mesmo, né! Só que macarrão parece mais chique. Não quer ficar para jantar, Lola? Dorme aqui hoje!
- Ah, não sei – e começou o teatro. – Já passei o dia inteiro aqui. Tudo o que eu queria era a minha própria cama.
- Ué, então vai – provocou Renata. – Ainda dá tempo de pegar o ônibus.

A minha vontade, confesso, era de pedir para ela ficar. Se não quisesse dormir lá, mais tarde a levaria para a minha casa, nem que fosse somente para fechar os olhos e apagar na cama. Mas eu não podia. Por mais que quisesse, seria como jogar fora tudo o que havia ensinado a Rafael. Podia gostar

e demonstrar carinho quando a oportunidade aparecesse por si só, sem que fosse preciso correr atrás para fazer acontecer. Esse era o pensamento básico que ele precisava ter em mente para saber separar sentimentos verdadeiros de momentos baseados em sexo por negócio. E era o que eu procurava seguir como regra.

Pois foi por causa do nada sutil conselho de Renata, com a nítida intenção de que ela fosse embora, que Paula se sentiu desafiada e decidiu ficar. Sentou-se na cadeira oposta de onde eu estava, bem de frente para mim. Senti seu cheiro de banho recém tomado dali. Seu perfume característico me embriagou. Nossos olhares a todo o instante se cruzavam sem que uma única palavra fosse dita. Entendíamos-nos bem somente com isso. Era como se ambos quisessem a mesma coisa, mas um desafiava o outro a tomar a iniciativa.

Percebendo que perdera terreno, Renata terminou sua tarefa, retirou-se e pediu para ser chamada quando a comida estivesse pronta. Paula deu um meio sorriso para mim, como se comemorasse a pequena vitória pessoal, mas não retribuí. Olhei para as minhas próprias mãos e fiz de conta que não notei.

Jantamos apenas nós quatro, pois as outras meninas faziam programa nos quartos específicos da casa ou atendiam a domicílio. O fato de Cris não estar presente poderia servir de incentivo para que Renata e Paula se bicassem livremente. A rivalidade entre as duas era mesmo forte. Incontáveis vezes ouvi relatos sobre discussões acaloradas em que alguém precisou se colocar entre elas para evitar que chegassem às vias de fato.

Para a minha surpresa, ninguém reviveu rixa alguma. Acredito que seria muito pior brigar enquanto Cris estivesse fora, pois seriam as fofocas e os exageros que chegariam aos seus ouvidos, além do fato de saber que a desordem tomava conta em sua ausência. Isso acabaria tornando as consequências ainda piores. Renata se limitou a fazer alguns comentários sobre assuntos variados e banais. A maior parte do tempo comeu calada e sem tirar os olhos do prato, hora dirigindo a palavra a mim, hora para Bruninha. Nunca para Paula.

Sim, eu fiquei cuidando. E sim, meu lado sádico torceu por um barraco. Ao terminar de jantar, ela pediu licença e saiu. “Quem cozinha, não lava a louça”, disse Bruninha assim que se levantou também. Ou seja, fiquei sozinho com a Paula.

Eu sabia que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Todos sabiam, na verdade, por isso nenhuma das meninas ficou nos empacando com conversa fiada. No entanto, não era público o nosso pequeno momento de crise, como se soubessem que ficaríamos nos olhando com caras de cu.

Ela era linda. Sempre que estávamos a sós, a minha vontade era de pular nela e não largar mais. E não era somente pela beleza. Paula era muito carinhosa comigo. Apesar dos inevitáveis momentos de birra e imaturidade que ela vivia tendo, eu não podia negar que era uma pessoa que me fazia muito bem. Muitas vezes me vi em pânico ao cogitar que meu interesse por Paula estivesse se tornando algo maior do que apenas um desejo carnal. Quando acontecia, eu imediatamente afastava qualquer tipo de pensamento nesse sentido.

Ficamos calados por um tempo, olhando para a mesa, parede, para as mãos, teto, pratos sujos, copos vazios. Eu até gostava daquele tipo de joguinho, mas somente quando rolava de ambas as partes e por questões de orgulho bobo – por birra, nem pensar. Isso só fazia aumentar a minha vontade de agarrá-la. E tenho certeza de que ela sentia o mesmo.

Escolhi começar puxando um assunto qualquer para quebrar o gelo, deixando-a na obrigação de responder.

- Muito cansada?
- Um pouquinho – aposto que o suspiro exagerado que deu não passou de teatro. – Renovei um pouco as forças com um banho bem quente, mas o que eu queria de verdade era estar na minha cama.
- É, nada como dormir na própria cama – afirmei meio apático, também de maneira teatral. – Não tem coisa melhor.
- Não mesmo. Mas agora está um pouco tarde para pegar ônibus. Não gosto de ficar caminhando à noite na rua. Acho que hoje vou ter que dormir por aqui mesmo.
- A Cris não deixou dinheiro para o táxi? – A arte de ser dissimulado.
- Deixou, tem dinheiro lá na caixinha. Mas é meio que preguiça, sabe? Acabei de jantar, então já me conformei em ficar por aqui.
- Até te ofereceria carona, mas tenho compromisso daqui a pouco. Não posso me atrasar.
- Compromisso? – Já senti um tom de interesse em sua voz.
- Sim. Uma garota que estou saindo.
- De outra casa?
- Não, não – fingi uma risada contida. – Essa não é de programa. Conheci na faculdade.
- Hm, que bom para você então – touché! – Fico feliz, tomara que dê certo.
- Não é nada muito sério, ainda. Mas obrigado pela consideração – agradei com um sorriso forçado de orelha a orelha.

Ora conheci uma garota na faculdade! Fiquei até surpreso dela cair em uma mentira tão absurda como essa. Mas o resultado me deixou feliz. Pude notar uma certa decepção em seu rosto e na forma de falar. Beirava, sim, o ciúme. Assim como confesso que também sentia um pouco de ciúme quando ela saía com alguns clientes específicos. Não vou esconder isso, pois era o principal motivo de nossas brigas.

Naquele momento eu estava por cima, consegui instigá-la. Usaria todas as armas a meu favor para seguir até onde desse com a pequena farsa.

- Saindo muito com o Fernando? – O ricaço que eu havia comentado com Rafael.
- E como sabe que ele voltou a me procurar?
- Não se responde a uma pergunta com outra pergunta.
- Não sabia que o interesse por mim era tão grande – disse com sarcasmo. – Confessa que andou me investigando.
- Não estou investigando ninguém. Por um acaso o Ezequiel veio se oferecer para mim de brincadeira, e disse para eu esquecê-la porque já estava ocupada com o Fernando. Mas isso faz tempo.
- Quanta explicação, hein...
- Você que está fugindo da pergunta – senti-me perdendo o controle da situação.
- Sim, temos saído com alguma frequência. Melhorou?
- Agora sim.
- E por que o interesse repentino de saber com quem eu saio ou deixo de sair?
- Nada, só curiosidade de amigo.

- Ah, só curiosidade de amigo, entendo. Somos amigos agora?
- Olha, inimigos nós não somos – não contive a risada. – Pelo menos até onde eu sei.
- Mas só amigos? – Insistiu como quem pagava para ver.
- Bem – precisei pensar um pouco, - se quiser podemos ser cliente e profissional.
- Nossa! Depois dessa – cruzou os braços, descontente e ofendida.
- O quê?! – Contive a vontade iminente de rir mais. – O que foi que eu disse?
- Não, nada. Tem razão, você é um cliente e eu sou só uma puta que está aqui para servi-lo.
- Não, eu não disse só uma puta – gesticulei com as mãos. – Disse profissional.
- Nome por nome, é a mesma coisa, convenhamos.
- Tá, não entendi porque essa polêmica toda. Não quer que eu diga que somos namorados, né? Seja no mínimo sensata, por favor.
- Não, eu sei. Já te dei razão. Somos apenas cliente e profissional. E nas horas vagas, amigos que se perguntam como estão.
- Então – concordei. – Foi isso o que eu quis dizer.
- Ótimo – ela abriu um sorriso falso e levantou-se. – Agora, se você me der licença, preciso mesmo dormir. Bom passeio com essa sua nova amiguinha. Se rolar algo mais sério, quero que me apresente, já que somos tão amigos assim.
- Claro, pode deixar. Boa noite, dorme bem.
- Você também – e saiu como um jato.

Fiz uma força desumana para não rir. “Amiguinha” e “somos amigos” foram o ápice do momento. Paula sempre foi muito explosiva e péssima em tentar não se deixar levar pelos sentimentos, inclusive demonstrá-los. E daquela vez não foi diferente. Ela ficou visivelmente incomodada, a ponto de não perceber que era tudo brincadeira. Despediu-se sem nem mesmo me dar um beijo no rosto, afinal, havíamos combinado que éramos amigos.

Pude rir um pouco ao ficar sozinho e curtir a sensação de vitória. Mas é claro que não passava de um joguinho besta, pelo menos da minha parte. Queria apenas provocar seu pavio curto. Esperei alguns minutos para dar tempo dela se acomodar e deitar. Enquanto isso, aproveitei para lavar a louça. Cerca de dez minutos depois, fiz o que estava no meu script.

Não sei se no fundo ela estava esperando ou se realmente acreditou na minha história de ter um encontro com outra garota. Perguntei à Bruninha em que quarto Paula estava e deixei minhas pernas me levarem até o local. Os quartos eram individuais, pois algumas meninas namoravam ou ficavam um pouco mais sério – meu caso com a Paula, - e com a permissão prévia da Cris, elas podiam levá-los para passarem a noite.

Abri a porta com cuidado para não fazer barulho, embora fosse impossível não notar alguém entrando por causa da luz do corredor que iluminava parte do quarto. Lá estava ela, deitada debaixo das cobertas, apenas com parte da cabeça para fora. Dormia virada de costas para a porta. Servia de estratégia, obviamente. Ela já sabia que eu estava lá dentro, por isso não se viraria por nada. Essa era a continuação do jogo. E vou confessar outra coisa: era maravilhoso. Parecia um desafio de conquistá-la, exatamente quando estávamos recém nos conhecendo.

Tirei os tênis, puxei as cobertas e deitei-me ao seu lado sem pedir licença ou anunciar minhas intenções. Abracei-a pelas costas, de forma a ficarmos de conchinha. Parecíamos um casal, eu sabia.

Por um momento, isso me deixou apavorado, como sempre deixava. Mas logo em seguida eu aceitava a ideia de que estar perto dela era maravilhoso e fazia-me bem.

Sua reação demorou, mas veio. Ainda sem falar nada, ela se virou e ficamos com os rostos coladinhos. Podíamos sentir a respiração um do outro. Olhamo-nos profundamente, como se um tentasse ler a mente do outro, ou apenas esperasse que a primeira palavra fosse dita. Daquela vez foi ela quem quebrou o silêncio.

- Achei que tivesse um encontro com a tal garota – afirmou ao desviar o olhar, parecendo um tanto carente.
- Você sabe que não existe garota nenhuma – sorri diante de sua doçura.
- Não? Achei que existisse.
- Desde o momento em que pisei na casa, meu único desejo foi o de estar aqui, como estamos agora.
- É? – Voltou a me olhar com seus olhos grandes de cor de mel.
- Não ia arredar o pé sem antes pelo menos te ver.
- Hm – arqueou as sobrancelhas como se estivesse surpresa. – Gosta tanto assim de mim?
- Demais – afirmei ao encostar minha testa na dela.
- Então, posso te contar um segredo?
- Conta.
- Também gosto de você. E sabe do que mais?
- O quê?
- Quando te vi na cozinha, tudo o que eu mais quis também foi terminar a noite aqui, como estamos agora.
- Estamos de bem, então?
- Estivemos de mal? – Sorriu.
- Não lembro. Momentos como esse me fazem esquecer de todo o resto.
- Já estava com saudades – abraçou-me forte e aninhou o rosto em meu pescoço.
- Eu também.

Não transamos, o que era raro. E eu sabia o motivo. Ambos estávamos cansados. Eu havia gozado há pouco tempo com a Renata – coisa que ela não podia saber de jeito nenhum. Ainda tinha fôlego para foder mais, mas estava um pouco desinteressado. E Paula, bom, passara a noite fazendo programa. Por mais que às vezes fosse impossível, eu procurava não pensar nisso. “Cansada por transar com outros caras”, veio-me à cabeça, como um raio indesejado. Acontece que se eu me preocupasse com um fato inevitável como esse, eu teria que deixar de sair com ela. Teríamos que voltar a ser dois estranhos, ou no máximo cliente e garota de programa.

O carinho que tínhamos, por mais distante que fosse do amor – e estava, pelo menos para mim, - era muito mais importante do que o seu trabalho nada convencional. Eu encarava como algo normal, mas anormal o fato de eu gostar de uma mulher que fazia programas. Era complexo, eu vivia em dúvidas quanto ao que pensar ou sentir, até chegar a um ponto onde eu mandava o mundo se foder e dava-me o direito de curtir um pouco as coisas boas da vida, por menos convencionais que fossem.

Depois de muito carinho, beijos e declarações de afeto, dormimos bem apertados, como se fôssemos um só. Era o que eu mais precisava, pelo menos por uma noite.

**7**

### **Almoço de boas vindas**

Não é pelo fato de ter ficado entre garotas lindas que fazem programa. É algo muito além dessa superficialidade ridícula. Fiquei feliz porque finalmente me senti bem locado em algum lugar, entende? Não eram mulheres bonitas que estavam à mesa. Eram pessoas que, de maneiras distintas, me fizeram algum bem.

As coisas evoluíram como eu esperava, ou pelo menos como desejava. Nunca mais senti vestígio algum de um Rafael triste e depressivo. Também não reparei mais nenhum sorriso forçado para demonstrar uma felicidade que não estava lá. Os seus momentos de alegria vinham sendo todos sinceros. Mas o melhor nem era isso, na verdade. Acabamos ficando ainda mais próximos, coisa que não achei que fosse possível. Houve sempre o sentimento de irmão, mas agora com uma cumplicidade nova. Começamos a sair sempre juntos. Levei-o para todos os lugares, fosse durante a semana ou final de semana. Rafael conheceu muita gente nova. Todas irrelevantes para fazer amizades concretas, mas novas. Mais do que nunca, Andressa e sua ex estavam mortas e enterradas em seu passado.

Uma nítida evolução.

Em várias oportunidades, como em festas particulares ou em casas noturnas, Rafael teve contato com a Cris e o restante do pessoal daquele círculo mais próximo. Obviamente era muito cedo para cair nas graças de qualquer um, especialmente da Cris, mas pude notar que ele conquistava gradativamente uma simpatia. Tornou-se um sujeito bem-vindo, ainda que não estivesse apto a frequentar a casa sozinho.

A grande noite, a em que eu senti de verdade que não apenas Cris, mas também as demais meninas definitivamente aceitaram Rafael, foi quando planejei uma grande janta. Falei a verdade quando disse que ele sabia cozinhar, não era apenas propaganda barata para despertar o interesse nele. Seu pai era ótimo na cozinha, foi um dom herdado. Estava na hora de tirar proveito de suas habilidades culinárias.

No início ele foi totalmente contra, como não poderia deixar de ser. Típico o seu pensamento negativo diante de novidades. Em sua defesa, disse que jamais havia cozinhado para mais do que três pessoas, e sendo essas de sua própria família ou amigos. Além, claro, da responsabilidade de fazer algo realmente bom, pois me acusou de ter exagero um pouco em seu marketing pessoal.

Eu simplesmente não lhe dei ouvidos. Estava na hora de ser homem de verdade. Não havia conversa, era a sua grande chance. Confirmei com a Cris e dei garantias de que a janta aconteceria. Também disse para que escolhesse o cardápio. Podia ser qualquer coisa, do simples ao mais sofisticado prato. Eu confiava no meu menino. Já ele...

- Não, você só pode estar louco! – Berrou ao apoiar as mãos em minha mesa. – No mínimo bebe cachaça no café da manhã.
- Meu Deus, quanto drama – apenas relaxei em minha cadeira reclinável. – É só cozinhar. Você fez isso a vida toda. Qual o problema agora?
- Nunca cozinhei para tanta gente. E olha quem vai estar lá! A dona da casa e a Dana. Mas não é só isso. Você fez questão de dizer que a Cris podia escolher qualquer prato. Qualquer prato! Como se eu soubesse cozinhar tudo.
- Basta pesquisar a receita na internet, ora – brincar com a caneta como se fosse um bigode simbolizava minha total despreocupação com a sua preocupação.
- Claro. Falar é muito fácil.
- Esse é o próximo passo, Rafa – levei meu corpo junto à mesa e adotei uma postura mais séria.
- Qual?
- Senta – indiquei a cadeira com a mão.

- O que é? – Perguntou-me tão compenetrado que achou a cadeira pelo tato.
- Enfrentar os desafios. A coisa que mais o incomodava era o fato de ser virgem. Pronto, essa etapa já está mais do que resolvida, é página virada. Você também quer ter os mesmos privilégios que eu tenho, e nisso nós estamos trabalhando há um tempo. Agora, a vida continua, cara. Está na hora de deixar o Rafael cheio de dúvidas e medos no passado. Você está mudando! – Afirmi de punhos fechados, como se comemorasse uma vitória. – Eu já notei isso, seus amigos notaram, tenho certeza que seus pais também notaram. E isso é ótimo! Só falta você se dar conta disso.
- Acha que eu mudei? – Questionou-me com expressão azeda.
- Muito, Rafa! – Procurei ser enfático para lhe passar segurança. – Nesses últimos tempos você melhorou demais. Agora temos que dar o próximo passo. Essa janta que eu armei é a chance perfeita para isso! Você não faz ideia de como é raro ter todas as meninas na casa ou a Cris livre de qualquer compromisso. Domingo é um dia que a maioria some do mapa simplesmente para descansar e ter um momento para si. Essa semana todas estarão lá. E nós dois seremos os únicos homens presentes. Tem ideia do quão privada é essa reunião?
- Seria um ótimo domingo – indagou.
- Seria, não. Será! Confie em você, Rafa, porque eu confio. Você sabe cozinhar e vai se sair muito bem. É a grande chance para conquistar esse pessoal todo. Vai ser pela fome.
- Tá, acho que você tem razão – afirmou enquanto olhava para o nada. – Eu sei cozinhar e vai dar tudo certo. É assim que devo pensar, né?
- Isso! Vai dar tudo certo, confia.

Domingo estávamos lá. Como eu disse, apenas nós dois de homem, já que Ezequiel era uma libélula brilhante. No breve momento em que ficamos a sós, Cris me confessou que estava começando a se interessar por Rafael devido a minha insistência, ou que pelo menos sua curiosidade vinha aumentando. Também concordou que a janta seria um grande teste. Para tanto, caprichou no pedido: Lagosta à Thermidor.

Nunca tinha ouvido falar.

Repassei a informação ao cozinheiro no domingo de manhã, em minha casa. Ele abriu a janela da sala e deu um berro a plenos pulmões. “Estou irritado e tenso, preciso extravasar”, afirmou. Antes de ir às compras, Rafael ficou quase uma hora no computador reunindo receitas e assistindo alguns vídeos culinários. Isso só não foi mais engraçado do que nós dois no supermercado correndo de um lado para o outro. Claro, engraçado para mim que estava de fora e não tinha responsabilidade alguma com tudo aquilo. Procurei rir menos e ajudar mais acalmando os seus ânimos e dizendo, pela milésima vez, que tudo daria certo.

Foi um parto transportar tudo na moto – às vezes me irritava não ter um carro, – ainda mais debaixo de um frio filho da puta. Mas chegamos lá. Seria a primeira vez de Rafael dentro da casa. E convenhamos, uma primeira vez de luxo, em um momento totalmente privado e longe de programas. Atravessei o portão da frente e estacionei a moto nos fundos, como sempre fazia, em frente à porta da cozinha. Por mais que nenhum cliente fosse tocar a campainha da casa de massagem, entrar pelos fundos era de praxe.

Fomos efusivamente – mas efusivamente mesmo – recepcionados por Ezequiel. Deu-me um abraço apertado, ou o que pareceu ser uma tentativa, um longo beijo no rosto e um apertão na bunda.

Em seguida, abraçou Rafael de uma maneira que achei que nunca mais fosse soltar. “Que bofinho gato”, afirmou por Rafael ser muito magro. A cena foi engraçada e fez-me agradecer por Ezequiel estar junto. O ambiente em que estivesse virava festa, e isso era muito bom para quebrar o gelo que provavelmente Rafael estivesse sentindo por entrar em um lugar tão novo e quase que sagrado para ele.

Seus gritos obviamente indicaram a nossa chegada. Enquanto ainda nos víamos tontos com a metralhadora falatória que era Ezequiel, fomos agraciados com a chegada de Bruninha. Eu sentia uma estranha alegria sempre que a via. Aquela menina era um doce de pessoa. Bem menos efusiva que a libélula, ela nos cumprimentou de uma maneira muito receptiva e com um aspecto de domingo aconchegante de reunião entre amigos.

A primeira coisa a se notar logo de partida, e que Rafael comentou comigo ao final do dia, foi as roupas das meninas. Algumas simples, porém bem arrumadas, e outras até com abrigos largos e despojados. Ele admitiu uma certa decepção por imaginar que estariam vestidas como costumavam se mostrar na noite ou em programas. Alerttei-o quanto à sua ingenuidade e apontei o lado positivo.

- Pense que essas garotas vivem de suas aparências. Elas precisam estar sempre bonitas e gostosas para se venderem ao cliente. Há sempre uma preocupação muito grande em função disso. Logo, o que significa elas não darem a mínima para o que vestiam durante o jantar?
- Que eu não sou digno da preocupação delas – e ele foi convicto.
- Não, idiota. Esse é o seu lado “tenho pena de mim mesmo” falando. Significa confiança.
- Sim, claro – passou ao sarcasmo.
- É sério. Mesmo não te conhecendo, elas já adotaram uma certa naturalidade com a sua presença, assim como acontece comigo. E sabe no que isso pode dar?
- O quê?
- Se hoje elas não se importam com você as vendo com qualquer roupa, amanhã não vão se importar de você vê-las circulando pela casa em roupas íntimas ou até mesmo peladas.
- Sem essa – olhou-me com ceticismo. – Tá falando sério?
- Claro, cara! Para começar, um estranho qualquer não entraria na casa. E você tendo acesso liberado pela Cris, elas automaticamente vão te ver como um do grupo, seja como amigo ou comedor. Com o devido tempo, elas não vão ter vergonha de nada em relação a você.
- Isso seria demais – afirmou com cara de paisagem.
- Entenda uma coisa. Essas garotas não têm vergonha. Elas respeitam e querem ser respeitadas, mas nem por isso ficam de pudores e frescuras. Se você estiver pela casa e elas estiverem afim de caminhar nuas pelos corredores, foda-se, elas vão fazer. Lá dentro é o território delas e se você pode entrar, significa que pode fazer parte de tudo sem grandes problemas.

Ele deixou de lamentar não ter visto nenhuma das meninas sem roupa ou seminua e passou a ficar ansioso por vê-las sem roupa ou seminuas. Trocou bosta por merda, mas pelo menos não pensou mais em coisas negativas.

Bruninha nos recepcionou porque não arredaria o pé da cozinha até que o almoço estivesse pronto. Ela era tida como uma espécie de cozinheira oficial da casa, e como adorava aprender, aproveitaria a oportunidade com um “cheff quase profissional”. Rafael me olhou torto quando exagerei de novo sobre o seu talento na cozinha.

- A comida chegou – ele disse ao oferecer as sacolas de compras para Bruninha.
- E o cozinheiro também – ela pegou e colocou tudo na mesa. – Estou muito curiosa.
- Confesso que eu também. Nunca cozinhei algo parecido.
- Mas vai dar certo – ela sorriu animada. – É claro que você entende muito mais disso do que eu, mas estou aqui para ajudar no que precisar.
- Tenho receio do que o Leonardo possa ter dito a meu respeito – olhou-me desconfiado. – Se bem o conheço, acabo de me tornar um cozinheiro mundialmente famoso.
- Quase isso! – Ela riu.
- Ai, me faz de prato principal então – e lá foi Ezequiel se oferecendo.
- Com essa carne de terceira? – Brinquei.
- Ai, credo! Não ofusca o meu brilho. Aqui é filé mignon, meu bem – afirmou passando a mão pelo próprio corpo.
- Não repara, aqui é assim mesmo, viu? – Bruninha disse a Rafael com a preocupação de deixá-lo à vontade. – Acho que a mais feminina da casa é o Ezi.
- Que estimulante – Rafael riu.
- Ih, o bofinho está fazendo pouco caso de mim? Não sabe o que está perdendo.
- Não o chame de bofinho – cochichei sério em seu ouvido. Ficou entre nós a chamada de atenção.
- Eu separei algumas panelas aqui na mesa – seguiu Bruninha, - mas se precisar de alguma outra, é só avisar. Ali na pia estão algumas colheres. Eu andei dando uma pesquisada nas receitas, então me adiantei e separei temperos que talvez você vá usar. Mas claro, precisando de outros, a gente procura.
- Gostei de ver, Bruninha – fiquei surpreso com a sua eficiência.
- Você está mesmo empolgada, hein? – Rafael também ficou.
- Muito! Eu adoro cozinhar. Infelizmente não tenho um talento nato como você, então preciso me esforçar um pouco mais do que o normal para sair algo realmente bom.
- Talento nato – olhou-me torto de novo. – Ele disse isso também?
- Sim – e Bruninha sorria como se estivesse tudo normal.
- Perfeito. Bem, já que não tem escapatória, vamos trabalhar – disse Rafael ao abrir as sacolas. – Conto com a sua ajuda?
- Assistente de cozinheiro Bruninha, ao seu dispor – prestou continência.
- E nós, libélula, vamos para a sala – eu disse empurrando Ezequiel em direção à porta.
- Voando com as minhas asinhas de borboleta! – E saiu da cozinha saltitando.

Não sei o que se passou na cabeça de Rafael, mas eu me senti no topo do mundo quando apareci na sala principal e todas as meninas olharam ao mesmo tempo para me cumprimentar. Mulheres lindas e maravilhosas que a grande maioria dos homens só chegava perto pagando uma grana preta. E nós estávamos lá de graça, fazendo parte de sua intimidade. Não tinha coisa melhor.

Algumas delas se aqueciam em frente à lareira, bebendo vinho e jogando conversa fora. Entre essas, Paula e Dana, as duas com quem teoricamente tínhamos um laço mais forte. Outras assistiam televisão e tagarelavam sobre coisas aleatórias. Cris ainda estava reclusa em seu quarto.

Ao observar todas as possibilidades com exímia rapidez, aproveitei para provocar um pouco a Paula. Sentei-me com as meninas que estavam no sofá assistindo televisão. Em minha defesa, se

preciso fosse, era o local mais próximo da porta. Renata estava entre as beldades. Não pude perceber, mas sem dúvida Paula acompanhou a tudo com certo fogo nos olhos.

O clima na sala era bem descontraído. Parecia uma reunião casual entre amigas e com um guerreiro solitário no meio. Normalmente esse homem seria putinho ou um amigay que não comia ninguém e era obrigado a ouvir sobre outros caras que não prestavam ou que não davam bola para elas. Nunca passei por algo assim, mas me fez lembrar que era uma das lamúrias de Rafael.

As meninas aprovaram a ideia do almoço, já que os momentos de confraternização eram cada vez mais raros. De fato, ter todas elas ao mesmo tempo na casa já era algo difícil de se conseguir. Procurei fixar a ideia na cabeça de Rafael e o quanto isso significava.

Um tempo depois, Cris se juntou ao grupo do sofá para me acompanhar. Sua primeira participação foi pedir para Ezequiel calar a boca, pois estava matraqueando demais e muito alto sobre “relacionamentos variados e fracassados com homens ainda mais fracassados que ninguém se importava em saber”. A bicha ficou louca, mas se acalmou um pouco com a desgustação do seu vinho.

- E o Rafa? – Perguntou-me Cris, e gostei dela tê-lo chamado pelo apelido. – Desistiu de trazer?
- Já está na cozinha. Hoje vocês vão almoçar como rainhas.
- Só podia ter escolhido algo melhor, né? – Disse Renata, enquanto lixava as unhas. – Não sou muito fã de frutos do mar.
- Mas eu adoro e sou eu quem manda aqui – taxou Cris.
- Relaxa – segui. – Tenho certeza de que a partir de hoje você vai passar a amar frutos do mar.
- Quero só ver.
- Mas cá entre nós, falando sério – aproximou-se Cris, como se fosse algo confidencial. – Tem certeza mesmo? Não quero parecer cruel, mas ele não aparenta entender muito dessas coisas.
- Ele não aparenta muita coisa, Cris – de fato, às vezes Rafael se escondia tanto que parecia alguém inexpressivo. – Ele só precisa de algumas oportunidades e alguns empurrões para mostrar do muito que é capaz.
- Bem, se confio em você, talvez possa confiar nele também – completou oferecendo um brinde.
- Isso, confia no bofinho!
- Já disse para não chamá-lo assim – dei-lhe um beliscão no braço.
- Ai, não me ofusca! – Reclamou de maneira escandalosa. – Ali há potencial.
- Se quiser saber de potencial, só perguntar à Dana – provocou Renata. – Até agora não ouvi comentário algum.
- E nem vai ouvir, querida – Cris imediatamente a podou. – Pelo menos não de mim. Isso é assunto particular do cliente.
- Bem, isso é simples de saber – eu disse a ela. – Tira a prova.
- Impossível. Ele só quer programa com a Dana.
- Por enquanto. Daqui a pouco ele vai procurar outra. Apenas faça o que você teoricamente deveria saber fazer. Seduza-o.
- Teoricamente? – Fuzilou-me com olhos semicerrados. – Eu sei fazer, meu querido. E vou fazer.
- Conto com a sua ajuda – pisquei.
- Está atrasadinha, meu bem – e voltou Ezequiel. – Já comecei a sedução há muito tempo. Melhor correr se ainda quiser ter alguma chance.

- Mas eu tenho pavor de bicha oferecida! – Era engraçado a rispidez carinhosa com que Cris o tratava.
- Coloque-se no seu lugar.
- Ai, me deixa brilhar! Eu sei que ele me quer, posso sentir.
- Vamos ver se não consigo arrancá-lo da Dana – Renata seguiu reflexiva e com determinação nos olhos. – Ou não me chamo Renata.
- Aprovo muito essa disputa interna entre vocês – disse Cris, - mas só até onde ela for sadia. Não quero mais nenhuma rixa aqui dentro, está me ouvindo? Senão vou ter que tomar atitudes mais sérias.
- Não vou fazer nada demais – defendeu-se Renata com um sorriso travesso. – A escolha é sempre do cliente, não vou abriga-lo a nada.
- Estou de olho em você, mocinha.
- Não disse que cedo ou tarde ele seria motivo de disputa? – Afirmei, muito feliz.
- Disse. Só espero que não seja motivo de discórdia e brigas na minha casa também.
- Adoro briga! – Gritou Ezequiel. – Sempre sobra uns tapas. Ai, adoro!
- Bicha oferecida – Cris bufou.

Desde o começo do projeto de incluí-lo em meu mundo, sempre tive a certeza de que Rafael cairia nas graças da casa, uma hora ou outra. Ao saber do súbito interesse de Renata, motivado pela sua sede de competição, a minha vontade foi de sair correndo para contar a ele. As oportunidades surgiram, isso era fato.

Enquanto conversava com o grupo do sofá, olhei para a parte da lareira. Mais uma vez a química entre Paula e eu falou sozinha. Não foi necessário trocarmos uma palavra sequer, e a distância também não atrapalhou o nosso entendimento. Ela apenas ergueu um pouco a taça de vinho e apontou para mim, oferecendo-me um sorriso lindo e convidativo. Não precisei de mais nenhum incentivo. Pedi licença aos mais próximos e fui até lá.

Motivou-me também o fato de Dana estar junto. Em todo aquele tempo desde a casa noturna, seria a primeira vez em que eu teria a oportunidade de trocar algumas palavras com ela de maneira informal. Por estarem juntas e um pouco afastadas das demais, acreditei que Paula e Dana estivessem formando amizade. Achei animador.

Sentei-me ao lado de Paula, de maneira que ela ficasse entre Dana e eu.

- Aproveita que o vinho está ótimo – Paula me ofereceu sua taça.
- Vinho é só um pretexto.
- Para quê? – Ela jogou verde para que eu respondesse que era por sua causa.
- Para chegar mais perto da lareira, óbvio – brinquei.
- Ah, idiota – deu-me um tapa no braço.
- Aqui está realmente aconchegante – afirmou Dana, um tanto concentrada no fogo.
- Não disse?
- Mas estou ficando com calor – Paula fez joguinho de novo. – Acho que vou ficar um pouco lá no sofá.
- Até mais, então – permaneci dissimulado.
- Por que você é assim comigo?
- Estou brincando – puxei-a com um abraço. – Vem cá, senta mais perto de mim.

- Quanto dengo – afirmou Dana.
- Simplesmente me adora – beijei carinhosamente sua testa.
- Só um pouquinho – ela se aconchegou em meu abraço.
- Mas então, Dana – aproveitei o momento de descontração e ativei minha cara de pau, - o que me conta de novidade?
- Sobre?
- O Rafael – interveio Paula.
- Eu não pretendia ser tão direto assim, mas já que a querida aqui já chutou o balde. Sobre o Rafael.
- O que quer saber? – Ela transparecia uma serenidade incrível.
- Ué, se estão se dando bem, se você tem gostado dele, essas coisas.
- Hm – absorveu a informação como se precisasse estudar uma resposta. – Simples. Pergunte a ele.
- Ai, quanto mistério – paciência não era o forte da Paula.
- Não gosto de falar da intimidade dos meus clientes – defendeu-se Dana, sempre mantendo a calma. – Muito menos da minha.
- Justo – concordei como se pisasse em um campo minado. – Mas como pode ver, estamos praticamente em família aqui.
- Fale por você. Sou nova na casa, e nós dois mal nos conhecemos.

Ai meus dedos.

Paula e eu nos olhamos de canto em meio ao constrangedor clima de hostilidade que pairou no ar. Em poucos segundos de conversa Dana demonstrou uma personalidade muito forte. E o que mais me deixou satisfeito foi a sua discrição, não somente com o seu trabalho como também pela sua vida particular. Por ser tão mal acostumado com as meninas me tratando com naturalidade e sem pudores para expor certas privacidades, às vezes eu esquecia que as pessoas tinham o direito de se manterem reclusas. Em nenhum momento me ofendi com o modo ríspido de Dana falar, pois o errado era eu. Abusei da minha posição no grupo para pescar informações sobre um assunto que não me dizia respeito, mesmo meu irmão fazendo parte.

Eu me sentia em casa, conhecia as meninas e dava-me bem com todas. Mas Dana era nova, dando-se o direito de não sair me falando tudo ou ficar de gracinha comigo. Ela me conquistou ali, naquele momento. Fiquei muito feliz pela escolha que Rafael havia feito. Seu início de vida sexual estava em ótimas mãos, definitivamente, pois não se tratava apenas de uma mulher experiente e bonita. Ia além disso. Tratava-se de uma mulher séria e confiável no que dizia respeito à sua profissão.

Compreendi o seu recado e recuei. Por ora, deixei o assunto de lado.

O cheiro vindo da cozinha aos poucos foi invadindo a sala, deixando todos com água na boca. Ao que tudo indicava, algo muito bom estava sendo feito. Isso muito me aliviou. Não quis transparecer para não deixar Rafael mais nervoso, mas no fundo eu também estava com um certo receio. Sempre confiaria em seus dotes culinários, mas enquanto ele fosse negativo e não soubesse dosar seu nervosismo, eu ficaria com um pé atrás quando a hora do vamos ver surgisse. Depois de tanta propaganda que fiz, seria um mico se ele errasse feio. Mas eu precisava confiar nos talentos do meu irmãozinho até o fim.

Rafael também era muito discreto com tudo a seu respeito. À noite, quando estacionei a moto em sua casa e pudemos conversar um pouco sobre tudo o que acontecera durante o dia, ele me contou um pequeno acontecimento na cozinha.

Como Paula e eu ficamos de frescuras um com o outro, Dana se viu estimulada a sair. Agradou-me saber que ela seguiu o cheiro até a cozinha. Entrou em silêncio e ficou observando da porta os dois cozinheiros em ação. Ao notar sua presença, Rafael deixou cair a colher que tinha nas mãos. Típico.

- D-Dana?! – Gaguejou.
- Pode continuar o que estava fazendo, não quero atrapalhar.
- C-Claro – e se atrapalhou todo mesmo assim.
- Aposto que veio guiada pelo cheiro – afirmou Bruninha, vestida a caráter com um avental.
- Confesso que está dando água na boca.
- Eu não disse, Rafa?! Tenho certeza de que vão gostar.
- Tomara.
- Posso ajudar em alguma coisa? – Dana questionou ao dar alguns passos para dentro da cozinha.
- Hm, não sei – disse Bruninha. – Pode, Rafa?
- Pode. Precisamos de alguém para dar a primeira prova.
- Então, vamos provar – ela aceitou a missão e caminhou em direção aos cozinheiros.

Eu queria que Rafael arrasasse no almoço não apenas para ganhar moral com as meninas, mas principalmente para cair nas graças da Cris. Ela era o principal elo entre uma vida normal e uma vida quase que utópica repleta de prazeres e diversão. No entanto, Rafael não pensava o mesmo.

Toda a pressão que sentia em seus ombros e a grande responsabilidade que o fez extravasar aos gritos na janela do meu apartamento era única e exclusivamente por Dana. O seu medo era o de não conseguir impressioná-la, ou então de passar por idiota em sua frente. Ele me contou que oferecer a prova a ela o fez tremer por dentro. O fato de não estarem na formalidade de um programa e que assim ela não tinha a obrigação de agradá-lo, digamos, apenas fazia aumentar a sua apreensão. Achei bobagem pelo fato de confiar em suas habilidades, mas compreendi.

Dana pegou a colher, assoprou um pouco e tirou a primeira prova. Degustou, degustou, degustou e degustou. “Até pareceu que fez de propósito para me torturar”, disse Rafael. Depois do mistério, o veredito.

- Divino.
- Jura?! – Bruninha foi muito mais eufórica por não sentir peso algum em seus ombros.
- Juro. Está maravilhoso.
- Que alívio – Rafael suspirou fundo.
- Eu não disse?! – Comemorou Bruninha. – Somos ótimos na cozinha! Quer dizer, você é ótimo.
- Não, nós somos ótimos, sim – sorriu Rafael. – Não sairia tão bom sem a sua ajuda.
- Ai, que fofo! – Com toda a sua naturalidade característica, Bruninha o abraçou e deu-lhe um beijo no rosto.
- Que bom que gostou, Dana – e seu foco era sempre ela. – Fico feliz.
- Eu também fico feliz, porque a fome está apertando.

- Ah, segura só mais uns minutinhos, então! – Apressou-se como se ela fosse morrer no minuto seguinte. – Já está quase pronto.
- Vou arrumando a mesa – adiantou-se Bruninha.
- Eu te ajudo – completou Dana.

Rafael se realizou com o elogio. De repente todos os seus medos e receios evaporaram como a água dentro das panelas. Conseguiu arrancar um “divino” de sua musa, sendo que a comida ainda nem estava pronta. Aquele tipo de reação positiva era mais uma das mudanças que ele vinha sofrendo. O Rafael de antigamente nem estaria lá participando, para começar. Depois, teria ficado tão nervoso, mas tão nervoso, que seria capaz da façanha de estragar uma comida já quase finalizada. Mas ele se manteve firme, escondendo um sorriso enorme de satisfação para as meninas às suas costas. “A minha vontade foi de largar tudo e apenas observá-la”, confidenciou.

A hora do almoço foi boa para reparar em alguns detalhes importantes. Detalhes que nem todos estavam atentos. Conforme Renata havia afirmado, sua intenção era de começar uma força tarefa para “arrancar” Rafael de Dana. A propaganda toda, juntamente com o destaque que aos poucos o garoto estava ganhando e com a aprovação de Cris, fez com que ela se interessasse. Era uma característica sua, instigavam-lhe a curiosidade pessoas que ganhavam alguma relevância de maneira misteriosa. Para dar início ao processo de aproximação, Renata fez questão de sentar ao lado de Rafael. Foi bastante discreta para os demais, mas Cris e eu, por exemplo, notamos uma sutil pressa em pegar o lugar.

Para Renata era tudo uma questão de desafios. Não creio que ela realmente odiasse a Paula de coração. A inimizade que tinham nascera de uma disputa de clientes. Eu ainda nem fazia parte da família quando Renata era a principal menina da casa. Isso significa dizer que era a mais cara, a mais procurada, de difícil acesso e fazia programas apenas com clientes ricos. Entre eles, o Fernando, um dos mais importantes frequentadores da casa e o xodó da Cris. Se alguém tinha privilégios e podia praticamente fazer o que quisesse, esse alguém era ele.

Velho filho da puta.

O cenário mudou com a chegada da Paula. Não era comum e nem mesmo regra uma espécie de rodízio. O grupo de meninas automaticamente tinha uma líder, a que mais se destacava e servia de carro-chefe para os negócios da Cris. Isso quem decidia não eram elas, muito menos a dona. Os clientes mais importantes eram quem faziam a seleção indireta. Uma questão de curso natural das coisas.

Em um determinado momento um cliente mais poderoso, vip da Renata, interessou-se por Paula. Depois outro, depois mais outro, até Cris se dar conta de que o posto mais alto havia trocado de mãos. No entanto, Renata não sofreu uma espécie de rebaixamento. Sempre teve a sua importância na casa e o devido respeito de todos, mantendo a maioria dos seus costumeiros clientes. O golpe em seu ego foi justamente quando perdeu a preferência de Fernando, o ricoço. Um belo dia o velho não a procurou mais. Quando pedia os serviços da casa, era com Paula que queria sair.

Assim nasceu a disputa acirrada entre as duas. No atual momento, ao que tudo indicava, a tendência era que a rixa esfriasse um pouco. Com a chegada de uma nova menina na casa, pintava a possibilidade de outras intrigas. Mesmo jamais esquecendo a perda do seu principal cliente, talvez

Renata finalmente deixasse Paula em paz e passasse a querer medir forças com Dana, a novata. E sua intenção era começar o quanto antes, isso era visível para quem estivesse atento.

Nem Cris sabia ao certo o que a motivava a criar aquele tipo de competição. Talvez por já ter perdido um posto de importância para Paula, agora não queria perder mais nada para ninguém, especialmente para Dana. Por ser recém chegada, seu preço era o mais alto da casa, justamente para chamar a atenção dos clientes. Quando deixasse de ser uma novidade, não tenho dúvidas de que o pau iria comer forte na disputa por programas com ricos.

Nada se comentou a respeito disso tudo, mas Cris e eu notamos o que morava nas entrelinhas. Renata não era a discórdia da casa, longe disso. Cris aprovava seu instinto agressivo, pois agradava a muitos clientes. Dana, o alvo da vez, mostrou-se totalmente alheia às minúcias da situação. Ou percebeu tudo e fez-se de desentendida, o que particularmente me agradou muito. Aliás, tudo me agradou. Dali um tempo eu podia prever que não precisaria fazer mais nada. Rafael já estava em pauta mais cedo do que eu imaginava. Meu papel na história aos poucos vinha chegando ao fim. Em breve o garoto caminharia com as suas próprias pernas.

Não quero parecer exagerado em meus relatos, muito menos conveniente. O fato é que o almoço caiu como uma luva. Foi simplesmente perfeito. Rafael acertou a mão em cheio na cozinha, como eu tinha a certeza de que acertaria. À noite, ainda em nossa conversa, puxei sua orelha de novo para que colocasse de uma vez por todas na cabeça que ele era capaz de fazer coisas muito boas. Precisava apenas acreditar em si mesmo.

Todas as meninas ficaram deleitadas ao darem a primeira garfada na comida. Renata, que havia reclamado da escolha, também adorou. Encheu Rafael de elogios, buscando o contato físico a todo o instante, como se já fossem quase íntimos, e fez questão de atacar: “Está convidado a cozinhar lá em casa, quando quiser. Sou péssima na cozinha!”. Para não fugir à regra, ele ficou sem jeito.

Uma coisa eu admito. Sua timidez era quase um charme. Posso garantir que alguém na mesa o observou com olhos interessados, do tipo “ai, que fofo, ele é tão bonitinho envergonhado”. Algo assim, tenho certeza.

Conversas paralelas com quem almoçava logo ao lado, conversas cruzadas com quem almoçava na extremidade oposta da mesa, pedidos de atenção aqui, gritos ali, risadas, me passa o refrigerante, me alcança o vinho, serve mais uma vez, elogios e mais elogios ao prato. Foi um domingo ótimo. Por um momento esqueci que Rafael ainda era um novato. Com Renata de um lado e Bruninha do outro, ele passou o almoço todo conversando e se divertindo. Pude notar a felicidade verdadeira em seus olhos, e ele me confirmou mais tarde.

“Não é pelo fato de ter ficado entre garotas lindas que fazem programa. É algo muito além dessa superficialidade ridícula. Fiquei feliz porque finalmente me senti bem locado em algum lugar, entende? Não eram mulheres bonitas que estavam à mesa. Eram pessoas que, de maneiras distintas, me fizeram algum bem”.

Fiquei tão feliz quanto ele pelo resultado.

Terminada a refeição, com todos satisfeitos e muito bem alimentados, Cris fez questão de pedir silêncio para dedicar algumas palavras a Rafael. Se até eu fui pego de surpresa, vocês imaginem ele.

- Primeiro, quero agradecer ao almoço que tivemos hoje. A todas as meninas que abriram mão de dormir até tarde em um domingo para estarem aqui. Mas quero agradecer principalmente a Rafael – todo mundo olhou para ele, e isso o deixou muito envergonhado, - que aceitou o desafio de preparar esse banquete. A comida estava maravilhosa, querido. Arrisco dizer que foi uma das melhores Lagostas à Thermidor que já comi na vida. Como a oferecida da Renata disse antes, eu também vou dizer agora, já que às vezes também gosto de me oferecer, né? – Todos riram. – Você tem as portas da casa abertas. Pode vir cozinhar para nós quando quiser, será um enorme prazer. Ou se quiser simplesmente nos visitar, esteja à vontade. Vai ser sempre muito bem-vindo, assim como Leonardo é. Parabéns pela comida, querido.

Aplausos. Nunca que Rafael imaginaria viver algo parecido. Vocês têm noção do que significava? Ele tinha acabado de ganhar carta branca da Cris. A maior parte por ser meu irmão, claro, mas também havia uma boa parcela do seu esforço e de mérito próprio. Ainda não estava no mesmo patamar que eu por ainda não ter intimidade o suficiente com o pessoal, mas saí do almoço com a certeza de que muito em breve estaria lá.

“Meu garoto”, pensei cheio de orgulho. Olhamo-nos nos olhos por um instante e dei-lhe um sorriso. Ele sorriu de volta e fez uma breve reverência com a cabeça em reconhecimento e agradecimento. Enfim, conseguimos. Agora, mais do que nunca, começávamos a fazer parte do mesmo mundo.

- Está tudo muito lindo, tudo muito animado – interrompeu Ezequiel quando ainda se falava da qualidade da comida. – Mas podem tirar o cavalinho da chuva, todas vocês, suas sirigaitas de meia tigela. O Rafa vai primeiro cozinhar lá em casa, só para mim!

- Só para você? – Questionou Bruninha, disfarçando surpresa. – Que bicha mais egoísta!

- Sou mesmo! Quero tudo só para mim – afirmou mandando um beijo para Rafael, do outro lado da mesa.

- É oferecida, isso sim – interrompeu Cris com um leve tapa na mesa. – O rapaz é hétero! Acha que ia perder tempo com uma coisa asquerosa como você?

- Ai, credo! – Assustou-se com a mão ao peito. – Não fala assim de mim. Só quero brilhar!

**8**

**Por conta**

Se você quer realmente só fazer sexo, não pode ter preconceitos ou distinções. Seja de luxo ou de esquina, todas são prostitutas ou garotas de programa. Não é pelo preço que você vai respeitar ou desrespeitar uma dessas mulheres. Você tem que ter em mente que o preço está diretamente ligado à beleza, e não ao caráter. Não devo dizer todas, mas a esmagadora maioria está aqui apenas porque depende disso para ganhar a vida. Em outras palavras, vamos entrar apenas pelo sexo.

Rafael passava por uma gradativa mudança. Apesar de todos os pontos positivos que eu poderia enumerar, um negativo falava mais alto. Ele continuava querendo pouco, ainda não se tornara ambicioso o suficiente para sugar o que aquele mundinho tinha a lhe oferecer. Uma pessoa com uma ampla visão das coisas. Em tempo recorde, posso garantir, conquistara o direito de frequentar a casa como um amigo, não apenas como cliente – e mesmo que fosse cliente, não teria poder aquisitivo para ser poderoso.

Na minha época, quando conquistei o mesmo direito, soube dimensionar o tamanho do que isso significava. Passei dias comemorando na sala, na cozinha, no banheiro, rindo sozinho, pulando, soltando rojões e berrando aos quatro cantos do mundo para que soubessem como eu estava feliz. Mas para a minha surpresa, Rafael não demonstrou a mesma alegria, quando inclusive achei que fosse reagir com ainda mais efusão.

Feliz ele estava, apenas não notei uma euforia descontrolada. A minha sensação foi como se tivesse acontecido algo corriqueiro em sua vida.

Com uma pulga atrás da orelha, garimpei até arrancar a informação. De fato, ele estava feliz. No entanto, um pouco chateado. Por quê? Porque ele pensou que a partir daquele momento, tendo sido aceito na casa, a Dana iria telefonar uma vez ou outra para conversarem, ou que ela se interessaria e o procuraria para fazerem programa.

“Não, não, não!”, foi o que consegui falar assim que soube. A minha vontade foi de esbofeteá-lo até que voltasse à realidade.

Estávamos em meu apartamento, após o expediente de uma terça-feira qualquer. Descobri o que o incomodava no carro enquanto o levava para casa. Mudei a rota para que pudéssemos conversar melhor. Ele sentou junto à mesa da sala e eu fui para a cozinha fazer um pão.

- Eu me nego a crer nesse absurdo que você está falando.
- Por que absurdo?
- Rafa, lembra! – Gritei, impaciente. – Dana é uma garota de programa. Por mais que ela simpatize com você ou com qualquer outra pessoa, ela não vai ficar de amorzinho com cliente nenhum. Ela é profissional, esse é o trabalho dela.
- Mas ela me tratou tão bem – seu tom era de inconformismo. – Achei que estivesse gostando de mim.
- Vou repetir. Esse é o trabalho dela.
- Meio rude da sua parte pensar assim, não acha?
- Não é rude. É a verdade. Você paga para que ela te satisfaça. Para isso, ela precisa ser carinhosa. Mas isso não significa que ela vai te telefonar no dia seguinte para vocês passearem de mãos dadas no shopping. Não é assim que as coisas funcionam.
- Mas e a Paula? Vocês vivem praticamente um romance.
- É diferente – até que ponto era diferente? – A gente se conhece há bem mais tempo do que você e Dana. Já temos intimidade o suficiente para isso. Mas mesmo assim eu não fico triste se ela não me telefonar, ou não fico olhando para o telefone esperando – não era totalmente verdade. – Isso não existe. Temos carinho um pelo outro, mas não passa disso. Se saímos para dar uma volta e fazer algo diferente duas ou três vezes, é muito.
- É, sei lá também – faltava-lhe estímulo.

- Rafa, presta atenção – rapidamente formulei os pensamentos em minha cabeça. – Não se deixa envolver além do que a Dana pode te dar. Não cai nessa armadilha. Lembra que esse foi o primeiro conselho que te dei, lá atrás?
- Que eu não podia me apaixonar por uma delas.
- Exatamente. E o que você está fazendo?
- Não estou apaixonado – afirmou sem muita certeza. – Não é isso.
- Não, jura! Eu é que estou apaixonado. Vou até telefonar para ver como ela tem passado.
- É que eu gosto dela – insistiu docemente, como se tentasse me convencer do que falava. – Ela é linda, me faz bem. Gosto de estar com ela.
- Meu Deus – lamentei enquanto fechava o pão. – São os efeitos colaterais.
- Não estou errado em pensar isso porque você, justamente quem está me criticando, também sente o mesmo pela Paula – havia certa razão nisso.
- Só que eu já me relacionei com diversas outras meninas da casa e com de outras casas também – saí da cozinha e sentei próximo a ele. – Entende a diferença? Não estou preso a uma só. Você gosta da Dana e se sente bem com ela? Ótimo, fico feliz por você. Também me sinto bem com a Paula. Só que existem outras mulheres, outras pessoas, mais bonitas, menos bonitas, engraçadas, mais meigas, não interessa. É nisso que você tem que focar. Está cometendo o mesmo erro que cometeu com as falecidas Andressa e a sua ex.
- Se são falecidas, para que desenterrar?
- Por que às vezes você precisa de uns choques! – Agarrei e sacudi seu braço. – Por anos você só teve olhos para elas, até sofrer daquela maneira. Então, abro as portas, te apresento mulheres lindas e lugares onde todo e qualquer homem gostaria de estar. E o que você faz? Em vez de passar o rodo, foca de novo as atenções em uma única pessoa. Esse é o erro! A sua visão é reta, Rafael. Sempre foi assim. Está na hora de expandir seu campo de visão, olhar mais para os lados.
- Eu sei que você está certo, mas o que quer que eu faça? – Lamentou de cabeça baixa.
- Quero que continue com aquele sorriso maravilhoso no rosto, super feliz por ter a oportunidade de se relacionar com várias mulheres. Ouviu o que eu disse? Várias mulheres, não somente uma. Foi para isso que o trouxe até aqui.
- Está bem, está bem – não me convenceu. – Você está coberto de razão. Mas você se importa se eu continuar chamando a Dana mais algumas vezes, antes de me relacionar com outras?
- Cara, não tenho que me importar com nada. Com quem você se relaciona ou não, isso é coisa sua. A única coisa que eu não quero é que você se apaixone por uma delas. Isso simplesmente não pode acontecer! Se quiser se apaixonar, namorar e casar, que seja por alguma garota da faculdade, ou alguém que você esbarre na rua. Mas nunca, jamais por uma garota de programa.
- Entendi. Não estou apaixonado. E prometo tomar cuidado para não me apaixonar.
- Ótimo! – Torci pela sua sinceridade. – Você está vidrado na Dana porque recém começou, vai por mim. Tudo o que precisa é experimentar outras relações. Mas segue nessa linha, por enquanto. Aproveita a Dana o quanto quiser. Uma hora tenho certeza de que o interesse por outras vai surgir.
- Veremos – sorriu sem mostrar os dentes.

Bem como eu disse: efeitos colaterais. Quando Rafael esteve triste, tudo o que eu quis foi que voltasse a ser feliz de verdade. Os meios utilizados podem, talvez, serem questionados. Mas o importante é que eu consegui. Ou achava ter conseguido, pois naquele momento uma dúvida quanto

ao meu verdadeiro êxito na história pairou sob minha cabeça. Da maneira como as coisas se apresentavam, parei para pensar e cheguei a uma conclusão.

A princípio, o resultado dos meus movimentos foi apenas uma mudança de foco. Rafael tirou os olhos da ex, e posteriormente da Andressa, e fixou-os em Dana. Desenhava-se uma espécie de nova paixão. E na verdade o eu que queria era o contrário, porra. Minha intenção era tirar o seu foco, expandir o campo de visão para que percebesse que o mundo era repleto de outras mulheres.

Fiquei com medo dos passos seguintes, confesso, mas ainda estava seguro de que tudo o que eu havia feito não era um erro. Só era preciso alguns ajustes aqui e ali e tudo terminaria conforme os meus planos.

Digamos que Rafael ainda estava em fase de treinamento. Para espaiar e fixar a imagem de outras mulheres na cabeça, levei-o a uma casa noturna nova, nos mesmos moldes da primeira vez. Escolhi uma que eu havia frequentado pouquíssimas vezes e não conhecia ninguém para não influenciar em nada. Mulheres lindas fazendo shows, outras mais dançando pela pista e pessoas de diversos estilos se divertindo para onde quer que os olhos apontassem.

Essa casa noturna era um pouco mais sofisticada.

A noite correu sem compromissos maiores. Beber, conversar, rir, observar os shows, dar uma circulada pelo ambiente, ser visto. Quando o relógio iniciou a madrugada, sentamos um pouco para descansar as pernas. Como todo bom professor, eu ficava constantemente de olho em Rafael.

Quando nos acomodamos e ele se concentrou nas coisas ao redor como a um bebê hipnotizado por luzes e movimentos, eu aproveitei para enumerar alguns fatos até o momento: fim da virgindade, laços formados com Cris e as meninas da casa, Andressa e a ex enterradas de maneira definitiva, ânimo renovado até certo nível, o interesse repentino de Renata e visitas às casas noturnas.

Coisas boas vinham acontecendo, de fato. Mas havia um pequeno problema, como tantos outros que já elenquei: tudo foi possível somente porque eu estava lá para ajudar e abrir as portas. Já passava da hora de Rafael dar o próximo passo e andar com as próprias pernas.

Podia começar naquela noite mesmo. Pedi a ele para que me apontasse uma das mulheres que dançavam e que o interessasse. Mesmo sem entender ele olhou em volta, analisou as opções dentro do seu campo de visão, virou o pescoço para lá e para cá – até em uma tarefa simples ele teimava em ser meticuloso – e me indicou uma. Bonita, morena e do tipo mignon.

Esse estilo lembra alguém? Mesmo bufando por dentro e revirando os olhos pela escolha inovadora, eu aceitei.

- Achou bonita?
- Bastante – ele seguiu observando.
- Ela ainda está sozinha – a moça estava escorada em uma pilastra à espera de uma abordagem. – Vai lá.
- Como assim “vai lá”? – Surpreendeu-se como se eu falasse outro idioma.
- Vai lá, ora. Fala com ela.
- Mas assim, do nada?

- Meu anjo, não é do nada – sua ingenuidade me causava sentimentos contraditórios. Uma hora era fofo, outra hora irritante. – A garota está justamente esperando alguém abordá-la. Não vai ser surpresa você aparecer, entende?
- Hm – pensou sem mover um dedo.
- Vai logo! – Empurrei-o da cadeira. – Você pensa demais. Desliga um pouco essa cabecinha. Vai, vai, vai.
- Tá, calma! Não me pressiona que eu não sou botão.

Pelo menos ele foi, e isso me surpreendeu. Achei que fosse empacar feito burro em mangue. Ainda não era o sujeito mais corajoso do mundo, mas o importante é que a sua covardia em excesso já não existia mais.

Não movi um único músculo de onde eu estava para observar com atenção o andar da carruagem. Era uma garota de programa, não tinha erro. Ela não ia fazer charminho ou avaliar a beleza do cliente. Bastava ter uma conversa agradável e deixar a magia do dinheiro acontecer. Isso era o que eu esperava ver, e foi o que eu absolutamente não vi.

Para a minha surpresa, daquelas de procurar respostas até na Bíblia, Rafael se aproximou da moça, trocou meia dúzia de palavras – calculei isso pelo tempo, mas pode ter sido menos – e voltou para sentar ao meu lado. Embora eu o tenha fitado com expressão de incredulidade por algum tempo, ele sequer me olhou. Voltou sua atenção ao show como se nada tivesse acontecido.

- O que diabos foi isso? – Cheguei a ficar angustiado pela resposta.
- Isso o quê? – Ele encarou tudo com naturalidade, mesmo.
- Eu disse para você ir lá conversar com a moça. Não foi isso o que eu vi. Preciso entender.
- Ah! – Falou como se fosse algo tão óbvio. – Eu perguntei quanto ela cobrava. Achei muito caro, então agradei e voltei para cá.
- Você fez isso? – Fiquei ainda mais incrédulo. – Perguntou o preço e agradeceu a gentileza?
- Sim, ué. Por quê?
- Meu Deus, Rafa – baixei a cabeça e levei-a até as mãos.

Eu tentei me segurar, mas não consegui. Nada naquela noite teria me feito rir mais do que meu diafragma dolorido me permitiu. Apesar de não entender o motivo exato da graça, ele riu junto. Precisei de um bom tempo para recompor as ideias e conseguir voltar a respirar como um ser humano normal. Cheguei a chorar.

- Cara, era para você conversar com ela! Conversar, não simplesmente perguntar o preço. Isso é até rude.
- Mas o que eu ia conversar? – Sua inocência me surpreendia cada vez mais.
- Um assunto aleatório. Não existe fórmula. Pode ser qualquer coisa, menos perguntar o preço como se você estivesse em um supermercado escolhendo um pedaço de filé mignon.
- É, tem razão – assenti em tom pensativo. – Será que devo pedir desculpas?
- Não, deixa – tive que rir de novo. – Ela já deve até ter esquecido. Mas que fique de lição para a próxima.
- Anotado – sorriu.

- Ora, perguntar o preço. Só você mesmo.

Estávamos apenas nós dois na mesa. Um copo vazio e outro cheio. Façam as suas apostas.

Certo momento da noite ficamos apenas observando sem trocar uma única palavra. Música alta, dezenas de vozes sobrepostas e muita mulher bonita. Notei um sorriso no rosto de Rafael, embora tímido. Eu tinha a certeza de que apesar dele estar gostando do momento, era Dana quem povoava sua cabeça. Isso ia contra a minha ideia de não manter o foco em uma pessoa só.

- Está pensando nela – afirmei quase lamentando.
- Um pouco – e ele não fez questão de esconder.
- Mesmo não concordando, eu entendo isso. Não é só porque foi a sua primeira vez, é porque ela foi carinhosa. Claro, a transa também deve ter sido boa.
- Foi perfeito – adorei ele ter dito isso.
- É nesse ponto que eu queria chegar. Como você sabe que foi perfeito?
- Porque foi, ué – deu de ombros. – Eu gostei, achei maravilhoso.
- Tudo bem. Só que você não tem nenhum parâmetro, não existe um ponto de partida.
- Como assim?
- Dana foi a sua segunda primeira foda, certo?
- Não começa – revirou os olhos.
- Que seja – prossegui. – Ela é a sua referência. Você só vai poder dizer que a foda de vocês foi perfeita depois de ter outras experiências. Para comparar, você precisa de mais de um exemplar. É disso que estou falando.
- Está sendo prolixo – ele me entendeu, mas preferiu debochar. Fiz de conta que não notei.
- Você não tem que apenas transar com outras mulheres. Tem também que experimentar outros estilos.
- Não curto sadomasoquismo.
- Não seja idiota – mostrei-lhe o dedo médio. – Não é disso que estou falando. Olha em volta, presta bem atenção. Aqui você só vê mulheres caras, lindas, elegantes, gostosas, carinhosas e dedicadas. Mulheres que se não fossem de programa, o cara se ajoelharia e pediria em casamento.
- De fato – concordou com a cabeça.
- Foi com uma dessas que você transou. E por natureza, você já é meio parádão, tranquilo, acomodado.
- Resumindo, um idiota – disse com sarcasmo. – É isso que você quer dizer.
- É, pode ser.
- Imaginei.
- Acontece que você experimentou uma garota, adorou e agora acha que não precisa de mais nada. Se transar o resto da vida só com a Dana, vai ser mais do que o suficiente.
- Ah, sem dúvida – sua ênfase teve até brilho nos olhos. – Todos os dias com ela e eu já seria o cara mais feliz do mundo.
- Vou quebrar esse copo nessa sua cabeça de sanga cagada! – Irritei-me de verdade. – Presta atenção, porra! Em primeiro lugar, para transar com a mesma mulher o resto da vida, o cara tem que ser, no mínimo, muito, mas muito tarado.
- Meus pais são casados há não sei quantos anos e tenho certeza de que o meu pai nunca transou com outra.
- Não que você saiba.

- Não vou nem me prestar a responder – fitou-me com os olhos semicerrados.
- O fato é que não existe mais isso hoje. No começo pode ser incrível, maravilhoso, a coisa mais perfeita do mundo. Mas os anos passam e o tesão acaba. E isso não sou eu quem está dizendo. É fato, é da natureza humana, principalmente do homem. A Dana é a musa perfeita hoje. Se você transar com ela todos os dias por anos, vai cansar, enjoar e querer outras.
- Não sei – ele seguia com cara de quem sonhava com a possibilidade. – Não dá para generalizar, também.
- Só há uma ocasião onde o cara não enjoa. É até capaz de enjoar e sentir a necessidade de transar com outras mulheres futuramente, mas não o faz. Sendo com a garota que você definitivamente vai construir um relacionamento sério e duradouro. Mas a gente sabe que isso não acontece em um estalar de dedos. E reforço sempre a ideia, até entrar nessa cabecinha: a Dana não é essa mulher.
- Eu sei que não – lamentou ao voltar à realidade. – Você não me deixa esquecer.
- Ou seja, você não tem que ser fiel! Parece um marido codorninha. Cadê a aliança? Deixa ver – peguei sua mão para procurar.
- Vou te dizer onde está a aliança – ele a puxou de volta, incomodado.
- Enquanto você está aqui fingindo que bebe, olhando essas mulheres lindas se oferecendo e ouvindo a minha doce voz dando lições de vida, a Dana deve estar em algum quarto montada em alguém, trepando feito uma condenada que precisa dar a buceta para dormir feliz. O que você me diz sobre isso?
- Que você é doente – arregalou os olhos para simular loucura. – E sádico.
- Sádico? Se me disser que isso é algo que o faz sofrer, juro que me levanto e vou embora agora – eu ia mesmo. – Meu querido, isso é fato. Nesse exato momento, a Dana está com um pau ou nas mãos, ou na boca, ou no rabo. É só escolher o lugar que menos te machuca.
- Que cavalheiro – desdenhou.
- Realista! Agora eu te pergunto. Sabendo que a sua musa inspiradora está – insinuei para que ele completasse. – Vamos, continua a frase. Sabendo que a sua musa inspiradora está – repeti o gesto. Ele me olhou com cara feia e completou contra a sua vontade.
- Trepando feito uma condenada?
- Isso! – Aplaudí ironicamente. – Sabendo disso, o que você tem que fazer? Dica: chorar e cortar os pulsos não é a resposta certa.
- Sei lá. Devo convidar uma garota para sair?
- Não! – Pensei em lhe dar um tapa, mas desisti. – Quer dizer, sim. Mas não dessa maneira, por favor.
- De que maneira, então?
- Você não vai convidar uma menina pura para dar uma volta no cinema e comer pipoquinha doce. Você vai convidar uma mulher para trepar a noite toda feito um condenado. É isso que você vai fazer!
- Ter que fazer não significa que vou fazer – argumentou julgando ser sábio.
- Ah, mas vai! – Resolvi tomar uma atitude. – E é agora. Aquela parte que falei de você ser acomodado, lembra? E que aqui só tem mulher de classe? Está na hora de você conhecer a outra face do sexo.
- Que poético – zombou. – Nome de filme?
- Não – levantei-me e peguei o casaco da cadeira. – Vamos cair fora daqui.
- Como se eu tivesse opção – ele fez o mesmo. – Vai ligar para a Cris?
- Além da Dana, a Cris também deve estar montada em alguém e vai passar a noite trepando feito cadela no cio.
- Sério, você não precisa ser tão rude assim.

- Meu cu – insisti na simpatia. – Foi.

Fiquei surpreso dele não contestar ou reclamar para ficar. Aceitou na boa, mesmo não sabendo para onde exatamente eu pretendia nos levar. Casa noturna de alta classe foi o local de partida. Inferninho escondido e mal cuidado foi o local de destino.

Lugares como esse existiam aos montes pela cidade. Àquela época eu havia frequentado muitos, mas nunca mais tinha ido desde que conhecera Cris. Minha intenção não era analisar o nível de qualidade – até porque obviamente seria baixo, – e sim buscar lugares específicos para determinadas vivências. Inferninhos não eram locais indicados para realizar fantasias ou transar com mulheres perfeitas. O ambiente era propício para adquirir experiências diferenciadas de vida.

Estacionei a moto na rua com a certeza de que ninguém a levaria. Era uma região com baixo índice de assaltos para não atrapalhar o tráfico de drogas e o mercado do sexo. Nas partes mais internas e obscuras do bairro havia milícias de traficantes que cuidavam da “segurança”. O que eles mais queriam era que os playboys das zonas nobres da cidade transitassem por lá e esvasiassem seus bolsos. E nesse ponto, era muito mais rentável deixá-los consumir do que roubá-los. Uma loucura.

Pelas ruas, garotas de programa caminhando de um lado para o outro à espera de clientes, indiferentes ao frio. Talvez a brasa do cigarro na ponta dos dedos fosse a coisa mais quente nelas. Nem em suas bucetas desgastadas e sedentas unicamente por dinheiro haveria mais calor. Eu procurava não sentir pena daquelas mulheres, pois pena podia ser um sentimento muito cruel para qualquer ser humano. Às vezes eu era tomado de remorso, mais intenso do que uma mera tristeza. E o pior era não saber explicar o motivo.

Em suas naturezas, talvez muitas não prestassem como pessoa, independentemente do nível que pertencessem na sociedade. Mesmo assim eu tentava não julgar nenhuma por ter em mente que o que faziam podia denegrir sua moral, mas que precisavam para sobreviver.

Além das opções transeuntes, havia alguns inferninhos espalhados em prédios velhos, quebrados e rebocados. Alguns escondidos, outros mais à mostra. Rolava de tudo e era mais fácil achar droga de ótima qualidade do que uma mulher com todos os dentes na boca.

Caminhamos algumas ruas como se não tivéssemos destino. Era um número elevado de opções e nenhum conhecimento ou indicação da menos pior. Escolha baseada em sorte seria o último método. Primeiro, optamos por estabelecer um pré-requisito. Na porta da maioria desses inferninhos ficavam os seguranças – estavam mais para porteiros que arrecadavam a grana de entrada. A gente entraria no primeiro que tivesse uma mulher bonita na frente. Claro, bonita dentro dos padrões de beleza que a região permitia.

Foi difícil, mas encontramos. Uma loira alta, pernas bem grossas e peitos duros de tanto silicone. Avaliamos apenas o corpo, pois a cara era um Deus nos acuda.

Antes de entrarmos, paramos em frente ao estabelecimento, do outro lado da rua, para dar uma última olhada e analisar as pessoas que entravam e saíam.

- Isso varia de pessoa para pessoa – disse a ele. – Eu, particularmente, não beijo elas na boca. Encare como preconceito ou como quiser, mas é algo que eu evito fazer. Sabe-se lá o que elas colocaram na boca.

- O que elas colocaram na boca a gente sabe. A questão é de quem – sorriu enquanto se encolia em seu casaco.

- Exatamente. Então, te aconselho a fazer o mesmo. Beijo na boca é algo muito íntimo – muito mais do que a penetração. – Outra coisa. Vivemos em um mundo hipócrita. As mulheres que trabalham para a Cris são garotas de programa. Às vezes até as chamamos de meninas, algo bem carinhoso. Essas daqui são prostitutas, mulheres da vida, sujas e que transam com qualquer um somente pelo desespero de conseguir alguns trocados. Você precisa ter em mente essa distinção. Entra naquela mesma questão de classes, lembra? A Dana é uma puta quase de luxo. Qualquer uma desses inferninhos não passa de uma puta pobre e chinela.

- Isso eu entendo. Mas no que exatamente vai me servir?

- Se você quer realmente só fazer sexo, não pode ter preconceitos ou distinções. Seja de luxo ou de esquina, todas são prostitutas ou garotas de programa. Não é pelo preço que você vai respeitar ou desrespeitar uma dessas mulheres. Você tem que ter em mente que o preço está diretamente ligado à beleza, e não ao caráter. Não devo dizer todas, mas a esmagadora maioria está aqui apenas porque depende disso para ganhar a vida. Em outras palavras, vamos entrar apenas pelo sexo. Não nos interessa se fora daqui ela se droga, assalta, apanha do marido, tem uma ninhada de filhos, não sabe ler, largou a escola, se é formada. Nada disso nos interessa, não temos o direito de julgar. Entende o que quero dizer?

- Assim como nenhuma delas vai me julgar, eu tenho o dever de fazer o mesmo – afirmou em tom pensativo.

- Isso. É questão de caráter, Rafa. Essas mulheres não estão aqui por prazer. Aposto que muitas sofrem com desrespeito em casa com o marido, e também aqui com os clientes. Sejam feias ou bonitas, são pessoas. Eu só me tornei grande amigo da Cris e conquistei sua confiança por pensar assim. E não tenho dúvidas de que você também pensa dessa forma.

- Você sabe que sim. Mas você foi incoerente.

- Fui?

- Por um lado você me diz para respeitar essas mulheres, sendo elas de luxo ou de esquina. Por outro lado, me aconselha a não beijar essas putas de inferninho por questão de higiene, sendo que as de luxo você beija.

- Não disse que vivemos em um mundo hipócrita? – Abracei-o pelo pescoço.

- Infelizmente.

- Certo, preparado? É aí dentro que você vai realmente ter uma nova experiência de vida.

- Se você diz – disse sem ânimo algum. – Eu preciso mesmo?

- Precisa. Passando com êxito aqui, você passará por qualquer outra situação que envolva sexo.

- Se você diz – observou a faixada do lugar, ainda sem ânimo.

- Ah, outra coisa – lembrei antes de caminharmos. – Muito prazer, meu nome é Leonardo – estendi a mão para cumprimentá-lo. – E você?

- O quê? – Ele me olhou com expressão azeda. – Bebeu? Do que está falando?

- Não nos conhecemos, simples assim – eu mesmo peguei sua mão e apertei com firmeza. – Nunca vim aqui antes e também não conheço ninguém que está lá dentro. Até agora, onde quer que eu o tenha levado, você esperou que eu agisse ou te apresentasse alguém. Chegou a hora de fazer por conta, Rafa. Vamos cada um para um lado. Não sei o que ou quem vamos encontrar lá dentro. Não espera por mim e nem conta comigo.

- Mas quanto terrorismo – zombou.

- Lamento, mas é como tem que ser, senão você vai sempre depender de mim para essas coisas. Entende o que quero dizer? Não vai ficar brabo, né?

- Não se preocupe – sorriu com serenidade. – Afinal, você tem razão. Quero fazer sozinho, mesmo que esteja com preguiça de começar.

- E medo?

- Hm – pensou. – Sabe que não? É mais preguiça mesmo. Nem começou e já quero que termine. É o meu próximo passo, né?

- Assim que se fala – incentivei-o. – A partir desse ponto, é tudo com você.

## 9

### **O inferninho**

Susan era boa – ou ficou boa quando fechei os olhos. Chupava lentamente, mas com uma sucção forte. Enquanto usava uma das mãos para bater a punheta, com a outra acariciava minhas bolas. Quando consegui me destravar um pouco e senti meu corpo menos tenso, segurei sua cabeça e acompanhei o fluxo dos movimentos. Estava bom, mas não perfeito, e o motivo se tornava o meu clichê.

Pagamos dez reais para entrar. Nem perto do que normalmente se pagaria nas casas de luxo, que giravam em torno de cem reais para cima. Um belo abismo de distância. Ao entrarmos, pude notar um abismo não apenas no preço, mas também na qualidade do ambiente e principalmente nas mulheres. Algumas nem o corpo era algo que satisfazia aos olhos. Ou muito magras, ou um pouco barrigudas. Não sei o que era mais broxante: a barriga dura de cerveja ou a mole pelancuda.

Já sei, eram piores as com piercing.

Algumas tinham um corpo bacana, deixando a desejar no rosto. As que tinham uma fisionomia aceitável, pecavam no corpo. Ou seja, na hora de escolher eu ia acabar perdendo em alguma coisa. Bonita e gostosa, nem pensar.

A porta de entrada era estreita, cabia uma pessoa por vez. O corredor, de mesmo tamanho e com uma luz vermelho escuro, seguia por alguns metros até cair em uma pequena bifurcação. Ao longo dele havia algumas portas trancadas. Para o lado esquerdo, uma pequena extensão do corredor seguia até o que parecia ser um banheiro. A porta estava escancarada e a luz era fraca, piscando de tempos em tempos. Na dúvida, tranquei a respiração ao passar.

Para o outro lado ficava o buraco principal daquele ninho escondido. Música alta e luzes capengas e cafonas brilhando de um lado para o outro em diversos globos espalhados pelo teto. O lugar estava cheio.

Para mim, cheio de gente feia.

Assim que chegamos ao centro da festa, Leonardo bateu nas minhas costas, acenou com um sorriso e foi embora. Como me dissera na rua, agora eu estava por conta própria. Não me senti muito desafiado porque estar lá não era algo que me animava. Antigamente, acredito que eu teria ficado bastante acuado com todo um ambiente aparentemente hostil. Uma espécie de submundo cheirando a sexo, bebida e droga. Mas eu sentia que vinha evoluindo. Mesmo não tendo confiança e experiência, eu pelo menos não tinha mais tanto medo do que era novo.

Confesso que inicialmente não soube muito o que fazer. Fiquei um bom tempo lá de pé, parado, apenas observando. Permaneci plantado no meio do caminho feito um idiota, tanto que um cara esbanjando simpatia me empurrou para o lado resmungando “sai da frente, porra!”. Esbarrei em um casal que se agarrava junto à parede. A mulher me olhou com expressão de incômodo, e o cara me fez ouvir mais alguns palavrões. Coloquei na cabeça que assim seria a minha noite. Se pudesse, naquele momento, encheria Leonardo de socos. Eu não queria estar ali. A Dana simplesmente não saía da minha cabeça.

Se ele queria me apresentar aquele tipo de ambiente, que o tivesse feito antes de me levar às casas noturnas melhores. Acabei estabelecendo um padrão de qualidade muito alto. Que homem, em sua consciência, trocaria mulheres lindas em locais sofisticados por inferninhos e suas mulheres que eram o quadro da dor? Não fui embora por consideração a Leonardo, pois minha vontade era de roubar sua moto e deixá-lo lá se divertindo sozinho.

Acabei esquecendo de perguntar, mas duvido que ele tenha feito programa com alguém. Aposto que passou sentado e bebendo, apenas esperando eu me relacionar com alguma das mulheres.

Embora disposto, eu ainda não me sentia totalmente seguro das coisas. Aquele tipo de ambiente era novidade para mim. Na época eu analisava muito e pensava mais ainda antes de agir. Desconfiado, fui costeando a parede enquanto olhava para todos os cantos onde meus olhos podiam alcançar, mantendo sempre certa distância do bolo de gente que fazia festa no meio do salão. Vez ou outra precisava desviar de algumas pessoas, a fim de evitar ouvir mais palavrões. Acabei por estabelecer uma relação de confiança com a parede. Tornou-se meu porto seguro.

Devido a todas as novidades que estavam aparecendo em minha vida, eu vinha mudando. Sentia isso. O choque de realidade acabou sendo forte e rápido. Em pouco tempo Leonardo conseguiu me tirar de toda a tristeza que era a minha vida. Naqueles novos dias eu tinha uma perspectiva melhor, por menor que fosse. Tudo girando em torno de prazer e sexo. Era só o que eu queria daquele momento em diante, como se recuperasse o tempo perdido. Estudos, trabalho e demais responsabilidades passaram a formar um segundo plano.

Acredito que a maioria das pessoas acharia um absurdo, mas era a atual realidade da minha cabeça. Havia passado anos e anos somente imaginando e pensando em sexo. Agora eu pensava e praticava. Era assim que eu queria viver o resto dos meus dias. Simples e objetivo.

E uma coisa era certa. O sexo que eu queria não estava naquele lugar infame.

Dana.

Será que ela estava com alguém? Com quem? Queria que fosse comigo. Queria muito que o meu celular vibrasse com um chamado seu, perguntando onde eu estava e dizendo que precisava muito me ver. Queria tanto isso que várias vezes pensei ter sentido o celular realmente vibrar. Dana, Dana. Não saía da minha cabeça. Por que era tão absurdo querê-la só para mim e querer ser somente dela? Leonardo não sabia o que falava. Só porque as garotas com quem ele saía não gostavam de firmar compromissos, não significava que a Dana seria igual. Ela podia ser diferente. Ela podia ser minha. Eu queria que ela fosse minha.

Um passo de cada vez. Não era à toa que com frequência Leonardo me pedia calma. Ele sabia que eu ficaria ansioso para que as coisas acontecessem, como em um passe de mágica. Precisei fixar essa ideia na cabeça, mesmo parecendo impossível. “As coisas acontecem aos poucos”, eu dizia para mim mesmo. Para o momento, o inferninho era o cenário que se apresentava diante dos meus olhos.

Havia algumas mesas no centro, espalhadas a esmo, todas cheias de pessoas e copos vazios de cerveja. Ao fundo, dois sofás grandes, sujos e rasgados. Nem imaginava a quantidade de fodas que ele teria presenciado. Um deles já pedia socorro com a esponja amarelada e queimada saindo das costuras. Em ambos, casais se agarravam sem o menor pudor.

Inocência a minha pensar que alguém lá dentro teria pudor.

Prestei atenção na música. Era cafona, não fazia o meu estilo. Deixei que invadisse meus ouvidos para tentar entrar no clima. Foi quando comecei a batucar nas pernas – vejam o meu esforço – que vi algo que sempre quis jogar. Uma máquina de caça-níquel. Não pensei em ganhar, até porque ela devia estar programada para jamais perder. Queria só jogar e me divertir um pouco.

Meu estímulo para entrar na festa imediatamente desapareceu – eu tentei. Corri até a máquina antes que alguém a ocupasse, mas daí pensei, onde eu estava com a cabeça? Era óbvio que ninguém perderia tempo jogando aquilo, como se eu precisasse enfrentar uma fila para perder dinheiro. No

caminho, vieram-me alguns pensamentos com a intenção de me fazer desistir, do tipo “isso é coisa de nerd”, ou “com um monte de mulher dando mole, você vai ficar jogando”. E ouvi com a voz de Leonardo, tornando meu sentimento de culpa ainda pior.

Então, como defesa, pensei: “Mulher? Onde tem mulher aqui?”.

Hoje percebo o quanto fui cruel, mas são águas passadas.

Puxei algumas moedas do bolso e simplesmente me diverti do meu jeito. Não me julguem. Ver os desenhos coloridos passando em velocidade me deixou em transe. Não sei ao certo quanto tempo fiquei submerso no jogo, acabei perdendo a noção. Esqueci boates, frio, fome e Dana. Por um momento esqueci que Dana morava em meus pensamentos.

Voltei à realidade quando do nada, mas do nada mesmo, uma mulher me deu um beijo longo e meio babado no pescoço. Assustei-me de uma maneira inexplicável. Cheguei a pensar que a baba gelada fosse o cano de uma arma. Imaginem o tamanho da minha paranoia com a segurança do lugar.

Virei-me na mesma hora. Não sei porque, mas a primeira pessoa que me veio à cabeça foi Ezequiel. Em um lugar como aquele, com pessoas de todos os estilos, não achei improvável ser um homem a me beijar. Minha imaginação estava cada vez mais absurda, meu Deus.

Quanto ao quesito beleza ela deixava a desejar no corpo. Tinha uma bunda grande e até interessante dentro do shortinho. Mas todas as galáxias sabem que sem shortinho a história é sempre outra. Pecava muito nos seios. Pareciam grandes por estarem sufocados e apertados no sutiã. Dava para ver que aconteceria o mesmo que com a bunda. Sem nada, cairiam moles, tornando-se horríveis. Pelo formato prévio deles presos, imaginei que soltos pareceriam duas berinjelas.

O grande demérito da moça era a barriga saliente, o que não me deixou surpreso. Nada grotesco, mas convenhamos, se fosse para ser sincero, pediria para que colocasse uma blusa maior enquanto a academia não fizesse efeito. Mesmo naquele fim de mundo, tendo a minha força de vontade posta à prova, fui agraciado com um pouco de sorte, se é que podia chamar de sorte. Justo eu, o eterno pessimista. A moça, que devia estar lá pelos seus 25 anos – chutando baixo pelo desgaste da pele – não era tão grotesca de rosto. Claro, lembrando, sempre dentro dos padrões que a casa oferecia.

Minha teoria de sorte heroica em meio a um mar de azar caiu por terra quando ela abriu um sorriso. Pude notar uma pequena fenda por entre os seus dentes frontais. Foi como agradecer aos céus por um arrego e logo em seguida perceber que no fundo fora apenas um engano. “Seu merda”, dediquei ao Senhor em pensamento. O olhar dela também estava meio estranho. Mesmo com pouca luz, pude notar que vez ou outra ela fitava o nada, fixando a visão para além dos meus ombros, como se eu fosse um pedaço de vidro transparente. Ou era maluca, ou já estava alguns passos distante da sobriedade.

Seu beijo passou muito longe de me deixar com tesão. Deu-me foi nojo. Enquanto a observava, tratei de limpar o excesso de saliva em meu pescoço com a manga da camisa. Com a ânsia que eu tinha de ter as mãos sujas ou meladas, evitei ao máximo tocar com os dedos. A moça seria mais alta do que eu mesmo sem usar os saltos, e eu sou alto. Com um meio sorriso no rosto e olhando nos meus olhos – embora parecesse difícil para ela, – perguntou o que eu estava fazendo sozinho. Fiquei em dúvida entre não responder ou ser sincero. Mas antes que pudesse abrir a boca, ela já estava em cima de mim, com uma das mãos no meu rosto e a outra me apalpando as bolas. Eu que sempre fui sensível a toques mais íntimos não senti absolutamente nada.

Na verdade, meu reflexo me fez recuar.

Não chegava a ser um bafo nauseante, mas o cheiro de cerveja era perceptível de longe. Como eu não tinha o costume de beber, foi algo que me deixou incomodado. Não vou mentir que eu sabia o que fazer ou como fazer, pois fiquei simplesmente parado e deixei o trabalho de sedução todo com ela. Ou sua tentativa de sedução, afinal, eu era o cliente a receber prazer. Ainda com a mão acariciando minhas bolas, ela se aproximou do meu ouvido e sussurrou coisas que eu realmente não entendi, principalmente devido ao som ambiente e a sua língua enrolada. Minhas suspeitas de sua bebedeira só aumentavam.

A minha vontade seguia a mesma: fugir daquele buraco e procurar Dana. Mas como Leonardo queria que eu vivenciasse novas experiências, e já que eu estava lá e não tinha como fugir, não custava aguentar a tortura. Se a mulher era feia, bastava colocar de quatro ou então fechar os olhos. Surpreendi-me por pensar assim, aliás. Era a filosofia do Leonardo cada vez mais fixada em mim. No fim, dava-se um jeito.

Apenas uma coisa realmente me preocupou. Jamais colocaria a mão no fogo quanto à higiene daquele inferninho, isso é fato. Ainda não era demente o suficiente para isso. O problema foi ver a mulher fungando. “Essa vaca está gripada?”, pensei. Era só o que faltava sair de lá com uma gripe ou um vírus novo que nem a ciência conhecia. Embora receoso, não tive a menor chance de me afastar ou dizer que não queria. A mulher era insistente e rápida.

Seu nome? Jamais esqueceria de Susan e do que aconteceu naquela noite.

- Vem para o quartinho comigo, gostoso – sussurrou em meu ouvido. – Vou te fazer todinho.
- Não sei, acabei de chegar – tentei desconversar. – Talvez fosse melhor dar umas voltas antes de escolher.
- Eu sou a melhor – tentou sussurrar de maneira sensual. – Qualidade e serviço completo.
- A melhor é sempre mais cara, não vim com muito dinheiro – e seguiam minhas explicações inúteis.
- Para você faço por quarentinha. Quase nada.
- Quase nada mesmo – lamentei ter esse dinheiro no bolso. – Para fazer o quê?
- O que você quiser – disse ao segurar minhas bolas com mais firmeza. – Você quem manda.
- E tem lugar para transar aqui? – Torci por um não.
- Tem um quartinho. Vem, gostoso, me deixa te dar prazer – finalizou com outra lambida em meu pescoço.

Em nenhum momento ela tirou a mão das minhas bolas e a boca do meu ouvido. Procurou a todo o instante ser sensual com sussurros roucos e falhados. Sinceramente, não estava fazendo a menor diferença para mim. O som era tão alto que nem gritando conseguiria entender direito suas palavras bêbadas.

Contra o meu desejo, fui. Talvez fosse até melhor do que mais tarde ouvir os sermões de Leonardo. Se eu estava lá para adquirir experiência e viver coisas novas, não tinha porque ficar adiando. Quanto mais rápido eu fodesse uma daquelas mulheres, mais rápido eu poderia sair de lá.

Susan me pegou pela mão e guiou-me através de um mundo de gente. Meu pau estava semi duro, e para mantê-lo assim, procurei me concentrar em sua bunda. Como eu disse, de calças era grande e parecia apetitosa. Mas pelada a história mudaria.

Surpreendeu-me a rapidez com que consegui um programa. Não devo ter ficado nem dez minutos jogando caça-níquel. Isso tirou de mim a chance de desistir. Claro que não era uma festinha de formatura onde o cara precisava paquerar e conquistar uma garota após uma trova de horas, mas pelo menos achei que existisse uma espécie de padrão. Você entrava, comprava uma bebida, caminhava sem rumo ou simplesmente sentava, olhava em volta até escolher uma e pedia pelos seus serviços.

Bem, talvez fosse assim mesmo, só que a Susan devia estar desesperada por um programa. Imaginei que não tivesse feito nenhum e terminaria a noite sem dinheiro, ou quem sabe já tivesse feito vários e queria o último para poder ir embora logo para encher a cara ou se drogar à vontade. Independente dos motivos, algo me fez sentir que aceitar não foi uma boa ideia.

No caminho parei de olhar sua bunda para observar o ambiente. Tenho quase certeza de que vi uma mulher melhor. Ou menos pior, dependendo do ponto de vista. “Sabia que devia ter procurado mais”, pensei. Mas que se foda, estava na hora de partir para o abraço do pesadelo.

Quanto mais se penetrava naquele lugar, menor ele parecia ficar. Os corredores eram curtos e estreitos, as luzes fracas, a música sempre alta, a fumaça de cigarro perambulava por todos os cantos e as pessoas não descolavam seus corpos suados e fedidos. Não sei exatamente como fomos parar lá, mas chegamos em um pequeno corredor com três portas. Estavam todas fechadas. Quando Susan me pediu para aguardar um pouco, logo entendi que eram quartos já ocupados.

Ótimo, ia comer uma mulher feia em uma cama já usada sei lá quantas vezes por sei lá quem. Duvido muito que se preocupassem em trocar os lençóis.

Susan tinha a manha da coisa, óbvio que não estava no ramo há poucos dias. Quando a espera passou do que pareciam infinitos dez minutos, ela se virou para mim e passou a mão por dentro da minha calça. Meu pau, que foi adormecendo ao longo do caminho, voltou a despertar. Enquanto me alisava, ela foi beijando meu pescoço e dando leves mordidas. Para o meu alívio, sem babar.

Naquele momento procurei esquecer o fato de que não era uma mulher maravilhosa. Fechei os olhos e aproveitei seu toque suave. Sentia meu pau latejando, e isso me deixou aliviado. A todo o tempo temi não conseguir me excitar. Satisfeito ou não com o produto, fui tomado por uma vontade imediatista de transar.

Lembrei-me do que me foi passado antes de entrar no inferninho: pouco interessava com quem eu fosse transar, o importante era transar.

Uma das portas abriu. Saíram um cara de meia idade barrigudo e uma mulher muito feia, baixinha e flácida. Fiquei imediatamente feliz com a minha acompanhante, a ponto de voltar a me sentir a pessoa mais sortuda da noite. Susan pegou minha mão e levou-me para dentro. Causou-me estranheza ela não passar tranca na porta, mas quem era eu para questionar as regras do submundo.

O quatinho não era nada além do esperado. Uma cama de casal ao centro, os lençóis brancos já bagunçados e obviamente muito usados, dois travesseiros atirados e do lado direito uma pequena

cômoda com um abajur sem bojo. A parede à minha direita era lisa, sem quadro algum ou qualquer outro enfeite. À minha esquerda ficava uma porta que levava ao banheiro. Não ousei entrar lá. A pintura era descascada aqui e ali, e a luz no teto sequer tinha um bocal. Era nesse lugar que eu estava prestes a adquirir experiência. Simples e nada cativante.

Enquanto permaneci parado e analisando o ambiente, Susan caminhou até a pequena cômoda e depositou algumas camisinhas que tirou do bolso. Em seguida, caminhou até a beirada da cama e sentou-se de frente para mim. Eu ficava muito mais nervoso na simples presença da Dana, apenas por saber que ela estava por perto. Naquele momento, pois mais incrível que pudesse ser – eu mesmo não acreditei, – eu não me senti apreensivo. Continuava sem saber o que fazer ou por onde começar, mas estava tranquilo e à espera de que ela tomasse uma atitude. Não perdi o sentimento de indiferença mesmo sabendo que Susan me olhava enquanto eu analisava os detalhes pitorescos do quarto.

- Então, o que vai ser, gostoso? – Incomodava-me muito ela me chamar daquilo de uma maneira tão superficial.
- Você que sabe – pois eu não fazia a menor ideia. – Faz de conta que recém comecei.
- E faz? – Ela questionou como se me desafiasse, sem desconfiar que era verdade.
- Claro que não – menti com firmeza apesar de sentir um gelo correr pelas minhas costas. – Já comi tanto quanto você deu.
- Muito, então – sua risada foi de quem se acusava e aceitava o rótulo de rodada.

Então, ela me puxou pela camisa e abriu minhas calças. A mentira se fixou em minha cabeça por um breve tempo, pois sabia que ela poderia contar nos dedos o número de vezes que eu havia transado.

Meu pensamento mudou quando tirei um momento raríssimo de reconhecimento próprio e permiti-me um singelo mérito. Mesmo sendo novato, de uma coisa eu me orgulhava. Após anos e anos assistindo a filmes pornô, pude notar que em muitos deles as mulheres chupavam o pau dos atores por muito tempo até que ficassem duros. Por qualquer que fosse o motivo, seja por edição para tornar o vídeo mais longo ou para segurar a ejaculação, dava a entender que levava tempo até que ficassem excitados, mesmo que a mulher fosse extremamente gostosa.

Um certo dia assisti a um vídeo amador na internet com essa semelhança. A garota bateu uma punheta com todas as velocidades possíveis, chupou a cabeça, as bolas, enfiou o pau inteiro na boca e nem assim o pau enrijeceu por completo. Lembro que sorri feliz ao ouvi-la reclamar do suposto namorado: “ai, amor, não vai ficar duro, não?”.

Comigo era instantâneo. Bastava cogitar sexo ou pensar em algo relacionado que meu pau já ficava duro como pedra. Nada de enrolação ou chupações eternas. Eu ficava excitado com um estalar de dedos. Mulher alguma passaria trabalho.

Susan abriu uma camisinha – nem a tinha visto trazer da cômoda – e colocou-a gentilmente em mim. Nesse ponto fiquei até surpreso. Leonardo sem dúvida alguma me daria um esporro por estar sendo preconceituoso, ainda mais depois de todo o discurso de respeitar as mulheres de lá. Por estar em um lugar tão feio como aquele, com mulheres ainda mais feias, achei que o tratamento fosse mais agressivo e descompromissado. Para mim, seriam todas rústicas, mal educadas e sem paciência.

Não esperava encontrar delicadeza e cuidado nas mãos de Susan.

Fechei meus olhos e aproveitei o que pude da boa sensação de um boquete, mesmo que com camisinha. Para isso esqueci quem estava me chupando. Esqueci seu rosto feio, a fenda em seus dentes, os peitos em formato de berinjela e o bafo de cerveja. Eu poderia ter trabalhado minha cabeça para pensar em Dana e imaginar que era ela quem me chupava até o talo. Mas eu imaginei uma prima de minha mãe, lá pelos seus quarenta e poucos anos, muito gostosa e ainda com aspecto jovial. Não sei explicar por que meus desejos a procuraram naquele exato momento, apesar de sempre ter sido tarado por ela e batido muita punheta em sua homenagem.

Susan era boa – ou ficou boa quando fechei os olhos. Chupava lentamente, mas com uma sucção forte. Enquanto usava uma das mãos para bater a punheta, com a outra acariciava minhas bolas. Quando consegui me destravar um pouco e senti meu corpo menos tenso, segurei sua cabeça e acompanhei o fluxo dos movimentos. Estava bom, mas não perfeito, e o motivo se tornava o meu clichê.

Não consegui esquecer totalmente o fato de que a Dana existia. Ainda de olhos fechados, a prima gostosa evaporou dos meus pensamentos e acabei visualizando seu rosto. Lembrei da festa de aniversário, quando nos beijamos pela primeira vez. Seu olhar penetrante e provocante buscando os meus lábios. Perdi a virgindade na mesma noite. Lembrei do boquete maravilhoso que ela fez em mim. Que chupada incrível, foi como estar no céu, caminhando entre as nuvens e na presença dos deuses.

Aprofundei-me nas lembranças a ponto de esquecer por um instante onde eu realmente estava. Foi como me teletransportar para o banheiro de casa, onde eu batia punheta de olhos fechados e imaginando uma foda bem feita com quase todas as mulheres que eu gostaria de comer. Amigas, conhecidas, parentes distantes, vizinhas e até namoradas de colegas de faculdade. Meu desejo não descartava nenhuma delas.

Uma lembrança remetia à outra. Abri os olhos quando perdi o foco e comecei a pensar que naquele momento Dana estaria transando com um outro cara qualquer, sem sequer lembrar da minha existência. Incomodou-me. Deixou-me desanimado.

Não queria e nem era o momento para pensar naquilo, por isso mantive os olhos abertos e observei Susan fazendo o seu trabalho. Mesmo feia, era ela quem estava lá para mim. Devia-lhe o mínimo de respeito por isso.

Não sei dizer se era por concentração ou distração, mas eu estava aguentando bem. Aos poucos duraria mais tempo entre uma gozada e outra. Minha intenção era finalizar com o boquete e em seguida partir para a penetração, mas a própria Susan parou e pediu para que eu metesse logo. Fiquei em dúvida se era por sede de sexo ou se para se livrar de mim o quanto antes.

Isso me fez lembrar da primeira vez que fui a um puteiro, muito antes da noite em que vi Dana pela primeira vez. O lugar se chamava Domínio. Fui com um amigo e disposto a fazer um programa, pois tinha acabado de tomar um pé na bunda e estava convicto de perder a virgindade. Não o fiz porque lá as mulheres cobravam por gozada. Independente do tempo que levasse, o programa tinha o máximo de uma hora e terminava assim que o cara gozasse.

Péssimo negócio para um virgem, foi o que pensei na época. Eu não aguentaria nem dez minutos, fato que pude constatar tempos depois quando transei pela primeira vez com a Dana.

Enfim, esse fato me lembrou que não perguntei à Susan como funcionavam os programas do lugar, ou especificamente os dela. Fiquei sem saber se acabaria assim que eu gozasse ou se ficaríamos no quatinho pela próxima hora. Rolou um confronto de desejos em minha cabeça. Ir embora logo e acabar com tudo, ou prolongar o momento para tirar o máximo de experiência possível, como se Susan fosse uma espécie de laboratório do sexo.

“Quero que me coma. Vai me foder gostosinho?”, ela disse ao ficar de pé. Largou meu pau somente quando começou a tirar a roupa. Começou pela parte de cima. Conhecem a técnica para ver se o peito é caído? Basta pegar uma caneta e colocá-la na parte inferior do seio. Se a caneta cair, palmas, está com tudo firme. Se ficar presa, já sabe que a gravidade começou a fazer efeito.

Claro que é um macete apenas para seios pequenos e leves, onde o cara não consegue ter certeza apenas visualizando, o que não era o caso de Susan. E eu acertei em cheio quando a vi de blusa. Pareciam duas berinjelas caídas e com mamilos grandes apontados para o chão – esses, mesmo não estando eriçados, lembravam duas pequenas bitucas de cigarro. A auréola em torno dos mamilos seguia o padrão de quem tinha uma pele mais parda, com descendência negra: círculos bem grandes e que ocupavam quase toda a volta inferior do seio.

Mesmo assim não os achei tão feios, apesar de conseguir prender umas quatro canetas ali. Toda a naturalidade no corpo de uma mulher me despertava grande desejo de sexo, fosse por peitos um pouco caídos, uma barriguinha saliente e até mesmo flacidez. Para mim, a verdadeira beleza de uma mulher residia na naturalidade de suas curvas, algo muito distante da plastificação dos silicones.

Mas digamos que Susan era feia pelo conjunto da obra, mesmo sendo natural. Simplesmente não tinha como achá-la sensual e interessante. Eu estava de pau duro e excitado porque era da minha natureza. Qualquer toque podia me excitar, fosse com a mulher mais linda do mundo ou com Susan.

Procurei não desanimar. Agarrei seus peitos com ambas as mãos, apertei, apalpei de todas as maneiras possíveis e os lambi – arrisquei. Em seguida, apoiando-se em mim, Susan tirou o restante da roupa. Pude ouvir de novo ela fungar ao pé do meu ouvido e isso sim me preocupou, muito mais do que a ausência de beleza do seu corpo. Não queria sair de lá resfriado. Rezei para que fosse no máximo uma rinite passageira, o que não diminuía em nada o fato de que era nojento.

Também notei que ela não tinha o total equilíbrio do corpo, por isso me usou como apoio. Desejei estar menos sóbrio para encarar tudo com mais naturalidade. Eu ainda não era capaz de religar o meu botão de “foda-se”.

Sua bunda era mesmo grande, combinando com as pernas grossas. Anos-luz da perfeição, mas bacana para os baixos padrões da casa. Completamente nua, Susan me masturbou mais um pouco, enquanto me lambeu o pescoço, e em seguida se afastou em direção à cama. Ficou logo de quatro para mim, olhando para atrás e chamando-me para foder. “Vem meter na minha bocetinha”, ela disse. Eu podia sentir o sangue correr pelo meu pau, podia ver o doce lilás de sua cabeça grande através da camisinha. Pulsava tesão.

Subi na cama em direção a ela.

Naquela posição não pude ter muita noção de como era a buceta dela por fora. Por trás não parecia muito peluda. Esquecendo o fator beleza e levando em conta somente que ambas eram garotas de programa, a buceta de Dana ainda conseguia ser apertadinha, ao contrário da de Susan, que me

pareceu bem arrombada. Tive a sensação de que meu pau estava solto lá dentro, como se não encontrasse resistência alguma para penetrar. Observei o mesmo em seu cu, visivelmente usado. Ele não fechava mais por completo quando ela esticava a bunda.

Mesmo com tantos contras, o que realmente não me agradou foi ela gemer assim que penetrei. “Como assim, já?”, pensei. É algo típico de filmes pornôs. O sujeito mal enfia e a mulher já começa a gemer como se estivesse tendo o maior orgasmo das galáxias. Irritava-me demais, não passava de um teatro forçado e broxante, como se fosse uma boneca de silicone programada para gritar quando ocorresse o contato com a pele. Eu queria naturalidade, um gemido de prazer verdadeiro, não uma coisa grotesca.

Logo lembrei que uma puta como Susan jamais teria prazer ali comigo.

A sensação ainda assim era boa. Sexo é sexo, como diria o poeta. Comecei devagar e com calma para curtir ao máximo. Não pressentia nenhum vestígio de que iria gozar. Encarei como uma bela evolução para tão pouco tempo. Procurei não prestar atenção nos gemidos forçados, senão iria me incomodar de vez. Gostei apenas dos momentos em que ela pediu para que eu metesse mais, mais e mais. “Metete, gostoso, metete”, dizia.

Estava bom no ritmo cadenciado, mas quanto mais ela pedia para meter, mais eu era tomado por uma forte vontade de força. Rapidez e força, rapidez e força.

Violência.

Então, fui aumentando a velocidade aos poucos. Quando em um ritmo frenético, ao som de nossos corpos se chocando, a cama começou a balançar para frente e para trás, rangendo todas as juntas possíveis. Compreendi na mesma hora porque tinha duas marcas rebocadas na parede à minha frente, bem onde os alicerces da cama alcançavam.

Usei tanta força e energia que acabei cansando. Eu estava abarrotado de roupa. Senti muito calor, apesar do frio. Diminuí drasticamente o ritmo e apoiei-me um pouco em sua bunda. Havia espaço de sobra para isso. Coube a ela mexer o quadril para cima e para baixo para manter a mesma velocidade. Era um tipo de movimento que me deixava ainda mais excitado. Fiquei sem a menor noção de tempo, mas creio que àquela altura o relógio já tinha passado dos quine minutos. Entre boquete e sexo, era uma boa marca pessoal.

A minha sorte era ser tarado e excitar-me com um simples toque, como já disse. Sem isso acho que não conseguiria comer aquela mulher. Além do gemido forçado e constante, vez ou outra ela vinha com as suas fungadas irritantes. Fungada em meio ao sexo não era legal mesmo.

A maior parte do tempo eu mantive os olhos fechados, focando apenas na imaginação e no prazer que sentia. Nos momentos em que quase perdi a concentração, Dana de novo invadiu meus pensamentos. Meu coração bateu mais forte e de repente senti uma nova energia correr por minhas veias. Foi quando retomei o ritmo acelerado. O tesão se confundiu com raiva. Meti com força não somente porque estava a ponto de bala, mas também devido à vontade agonizante de mandar Susan calar a boca. Parecia que enfiar com força e violência eram uma forma de punição.

Com a segunda retomada de velocidade veio o momento de gozar. Mesmo concentrado e imerso no mundo limitado entre meu pau e a buceta da Susan, percebi barulhos estranhos do lado de

fora do quarto. Pareciam vir de muito longe. E não eram sons das pessoas dançando na boate. Por algum motivo, apesar da sensação de distância, pareciam vir em minha direção.

Eram passos pesados no corredor, como se alguém caminhasse com a ira grudada em um corpo banhado a chumbo. Ouvi as vozes de um homem e uma mulher que pareciam discutir grosseiramente. Fez-me imaginar duas pessoas prestes a puxarem suas armas e proclamarem um duelo de ódio. Atrapalhou-me um pouco – mais do que a própria música, - mas dane-se, não me dizia respeito. Estava quase gozando.

Continuei metendo sem perder o foco. Em um certo momento não teve mais volta. Atingi um ponto onde nem gritos ou músicas me impediriam de gozar.

Nem se cortassem meu pau fora.

Os gritos se intensificaram e pareciam estar ao pé da minha porta, como se o quarto estivesse prestes a ser invadido.

Mesmo no inverno o quarto parecia um forno. A porra da janela estava lacrada como uma cela de segurança máxima. Podia sentir minhas costas afogadas no suor. Minhas mãos quase escorregavam da bunda de Susan quando eu fazia força para agarrá-la. “Goza para mim, goza!”, ela disse quando avisei que estava quase lá. Apertei os olhos e virei o rosto para cima. Havia infiltrações no teto. A sensação que temos segundos antes da ejaculação, quando fazemos força para segurá-la ao máximo, é tão boa quanto a própria ejaculação. O prazer redobrava.

Quando as vozes berrantes do lado de fora entraram no quarto, não consegui mais aguentar. Gozei.

Invadiram o quarto de verdade. Por uma fração de segundo, achei irônico eu ter imaginado algo parecido minutos antes, como se fosse uma previsão nebulosa dos desastres que se sucederiam.

Assim que gozei, recém começando a sentir os prazeres da porra correndo pelo meu pau, um homem escancarou a porta aos gritos. Não pude nem aproveitar a maravilhosa sensação da gozada. Não sei explicar com palavras o pavor que tomou conta de mim. Meu coração disparou muito antes de eu poder entender o que estava acontecendo. Foi como se o cérebro, como órgão, percebesse tudo antes da minha própria consciência.

Ainda em estado de pavor, ao ver a criatura arrombando a intimidade alheia, saí de cima de Susan e instintivamente me protegi. Corri para longe da cama em direção à parede do banheiro, oposta à porta de entrada. Ela foi um pouco mais lenta ao se virar de maneira despreocupada, como se ainda não tivesse realizado o iminente problema.

O homem fervia raiva em seus olhos. A cara redonda era vermelha e as bochechas pareciam duas maçãs gigantes. A careca, então, reluzia um vermelho fogo. Jurei que suas veias fossem estourar e ele teria um aneurisma ali mesmo, na nossa frente. Duvidei que seu coração conseguisse aguentar toda a carga emocional. Em um pensamento que pareceu um raio cruzando os céus, cogitei que fosse o marido corno, ou um cliente descontente, ou quem sabe um agiota que sofrera calote.

“Sua puta, eu vou acabar com a sua raça!”, praguejou o homem ao correr para cima de Susan. Era um sujeito com aparência de bicheiro, com um relógio dourado solto pelo pulso peludo, anéis

também dourados em quase todos os dedos e um número que não consegui contar de correntes no pescoço.

Foi tudo tão surreal que eu não tive reação alguma. Pensei milhares de coisas, mas não executei nada. A voz feminina que antes berrava no corredor era de uma outra china da casa. Uma morena com cara de índia, cabelos bem negros e escorridos. Ela ficou postada na frente da porta gritando por ajuda. E era uma voz alta e barraqueira, perfeita para gritar por ajuda em uma situação como aquela.

Quando o homem agarrou Susan pelos cabelos e a jogou na cama, em minha direção, afastei-me ainda mais para fugir de cena. Desejei me fundir com a parede para que ninguém notasse minha presença. Em um curto espaço de tempo, mesmo que já não sentisse prazer algum, meu pau permanecia duro e cuspidando suas últimas ejaculadas dentro da camisinha.

Enquanto de um lado Susan gritava por socorro, um tanto atordoada e com os seus cabelos puxados de maneira agressiva, do outro pude ouvir o homem gritar: “Já disse para não roubar o meu pó, sua vadia filha da puta!”. Foi quando me senti a pessoa mais ingênua do mundo. Fiquei com vergonha e nojo de mim mesmo.

Aquela mulher não estava gripada ou com rinite, duvido até que fosse alérgica a alguma coisa. A desgraçada estava chapada, dura da droga. Antes de me catar na máquina de caça níquel, ela sem dúvida devia ter cheirado o tal pó que aquele cara reclamava com tanta raiva. Por isso fungava feito uma condenada. O medo que tomou conta de mim pela confusão se transformou em ódio. Queria me dar um tiro na cabeça e acabar com toda a minha existência patética.

Antes que Susan fosse espancada, apareceu um outro homem para apartar a briga. Se era segurança, pouco importou na hora. Só vi que era grande e capaz de segurar o bicheiro enfurecido. Desconfiei de que esse também estivesse alterado quimicamente, pois sua fúria e descontrole não eram de uma pessoa normal. Susan permaneceu encolhida na extremidade oposta da cama, com uma das mãos no rosto para acalmar a dor do tapa, enquanto que com a outra procurou ajeitar o cabelo bagunçado pelos puxões.

Tempos depois do episódio, quando parei para lembrar, já sem sentir vergonha de mim mesmo, pensei que aquele tipo de coisa só acontecesse em filmes pornôfajutos e cafonas, de tão irreal que pareceu. Logo refiz o pensamento e concluí que minha vida é que era fajuta e cafona.

Mesmo aturdido, consegui raciocinar por breves segundos. Não podia ficar lá observando e esperando feito um idiota que sobrasse esporro para mim. O lugar era um lixo e independente de todo o papo sobre respeito que Leonardo me aplicara, só o que eu queria era estar longe. Acima de tudo, eu me sentia sujo. Olhei para o meu pau brochando aos poucos e também senti repulsa. Nem tocá-lo para tirar a camisinha eu consegui por lembrar que minutos antes eu havia fodido uma china de inferninho, cuja boceta deveria ter recebido a visita de vários outros caralhos sujos anteriormente.

Em um ato instintivo, subi minhas calças, fechei-as, catei os tênis no chão e saí sem olhar para trás. Mirei a saída e atravessei o quarto feito um jato. Estavam todos tão empenhados em acalmar os ânimos que passei quase que por um fantasma. Para me deixar ainda mais feliz e satisfeito com a noite maravilhosa, pisei em algo molhado no meio do caminho. Irritou-me de uma maneira imensurável. Não tive coragem de cheirar a meia para ver se era bebida, mijo ou, pelo amor de Deus, gozo.

O som alto da festa impedia que os gritos fossem ouvidos alguns metros longe da porta. Ninguém pelos arredores fazia ideia do barraco que acontecia nos fundos da boate. Ou a voz da china com cara de índia ecoava além da normalidade, ou o fortão careca que apareceu para ajudar estava por perto no momento da briga. Sorte somente para Susan, pois para mim nada importou.

Com os tênis em mãos, comecei a dar voltas e voltas procurando por Leonardo. Havia pouco espaço para muita gente. Barulho irritante, calor, raiva crescendo dentro de mim e uma ânsia latente por respirar ar puro. Eu nunca fora de me irritar tanto como naquela noite. Creio que fazia parte da mudança que as pessoas diziam notar em minha personalidade. “Um pouco de indignação não faz mal a ninguém”, Leonardo me disse certa vez.

Mesmo que o ambiente fosse claustrofóbico, dava a impressão de ser imenso e complexo como um labirinto, de tanto tempo que levei para encontrar meu sádico professor. Aos poucos, minha raiva deixou de ser pela confusão e passou a ser pelo fato de não conseguir achá-lo para irmos embora. Cogitei que estivesse fazendo programa com alguma mulher, ou até pior, que talvez tivesse ido embora.

Grande parte do tempo que perdi foi por ser idiota. Dei voltas no mesmo lugar procurando apenas na pista, quando Leonardo poderia estar no bar, tranquilo e sereno bebendo alguma coisa.

Acertei em cheio. Enxerguei-o em um banco alto conversando com uma das garotas do lugar. O desgraçado tinha um dedo mágico ou uma sorte do cacete, pois a mulher não era tão feia quanto as demais. Diria até que era simpática. Os dois trocavam risadas como se fossem amigos há anos.

Presenciar a cena me fez compreender que eu ainda tinha muito o que aprender com ele sobre conquistar e cativar mulheres.

Cheguei bufando e sem pedir licença. No tom mais natural possível, Leonardo abriu um sorriso de orelha a orelha e abraçou-me puxando um banco. Eu já conhecia o tipo de alegria. Mais algumas cervejas e ele trocava as pernas. Sentar e curtir o ambiente sequer estava na minha lista das coisas menos prováveis a se fazer em um momento de raiva.

Precisei gritar em seu ouvido para avisar que queria ir imediatamente embora. Tive uma pequena ideia da minha expressão de ódio quando Leonardo não tentou me convencer a ficar. Normalmente seria o que ele faria, mas ao compreender uma fração do que eu poderia estar sentindo, não ousou me contrariar. Despediu-se da nobre donzela com um doce beijo no rosto e tomamos o rumo da saída.

O frio piorou do lado de fora. Ainda descalço, senti como se caminhasse em um lago congelado. Meus ouvidos zuniam e minha cabeça girava pela poluição sonora da boate. Nem a bozina de um caminhão que passou afastou a minha sensação de paz. O ar puro, apesar de cortar como um estilete, renovou meus pulmões. Assim que saímos, sentei-me no cordão da calçada para tirar as meias e colocar os tênis. Meus pés estavam mais brancos que a cocaína que Susan roubara do velho bicheiro. Leonardo ficou de pé, próximo a mim.

- Por essa eu não esperava – disse Leonardo.

- O quê? – Foquei-me apenas em colocar logo os tênis.

- Uma cena assim. Quase duas horas da manhã, um frio dos infernos, e você sentado no cordão da calçada, em frente a um inferninho, colocando os tênis. Não achei que fosse viver para ver isso – riu de maneira comedida.
- É, quem diria – não achei nada demais. – Sendo que hoje viver não está sendo um bom negócio.
- Por que está tirando as meias?
- Pisei em algo molhado lá dentro – cuidei para não tocar com os dedos na parte suja. – Estou com receio de cheirar para saber o que é. Na dúvida, vai para o lixo.
- Me dá aqui – arrancou da minha mão antes que eu jogasse de lado. – Ah, é só cerveja.
- Você é nojento – ou eu era fresco. – Mas foda-se, não quero isso nem lavado.
- Por que tenho a sensação de que você está irritado? – Curioso, sentou-se ao meu lado.
- Ah, enfim percebeu – olhei ainda mais irritado pela sua demora.
- O que foi? – Seu tom era de uma serenidade invejável. – Brochou?
- Quem me dera, seria menos humilhante.
- Conta aí – pediu ao me cutucar com o pé. – Somos irmãos, não vou espalhar para ninguém. Será nosso pacto de sangue para o resto da vida. Sério, prometo – senti que era tagarelice de bêbado. – Não precisa ter medo. Eu já brochei antes, acontece com todo mundo. A Dana não precisa ficar sabendo.
- Já disse que não brochei – respondi com tolerância. – Quantas você bebeu?
- Hm – pensou. – Algumas?
- Que seja – desconversei. – Primeiro, vamos dar o fora daqui. Estou morrendo de frio e preciso de chiclete.
- Chiclete? – Olhou-me com estranheza.
- Sim, chiclete. Me deu vontade de comer um.
- Que espécie de ser humano tem vontade de comer chiclete às quatro horas da manhã?
- São duas horas.
- Isso não torna menos bizarro o fato de você querer comer chiclete.
- Vai ficar me questionando muito ou podemos ir?
- Não, vamos – tentou levantar em um salto e quase perdeu o equilíbrio. – Vai querer chiclete de morango ou uva? Qual é o menos gay?
- Não enche – agarrei-o de propósito com força para levantar e ele quase caiu.

Leonardo era uma das pessoas mais engraçadas do mundo quando ficava bêbado ou feliz. Não saía absolutamente nada que prestasse de sua boca. Eu gostava de vê-lo enxarcado, fazia-me rir. Mas naquele momento eu não me via disposto a tolerar a alegria alheia. Ainda sentia muita raiva pelo que ocorrera no inferninho, principalmente depois de perceber que Susan estava drogada. Não ter a malícia das coisas me irritava demais, e a cena não desgrudou da minha cabeça e ficou me torturando. Caminhei em silêncio e pensativo até a moto, enquanto Leonardo não calou a boca. Teceu comentários e teorias sobre chiclete e a sexualidade duvidosa de cada um dos sabores.

Como se não bastasse eu estar morrendo de frio, principalmente nos pés, tive que ter paciência com o amigo bêbado. Ao sentar na moto, Leonardo parecia pisar em ovos na quase falha tentativa de manter o mínimo de equilíbrio. Além disso, ficou anos tentando encaixar a chave na ignição.

- O que houve? – Questionei ao perceber a demora.

- Não sei – respondeu perdido. – A chave não quer entrar. Odeio quando isso acontece. Ilumina um pouco com o celular.

Voltei a me irritar pela dificuldade que foi tirar o aparelho do bolso. Liguei a lanterna e apontei para a ignição. Demorei um pouco a perceber o problema, e quando percebi, custei a acreditar que fosse verdade.

- Será que não entra porque você está usando a chave de casa? – Incrédulo, ele colou a chave nos olhos para verificar.

- Pior! – Gritou como se desvandasse algo incrível. – Nunca ia dar mesmo.

- Onde fui amarrar meu burro – revirei os olhos. – Você não tem condição alguma de dirigir.

- Em primeiro lugar – disse ao olhar para trás, – moto não se dirige, pilota. E eu tenho todas as condições do mundo. Não é meia dúzia de cerveja que vai me derrubar.

- Sei – ironizei. – Então vamos logo, por favor. Preciso de um ambiente aquecido e limpo.

- Quer um abraço meu para se aquecer?

- Adoraria.

- Você quer é um abraço da Dana que eu sei – e ele não ligava a porra da moto. – Mas ela deve estar abraçando outro, então não adianta chorar.

- Já notou que é só você que trás a Dana para os assuntos? Não estou preocupado com isso, esquece ela.

- Está bem, está legal, está ótimo – ergueu as mãos como se não tivesse culpa. – Está tudo bem.

- Se você não ligar essa moto em cinco segundos, vou a pé.

- Agora você pareceu uma daquelas namoradinhas mimadas que ameaçam os namorados – girou o pescoço para me olhar. – “Se você não me der atenção, eu vou para casa chorar no meu quarto rosa e abraçar os meus ursinhos de pelúcia. Mimimi”.

- Tá, vou pegar um táxi – disse ao ameaçar descer da moto.

- Espera, estou brincando – ele me segurou pelo braço. – Relaxa, já vamos sair.

- Você sabe que adoro quando você fica bêbado porque é muito engraçado. Por mim, ficaria horas aqui conversando, até o sol raiar. Só que está muito frio! – Apertei seus ombros como se isso ajudasse a estravar minha agonia. – Estou sem meia, meu pé está molhado e preciso comer logo a porra de um chicle!

- Certo, já entendi – sorriu batendo de leve em minha perna. – Só estava matando um tempinho até a bebedeira baixar um pouco.

- Bêbados não conseguem raciocinar esse tipo de coisa, o que prova que você já está um pouco melhor. Podemos ir, não me importo se você nos matar de moto. Qualquer coisa é melhor do que esse frio.

- Tá, vamos embora – girou a chave e deu a partida na moto.

Enfim, o motor roncou e fomos embora. Não achei que a situação ainda pudesse piorar, mas mudei de ideia quando Leonardo cortou as ruas em alta velocidade. Nunca senti tanto frio na vida antes. Tremia da cabeça aos pés. Acabei me sentindo uma namoradinha mimada mesmo – conforme Leonardo zombou, - pois queria muito o aconchego da minha cama e cobertas quentes.

De repente, quando eu menos esperava, Dana invadiu meus pensamentos de novo. Não vou dizer que isso aqueceu meu coração porque eu me sentia uma pedra de gelo. Apenas me perguntei se

ela estaria em um lugar melhor, com quem e se estava transando. Questões inúteis, mas que eu insistia em fazer.

A tortura durou uns dez minutos. Leonardo deu voltas e mais voltas até chegarmos a uma lanchonete que nunca fechava. Estacionou dizendo que era muito boa e limpa, uma espécie de recanto para os que saíam com fome das noitadas. “Foda-se”, eu pensei. Pouco me importava a comida, a única coisa que eu queria era um aquecedor.

Havia poucas pessoas nas mesas. O movimento pesado era mais tarde, quando as festas terminavam. Escolhi o lugar mais próximo possível da cozinha, que também era satisfatoriamente distante da porta. Enquanto Leonardo se concentrou no cardápio, eu me levantei e fui atrás do chiclete. Apenas precisava de um para me sentir bem.

Quando voltei para a mesa Leonardo terminava de fazer o seu pedido à garçonete.

- Não vai comer nada? – Perguntou ao me oferecer o cardápio.
- Não, obrigado – sorri para a garçonete para que pudesse sair. – Estou sem fome alguma.
- Ah, é verdade! – Bateu na mesa sem descrição alguma. – Você só queria comer um chiclete. Escolheu um sabor másculo?
- Não vou perder meu tempo respondendo isso – recostei na cadeira e cruzei os braços.
- Uva? Você tem uma carinha de quem escolhe uva às duas horas da manhã.
- Hortelã.
- Gay – afirmou de imediato.
- É um sabor forte, não é de fruta.
- Mas o nome é gay. Horte – pausou, - lã. Lã, lã, lã. Nada másculo.
- Qual eu devia ter escolhido, então?
- Para começar, nenhum. Mas já que precisava tanto, que fosse um de menta.
- Menta é chiclete de macho?
- Também não exagera – ironizou.
- Não acredito que estou tendo essa conversa.
- É, vamos mudar de assunto – apoiou-se na mesa e levou o corpo à frente. – Você tem que me contar o que diabos aconteceu para sair de lá tão irritado.
- Algo que me deixou realmente irritado.
- Eu sei, foi o que acabei de dizer – olhou-me com sarcasmo. – Depois o bêbado sou eu.
- Vou direto ao ponto. Enquanto eu jogava na máquina de caça-níquel – ele nem me deixou terminar.
- Ah, não! Se vai começar assim, nem continua.
- Por quê?
- Máquina de caça-níquel, Rafael? Eu te levei lá para foder, não ficar jogando! – Exagerou na ênfase de novo.
- Fala foder um pouco mais alto porque o cozinheiro lá dentro não ouviu.
- Assim você só me decepciona – balançou negativamente a cabeça.
- Posso continuar ou vai ficar chorando?
- Segue.

- Como não podia deixar de ser, ela era feia – fiz careta. – Resolvi encarar por tudo aquilo que você me disse, que eu preciso ter novas experiências. Enquanto metia nela de quatro, pronto para gozar, um infeliz simplesmente invadiu o quarto aos berros procurando por ela!
- Não! – Ele se emocionou tanto que pareceu uma amiga ouvindo os babados de outra amiga. – Marido?
- Acho que não. Aliás, o nome dela era Susan – jamais esqueceria. – O cara a acusou de roubar o pó dele. Sem cerimônia alguma, como se não tivesse ninguém transando lá, ele partiu para cima da Susan e a encheu de tapa.
- E você?! – Seus olhos arregalados quase não piscavam.
- Eu fiquei sem reação! Um segundo cara entrou depois para apartar a confusão. E o pior é que a vaca estava fungando quando me chamou para o programa. Ou seja, já foi cheirada. Eu, idiota, não percebi na hora. Deu vontade de bater com a cabeça na parede.
- Tá, mas como terminou tudo isso?
- Como eles terminaram, não sei – dei de ombros. – Só sei que subi as calças e saí correndo antes que lembrassem que eu estava lá. Vou te contar, é muito azar – lamentei só de lembrar.
- É, você ainda tem muito a aprender.
- Por quê? – Achei que ele fosse me apoiar. – Acha que devia ter ficado lá?
- Não, não. Não tem nada a ver com ficar ou ir embora. Me refiro ao fato de você ainda não conseguir ver o lado positivo desse tipo de situação.
- Lado positivo?! – Cheguei a tossir quando ri. – O que tem de positivo em ser interrompido por um drogado bem na hora que você está gozando com uma baranga? Ainda estou com a camisinha no pau! – Cerrei os dentes de raiva.
- E isso é ótimo! – E ele cerrou os punhos em comemoração.
- Não estou ouvindo isso – voltei a cruzar os braços, descrente com a situação.
- Calma, vou te explicar. Antes, preciso esvaziar o radiador. Já volto.

Nem com o telescópio Hubble eu conseguiria enxergar um cantinho minimamente positivo na situação toda. Minha noite foi um fracasso total. Entrei em um lugar fedendo a droga e gente feia, pseudo transei com um raio de mulher mais feia ainda e perdi dez reais em uma máquina de caça-níqueis ladrona. Dos males, o menor: pelo menos não paguei pelo programa. Consegui sair correndo antes que me fosse cobrado algo, o que seria um total absurdo.

E a camisinha pendurada no meu pau então. Apesar do incômodo, só tiraria depois que passasse o meu frio. Não me animava baixar as calças nem para fazer xixi.

Esqueci que bêbado costumava mijar cachoeiras. Leonardo demorou uma década para voltar do banheiro. Assim que sentou à mesa, a garçonete já estava entregando o xis e saindo. Ver aquilo me deu fome, então resolvi pedir alguma coisa também.

- Eu comia essa garçonete – ele disse ao cuidar o andar da mulher.
- A que nos atendeu? – Não quis me virar.
- Sim, olha a bundinha dela – ele falou com desejo no olhar.
- Hm – não me aguentei e virei para ver. – É, material interessante.
- Trabalha a madrugada toda aqui.
- Como sabe? Anda stalkeando a mulher?
- Já a vi por aqui em altas horas da madrugada.

- Entendo.
- Deve chegar em casa morrendo de vontade de fazer sexo, exalando tesão em cada centímetro do corpo e com a bucetinha pingando – falou com uma paixão convincente no olhar. – Ali é uma foda boa, deve saber fazer de tudo na cama. É só chegar e sussurrar no ouvidinho que ela já se derrete toda. Ainda mais se for solteira. Daí sobe pelas paredes só de pensar em uma piça bem dura.
- Fico abismado com o seu poder em elaborar uma tese dessas.
- Todas as teses são válidas quando não se sabe a verdade – usou um tom de sabedoria. – Ainda.
- Por que, vai abordá-la?
- Hm, não sei – esticou o pescoço de novo para procurá-la. – Se eu ainda estivesse bêbado, quem sabe. Mas quando o cara vai ficando sóbrio já começa a perder a vontade. Não tenho saco para trovar a essa hora da madrugada.
- Fiquei curioso em saber que tipo de abordagem você faria.
- “Vem me servir lá em casa” com certeza não é uma das opções – ele riu.
- Essa nem eu usaria.
- Certo, agora vamos ao que interessa – confundiu-me ao esfregar as mãos e desembrulhar o xis. – É a minha vez de falar. Onde paramos?
- No absurdo de ver o lado positivo no que aconteceu hoje. Mas espera que agora eu é que preciso ir ao banheiro. Essa camisinha já está me incomodando.
- E você não quis cheirar uma meia molhada? – Surpreendeu-se de maneira exagerada. – Isso sim é nojento! E ainda por cima subiu na minha moto. Se pingou porra no meu banco, vou fazer você me comprar uma moto nova!
- Não enche – levantei-me e saí.

Pouquíssimas coisas me deixavam com nojo. Em relação a sexo, por exemplo, quase nada me causava estranheza. Claro, salvo bizarrices traumáticas como braço enfiado em cu sem pregas, qualquer coisa que envolvesse merda e copo, garganta profunda com vômito e anões.

Quem nunca quis chutar um anão? Sempre quis chutar um anão.

Cansei de gozar em mim mesmo quando me masturbava. Dava-me prazer sentir a textura e o calor da porra nas mãos. Na época em que namorava, gostava muito de lambe a buceta da infeliz da minha ex e sentir o seu gozo na boca. Mas a camisinha presa em mim estava me dando uma agonia dos infernos, principalmente por lembrar da buceta rampeira onde meu pau havia entrado. Precisava tirar antes que contaminasse o restante do meu corpo com alguma dença venérea.

Naquele momento, sim, eu fui nojento. Enrolei a mão com papel higiênico e tirei com cuidado para não encostar em mim. Aproveitei o banheiro vazio e fui até a pia lavar com sabonete. Esfreguei e enxaguei umas quatro vezes até me sentir satisfeito.

Imaginar que era Dana quem lavava me deixou de pau duro.

Quando voltei meu xis já estava na mesa e Leonardo comendo a segunda metade do seu. Apesar de sua dupla identidade, sendo uma delas mergulhada no mundo do sexo, prazer e sacanagem, ele era um verdadeiro cavalheiro, um cara extremamente bondoso e educado, principalmente para comer. Quando totalmente sóbrio.

No nível de sobriedade em que estava ele parecia um ogro se alimentando da caça. A cada dentada que dava caía metade do recheio no prato. Boca e mãos sujas sem ele nem se dar ao trabalho de limpar.

- Não quer um babador? – Ofereci o pote com papel de limpar boca.
- Relaxa. – falou de boca cheia. – O prazer de comer xis está em se sujar.
- É, mas eu não gosto. Vou pedir garfo e faca.
- Gay – gritou. – Muito mais gay do que pedir chiclete de uva.
- Eu pedi de hortelã.
- Uau, como ele é macho.
- Não vou dar a menor atenção para nada do que disser hoje. Sempre que fica bêbado, até uma mulher gostosa é gay para você.
- Se não quiser me dar, sim.

Fui até o balcão pedir garfo e faca. Enquanto era atendido, a mesma garçonete passou por trás de mim. Baixinha, branquinha, loirinha e estilo bonequinha. Não pude evitar de acompanhar sua bunda e percebi que Leonardo fez o mesmo ao quase quebrar o pescoço. Lembrou-me a menina possuída do filme *O Exorcista*.

“Como posso pensar em sexo depois do que me aconteceu?”, disse a mim mesmo sem tirar os olhos da bunda da garçonete. Eu precisava muito de um banho para limpar a sensação agonizante de sujeira.

Com os talheres em mãos, voltei à mesa para descobrir logo o lado positivo da vida e desvendar os mistérios obscuros do que me acontecia de ruim. Confesso que comecei com os dois pés atrás e o ceticismo foi morrendo aos poucos.

- Desembucha logo – cravei com raiva o garfo no xis.
- Em primeiro lugar, quero te dar os parabéns por ter comido a Susan.
- Obrigado – achei bom o xis ao dar a primeira mordida. – É o mínimo que eu mereço.
- Não é bem por isso. É que eu realmente não contava que você fosse encarar a Susan quando a pedi que se oferecesse.
- Como é que é? – Quase larguei os talheres na mesa. – Você fez o quê?
- Calma. Nada de exaltações.
- Meu cu! – Gritei, e tenho certeza de que alguém nos olhou. – Seu merda, seu bosta, seu filho da puta.
- Eu o levei ao inferninho sem a esperança de que transasse – prosseguiu como se minha irritação fosse irrelevante. – Digamos que joguei verde e você passou no teste. Não é ótimo? – Deu-me um sorriso feliz que só me fez enraivecer.
- Como eu te odeio – cortei um pedaço do xis desejando que fosse o seu pescoço. – Não vou mais confiar em nada do que me disser.
- Vai sim. É o que eu sempre te digo – apontou-me o dedo sujo de maionese. – Embora calmo e de um coração enorme, você é muito negativo, principalmente em relação a você mesmo. O que aconteceu hoje foi um desastre, é claro. Mas pensa naquele velho clichê da vida. Alguém se interessaria em saber que você foi a um inferninho e comeu uma puta feia? Todo mundo faz isso! Não tem nada demais, entende?

- Tentando entender – não me prestei a olhá-lo.
- Olha a história que você tem para contar! – Ele estava vibrante. – Para você pode ter sido uma vergonha ou algo revoltante, mas para quem ouvir será muito engraçado. Claro que você não vai usar isso como uma cantada, mas em uma roda de amigos sem dúvida fará sucesso. Rafa, sou tão jovem quanto você, mas uma coisa que aprendi é não levar tudo tão a sério. Aposto o que quiser que daqui um tempo você vai estar rindo disso tudo – e eu realmente ri anos depois.
- Será? – Comecei a querer acreditar para diminuir a raiva.
- Não tenho dúvida. Se eu me enganar, te consigo de graça um programa com o Ezequiel.
- Muito engraçado – olhei-o sem paciência para brincadeiras.
- Não, mas é sério. Feliz não é a palavra mais adequada, mas digamos que fiquei satisfeito com o que aconteceu. Serviu de experiência, pensa por esse lado. Agora você sabe como é um inferninho, conhece o tipo de gente que frequenta e sentiu o ambiente. Ah, e o principal de tudo – cuspiu um pedaço de milho ao falar, - enfiou o pintinho dentro de uma buceta diferente! Já estava na hora.
- Não que aquela buceta fosse motivo de orgulho, convenhamos.
- Não interessa. É como um amigo meu diz: bucetas são todas iguais, é só meter.
- Que profundo.
- A frase não é bem assim, mas segue essa filosofia. Dentre tantos passos que você já deu e ainda precisa dar, um deles envolve se relacionar com outras mulheres, lembra? Não precisa parar de comer a Dana, já que gosta tanto assim dela. Mas não fica só ali o tempo todo. Novos horizontes, Rafa, novos horizontes.
- Eu sei. Juro que estou tentando, mas volta e meia eu penso nela – eu vinha cada vez mais falando sobre Dana em tom de lamento.
- Nela ou no corpo dela? Há diferenças.
- Ambos – fui taxativo. – E sei que você vai me dizer que pensar nela é errado.
- Muito errado! Conheço putas que têm namorados, isso não é novidade no mundo. Mas você não é o perfil de cara que suportaria uma coisa dessas, vai por mim.
- Por que você acha isso? – Não era uma coisa bacana de ouvir.
- Não quero ser duro, mas sou seu irmão e se eu não for sincero, ninguém vai ser. Basta olhar para uma das causas do fim do seu namoro.
- Ciúme? – Essa não tinha como errar.
- Touché.
- Mas eu não tenho ciúme da Dana – contestei.
- Não tem agora que vocês só transam por negócio. Sinto que você já começa a nutrir um carinho perigoso por ela. Por exemplo, faça um exercício de imaginação. Vocês começam a namorar, o carinho se intensifica, podendo vir a ser amor, e daí, como fica? Não pense você que ela vai parar de trepar com os outros porque não vai. Simplesmente não vai. Isso dá muito dinheiro, ainda mais por ela ser uma das mais caras da casa hoje. Eu não quero dar uma de psicólogo ou entendedor da vida, mas acho que infelizmente você não seguraria o rojão. Não hoje, não agora.
- Eu sei disso – deu-me um desanimo tão grande que perdi a vontade de seguir mastigando.
- Mas ei, não é para você ficar triste! – Jogou-me um pedaço de milho no prato com um peteleco. – Olha a minha situação, por exemplo. Não tenho absolutamente nada oficial com a Paula, é só um carinho diferente. Mas acha que não tenho ciúme dela?
- Você sempre diz que não está nem aí.

- Às vezes é da boca para fora – gostei dele confessar esse tipo de coisa, devolveu-me um pouco de segurança. – Tem vezes que fico puto de ciúme! Isso acontece principalmente quando quero estar com ela e não posso. Só que eu não deixo isso me corroer por dentro, como você tem deixado – verdade. – O princípio de tudo é ter em mente que você jamais vai ter algo sério com a Dana. Mesmo que por um milagre vocês venham a namorar, não será um namoro normal. Ela não vai largar o bom dinheiro que ganha por amor a você. Isso não existe, Rafa. A vida não é um filme de cinema com final perfeito, por mais que você batalhe e tenha sorte. Eu o conheço muito bem, e a não ser que você mude radicalmente, o que eu acho improvável, você não saberia lidar com a situação.

- Isso me deixa mal – lamentei. – Queria ser homem o suficiente para enfrentar essas coisas. Em vez disso, coloco o rabo entre as pernas e finjo que está tudo bem. Pura ilusão.

- Não fala assim, cara. Pensar dessa maneira é voltar ao começo. Não tem nada a ver com ser mais ou menos homem. Pensa em todo o progresso que você já teve até aqui. Acha que eu conseguiria namorar a Paula?

- Se tentasse, acho que sim.

- Lógico que não! Para começar, não é algo que eu queira. Jamais me passou pela cabeça. E tenho certeza de que ela pensa o mesmo. Nossa relação vai além de cliente e puta, mas não passa de puro desejo carnal. Nada além disso. Como eu disse antes, com a idade que você está, duvido que sofra uma mudança brusca de personalidade e atitude. Você é um cara romântico, carinhoso, que preza um relacionamento sério e único com a dita pessoa certa.

- O que é digno de vergonha – eu sentia raiva por ser daquele jeito.

- Pelo contrário, porra! – Leonardo odiava que eu falasse mal de mim mesmo. – Isso é louvável. Dentre tantas coisas que invejo em você, uma delas é essa sua paixão natural, a facilidade que você tem de desejar um amor verdadeiro. Eu não sou assim e estou bem como sou, mas às vezes gostaria de ter esses seus sentimentos. Não estou dizendo para você deixar de ser um cara romântico, não tem como ir contra a sua natureza. Só penso que você tem que direcionar essas coisas para as pessoas certas. Pode adorar a Dana à vontade e ter todo o carinho do mundo por ela, mas jamais desejá-la como namorada ou cogitar que seja a mulher da sua vida.

- Por enquanto, juro que é só carinho – era verdade, mas até quando? – Talvez o mesmo carinho especial que você sente pela Paula.

- Ótimo – contentou-se com a resposta. – Mas não esqueça que vocês recém se conheceram, não sabem nada um do outro e sequer sentaram para conversar sobre assuntos banais da vida. O que você sente pela Dana não é o mesmo que a Dana sente por você. Por isso bato na mesma tecla: não se iluda e não crie expectativas. Quanto mais próximo do chão, menor a queda. E no seu namoro você subiu muito mais alto do que poderia ter subido. Vimos o tamanho da queda, né?

- Mesmo você ressaltando meu jeito de ser como algo bom, no fundo o que eu realmente queria era ser diferente. Se você me inveja, eu te invejo. Queria esse seu desapego.

- Então tenta mudar essa cabecinha – falou com o indicador em sua cabeça. – Você não precisa procurar um botão que desliga os seus sentimentos. O que precisa é direcioná-los a pessoa certa. Enquanto essa pessoa não aparecer, curte a vida, aproveita os momentos de diversão, faça sexo com quantas mulheres conseguir e faça merdas. Não fica pensando só no amor. Entendo pouco dessas coisas bonitinhas, mas até onde sei, quanto mais você o procura, mais ele se esconde de você. Acorda, Rafa! Sinto a sua falta do meu lado para curtir todas essas coisas comigo, cara.

- Vou tentar mudar, prometo – sentia-me desanimado, porém disposto a mudar. – Mas já foi um bom avanço eu ter vindo hoje, não acha?

- Foi um ótimo avanço! – Ele finalmente pegou papel para limpar a boca e as mãos. – Se você estivesse em coma, seria como abrir os olhos e sair do hospital. Agora tem que começar a caminhar para frente. Posso confiar?

- Prometo te deixar orgulhoso, apesar desse exemplo horrível que você deu.

- Já tenho orgulho de você – sorriu docemente. – Agora só quero que tenha orgulho de você mesmo.

- Terei – sorri de volta. – Não sei o que seria de mim sem você.

- Para, nem começa com essa putice – levou as mãos aos ouvidos. – Não tem nada a ver.

- Não, é sério – insisti. – Sempre que posso, agradeço por você ser meu irmão.

- Também penso isso, você sabe. E se eu ainda estivesse bêbado, com certeza choraria.

- Gay.

- Só se eu pedisse chiclete de uva!

- Já disse que foi de hortelã.

- Ah, desculpa. Então não é gay, é só viadinho.

- Cara mala – rimos juntos.

## **10**

### **Um brinde ao ódio**

A desgraçada da minha ex-namorada – vou batizá-la de Putinha, pois é assim que me refiro a ela até hoje, foda-se – tinha um problema muito sério: pré-conceito. Era ignorância sua avaliar e julgar pessoas sem antes conhecer. Inclusive, tinha a capacidade de odiar alguém sem sequer saber o nome da pessoa ou trocar meia dúzia de palavras. No meu caso, especificamente, devido à minha grande proximidade com Natasha, tratava-se de ciúmes.

Era incontestável que eu vinha sendo bombardeado por algumas novidades. Inclusive, às vezes era até heresia chamar apenas de novidade, meio que diminuía o impacto dos acontecimentos. Pensando bem, dava facilmente para classificar como raridade, pois não era todo mundo que tinha a bênção de viver o mesmo tipo de experiência. Era preciso ser um privilegiado, como o Leonardo, por exemplo. Eu, não.

Jamais fui e nem nunca seria um privilegiado. Minha situação era simplesmente a de um oportunista, tipo um parasita atento para morder a sua parte. Eu estava sugando tudo o que podia do meu irmão. Desconhecia qualquer caminho ou dificuldade que ele poderia ter enfrentado para ter todo o prestígio em meio a pessoas tão poderosas. Pulei tudo, peguei um atalho, burlei as leis. Às vezes me pegava pensando se era justo. Uma situação como a em que eu era apenas uma passageiro me impedia de enxergar algum mérito em mim mesmo. Acalmava-me lembrar que Leonardo não se incomodava com as minhas paranóias e preocupava-se apenas em me incentivar a aproveitar tudo o que eu podia.

No entanto, mesmo com todo o bombardeio, eu ainda carregava travas. Era difícil explicar, nem eu mesmo conseguia me compreender por completo. A sensação era de que dois seres pensantes, completamente distintos um do outro, habitavam meu corpo. De tempos em tempos, a consciência mudava de comando. Eu vivia entre a vontade de fazer milhares de coisas e a desgraçada da trava me freando. Algo me segurava, podia sentir no fundo do meu inconsciente.

Nunca havia ido a um psicólogo para buscar uma melhor compreensão, então não imaginava o que eles poderiam me dizer. Mas eu tinha muito claro o que Leonardo diria: “você não tem autoconfiança”. Quem sabe, talvez. E como eu fazia para destravar? Eu tropeçaria no cordão da calçada e de repente a confiança brotaria do chão? Ou ela cairia de uma árvore, e em vez de descobrir as leis da gravidade, eu teria uma luz de como ser a pessoa mais confiante do mundo? Ótimo se fosse, eu deixaria de sofrer com a falta de respostas.

Independente do que se passava pela minha cabeça, minha fase anímica naquele dado momento dependia diretamente de Leonardo. Aliás, como tudo nos últimos tempos, convenhamos. É claro que eu ainda sabia me divertir sozinho com as minhas coisas, como livros, filmes, jogos e claro, punheta. Muita punheta. Mas não era o que eu queria, entendem? Havia passado toda a minha vida fazendo as mesmas coisas, diariamente, religiosamente. Eram como um último porto seguro para evitar que eu surtasse de vez no mar da solidão em que me encontrava. Se por um lado eu precisava de coisas novas, de outro eu não tinha forças para fazer por conta. A comodidade me causava um grande mal e tinha poder o suficiente para sugar minha alma.

Entendo que para você tudo possa parecer uma choradeira superficial, ou quem sabe uma coisa de idiota de cabeça mal resolvida. Eu não era tão conhecido e nem prestigiado, mas tinha um acesso de certa forma facilitado a mulheres maravilhosas. A dona de uma casa de massagens sabia da minha existência, morria de amores pelo meu irmão e, conseqüentemente, poderia vir a morrer de amores por mim se eu fizesse tudo certo. Então, por que diabos eu não parava de choramingar e não aproveitava a vida? Era a chance de passar o rodo em mulheres que eu sequer chegaria perto em níveis normais de temperatura e pressão!

A trava, claro. Não sabia explicar com palavras, mas parecia impossível eu desbravar sozinho o mundo além dos limites do meu quarto. Embora eu negasse a mim mesmo todo santo dia, Leonardo

era dono da razão, de novo. Minha autoestima era baixa, quase nula. Eu não confiava em mim e em minhas atitudes, achava-me um idiota completo e, acima de tudo, não era contente com a minha aparência. Nunca, em toda a minha vida, uma garota interessante havia me chamado de bonito ou coisa parecida. Eu só via um cara alto e magro no espelho. Como ter confiança com um fato categórico desses?

Pois bem, como eu disse, meu ânimo estava cada vez mais dependente de Leonardo. Quando trancado em meu quarto, sentia-me sozinho e incapaz de grandes mudanças. Antigamente, os finais de semana eram castigos para uma alma perturbada. Passava sábado e domingo mergulhado em um ócio desgraçado e deprimente. O cenário mudou quando meu irmão interveio. Passei a querer muito os finais de semana, pois poderia ir a boates ou puteiros para me sentir vivo. Na melhor das hipóteses, reencontrar Dana. Queria-a sempre.

E quando falo da dependência que passei a ter por Leonardo, não se tratava de interesse da minha parte, como se precisasse dele somente pela diversão e das mulheres. Seus conselhos e ensinamentos também eram de extrema importância. Ele me colocava para cima, incentivava-me a arriscar e tomar atitudes. Além de toda a paciência e carinho que sabia que tinha por mim, ele demonstrava também enxergar um potencial que nem eu mesmo era capaz de reconhecer. Leonardo confiava em mim.

Dentro do novo cenário, vi-me atordoado quando Leonardo não me ligou sexta e sábado à noite para sairmos. Passei os dois dias ansioso, inventando milhares de coisas para me distrair até que o telefone tocasse. E o maldito não tocou nem para avisar a hora.

Ao estourar minha paciência, eu mesmo o procurei.

Leonardo estava em casa de pernas para o ar, assistindo televisão e bebendo cerveja. Sozinho. Fiquei sem palavras. Como assim sozinho? Como assim ficar em casa? Já era a segunda vez que ele fazia aquele tipo de coisa. Meu discurso foi o mesmo: “Você me apresenta esse mundo magnífico e depois não quer mais me levar a ele?”.

- Passei o dia esperando você telefonar – reclamei.
- Desculpa. Preocupe-me tanto em descansar que mal cheguei perto do telefone. Mas diz aí, o que é tão importante? – Seu tom de desdém quase me deixou sem palavras.
- Como assim o que é tão importante? Estou esperando você me chamar para sairmos.
- Ah, isso!
- Sim, isso – repeti como papagaio com retardo.
- Não vai rolar, cara – sua voz era tranquila. – Preciso dar um tempo nessas noitadas.
- Por quê?
- Grana.
- Não, nem vem com esse papo de dinheiro. Estou careca de saber que você quase nem tem gastos. A Cris banca praticamente tudo.
- Mas não tudo. E a questão nem é o dinheiro em si.
- É o que, então?
- Meu pai. Essa semana ele me questionou sobre os meus gastos. Precisei dar uma volta gigantesca para inventar uma boa história.

- Como ele sabe do seu dinheiro?
- Não me questione o porquê, a história é longa. Acontece que ele tem acesso à minha conta, pode ver todos os meus gastos. Porém, temos um acordo de cavalheiros, digamos assim. Ele não toma conhecimento de com o que eu gastei, mas somente o quanto eu gastei. Se ele descobrir com o que, daí já viu, né? Do modo como ele é controlador, fica impossível fugir das cobranças.
- E o que te garante que ele cumpre com esse acordo?
- Se não cumprisse eu já estava longe desse mundo há muito tempo.
- E você vai simplesmente aceitar essa pressão?
- Você sabe que eu preciso, Rafael. Se ele descobrir toda essa putaria com que eu convivo, acabou para mim.
- Não creio nisso – desanimei pela milésima vez no dia.
- Não se mostre surpreso. Você sabe como meu pai é.
- Tá, mas e como eu fico? Vou voltar aos meus finais de semana em casa sem fazer nada?
- Mas sai, ué – disse como se fosse algo simples.
- Fácil para você falar. Se eu já não saía com você, imagina sozinho!
- Você já conhece a Cris, todas as meninas e até mesmo o Ezequiel. As apresentações já foram feitas, então é só chegar lá e se divertir. Você não precisa mais de mim para isso.
- Você sabe que eu preciso de você.
- Mas no momento estou de mãos atadas, Rafa. Pelo menos por uns tempos eu vou precisar ficar em stand by. Não dá para brincar e correr riscos. Quero descansar a cabeça também.
- Justo agora que eu estava feliz, Leo – eu parecia sofredor falando, tamanho era o drama. – Justo quando estava me sentindo bem de verdade. Acho que esse é o meu carma mesmo. Quando as coisas começam a melhorar, algo ruim acontece para me lembrar do quanto sou um perdedor.
- Ei, cala essa boca! – Ele gritou.

Leonardo ficava realmente exaltado quando eu me diminuía. Podia sentir sinceridade em sua voz, mesmo por telefone. Ofender-me era o mesmo que ofendê-lo, e isso ele não admitia de forma alguma.

- Já disse que não quero ouvir esse tipo de coisa – falou com veemência. – Quantas vezes vou precisar repetir?
- Mas é a verdade, não? – Eu e meu vitimismo.
- Não, não é. Lembra daquele almoço que você fez na casa da Cris? Você não recebeu uma porção de elogios? Todos gostaram do que você fez.
- Como se fosse algo fora do comum cozinhar, fala sério.
- Você diz me invejar tanto, mas eu não sei cozinhar como você. Fico no chinelo.
- Foda-se isso. O fato é um só. Sem você, eu não consigo me enturmar com a Cris e as meninas. Consequentemente, não tenho como ver a Dana. Passei a semana olhando as fotos dela no site e batendo punheta para me aliviar.
- Fala sério – sua risada foi tão alta e engraçada que até eu ri, mesmo com uma nuvem de desgraça pairando sob minha cabeça. – Mas é assim mesmo. Nada melhor que uma punheta bem batida com a mulher do momento.
- Sexo? Sexo é muito melhor do que punheta. E a não ser que você continue intermediando as coisas, eu vou passar o resto dos meus dias trancado no banheiro com um pau semi duro nas mãos.

- Não endurece mais? Se precisar, sei quem vende aquelas balinhas azuis marotas por um preço menor.
- Vai à merda. Punheta não é mais o suficiente para me deixar de pau duro de verdade. Não consigo mais satisfazer a minha excitação só com isso.
- Compreendo – acreditei que sim pelo tom da voz. – Mas o que eu posso fazer? Não quer foder minha bunda, né?
- Quero que você mande o seu pai à merda, pegue a moto e nos leve a um puteiro. De preferência no que a Dana estiver.
- Beleza, mas não vai rolar, lamento. Hoje vou ficar com a bunda enterrada no sofá, bebendo cerveja e assistindo televisão. Se quiser chegar aí, fica à vontade.
- Não vai sair com ninguém? Vai me atochar que não tem nenhuma mulher te chamando para sair?
- Cara, chega um momento na vida que você já comeu quase todas as mulheres que conhece e tudo o que quer é ficar em casa. Sexo também cansa, sabia? – Senti seu humor ácido contra mim.
- Vai tomar no meio desse seu cu arrombado – a piada eu levei na boa, o que me irritou vou saber que aquilo era verdade.
- Cola aí, vamos tomar uma ou dez.
- Não, obrigado. Vou passar meu fim de sábado olhando site pornô para depois gozar na privada e ver meu esperma sumir descarga abaixo.
- Não posso fazer nada, Rafael – rebateu meu lamento. – Já disse para você aparecer por lá. A essa hora a Cris já deve ter chegado.
- Preciso de companhia, Leo! Não entende isso? Já aceitei todas as características que você vive me dando. Bundão, covarde, medroso, cagalhão e tantos outros.
- Falo isso de brincadeira.
- Mas aceito como verdades, pois são verdades!

Então, nasceu um estranho silêncio. Ouvi apenas a sua respiração ao telefone. Será que o havia decepcionado a ponto dele desistir de mim? Descera fundo demais naquele poço de autoflagelação? Confesso que nos rápidos segundos onde nada foi dito, vi-me preocupado com a minha postura, talvez eu estivesse exagerando e enchendo os seus ouvidos de merda.

Ele estava apenas pensando.

- Acho que tenho uma solução para o seu problema.
- Isso, por favor – não demonstrei, mas por dentro fui tomado por um alívio de lavar a alma. Enquanto isso, esperei pela solução por segundos que pareceram séculos.
- Natasha.
- O quê?! – Gritei.

Gritei de verdade, tamanho foi a minha surpresa. Inclusive puxei um agudo, na mais pura técnica vocal. Ele não podia estar falando sério. Fiquei tão atordoado com a “solução” que não sabia se ria, reclamava, xingava ou ficava simplesmente mudo. Do outro lado da linha, Leonardo encarou tudo com a maior naturalidade do mundo, como se tivesse receitado aspirina para dor de cabeça. Pois dor de cabeça me dava sempre que lembrava das burradas e infantilidades que eu havia feito por ser nada além de um idiota imaturo que só fazia escolhas estúpidas.

De qualquer forma, nem me prestei a argumentar. Natasha estava fora de questão, sequer havia cogitado pensar nela como alternativa. Nunca, jamais, nem em milhões de anos luz. Preferia passar o resto dos meus dias trancado no banheiro batendo punheta até que meu pau grudasse nas mãos – sempre fui ambidestro na masturbação.

- Mas qual é o problema? – Podia imaginá-lo dando de ombros.
- Ora, qual é o problema, Leonardo! Todos. Simplesmente todos.
- É sério, não consigo relacionar as coisas. Você é muito paranoico sobre esse assunto.
- Não sou paranoico. Sou consciente de que cometi um erro sem volta.
- Quem disse que não tem volta?
- Eu estou dizendo.
- E não é mais lúcido perguntar a ela se tem volta ou não?
- Prefiro não me arriscar a passar ainda mais vergonha.
- Cara, pelo amor de Deus – agora podia imaginá-lo querendo socar o telefone no meu rabo. – Você é tão dramático que acaba inventando coisas.
- Trabalho em cima de um fato.
- Você ao menos a procurou alguma vez?
- Nunca mais.
- Você sabe que a minha relação com ela segue exatamente a mesma, né?
- Acredito que sim.
- E até hoje, sabe quantas vezes ela mencionou estar magoada com você?
- Não sei se eu quero saber.
- Nenhuma! Aliás, muito pelo contrário. Muitas vezes perguntou se você estava bem e recuperado do fim do namoro.
- Está jogando verde – era muito do seu feitio.
- Meu cu, Rafael – mas pela forma como contestou, pareceu-me verdade. – Estou falando sério. Deixa de frescura e procura a Natasha. Você vai ver com os próprios olhos que nada mudou. Como se você não a conhecesse! Está cansado de saber que com ela não tem falsidade. Se ela realmente estivesse magoada com você, jamais teria me perguntando alguma coisa, como para fingir educação. Se ela se interessou é porque ainda gosta de você. Ou melhor, nunca deixou de gostar.

Fiquei um tempo mudo, pensando no que pensar. Sentia-me tão culpado pelas péssimas escolhas do passado que parecia que nada seria o suficiente para me convencer.

- Será? – Mas a semente da dúvida foi plantada.
- Liga para ela e acaba com essa idiotice de uma vez. Nem eu tenho paciência mais. Já faz mais de um ano, o tempo passou, as coisas ruins foram embora e agora podemos ser o que sempre fomos.
- Mas não tenho a cara de pau de ligar como se nada tivesse acontecido. O que vou falar?
- Não precisa de cerimônias. Mantive-a informada de tudo o tempo todo.
- Como assim?
- Tudo. Todas as nossas conversas, as nossas idas aos puteiros, seus medos, dúvidas, irritações, o fim do namoro, o que aconteceu, o que não aconteceu, o tempo, a chuva, a vida nas cavernas. Enfim, tudo. O que você me falou, repassei a ela.
- Seu filho da puta! – Não imaginam a raiva que me deu.

Meu segundo berro. Dali a pouco meus pais ouviriam e bateriam na porta do quarto para verificar se eu não estava tendo um colapso nervoso.

Como assim ele contou tudo? Eram questões pessoais, coisas que compartilhei somente com ele por considerá-lo meu irmão. Foi como receber uma apunhalada pelas costas, uma traição imperdoável.

Tá, não foi para tanto. Não me senti traído. Mas de fato, fiquei irritado ao saber das novidades. Não falava com Natasha há mais de um ano. Não sabia se estava magra ou gorda, morena ou loira, trabalhando ou desempregada, namorando ou solteira, e principalmente o que pensava e como analisava a minha situação, tendo como base tudo o que teria ouvido. Enquanto isso, ela estava a par de tudo o que havia acontecido comigo nos últimos tempos, inclusive sentimentos que mantivera enclausurados dentro de mim a vida toda.

Simplesmente não soube o que pensar.

- Como ousa fazer uma coisa dessas?
- Em primeiro lugar, minha mãe não está mais aqui para você me chamar de filho da puta. Em segundo lugar, fui adotado pela sua mãe e ela também não é puta.
- Foda-se. Não acredito que você contou tudo.
- E por que não? Dê-me um motivo para não compartilhar as coisas com ela.
- Te dou todos os motivos!
- Tá, pode começar.
- Não força, Leonardo – eu não tinha nenhum motivo.
- Não força você. Não existe motivo. Você está com chiques desnecessários, parece uma menina. Deixa de frescura e faz o que estou dizendo.
- Não vou fazer nada.
- Beleza. Então, o problema é todo seu. Não vou mover mais um único dedo. Estou ajudando de todas as maneiras possíveis. Agora, se você não está afim de colaborar, não posso fazer nada. O esforço tem que ser mútuo, Rafael. Assim como te abracei e nunca vou soltar, tenho certeza de que a Natasha está disposta a fazer o mesmo. Cabe a você começar a se ajudar um pouco também. Estou de férias das noitadas por um tempo e não há nada que me faça mudar de ideia. Ponto final.

No fundo, como sempre, ele tinha razão. Faltavam-me argumentos para sustentar tanta indignação. Ao parar para pensar por alguns segundos, coisa que eu não tinha me prestado a fazer até então, percebi que era idiotice continuar com aquela postura. Conhecia Natasha como a palma da minha mão e sabia de todo o seu desapego a coisas triviais. Por mais que não tivesse tido contato com ela por todo aquele tempo, eu tinha certeza de que ela jamais deixaria de gostar de mim da maneira que sempre gostou em todos os nossos anos de forte amizade.

Embora tenha concordado naquele momento, não me motivei a telefonar. Ainda me sentia muito envergonhado pelo que havia feito.

Explico.

Fomos sempre um trio, não uma dupla. Como já disse, minha amizade com Leonardo era de longa data, desde o nosso primário. Crescemos juntos e cursamos sempre as mesmas séries. Na verdade, lembro bem, quase fomos separados no quinto ano do colegial. Eram duas turmas e os alunos passavam por uma espécie de sorteio para serem espalhados nas salas. Minha mãe recorreu à diretoria e conseguiu que nos deixassem juntos. Foi exatamente nesse ano que conhecemos Natasha.

Seu caso foi semelhante ao de Leonardo quando pequeno: aluna nova, vinda de outra escola e que passou um bom tempo deslocada, enquanto todas as outras crianças já tinham seus laços de amizade formados. O velho clichê. Não que nós dois fôssemos os bons samaritanos que salvavam pessoas sem rumo, mas fomos os primeiros a realmente se aproximarem dela.

Como andávamos sempre em dupla, não tínhamos um grupinho tão fixo assim. Tinha a Andressa e a Renata, mas não chegava a ser uma amizade grudenta. Em menos de um ano ela se tornou muito mais próxima a nós do que o restante dos colegas que nos acompanhavam desde as primeiras séries. “Gosto de vocês por não serem tão retardados como os outros”, ela disse certa vez, mostrando um gênio forte e debochado desde criança.

Resumindo a história dos tempos de infância, acabamos nos tornando um trio de verdade - uma pena não termos nenhum talento para música. A mesma relação de confiança, carinho e companheirismo que Leonardo e eu tínhamos, acabamos também tendo por Natasha.

Então, baseado em laços tão estreitos e sinceros, o que de tão ruim fez com que eu me afastasse dela?

Burrice e imaturidade de um homem ridiculamente apaixonado, daqueles que ostentam um saco murcho e vazio no meio das pernas, pois as bolas há muito tempo se foram. A desgraçada da minha ex-namorada – vou batizá-la de Putinha, pois é assim que me refiro a ela até hoje, foda-se – tinha um problema muito sério: pré-conceito. Era ignorância sua avaliar e julgar pessoas sem antes conhecer. Inclusive, tinha a capacidade de odiar alguém sem sequer saber o nome da pessoa ou trocar meia dúzia de palavras. No meu caso, especificamente, devido à minha grande proximidade com Natasha, tratava-se de ciúmes.

Podíamos até frequentar os mesmos lugares, mas ficava sempre um clima chato e hostil. Para evitar isso e também que a namorada querida ficasse incomodada – olhem o absurdo – eu passei a literalmente evitar os encontros. Sim, rebaixei-me ao nível de temer chateá-la, como se eu fosse o culpado de alguma coisa, ou como se eu tivesse que me preocupar com a amizade que tinha com Natasha.

Só de lembrar sinto uma raiva que mal consigo controlar.

Seguindo à risca o papel de homem sem bolas e mestre fundador do clube oficial dos bananas – inclusive, era como a fofa me chamava carinhosamente; hoje percebo que para ela a brincadeira tinha um fundo de verdade, - fui aos poucos me afastando de Natasha. E o pior não é isso. A Putinha também passou a ter implicâncias com Leonardo, pois “ele se achava demais e era muito metido”. Logo, por estar apaixonado, cego e disposto a ceder, afastei-me de ambos. Não foi para todo o sempre, mas passei a vê-los com pouquíssima frequência.

Afastei-me dos meus amigos mais próximos e convivi somente com os seus amigos, tanto na faculdade quanto em seu ciclo mais pessoal. Em qualquer que fosse a área da vida, eu esqueci da minha e passei a viver a dela. Anulei-me por achar correto para ser feliz em um relacionamento a dois.

Culpei-a por muitos anos e ainda sigo culpando, mas hoje reconheço que o principal culpado fui eu, pois permiti ser pisoteado e coordenado pelos seus caprichos egoístas e mesquinhas.

A merda estourou de vez em um ano novo qualquer. Meus pais tinham casa no litoral, logo, combinamos que passaríamos a data juntos. Seria ótimo, estávamos muito entusiasmados. Apesar do seu grande apego à família, especialmente em datas comemorativas, o que ela queria era passar a virada do ano na praia. Hoje percebo que o motivo principal era a praia em si, e não passar comigo. Vocês vão ver que não estou exagerando.

Acontece que dias antes de viajarmos, ela me informou que sua família havia conseguido uma casa vaga para passar a virada do ano na mesma praia. “Que bom”, eu disse, no auge da minha ingenuidade. Pois isso resultou em uma sacanagem das grandes. A filha da puta me avisou que passaria a virada do ano com a família, pois não queria chateá-los, uma vez que fora difícil conseguir a tal casa para que todos ficassem juntos. Meu cu! Ela nem me consultou ou sentou para conversarmos e ver se ficaria bom para os dois. Tomou a decisão como se os meus sentimentos fossem irrelevantes.

Fiquei muito chateado e frustrado. O sentimento de que a praia era mais importante do que eu apenas cresceu. Foi uma das poucas vezes que demonstrei estar contrariado – eu normalmente colocava o rabinho entre as pernas para não chateá-la. Não adiantou de nada. Eu gostando ou não da situação, a decisão já estava tomada. Quando a vaca decidia algo, nada a fazia mudar de ideia, independente de como eu me sentiria, pois a porra da família vinha sempre em primeiro lugar.

Sabem o que é pior? Duas coisas. Primeiro, apesar de tamanha apunhalada, eu estava disposto a abrir mão de passar com a minha família para passar com a dela, pois assim ficaríamos juntos. Serviu de estímulo meus pais serem bem desapegados quanto a isso. Eles apenas queriam que eu estivesse onde me fizesse feliz. Segundo, além de me rebaixar a isso, tive que engolir seco o fato de que o convite em si nunca veio. Em nenhum momento ela me convidou ou mencionou que eu poderia ficar com ela.

Na época, qualquer raiva que eu tinha deu lugar a uma imensa frustração. Meus pais notaram minha cara de bunda e que eu havia sentido o golpe, mas me respeitaram e não fizeram nenhum questionamento. Ficou bem marcado em minha cabeça: ela era desapegada.

Aquele final de ano foi cada um do seu lado. Eu a imaginando feliz da vida com a família, enquanto eu estava mergulhado no mais denso poço de frustração e saudade – simplesmente patético. Após todo o protocolo de passar a meia-noite, estourar champanhes e contemplar os fogos de artifício, senti meu celular vibrar no bolso. “É ela!”, pensei, feliz como um pobre coitado solitário que mendigava carinho e atenção.

Não era ela. Para a minha surpresa, era Natasha me enviando uma mensagem de texto. “Onde você está? Queria te dar um abraço”. Eu nem imaginava que ela estava na mesma praia.

O que passou pela minha cabeça? Desconversar ou inventar alguma desculpa para não encontrá-la, pois se a Putinha soubesse, meu namoro poderia terminar. Se eu pudesse voltar no tempo,

pegaria uma espiga de milho que se compra na beira da praia e enfiaria no cu de quem eu era. Sujeito fraco, patético, controlado, cabaço e digno de pena.

Mas em um lapso raro de dignidade e amor próprio, mandei-a se foder mentalmente e telefonei para Natasha. Se ela havia me dado aquele cano desumano, eu tinha o direito de curtir a virada do ano com alguém que eu tanto gostava. Natasha me atendeu e conversamos até compreendermos onde cada um estava. Ela vinha acompanhada de uma amiga que hoje sequer lembro a cor do cabelo, de tão irrelevante que foi na época. Encontramo-nos e fomos juntos comemorar pelas ruas e assistir ao movimento.

Para fins de registro, a Putinha não se prestou a me telefonar. Mandou apenas uma mensagem de texto desejando feliz ano novo. Sentindo-me o grande macho alfa da relação, fiz questão de demorar a responder, como se isso fosse alguma prova de virilidade.

A noite foi longa e divertida na companhia de Natasha. Seu espírito louco e de alto astral me fez muito bem. Sempre que a abraçava para demonstrar o quanto estava feliz por vê-la de novo, ela se esquivava e pedia menos sentimentalismo e que eu fosse um pouco mais homem. Apesar do deboche que lhe era característico, eu ria e fazia questão de abraçá-la.

As comemorações terminaram e a humanidade toda alcançou o novo ano. Dormiria até tarde na manhã seguinte se meu celular não tocasse ao receber uma mensagem. A vaca, enfim, me convidando para ficar com ela. Um almoço na casa onde estava, pois é claro que era muito mais cômodo o banana se deslocar. Procurei esquecer qualquer mágoa no caminho para ter um dia minimamente agradável. Chegando lá, fui bem recepcionado e ela me abraçou e beijou com muito carinho, como se nada de anormal tivesse acontecido.

Ano novo, vida nova, não? Apesar de tudo, adorei reencontrá-la.

Uma coisa é certa na vida: nada acontece por acaso. Sempre fui muito cético, mas certas coisas tinham um propósito, fosse imediato ou a longo prazo. As possibilidades poderiam ser infinitas na noite anterior, e eu jamais contaria que fosse encontrar com Natasha, uma pessoa que a Putinha tanto odiava e não podia sequer ouvir o nome. Pois de uma forma extremamente irônica, os acasos se uniram para dar um curto circuito em minha cabeça.

Enquanto esperávamos pelo almoço, resolvemos jogar carta. Uma simples e inocente partida de Uno em que tiramos sarro um do outro quando se conquistava a vitória. Papo vai, papo vem, até ela me fazer a fatídica pergunta, acredito eu que na maior inocência e despreensão do mundo – e essa era ironia:

- Encontrou algum conhecido ontem? – Perguntou-me enquanto embaralhava as cartas, sem nem me olhar nos olhos.

Sabem quando em apenas dois segundos você parece raciocinar por horas? Dezenas de informações passaram pela minha cabeça. Relembrei de cada detalhe da noite anterior com Natasha, de como foi divertido e de todas as bobagens que conversamos. Foram momentos raros em que esqueci que tinha uma namorada egoísta.

Por que diabos ela fez aquela pergunta? Alguma maldita voz soprou em seu ouvido?

Encontrei-me encurralado, frente a frente com um difícil dilema. “Se eu contar que passei com a Natasha, ela surta”. Precisava evitar isso de qualquer maneira, ainda mais com a sua família por perto. Nem me passava pela cabeça dar a ela tamanho desgosto. “Mas não posso mentir, prometemos sermos sempre sinceros um com o outro”, pensei.

Como eu não funcionava sob pressão, respondi por puro instinto.

- Não, não encontrei ninguém. E você? – Estampeei um sorriso forçado o bastante para esconder meu nervosismo.

Ela respondeu que não, como eu já imaginava. Ficou por isso mesmo, afinal, ela jamais cogitaria que eu pudesse encontrar com a Natasha, por isso sequer perguntou especificamente pelo seu nome.

Acontece, meus caros, que vivemos na era das redes sociais – sempre soube que um dia tomaria no cu por alguma coisa. Não foi preciso alguém fofocar que me viu junto da Natasha. Uns dias depois do ano novo nós conversávamos na mais serena paz pela internet, quando de repente ela escreveu algo como “não acredito!”. Em seguida, colou-me o link de uma foto.

Abri e vi a imagem de Natasha e eu abraçados na noite de ano novo, felizes e sorridentes para a câmera. Não era nenhuma foto roubada ou passada adiante por terceiros. A própria Natasha havia postado em seu perfil social. “Fodeu”, pensei na mesma hora. Gelei, vocês não têm noção do quanto. Meu coração disparou a ponto de senti-lo na boca, na medida em que a pulsação em meu pescoço ficou absurdamente forte.

Bem, a Putinha me encheu de osso, acusando-me de tudo o que era coisa. Mentiroso e traidor foram os xingamentos mais sutis. Procurei lembrá-la de que Natasha era minha amiga e que eu não tinha nada que ver com toda a sua birra por pessoas que ela nem conhecia direito. Mas por mais que eu me esforçasse para argumentar, de nada adiantou. A cagada estava feita e aparentemente não havia meios de remediar. Naquele instante meu namoro ficou por um fio, mas não chegou ao fim.

Para não trair as origens de um belo idiota, vesti o chapeuzinho de culpado e realmente acreditei que eu era o problema. Cedi, mais uma vez, aos seus caprichos, birras e ignorâncias, pois nunca, em nenhum momento, ela havia tentado simpatizar com Natasha. Todo o ódio mortal e sem sentido respingava em mim, obrigando-me a dançar constantemente em cima de uma corda bamba. De um lado o amor cego por uma namorada filha da puta e cheia de defeitos – defeitos esses que na época eu não era capaz de perceber – e de outro lado a amizade sempre sincera e honesta de Natasha.

Ela nem sabia que era odiada.

Foi nessa encruzilhada que tomei uma das decisões mais infelizes da minha vida. Com o rabo entre as pernas, fui até a casa da Putinha para conversarmos e resolvermos toda a nossa situação. O encontro ocorreu mais de uma semana depois dela descobrir a foto, pois sua mãe não queria que eu fosse lá. Mesmo irritado, achei uma atitude normal de quem sempre foi contra mim e apenas me aceitou goela abaixo, fingindo simpatia quando na verdade queria me ver longe da filha por não me julgar bom o suficiente.

Nunca fui aceito por aquela mulher mesquinha e falsa. Uma mulher que vivia às custas do bom salário do marido e que queria o mesmo para a filha.

Lá eu chorei feito uma menina fresca. Expliquei cinquenta e cinco mil vezes que não fizera nada para magoá-la e que jamais pensara que aquilo poderia causar tanto estrago. Minha maior defesa foi dizer que confiava no nosso amor e que não tinha nada a temer, no sentido de que nem mesmo todo o ódio por Natasha seria o suficiente para nos separar. E isso me deu a certeza de que encontrá-la seria uma grande prova de que eu não tinha más intenções.

Dias antes do encontro eu desabafei com Leonardo, contando que realmente não tivera má intenção em nada. Suas palavras foram categóricas.

- Eu acredito que você tenha sido ingênuo e não fez nada por maldade. Mas você precisa entender uma coisa, Rafa. Por mais fortes e confiantes que as mulheres sejam, especialmente a sua namorada, elas...
- Não esquece de fria – interferi para completar as características da Putinha.
- Também. Por mais que elas sejam assim, sempre, sempre, sempre vão ter ciúme ou implicância com alguma coisa. Nada do que você diga ou faça vai mudar o ódio que ela tem por Natasha, mesmo que esse ódio seja irracional. Faz parte da mulher ser assim.
- Mas eu não tenho nada a esconder, entende?!
- Claro que eu entendo. Só que é nessa parte que você é ingênuo. Mentir é errado? Talvez, algumas vezes até pode ser. Mas em relação a isso, você não pode ser sincero. Pelo bem do relacionamento, esse tipo de coisa a sua namorada não pode ficar sabendo. Se você conversa com a Natasha pela internet, se você estava na rua e a encontrou por acaso, ou se combinou de darem uma volta em um dia qualquer, nada disso pode chegar aos ouvidos dela. Por mais que você não veja maldade e que por isso ache que pode ser sincero, ela jamais vai aceitar.
- O pior é que eu realmente não quis causar nada disso – lamentei.
- É como eu te disse. Ingenuidade sua. As mulheres são assim, não adianta. Você pode ter mil amigos, tudo gente boa. Pelo menos um ela vai criar birra e odiar com todas as forças, forçando-o a escolher entre ela ou o amigo. Infelizmente é assim.

Por mais realistas e cruas que fossem suas palavras, serviram-me de consolo. Percebi que estava pagando o preço por não ter medo de esconder nada da minha namorada. No entanto, hoje me pergunto: se eu não tinha receio, porque neguei quando ela me questionou se eu havia encontrado alguém conhecido? Por mais sincero e ingênuo que eu pudesse ser, no fundo tinha medo sim. Então, foi por isso que eu neguei. Sabia que podia dar merda, como de fato deu. Além de ingênuo, fui burro e incoerente.

Em meio a tantas lágrimas e uma postura de cadela vira-latas, fiz algo mais além de implorar por perdão. Aceitei o ódio que a Putinha tinha por Natasha e fiz a promessa crucial: nunca mais falaria com ela de novo, cortaria todos os laços e formas de comunicação, excluindo-a para sempre da minha vida. A promessa não foi decisiva para conquistar o perdão de vossa excelência de imediato, mas mesmo que trincado o amor permaneceu de pé, e após mais de uma hora de conversa, ela enfim me abraçou. Voltamos a ficar em paz, refizemos os votos de amor e choramos juntos de alívio pela reconciliação.

Daquela noite em diante, durante um bom tempo, eu precisei ir até a casa dela para que pudéssemos nos ver, pois a jararaca da sua mãe, de novo, impediu-a de me visitar por ter tomado as dores. Nossa relação voltou ao normal mais de um mês depois quando a megera voltou a autorizar a

filha a ir até a minha casa, afirmando que o ocorrido já era um passado superado. Velha filha da puta e frustrada.

Enquanto isso, cumpri com a minha promessa. Conversei uma última vez com Natasha, expliquei toda a situação e deixei claro o quanto eu amava a Putinha. Pedi desculpas uma porção de vezes por fazer aquele tipo de coisa, mas que meu namoro era muito importante para mim. Naquele momento, fiz o que ninguém no mundo poderia fazer: trocar uma amizade verdadeira por qualquer outro amor vago. Sempre muito lúcida e simplista em qualquer situação, Natasha demonstrou compreensão com respostas objetivas. E quando eu perguntei pela décima vez se ela realmente entendia a minha situação, ela respondeu de maneira sucinta:

- Não esquentá. Eu entendo.

Nenhuma palavra de repúdio, retaliação, tentativa de me convencer do contrário ou de me abrir os olhos, ameaça ou chantagem emocional. Apenas a sua sincera compreensão e respeito pela minha decisão, por mais equivocada que fosse.

E é baseado nesse grande erro que cometi, no qual considero imperdoável, que eu não tinha a coragem de telefonar para Natasha de novo, como se nada tivesse acontecido. Por mais que as indicações de Leonardo fossem sinceras, eu me sentia envergonhado. Talvez telefonasse um dia, mas não naquele momento, não naquele dia.

**11**

**É ela que eu quero**

Delicadamente ela se colocou de joelhos entre as minhas pernas. Pensando na postura de atitudes que eu deveria ter, antes que ela fizesse um movimento a mais, adiantei os trabalhos abrindo eu mesmo minhas calças. Notei um discreto sorriso seu ao ver meu pau de novo. Lembrei que em nossa primeira vez ela havia se surpreendido positivamente com o tamanho. Fiquei muito, muito feliz.

Uma segunda-feira chata, uma quarta-feira mais ou menos e uma sexta-feira de expectativas. Assim foram as minhas semanas, seguindo uma linha evolutiva de humor.

Surpreendendo-me, Leonardo levou à risca sua decisão de dar uma pausa nas noitadas. Achando que se tratava de uma carta na manga para fazê-lo sair, questionei-o quanto à Paula e o fato de que daquela forma eles não se veriam mais. “Se quisermos transar, é só ela vir aqui em seu tempo livre”, respondeu-me com um sorriso de satisfação na cara. E ainda completou, de maneira debochada, dizendo que eu podia fazer o mesmo com a Dana.

Puto.

Não era assim tão simples. Se ele intermediasse com a Cris, o preço seria menor ou até mesmo de graça – mais difícil. Talvez comigo pudesse acontecer o mesmo, mas ainda não me sentia seguro o bastante para pedir um desconto. E mesmo tendo se passado tanto tempo desde que eu entrara na casa, Dana ainda era uma das garotas mais caras e requisitadas.

Essa concorrência era outra adversária com quem eu precisava lutar contra. Quem, em sã consciência, abriria mão de uma grana preta para achar um espacinho no calendário e dar de graça para um novato? Além de tudo isso, minha relação com ela seguia estritamente profissional. Não existia carinho ou atração alguma para ela fazer questão de transar comigo. E a minha triste certeza era a de que nunca teria.

Diante desse cenário nebuloso, só me restou tomar uma providência. Bater punheta. Não, mentira. Dessa vez mantive a dignidade.

Como sempre aconteceu em toda a minha vida, havia dias em que acordava com uma personalidade diferente, mais indignada com o mundo e decidida a efetuar mudanças. Leonardo dizia que eu acordava com personalidade de homem. De qualquer forma, independente da piadinha sem graça, um dia saí da cama assim. Ao levantar de manhã cedo e lavar o rosto, olhei-me no espelho do banheiro e pensei. Apenas pensei. Foram centenas de coisas abstratas, surreais, futuros que jamais aconteceriam e também no que eu gostaria que fosse real.

Queria que Dana fosse real, ali, do meu lado. Ao tê-la nua em meus pensamentos, atingi a ereção matinal. Desejei seu corpo, os seios naturalmente perfeitos, a cintura bem desenhada, os cabelos negros e lisos, olhos desafiadores e enigmáticos e um rosto perfeitamente lindo. Minha ereção ficou mais séria ao elencar suas características. Só não toquei uma punheta porque estava atrasado para o trabalho e também de saco cheio de gozar sozinho.

Àquela altura, bater punheta estava se tornando algo humilhante para mim, sinceramente. Quando o fazia, era apenas para aliviar o estresse acumulado, e não para de fato sentir prazer. O que era uma punheta diante da buceta linda, apertadinha e quentinha que Dana tinha entre as pernas?

Se as mulheres tinham seus ciclos menstruais, eu tinha meus ciclos de alta potencialidade de testosterona. A diferença era que meus ciclos eram diários, mudando apenas o horário entre um dia e outro. Chegando ao trabalho de manhã, cumprimentei a todos com naturalidade forçada para esconder meu desejo quase incontrolável por sexo. Talvez, naquele momento, eu estivesse disposto a bater punheta, pois realmente precisava gozar para baixar a adrenalina. Mas resisti, cruzei as pernas e contive o ímpeto, o que no momento era um esforço sobrehumano.

Procurei manter o foco no trabalho e a mente livre de putarias. Somente assim eu me afastaria do desejo pulsante.

Uma ova.

A cada um minuto concentrado no computador, outros cinco eu passava pensando em sexo, particularmente na Dana. Bastava levantar da cadeira, ir até o banheiro e me aliviar. A sala ainda não estava cheia, então ninguém perceberia minha ausência. Do jeito que eu estava excitado, os mesmos cinco minutos de distração seriam suficientes para gozar. Segurei, não queria me masturbar mais. Pelo menos não enquanto eu tivesse belas mulheres ao alcance da mão. Ou do bolso.

Em um determinado ponto toda a excitação se transformou em raiva. Querer ter algo e não poder. Desejar algo e ser impossível para o momento. Sim, às vezes era o que eu precisava. Indignação e raiva de ficar estagnado no mesmo lugar. Levantei-me tão depressa da cadeira que a empurrei para trás com força, atingindo meu colega nas costas. Pedi desculpas no piloto automático, sem sequer olhar. Foda-se ele.

Meu rumo era a sala onde Leonardo trabalhava. A infeliz da Andressa ainda me deu bom dia no meio do caminho e eu fiz questão de me fingir de surdo. Passei reto, a passos largos e firmes. Foda-se ela também. E foda-se qualquer um que se colocasse em meu caminho.

Como eu era um sujeito muito educado, sempre batia na porta antes de entrar, pois não eram raras as vezes em que Leonardo estava em reunião com outros empregados ou até mesmo com o seu pai, o dono da empresa. Pois naquela vez fui entrando sem nem fazer o sinal da cruz. Foda-se Leonardo também.

- Pode entrar, não precisa bater – ele disse ao me ver e em seguida voltou a mexer no computador.
- Eu não aguento mais!
- O quê?
- Ficar sem sexo! – Gritei a plenos pulmões.
- Shhh! – Só assim ele me deu atenção. – Perdeu a noção do perigo? Fala baixo.
- Quando foi a última vez que você transou com a Paula?
- Hm, vamos pensar – ele levou a mão ao queixo e olhou para cima, como se a resposta fosse um grande mistério. – Hoje de manhã!

A alegria estampada em sua cara ao me dizer aquilo soou como um deboche, e dos grandes. Só não pulei em seu pescoço porque tinha uma mesa ainda maior entre nós. Mas esbravejei aos sete cantos do mundo.

- Calma, calma, calma – pediu-me com sua risada contida. – Que tanta raiva é essa?
- Faz mais de um mês que eu não transo – segui de pé, apoiado em sua mesa. – Entende a gravidade disso?
- Você passou mais de vinte anos sem transar, o que é um mês?

Ah, passou dos limites. Passou muito dos limites. Quando dei a volta na mesa para acertá-lo com a primeira coisa que vi na frente – um grampeador de ferro, grande e pesado, - ele saiu correndo

e aos risos. Demos pelo menos duas voltas na mesa até eu desistir da brincadeira por me dar conta do quão ridículo era tudo. Mas minha raiva não passou.

- Isso não é brincadeira que se faça – reclamei. – Fica a dica.
- Tá, desculpa – disse ao sentar em sua cadeira. – Foi uma brincadeira de mau gosto. Prometo que jamais irá se repetir. Mas agora, se você não se importar, gostaria que largasse esse grampeador e se acalmasse um pouco.
- Quem sabe eu não fico com ele nas mãos, só por garantia?
- Não, melhor largar – ele sabia que eu podia jogá-lo de verdade. – Só vou ficar tranquilo quando suas mãos estiverem vazias.
- Não vim aqui para ouvir as suas piadinhas. Só preciso de uma opinião. E autorização, é claro – enfim, mais calmo, larguei o grampeador e sentei-me na cadeira.
- Quais?
- Como você pode ver, já estou de saco cheio disso tudo.
- Literalmente de saco cheio, né?
- Não, tenho batido uma punheta aqui e outra ali. Mas já disse que isso não é mais o suficiente, lembra?
- Sim, sim.
- Ou seja, eu preciso muito transar. Já era difícil quando virgem, e agora que descobri o quanto é bom, parece que a abstinência me corroe por dentro.
- Gosto da sua maneira dramática de se expressar – encenou com as mãos. – Você seria um bom escritor.
- Chegou de palhaçada? – Levei a mão de novo ao grampeador como forma de ameaça.
- Certo, prossiga com o relato, meliante.
- O que você acha de eu telefonar para a Dana e pedir por um programa?
- Ué, acho ótimo. Nem sei por que ainda me pergunta uma idiotice dessas.
- Refiro-me a um programa de graça, sem pagar.
- Ah, daí não – foi enfático. – Não acho que seja uma boa ideia.
- Por quê?
- Porque você não tem nenhuma relação com ela, além da profissional. Não é o mesmo que eu telefonar para a Paula agora e pedir para que venha aqui foder o resto da manhã em cima da mesa, por exemplo. Como temos uma relação íntima e sei que está livre, sem dúvida ela viria.
- Vai se foder, Leonardo – comecei jogando uma caneta. – Às vezes você tem um espírito medíocre, sabia?
- Calma, estou só brincando – defendeu-se, mas sem segurar sua risada.
- Resumindo, é uma péssima ideia, então?
- Por enquanto, sim. Se rolar a possibilidade de um programa de graça, primeiro deve passar pela Cris. Ela quem pediria o favor à Dana, afinal, é a dona do negócio. Você só pediria diretamente à Dana se tivesse essa relação estreita na qual eu falei, entende?
- Você vive me dizendo para ter coragem e cara de pau, por isso pensei em ligar o foda-se e telefonar.
- Acho isso ótimo, de verdade. É uma atitude que eu gostaria que tomasse.
- Porém? – Sempre havia um.
- Tenho certeza absoluta de que você receberia um não, ainda mais que a Dana é uma mulher sem ceriôminas. Além de passar vergonha com ela, você meio que se queimaria. Por isso, se você quiser muito mesmo um programa sem pagar, é para a Cris quem deve telefonar. Além do mais, esse negócio

de transar pelo interesse sexual e sentimental, excluindo o dinheiro, sempre vai partir delas, e não de nós. É Dana a responsável por tomar uma atitude.

Deixei as palavras alimentarem meus pensamentos, enquanto observava o céu limpo e azul pela janela. Achei um céu muito bonito, com poucas nuvens e quase sem de vento. Já era um ótimo prenúncio de que o verão estava chegando. Perdi-me por um momento, até Leonardo jogar de volta a caneta na minha cara.

- Acorda!

- No fim, acho que não devo ligar para ninguém pedindo por favores – encarnei uma pessoa madura. – Como você disse, preciso construir uma moral com elas, e não destruir qualquer chance de ser respeitado. Da mesma forma como você fez algo de especial para conquistar o carinho de toda essa gente, eu também preciso seguir a mesma linha, sem pedir favores prematuros e jogar tudo fora. Somente assim terei os privilégios que tanto quero, especialmente com a Dana.

É, foi um lapso repentino de maturidade e lucidez. Falei tão rápido e convicto que parecia um robô pré-programado. Quando parei de falar Leonardo ficou me olhando, mudo e perplexo. Eu também meio que me perdi com as minhas próprias palavras ou não percebi o impacto que elas causaram, pois o olhei de volta sem entender toda a sua surpresa.

- Gostei de ver – arqueou a boca e aplaudiu de leve. – Nem parece o mesmo Rafael que entrou aqui cuspidando fogo.

- Recupei minha sanidade, embora continue excitado e precisando muito de sexo.

- Cara, é simples – ajeitou-se na cadeira e veio até mim. – Você ainda precisa de apenas um telefonema. E no mais, você deve ter dinheiro na conta, duvido que tenha gastado tudo. Também vamos receber amanhã, então não tem o porquê de se preocupar com grana. Se precisar até te empresto.

- Não, grana eu tenho.

- Então, problema resolvido – sorriu.

- Acha que devo ligar?

- Já era para estar com o telefone na orelha. Eu disse que ia te largar de mão para que você começasse a andar com as próprias pernas, mas vou te passar um último ensinamento *Leonardiano*.

- Por favor, mestre – reverenciei-o.

- Primeiro, ponha na cabeça que você é uma pessoa extremamente carinhosa e cativante.

- Oh, que amor – ironizei tanta fofura. – Assim fico até sem graça. Já posso baixar as calças?

- Não. Acontece que dessa maneira, mais cedo ou mais tarde, você vai conquistar a simpatia e, quem sabe, o carinho da Dana.

- Que Deus lhe ouça e abençoe tais palavras, oh, nobre mestre – juntei minhas mãos e reverenciei-o de novo.

- A não ser que ela seja uma pessoa extremamente fria.

- Tipo a Putinha?

- Esquece essa garota! – Bateu na mesa. – Que inferno, cacete. Isso não vem ao caso. O fato é que enquanto você não conquista a Dana pelo que você é, deve conquistar pelo que tem.

- Como assim?

- Entenda essa sua relação inicial com ela como um investimento a longo prazo.

- Como assim, parte dois?
- Você não só precisa como deve pagá-la por cada programa que fizer. Isso mostra que você não está se importando com a grana e que tê-la é muito mais importante. Sua determinação e desapego com o dinheiro vão chamar a atenção. Fora que ao ver que você tem grana, mais interesse ela vai ter.
- Tá, calma, calma – pedi com a mão que paresse. – Vamos raciocinar. Não é meio grosseiro isso que você está dizendo?
- Como assim, parte três? – Zombou.
- Do modo como fala, parece que estou comprando a Dana.
- Ué, e não está? – Deu de ombros.
- Claro que não.
- Claro que sim! – E mais uma vez tive que aturar sua risada em cima de mim. – Rafa, raciocina. É exatamente o que eu disse. Até conquistar o carinho sincero dela, se é que vai conquistar, você precisa pagar pelos seus serviços. Em outras palavras, sim, você a está comprando.
- Não, não estou – insisti. – Da maneira como você coloca as coisas, parece que estou comprando sua dignidade e honra, como se ela fosse um objeto qualquer. Isso implica em eu ter poderes sobre suas decisões, coisa que eu não tenho. Ela pode muito bem não querer se vender. Ou seja, não estou comprando a Dana, mas sim os serviços dela.

Ele me olhou com uma expressão que eu juro de pés juntos a vocês, não consegui decifrar. Uma mistura de incredulidade com dúvida? Não, não. Era diferente. Nem quis arriscar um palpite, pois foi realmente um enigma.

Após o silêncio, um suspiro. Após o suspiro, a quebra do silêncio.

- Então, faz o seguinte, Rafael – começou ao se apoiar na mesa e chegar mais perto de mim. – Enfia o dedo no meu cu e depois cheira. Ou lambe e me diz se é saboroso.
- Gente, que desnecessário – revirei os olhos.
- Filosofia sobre caráter de puta a essa hora da manhã, Rafael? Vai à merda.
- É a minha maneira de ver as coisas. Dá licença?
- Que seja – recostou-se em sua cadeira. – Pela minha ou pela sua ótica, entendeu o que eu disse sobre o investimento a longo prazo?
- Sim, entendi – concordei com a cabeça. – E nesse ponto, com a minha ótica, concordo.
- Ótimo – sorriu forçado. – Então, não me enche mais o saco e vai tirar esse atraso de uma vez, antes que eu mesmo enfie um cabo de vassoura na sua bunda para apagar um pouco desse fogo.
- Preciso da sua autorização para telefonar daqui do trabalho.
- Autorização? Está aqui a sua autorização – deu-me o telefone em mãos.

Em todo o escritório, independente da sala, as ilhas eram redondas. Em cada ilha havia quatro computadores e um telefone. Todos eram liberados para fazer e receber ligações, mas somente a trabalho. Ligações pessoais eram permitas em horários de descanso. Como estávamos muito longe desse horário e eu sem paciência alguma para esperar, precisei usar o telefone da sala de Leonardo, pois seu pai pouco se preocupava em controlar.

Saber de cor o telefone da Dana me rendeu tapinhas nas costas, tamanho foi o orgulho de Leonardo. Revirei os olhos para a bobagem, fala sério. O importante foi o final de toda a dramaturgia

grega: milagrosamente a Dana estava livre à noite e aceitou fazer programa comigo. Quer dizer, não era tanto assim um milagre, pois lembrei que nas segundas-feiras a casa da Cris não abria para dar folga às meninas.

Se bem que pensando melhor, Dana estava de folga, né? Era um dia para descansar e recuperar as energias, além de ter um tempo para si. Além disso, não creio que ela precisasse de dinheiro ou que um programa a mais fosse fazer grande diferença. Isso me fez pensar: será que ela aceitou porque gostava de mim? Questionei Leonardo quanto a isso antes de sair da sala.

- Hm, quem sabe? – Ele foi indiferente. – Embora ache muito cedo, não dá para descartar essa hipótese.
- Não me iluda com brincadeiras. Você sabe o quanto isso me deixaria feliz.
- Não, estou falando sério. Juro – mostrou os dedos cruzados. – Mas não há como ter certeza. Como você disse, duvido que ela precise do seu dinheiro ou que vá fazer uma grande diferença para o caixa. Por outro lado, vai que ela seja viciada em sexo e não queira descansos?
- Tá, mas daí ela transaria com algum pequete fixo, ou alguém que não seja cliente e tal.
- E se ela não tiver um?
- Significa que eu poderia ser um, quem sabe – indaguei.
- Quem sabe, nada além disso. Péis no chão, meu caro, pois estamos apenas cogitando as coisas. Não tem como saber o que a motivou a aceitar um programa em seu dia de folga.
- Gosto da ideia dela ser viciada em sexo – sorri imaginando-a.
- Concordo. É a mais satisfatória, digamos.
- É. Bom, vou trabalhar e me concentrar para o tempo passar voando.
- Só uma coisa. Enquanto falava com ela ao telefone, eu contei. Você gaguejou cinco vezes. Cinco vezes, Rafael.
- Você sabe que não gosto de falar por telefone.
- Sim, mas com ela a coisa fica pior! O que eu quero dizer é que você precisa demonstrar segurança a ela. Foi muito bonitinha a sua timidez na primeira vez, tudo muito fofo e o caralho a quatro. Mas já passou, tá? Agora seja firme e confiante, tanto no agir quanto no falar.
- Beleza. Anotado.
- Agora vaza e só aparece na minha frente amanhã para me contar o quanto foi espetacular a sua noite.
- Você vai para casa depois que eu terminar ou vai dormir na Paula?
- Não sei. Quando decidir eu te aviso.

Qualquer que fosse o motivo dela, minha noite de sexo estava garantida. Pagar ainda me doía um pouco no bolso, mas principalmente no ego. Sentia-me incomodado por ter que usar dinheiro como conquista para o sexo, enquanto homens normais e mais capazes transavam com um simples estalar de dedos. Mas era a vida. Cada um usava dos meios que lhe era disponível. Se o meu era dinheiro, então, foda-se o dinheiro também.

O dia se arrastou a passos de um cego manco. O relógio se mostrou um inimigo à altura, enquanto a ansiedade foi a líder de uma ação de tortura em minha cabeça. Em dias normais eu já sofria de certo nível de procrastinação e desinteresse por coisas sem grande importância. Naquela manhã minha produção foi praticamente zero. Circulei pela sala incontáveis vezes para me distrair, futriquei na internet e tentei ler de tudo um pouco. Mas no fim eu acabava acessando o site da casa de mensagens para olhar as fotos da Dana. À noite ela seria minha.

Não vou descrever cada segundo do dia porque é desnecessário. Vamos direto ao ponto, quando finalmente o interfone do prédio tocou e pude ouvir sua voz do outro lado do aparelho. Meu coração disparou e senti minhas pernas bambas. “Você precisa demonstrar segurança a ela”, lembrei das palavras de Leonardo. Foco nisso, Rafael, foco nisso.

Assim como procurei não descer correndo para não parecer ansioso demais, também procurei não demorar muito para não parecer mal educado. Enfim, fui no meio termo. Tomei banho e coloquei uma roupa decente pelo menos uma hora antes do horário combinado. Senti-me uma noiva quando coloquei três opções abertas na cama.

Meus olhos brilharam ao vê-la esperando no portão. Usava uma roupa discreta, o que a deixava ainda mais linda. Dana não precisava de saias curtas que subiam até o útero ou decotes que jogavam os seios quase no queixo. Quanto mais escondesse o corpo, mais interesse eu teria. Claro que ela era perfeita quando nua, mas seu grande charme era o mistério e, por incrível que pareça, a simplicidade ao se vestir. Por exemplo: a meia calça preta não permitia muita noção do quanto suas pernas eram bonitas; o vestido azul marinho largo, descendo até joelhos, escondia suas curvas; e o leve casaquinho de lã completava um tom mais sério, porém natural.

Nem em milhões de anos luz pareceria uma garota de programa. Por que ela fazia isso comigo?

Sorrimos quando nossos olhares se cruzaram. O cumprimento foi um beijo no rosto e um suave abraço. Nervoso, não soube escolher as palavras para puxar assunto no caminho até o apartamento. Ficamos nos diálogos padrões: tudo bem, há quanto tempo, chegou rápido, está esquentando, e assim por diante. Sinto-me um idiota só de lembrar.

Abri a porta do apartamento e levei-nos até a sala.

- Bem, acho que você já conhece um pouco o apartamento, né? Fica à vontade.
- Obrigada – ela largou a bolsa no sofá e sentou.
- Quer beber alguma coisa? – Que não pedisse bebida combinada, pois eu não fazia a menor ideia de como preparar. – Não sei bem o que o Leonardo tem por aqui.
- Achei que vocês morassem juntos.
- Não, não – sorri nervoso. – Esse apartamento é dele.
- Hm – indagou como se compreendesse um mistério. – Nesse caso, ele empresta quando você precisa de intimidade.
- Isso.
- Belo amigo – mostrou-se admirada.
- Nossa, sem palavras. Ainda moro com os meus pais, então é impossível fazer esse tipo de coisa em casa, né?
- Verdade, não tem como mesmo – sorriu com uma simpatia apaixonadamente.
- Enfim, quer beber alguma coisa?
- Por enquanto não, obrigada.

Apesar da falta de intimidade me deixar nervoso, seu sorriso me presenteava com um pouco de tranquilidade. Era um sorriso sincero e natural. Sua maneira de falar era simples e direta. Antigamente, quando pensava em pagar por programas, imaginava que a garota já fosse entrar no apartamento tirando a roupa e montando em mim, tipo em filmes pornô. Não tinha experiência alguma para

analisar essas coisas, mas sentia que com Dana era diferente. Não se tratava apenas de um programa, assim tão cru e pragmático. Havia uma atmosfera envolvida, transformando aquilo quase em um encontro. Acredito que fazia parte do seu profissionalismo.

Foi com ela que aprendi a diferenciar acompanhante de garota de programa. Ambas recebiam por sexo, mas somente a primeira saía dos quartos de motéis para frequentar mesas de restaurantes chiques, festas de luxo e reuniões de negócios. Tudo passava por questões de compartimento, educação e intelecto, muito além de beleza e qualidade na cama.

Eu poderia omitir algumas coisas dessa noite para não passar vergonha na frente de vocês, mas não seria honesto. Além do mais, hoje não tenho mais esse tipo de problema em transparecer quem eu era e quem sou hoje. Faz parte da vida, não podemos nos envergonhar do que fazemos e nem de nossa essência. Embora nervoso, bati no peito – metaforicamente falando – e sentei no sofá junto dela. Puxei assunto ao meu estilo, à minha maneira, por mais patético que fosse – e acreditem, era muito.

- Gosto do seu estilo.
- Que estilo? – Sua risada contida foi de quem não compreendeu a pergunta.
- De se vestir. É claro que eu te acho linda e tudo mais, mas esse seu estilo me dá ainda mais interesse.
- Bem, obrigada – acredito que ela ficou desconsertada por não esperar um elogio tão ingênuo. – Mas estou normal, nada demais.
- Por isso mesmo. Tenho uma ideia quanto a isso – arrisquei a me abrir.
- Qual?
- Você meio que se esconde – aproveitei para ficar mais perto dela. – Não literalmente falando, mas pela discrição. É naturalmente bonita, então não precisa ficar se mostrando com roupas tão curtas.
- Há momentos para isso. Quando visito clientes em suas casas, é de praxe usar roupas mais discretas.
- Hm – senti como se meu ponto de vista fosse inútil por todas fazerem o mesmo.

Tá, não foi a melhor das abordagens, eu sei. Na tentativa de soar simpático e natural, talvez eu possa ter passado uma imagem bem idiota. No breve silêncio que invadiu a sala, Dana sorriu para mim, como quem havia achado engraçado. Nisso, aproximou-se mais de mim e deu-me um beijo.

Chutem quanto tempo levou para começar a minha ereção. Era algo tão instantâneo quanto apertar um disjuntor e a luz acender. Tirei as mãos do bolso, pois eu não estava consultando um psicólogo. Passei uma das mãos em sua nuca e a outra levei até suas pernas. Ela, por sua vez, usou apenas uma das mãos para acariciar meu pau por cima das calças.

Não sei quanto a ela, mas em um piscar de olhos eu já estava extremamente excitado – é claro que ela não estava. Dana parou de me beijar e afastou-se quando toquei seus seios.

- Acha que consegue mantê-lo duro enquanto eu tiro a roupa? – Seu tom de voz, aliado ao tímido sorriso em seu rosto, soou a mim como uma provocação.
- Mesmo que você levasse horas – uma verdade.

Ou ela era muito simpática, ou realmente gostava das idiotices que eu falava, pois ria de todas.

De fato, meu pau estava duro feito pedra e nem toda a demora do mundo o deixaria mole. Podia sentir a excitação querendo explodir para fora do meu corpo. Era como conter com todas as forças uma

vontade quase incontrolável. Da mesma forma como apreciava o fato de Dana não ter se atirado feito urubu em cima de mim quando entramos no apartamento, eu preferia também a minha postura mais moderada, afinal, ejaculação precoce ainda era um fantasma para mim.

Sem dúvida Dana sabia da minha excitação e pressa em fazer sexo, ainda mais por eu ser um novato recém iniciado. Levando isso em conta, agradeço até hoje o fato dela não ter enrolado ou feito mistérios para tirar a roupa. Nunca a questioneei, mas sei que ela foi direto ao ponto de propósito para não me torturar.

Que o strip-tease ficasse para quando eu tivesse dinheiro de sobra e pudesse pagar por mais de uma hora de programa.

Seu corpo era perfeito, meu Deus do céu. Os seios firmes e naturais possuíam a medida perfeita – não tinha como prender uma caneta debaixo deles, conforme o teste do peito caído. Sua bunda e pernas não explodiam de tão grandes ou musculosas, como em mulheres popozudas e cavalonas, coisa que eu detestava. Era o corpo que eu desenharia próximo à perfeição.

Delicadamente ela se colocou de joelhos entre as minhas pernas. Pensando na postura de atitudes que eu deveria ter, antes que ela fizesse um movimento a mais, adiantei os trabalhos abrindo eu mesmo minhas calças. Notei um discreto sorriso seu ao ver meu pau de novo. Lembrei que em nossa primeira vez ela havia se surpreendido positivamente com o tamanho. Fiquei muito, muito feliz.

Seu toque era delicado, gentil e macio. Incrível como tudo parecia se encaixar perfeitamente. Era como se Dana conseguisse ler meus pensamentos e descobrir todas as minhas preferências e gostos. Eu não precisava pedir por nada em específico, pois cada movimento seu já me era o suficiente. Mesmo isso não me tirava a consciência de que todos os encaixes perfeitos eram devido ao meu fascínio por ela. Não existia milagre.

Eu não sabia se fechava os olhos ou se a admirava fazer o boquete. Enquanto mantinha a primeira metade do meu pau em sua boca, ela massageava as bolas com ambas as mãos. Senti mais uma vez a maciez do seu toque. Sua técnica me excitava ainda mais. Ela sabia dosar uma pressão forte quando segurava meu pau, sem apertar demais, ao mesmo tempo em que o masturbava lentamente. Quando ela passou a língua das minhas bolas até o topo da cabeça e senti um arrepio correr pelas minhas pernas, precisei interferir: “Não aguento mais”, disse ao tocar em sua cabeça.

Deu, chega. Estava muito bom, muito agradável, muito bonito, mas eu precisava de sexo.

Outro sorriso seu para me conquistar um pouco mais. Como eu era apenas inexperiente, e não burro, havia deixado as camisinhas na cabeceira ao lado do sofá. Dana pegou uma, abriu e vestiu carinhosamente meu pau. Agarrou-o com ambas as mãos e masturbou-o um pouco mais, lentamente. Enquanto me perdi em seus movimentos, não percebi que ela me observava com atenção. Talvez estivesse admirando as curiosas reações de um cara que pouco sabia sobre sexo. Não me incomodou. Apreciei seu interesse.

Eu logo compreendi suas intenções ao me impedir de ir ao seu encontro quando me empurrou com a mão no peito para que eu voltasse a relaxar no sofá. Em nossa primeira transa sua postura fora doce e compreensiva, literalmente me guiando através do mundo novo que era fazer sexo. Mundo novo e magnífico.

Com o passar do tempo, especialmente na transa da vez, percebi que sua postura vinha ficando mais agressiva. Ela queria coordenar as ações, e assim permitir que eu vivesse a experiência de ser servido na cama. Não se tratava de uma servidão ligada ao dinheiro, como que por ossos do ofício. O mundo afirmaria que sim, mas eu defenderia que não. Podia sentir que ela tinha sempre em mente que eu era novato e que por isso queria ter a oportunidade de me ensinar o que fosse possível.

As primeiras metidas foram lentas, quase poéticas, como uma espécie de aquecimento. Haveria paixão no toque de nossas peles se pertencêssemos a outras vidas, a um outro tempo, a um outro mundo.

Sem saber dos meus devaneios e desejos mais profundos, em seguida ela aumentou a intensidade dos movimentos. Não a ponto de parecer um pornô hardcore, mas o suficiente para que seus seios dançassem para cima e para baixo diante dos meus fascinados olhos. Dana era um sonho de menino.

Agarrei seus seios com firmeza e bulinei os mamilos com os indicadores. Jamais confiaria que Dana pudesse ficar excitada comigo, disso eu tinha total consciência. No entanto, a sensibilidade dos mamilos não deixava mentir: ficaram rígidos, mesmo que o prazer não fosse pleno. Eu sabia que ali podia ser um ponto de partida.

Eu poderia descrever cada segundo da transa, cada movimento intenso de dois corpos unidos pelas genitálias. Poderia descrever o som do contato da camisinha com a sua buceta molhada, dando uma espécie de lubrificação extra para a penetração do meu pau. Queria muito relatar a transpiração que lentamente começava a escorrer por sua bunda quentinha e bem desenhada, enquanto seus seios roçavam em minha língua em um movimento de vai e vem.

Queria narrar todos os segundos e considerar aquela como uma das melhores transas da minha vida, a que me deu um prazer inesquecível, mas não vou poder porque nem eu mesmo pude aproveitar direito.

De novo, para a minha desgraça, não durei nem cinco minutos. Tentei desviar o pensamento para coisas banais – e até nojentas, – ou segurar a ejaculação fazendo força contrária à ejaculação, mas tudo foi inútil. Gozei sem a misericórdia do meu amigo.

Por instinto, mesmo com o meu pau ainda dentro de sua buceta, Dana parou os movimentos e beijou-me no pescoço. Apesar de gozar, continuei com desejo e duro, muito duro. Poderia seguir metendo até a próxima gozada, mas uma coisa me impediu: a consciência.

Dana percebeu que havia algo errado quando o único movimento que fiz foi levar as duas mãos ao rosto e suspirar pesado. Enquanto eu mentalmente me punia e gritava palavras grosseiras à minha estúpida e miserável existência, Dana surpreendeu-me com algo que eu jamais imaginaria que fosse vivenciar com ela.

Após alguns segundos de silêncio, quando creio que ela deva ter me analisado e pensando bastante, chegando a sabe-se lá qual conclusão, segurou minhas mãos e as puxou para que pudesse me olhar nos olhos.

- Isso o incomoda, né? – Seus olhos tinham empatia.

- O quê? – E os meus tinham surpresa.

- Gozar tão rápido.
- Ah – fiquei sem jeito por ela perceber o que me envergonhava. – É... feliz eu não fico.
- Mas você não é o único no mundo – sorriu-me como se encarasse a situação como algo natural.
- Mas faço parte desse grupo. E sim, isso me incomoda.
- É só trabalhar melhor o sexo, afinal, você é novo ainda.
- Não precisava me lembrar disso – desviei o olhar por vergonha de encará-la
- Por quê? – Ela gentilmente me trouxe de volta. – Não vejo nada demais. Sexo é como qualquer outra coisa em que você começa sem ter a menor ideia de como se faz, mas que com o tempo vai aprendendo e se aperfeiçoando.
- É a minha intenção, seguir praticando.
- Isso – sorriu de novo. – E não se cobre tanto. Essas coisas evoluem aos poucos.
- Só não queria mais esperar para fazer sexo de verdade.
- É só ter calma – afirmou com seu tom bondoso e compreensivo.

Não me senti menos aflito ou indignado, apesar de toda a sua doçura inesperada. Convenhamos, quando que uma garota de programa se preocuparia com as frustrações do cliente? Levando em conta que era seu dia de folga, cairia como uma luva ganhar uma grana extra sem sequer fazer sexo.

Senti-me envergonhado por protagonizar uma cena tão patética. Uma mulher espetacular a meu dispor, nua e montada em mim, e eu chorando pitangas e lamentando a falta de experiência em sexo.

- Nossa, me desculpa por isso – saí do momento de autopiedade ao me dar conta do papelão. – Confundi você com uma psicóloga.
- Ué, tem fetiche por psicólogas? Posso ser uma, se quiser – ficou clara sua intenção de afastar a nuvem pesada de frustração sob minha cabeça, ainda mais quando não desfez o sorriso do rosto.
- Não, não – ri timidamente. – Psicólogas não me atraem.
- Rafael, chega de cerimônias – adotou um tom mais sério e paciente. – Não precisa ter medos ou receios comigo. Quem sou eu para julgá-lo? Entendo perfeitamente a sua situação.
- Não, não entende.
- Que seja. Você não é o primeiro e nem o último homem a ter uma ejaculação precoce. É óbvio que você assiste a filmes pornôs, né?
- Sim – estranhei. – Por quê?
- Como você acha que aqueles caras transam por mais de uma hora sem parar?
- Estão acostumados?
- Claro que não! – Ela riu e eu me senti um grande idiota. Mesmo assim, gostei de vê-la de um jeito espontâneo. – Não é impossível levar uma transa por todo esse tempo, mas normalmente não é constante.
- Como assim?
- Sexo não é simplesmente você meter meia dúzia de vezes e gozar. Se quiser aproveitar ao máximo, vá com calma. Mete um pouco, para e dá uns beijos, lambe aqui, lambe ali, depois mete mais um pouco, e assim vai indo até sentir que está afim de gozar. Entende o que quero dizer?

Não sei descrever a cena. Não sei explicar o que aconteceu naquele momento, o que foi dito ou por que foi dito. Era para estarmos fazendo sexo, nada além disso. Eu telefonei, pedi pelo programa e

depois iria pagar, como mandava o figurino. Mas Dana estava sentada no meu colo – a essa altura meu pau já estava mole, - com as mãos apoiadas em meu peito e me dando uma aula de sexo. Uma aula de sexo!

Por melhor que fossem as suas intenções, era humilhante demais. Quando achei que gozar em cinco minutos já fosse o suficiente para que eu me sentisse um lixo, surpreendi-me com os ensinamentos repentinos. Era como se um Leonardo com seios estivesse me falando sobre a vida e seus caminhos.

Não fiquei ofendido com a sua boa intenção, longe disso. Fiquei inclusive surpreso com a atitude e principalmente pela preocupação. Por isso afirmei que era algo que eu jamais esperaria dela, ainda mais tão cedo, afinal, não tínhamos nenhuma intimidade e ela não me devia nenhum interesse semelhante àquele.

Mesmo agradecido e de certa forma feliz, o que senti foi vergonha. Tudo bem se fosse com qualquer outra mulher que eu quisesse apenas fazer sexo, mas desde a primeira vez que havia posto os olhos em Dana, percebi que nascera algo diferente em mim. Não era amor, claro. Tratava-se de um interesse além da carne. Era um interesse sentimental, queria que ela gostasse de mim de verdade, por isso o meu pânico de passar vergonha na sua frente.

- Que vergonha – levei as mãos ao rosto.

Foi só o que eu tive tempo de fazer. “Tá, chega”, ela disse. Imediatamente pegou minhas mãos, levou até seus seios e começou a me beijar. Sua intenção foi a de me trazer de volta para o clima, deixar-me à vontade de novo e despreocupado com qualquer outra coisa que considerasse besteira. A sua intenção, meus caros, foi a de demonstrar interesse no meu bem estar.

Quando volto no tempo e lembro do momento, um sorriso enorme nasce em meu rosto, pois meus olhos realmente não me traíram quando a vi pela primeira vez. Meu coração, sempre tão confuso e viciado em quebrar a cara com mulheres erradas, podia não estar assim tão enganado.

Naquele momento, sentado no sofá e com um par de seios em minhas mãos, cheguei à conclusão de que Dana não era apenas mais uma garota de programa que você encontraria na internet. Foi baseado nisso que cravei uma ideia na cabeça: contra tudo e contra todos - especialmente Leonardo - e desafiando todas as lógicas do mundo e suas leis naturais quanto à improbabilidade de relacionamentos com garotas de programa, decidi que daria o meu máximo para conquistá-la. Não importava como, o tamanho do esforço e nem o tempo que me custaria. Se era a Dana que eu queria, era a Dana que eu ia ter.

**12**

### **O quarto mosqueteiro**

Sempre achei que o meu fetiche fosse algo digno de uma avaliação psicológica rígida e minuciosa. Mas aqueles três sujeitos me provaram o contrário. Se eu já estava imerso em um momento de alegria, agora me sentia muito mais envolvido. Ou melhor, aceito. Finalmente eu fazia parte de uma turma de amigos e seus costumes, peculiaridades e manias. Finalmente estava sendo quem eu gostaria de ser e com quem eu gostaria de estar.

Embora Leonardo tenha me enchido de perguntas sobre a minha noite com Dana, e mesmo eu confiando minha vida a ele, independente do que acontecesse, senti-me um pouco acuado a contar tudo. Relatei o quanto foi bom, quantas vezes gozei e até as posições que usamos. Mas não comentei nada sobre a consulta que tivera com a sexóloga e psicóloga Dana.

O que fiz questão de compartilhar foi a minha decisão definitiva de conquistá-la. Pouco me interessava ela ser garota de programa ou ter uma beleza estonteante, a ponto de ser areia demais e soterrar meu simples caminhãozinho. Nunca havia desejado tanto algo antes, assim como nunca me sentira tão determinado na vida.

Acontece que conversar com Leonardo era o mesmo que tomar um banho de água fria e secar-se com uma toalha de realidade. Não era crueldade sua, de maneira alguma. Ele apenas tinha o dom de firmar os pés das pessoas no chão. Sua forma sensata e racional de enxergar as coisas era o que o protegia de grandes decepções. E era a proteção que ele tanto queria para mim também.

Estávamos em sua sala.

- É como eu vivo te dizendo. Vai com calma, não se atira que nem porco em merda. Não esquece que a Dana é paga para ser gentil, afinal, é o trabalho dela. Se não fizer bem feito, perde o cliente.
- Acontece que ela é gentil demais! – Eu teimava por sentir algo muito verdadeiro para ser fingido. – Uma coisa é fazer um bom programa, outra é ter uma boa conversa e se mostrar interessada por assuntos que vão além do sexo.
- Por isso ela é cara e quase de luxo – ele insistia em sua racionalidade óbvia. – Sua qualidade não se limita apenas à beleza, mas atinge também questões de caráter, bom papo, boa personalidade, essas coisas todas.
- Não, não. Começo a sentir que há algo diferente nela.
- Céus – revirou os olhos ao puxar a cadeira para mais perto da mesa. – Tá, então vamos seguir esse seu raciocínio ilógico. O que você sente de diferente nela?
- Não sei explicar – e não sabia de verdade. – Mesmo que a gente não tenha nenhuma intimidade, sinto-me seguro e confortável para conversar com ela, entende?
- Você não faz ideia do quanto foi gay isso que disse.
- Vai à merda.
- Acontece que você está pensando com a cabeça de baixo.
- Não, já disse que não estou.
- Para início de conversa, vou repetir pela milésima vez. Aliás, é só o que eu tenho feito ultimamente. Digo uma coisa e você diz que entende. Depois vai lá e faz diferente, me forçando a repetir o mesmo discurso incontáveis vezes.
- Tá, vai ficar chorando agora?
- Você precisa transar com outras mulheres – cerrou dentes e punhos. – Ponto final, não tem discussão. Até agora você só comeu a Dana!
- E a Susan, jamais vou esquecer – causava-me remorsos na alma só de lembrar.
- E a Gabriele – completou.
- Vai começar – bufei.

- Tá bom, dessa vez excluímos a Gabriele da conta. Isso nos dá duas mulheres – indicou com os dedos do meio de cada mão. – Isso não te dá experiência o suficiente para taxar a Dana como a mulher mais perfeita do mundo.

- Cara, esse é um discurso que você vai repetir sozinho daqui para frente, porque eu não vou mudar de ideia. Por mais que venha comer até a sua bunda peluda, não tenho a intenção de desistir da Dana. Vou fazer de tudo para ter com ela a mesma relação que você tem com a Paula, mesmo que isso me custe o tempo que não tenho.

“Beleza”, ele respondeu depois de me analisar por um tempo em silêncio. Com os cotovelos em cima da mesa e o queixo apoiado nas mãos, Leonardo parecia um empresário conceituado que acabara de se decepcionar com um de seus funcionários mais queridos. Pelo menos foi a sensação que eu tive. Foi como se naquele momento ele tivesse percebido que todo o seu esforço fora em vão. Todas as palavras ditas, os ensinamentos e teorias a respeito de relacionamentos e sexo, tudo jogado fora.

Independente disso, minha decisão estava mesmo tomada.

Como ninguém falou mais nada e eu me senti meio constrangido por talvez ter sido um pouco áspero, ameacei levantar e caminhar até a porta. Muitos pensamentos rondavam minha cabeça e exigiam de mim o mínimo de atenção, além do trabalho monótono me esperando no computador. Quando apoiei as mãos na mesa, Leonardo quebrou o silêncio.

- Meu papel como seu irmão é buscar sempre o seu bem, sem medir qualquer esforço. É o que eu venho tentando desde o começo, seja com conselhos ou ações imediatas. Ao alimentar esse seu fascínio pela Dana, você está indo de encontro a tudo isso.

Olhei-o com expressão firme, mas com um grande pesar no coração. Senti-me um traidor por não respeitar seus conhecimentos e, de certa forma, jogar fora toda a sua preocupação comigo. Enquanto ele me indicava o caminho certo, eu me abraçava à minha teimosia e seguia o caminho contrário.

- Desculpe decepcioná-lo – baixei o olhar.

- Pelo contrário, Rafael.

O desgraçado estava jogando comigo e fazendo mais um dos seus mistérios idiotas. A sua cara pensativa e fechada era apenas faixada. Ele abriu um sorriso de canto e disse-me o que eu realmente precisava ouvir.

- Estou feliz por você não fazer quase nada do que eu disse.

- Como assim? – Fiquei muito confuso.

- Não quero que você seja um fantoche, Rafael. Realmente acredito que seja errado você desejar um relacionamento sério com a Dana, pelo menos assim, tão rápido. Mas não me ouvir e fazer totalmente o contrário mostra que você tem personalidade própria e que finalmente tomou uma decisão firme.

- Acha isso mesmo? – Fiquei surpreso de verdade, afinal, tomar decisões firmes não era o meu forte. Cogitei que ele estivesse zombando de mim.

- Claro – sorriu. – Se você a deseja e está decidido a conquistá-la, então faça por onde, corra atrás, batalhe por isso.

- Mesmo você achando errado?

- Principalmente por eu achar errado. Você não tem que me provar nada, veja bem. Faça isso somente porque você quer, e não para me provar alguma coisa. Se você conseguir, vou ser a pessoa mais feliz do mundo por saber que você estará feliz. Se por um acaso não der certo, estarei aqui para ajudá-lo no que for preciso, como sempre estive.

Mais um breve momento de reflexão. Ultimamente estávamos assim um com o outro. Palavras surpreendentes que nos deixavam pensativos e sem a certeza do que responder. Olhei-o por um instante e senti um tremendo conforto em meu coração.

- Eu te amo, cara – finalmente respondi.

- Gay.

- Eu te amo! – Gritei para o alto com a certeza de que a minha voz ecoaria pelos corredores do escritório.

- Tá, cala a boca antes que pensem que estamos namorando. Meu pai não aceitaria algo assim do seu filho assumidamente hétero.

Ao passar pelo corredor a caminho da minha mesa, Andressa me olhou rindo e querendo saber o que a gente estava “aprontando”. Apenas sorri de volta sem responder nada, fazendo força para não mandá-la tomar no meio do cu. Muitas coisas eram difíceis na vida, mas uma estava no topo para mim: fingir amizade com pessoas que a gente queria longe ou até mesmo enterradas a sete palmos do chão. Para o bom andamento das relações profissionais, eu precisava me conter. Por mais idiota, autoritário e desumano que o pai de Rafael pudesse ser, uma coisa que ele prezava em sua empresa era o bom ambiente de trabalho. Eu tinha que respeitar o velho, né?

Como de praxe, a semana também foi entediante, arrastada, chata e quase infinita. Minha maior alegria durante os dias foi chegar em casa, olhar as fotos da Dana no site até me excitar e correr para o banheiro para bater punheta. O caminho, de fato, parecia sem volta. Ela era a dona dos meus pensamentos. No entanto, até àquela altura não encontrara nenhuma pista de que Dana estava ou não gostando de mim. Não mantivemos nenhum contato desde que nos despedimos após o último programa. Cada dia sem contato era um ponto em favor da opinião de que tudo o que ela havia feito não passava de profissionalismo.

Para piorar o meu humor, em uma quinta-feira recebi o resultado de uma prova da faculdade. Não foi um desastre total, mas fiquei abaixo da média. Tudo bem que eu não havia estudado muito, mas achei que fosse capaz de tirar de letra usando apenas o conhecimento das aulas. Esse era justamente o pensamento que eu não podia ter em Engenharia Elétrica. Curso dos infernos. O que me ferrava nessa porcaria era administração. Se eu mal sabia administrar a minha vida! O pior de tudo era ter que correr atrás do prejuízo e estudar o dobro para recuperar nota. Devia ter escolhido algo mais fácil, tipo Jornalismo.

Como meu melhor amigo estava de greve quanto a sair e aproveitar a vida, meus planos seriam os mesmos de sempre. Chegar em casa, jantar, procrastinar com algo interessante e encerrar a noite batendo punheta. Depois disso, boa noite e até amanhã.

Para a minha surpresa, Leonardo tinha planos. Finalmente resolveu sair do seu casulo – como se eu tivesse alguma moral para falar essas coisas. Meus olhos brilharam, senti a adrenalina voltar ao meu corpo e percorrer todos os quilômetros formados pelo meu sistema circulatório. O escritório estava quase vazio, com um ou outro espalhado a esmo, o que quase me motivou a pular em Leonardo e enchê-lo de beijos.

Digo quase porque os planos não eram bem o que eu pensava. Desmotivei na mesma hora.

- Vamos ao bar! – Ele ergueu os braços como se fosse algo sensacional.

O tal bar de novo. Ele já havia comentado sobre isso tempos atrás. Segundo seus relatos em tons de orgulho e emoção, tratava-se de uma reunião mensal entre amigos. Mas não era qualquer encontro, não. Leonardo procurou deixar bem claro que era uma espécie de clube fechado. Até foi por isso que demorou tanto para me convidar, pois precisava da autorização dos demais integrantes. Agora, imaginem vocês a minha cara de alegria ao saber que poderia participar de algo tão grandioso.

Oba.

E não era só isso. Recebi a permissão para participar apenas uma vez, como uma fase de testes. Somente seria aceito de vez conforme o meu desempenho. Desempenho? Que porra é essa. Segurei o riso quando soube que o grupo era atualmente formado por apenas três pessoas.

- Por enquanto somos apenas três – afirmou em meio à sua animação. – Eu, o Renato, que você conheceu aquele dia na boate, lembra? E mais um cara que você ainda não conhece, o Mariano. Vai por mim, ele é tão estranho quanto o nome. Estou para ver alguém mais engraçado, você vai adorar.

- Tá, e o que vocês fazem? – Eu estava visivelmente cético.

- Ora, o que vocês fazem. Ficamos pelados e transamos um com o outro, ao mesmo tempo. Tipo uma centopeia, sabe? Também sentamos nas garrafas e abrimos as tampinhas com o rabo. Quem abrir mais em um minuto tem o direito de mijar nas garrafas e dar para os outros beberem. Em seguida, cada um pega um pedaço de pepino bem grande e começa a socar na própria bunda. Para finalizar...

- Tá, tá, tá! – Interrompi. – Já entendi a piada.

- Não interessa o que a gente faz, porra! É apenas uma reunião para homens desimpedidos que adoram jogar conversa fora e se divertir. Homens que não precisam de mulher para tudo! Grupo fechado, clube do bolinha, entende?

- Entendo. Bem, de qualquer forma, estou livre mesmo. Vamos conhecer essa tão famosa reunião mensal dos homens desimpedidos.

- Você vai gostar. Sobre a parte de abrir a garrafa com o rabo e enfiar um pepino na bunda, é mentira, tá? Mas se você quiser experimentar, somos um grupo totalmente desprovido de preconceitos.

- Certo, obrigado pela dica. A gente passa no mercado antes e compra uma dúzia de pepinos cabeçudos.

Não por maldade, mas eu realmente não estava animado para o grande evento. Um pouco curioso, quem sabe, de tanto ouvir falar. Na verdade eu queria o que todo viciado precisava: a sua

droga. E a minha droga era Dana, sendo que eu não a encontraria em uma mesa cheia de sacos peludos. Aceitei o convite porque não tinha nada melhor para fazer e também para corresponder a toda a animação de Leonardo. Não queria decepcioná-lo.

Saímos do trabalho, pegamos sua moto e fomos direto para o bar. Leonardo nem me deixou largar o material da faculdade em casa, afinal, era para eu estar em aula naquela noite. Tiro nota baixa e no dia seguinte mato aula para fazer parte de um grupo secreto. Mereço. Tudo em “prol do código de honra dos homens, algo que jamais pode ser quebrado ou traído”. Sei.

Para contradizer minha imaginação, não era nenhum bar de alta classe ou um puteiro camuflado. Não tinha levado a sério quando ele me disse que era mesmo apenas um bar para sentar e beber, nada além disso. Confesso que comecei a gostar da ideia mesmo antes de entrar. Festas e multidões aglomeradas em um salão não era o que eu chamaria de diversão perfeita, mesmo não sendo um claustrofóbico.

Fomos os primeiros a chegar. Assim que sentamos e o garçom me assustou ao surgir do além para nos atender, fui impedido de pedir refrigerante. Dois motivos: no grupo só se bebia cerveja ou destilados; e só era permitido beber quando todos estivessem presentes. Minha cara de cu ao olhar para Leonardo foi o suficiente para expressar minha incredulidade com tamanha bobagem.

Enquanto os outros dois não chegavam ele aproveitou para me dar algumas dicas a respeito de um dos integrantes. O tal de Mariano.

- No começo ele vai parecer louco, mas não é – e ele afirmou com convicção. – Mariano é apenas um sujeito diferente e mal compreendido pelas pessoas.
- Que bela descrição.
- Sério. Ele é uma pessoa excelente, mas somente com quem realmente gosta, entende? Ele tem uma maneira nada convencional de demonstrar carinho e preocupação com as pessoas. Assino embaixo: a dedicação que eu tenho com você, ele tem comigo, com o Renato e a Natasha. E só.
- Só? O mundo tem bilhões de pessoas e ele só se importa com três?
- Não. Ele também se importa com a Paula. Na verdade ele adora a Paula, os dois se dão muito bem.
- Já comeu?
- Claro que não! – Se tivesse algo para ser jogado, ele jogaria em mim. – É que eu gosto muito da Paula, então ele automaticamente passou a gostar também.
- Então, seguindo essa lógica, ele vai gostar de mim também, não?
- Provavelmente – tudo não passava de suposição. – Mas você não pode pisar na bola. Ele vai chegar na defensiva e te olhando torto, meio desconfiado. Procure tomar cuidado com tudo o que falar, pois ele vai te avaliar o tempo todo.
- Fala sério – cruzei os braços e me acomodei na cadeira. – Quero impressionar a Dana, não esse seu amigo.
- Acontece que o nosso grupo não tem um líder, entende? Mas para entrar, todos precisam estar de acordo. E Mariano é tipo um jumento atolado em mangue. Quando ele não gosta de alguma coisa, nada o faz mudar de ideia. E ele não evita ou finge que não existe. Ele odeia de verdade e faz questão de demonstrar.
- Que sujeito peculiar.
- Sim, foi o que eu disse. Mas vai por mim, você vai adorá-lo.

- Veremos.

Não sei se foi intencional, mas Leonardo conseguiu me deixar curioso quanto ao Mariano. Na noite em que havia visitado um puteiro pela primeira vez com eles, algo já tão distante nos meus dias, conhecera Renato. Sujeito muito bacana e que dispensaria apresentações. Mas o outro, esse sim era um mistério.

Esperamos cerca de vinte minutos até Renato telefonar para avisar que estavam chegando. Além de parecer ser um sujeito atípico, segundo me relatou Leonardo ao desligar o celular, Mariano era uma noiva para todo e qualquer compromisso. Sempre que pedia carona, uma coisa era certa: chegariam atrasados. Foi aí que tive uma luz e liguei os pontos. Por isso Leonardo não me deixou passar em casa. Queria chegar rápido para largar a missão da carona para o Renato.

Quando chegaram, enfim pude passar meus olhos na figura cheia de mistérios. E vou contar uma coisa para vocês: nem se minha vida fosse um filme, livro ou coisa parecida, Mariano seria alguém tão estereotipado.

Não fiquei surpreso quando vi um gordo – dos grandes – com bigode de xerife de faroeste, cara de poucos amigos, seguro de si e um chapéu de caubói na cabeça.

“Ele está usando um chapéu de caubói”, repeti para mim mesmo inúmeras vezes por não acreditar. Esforcei-me para não rir quando percebi que a cordinha estava bem presa em seu queixo. Deus meu, a noite prometia.

Observando melhor ele parecia uma versão vaqueira do lutador Roy Nelson. Achei incrível.

O que Leonardo havia antecipado se confirmou. Enquanto Renato demonstrou ser sociável e abraçou-me, Mariano simplesmente passou por mim em direção ao seu lugar, como se eu nem existisse. “Oi, Leo”, foi tudo o que disse ao sentar. Percebi que o teste já estava em vigência.

- Já pediram alguma coisa para beber? – Perguntou o caubói.

- Ainda não, né? – Respondeu Leonardo, já demonstrando impaciência. Desde cedo. – Estávamos esperando as duas princesas chegarem.

- Como se você não soubesse que o Mariano é uma noiva enrustida – reclamou Renato.

- Não sou noiva enrustida. Apenas tenho alguns rituais antes de sair de casa, e peço pela milésima vez que vocês os respeitem.

- Quais rituais? – Perguntei na maior inocência.

Quando uma simples pergunta de duas palavras fez com que os três se virassem ao mesmo tempo para mim, senti que talvez pudesse ter cometido um grave erro. Será que no grupinho ultrasecreto e fechado, pseudo-liderado pela teimosia e peculiaridade de Mariano, eu precisava de uma permissão especial para falar? Será que fazer questionamentos era estritamente proibido para novatos? Senti-me em um muro prestes a ser fuzilado.

Fiquei sem saber para quem ou onde olhar, até que Mariano abriu a boca. E vejam só, olhando para mim. Considerei um avanço, mesmo sem saber exatamente o que significava. Logo de cara pude captar algo muito bem escondido no ar. Sua expressão não era de quem estava brabo ou profundamente

contrariado por ter que aceitar um novato. Observando bem, senti um esforço seu para manter uma falsa carranca. Para vocês terem ideia, sua cara de brabo fazia quase que um biquinho de pato, tipo aqueles que as mulheres fazem em frente aos espelhos, da forma mais ridícula possível. Mas nele ficava engraçado. Não tinha como sentir medo com todo o teatro.

- Meu corpo é um relógio perfeito – ele disse em tom cerimonial. – Sempre antes de sair, preciso ir ao banheiro. E às vezes demora.

- Hm – não soube o que dizer. – E o que tem demais nisso?

- Como assim? – Questionou-me com estranheza.

- Por que eles se incomodam tanto com isso? Se você é um relógio e precisa ir ao banheiro, paciência, ué. De nada adianta ficar enchendo o saco toda vez que isso acontecer.

Tenho certeza de que nem Leonardo, no auge do seu otimismo, acreditaria em um começo tão bom. Meus questionamentos foram sinceros, juro. Se o cara precisava cagar toda vez que fosse sair, não adiantava ninguém ficar reclamando. Acontece que o meu ponto de vista, aparentemente, souou como uma defesa para Mariano. Foi como se naquele exato momento eu estivesse fechando parceria com ele e aceitando seus rituais tão contestados pelos outros que já eram considerados seus amigos.

O resultado disso? Ele me estendeu a mão, ainda em tom solene, e finalmente se apresentou: “Prazer, Mariano”. Apertei sua mão e fiz o mesmo. Olhei rapidamente para Leonardo e o vi sorrindo, como se comemorasse minha “conquista”.

“Podemos começar?”, questionou Renato. Como assim começar? Precisava de um pontapé ou tinha que apertar algum botão de ligar?

- Explicou a ele como funciona? – Confesso que fiquei meio assustado quando Mariano perguntou isso a Leonardo sem tirar os olhos de mim.

- Como funciona o quê? Achei que a gente só ia sentar e conversar – respondi pisando em ovos.

- É, não explicou.

- Temos um pequeno ritual – interveio Renato. – Não pode ser quebrado, modificado e muito menos caçoado. Mulheres já deram pitacos e nos chamaram de idiotas, ou até mesmo de crianças. Mas somos homens e esse é o nosso terreno.

- Exatamente! – Mariano deu um murro repleto de convicção na mesa.

- Certo, entendi – com os dois pés atrás. – Mas e daí?

- Mostre o dado a ele – Leonardo apontou para o bolso da camisa de Mariano.

- Dado?

- O nosso oráculo – disse Mariano ao mexer em seu bolso. – Este é o dado.

Mariano tirou um dado do bolso. Antes de qualquer explicação, fiquei pensando que tipo de sujeito carregava consigo um dado no bolso. Ele o colocou na mesa para que todos olhassem. Pude notar que não era um dado comum. Tinha pequenos papéis colados com fita adesiva em cada um dos lados. Consegui ler as palavras futebol e sexo. Não procurei entender sozinho para não enloquecer. Vindo dos três, tinha certeza de que era algo extremamente complexo para a minha cabeça.

- Isso é um dado – apontou Mariano, sem tocá-lo.
- Nossa, jura?
- Ih, Leonardo – desapontado, Renato se jogou para trás no banco com os braços cruzados. – O cara nem sabe do que se trata e já está caçoando.
- Calma – pediu Leonardo. – Explica logo, Mariano.
- Isso é um dado. Como você pode ver, está modificado. Colamos algumas palavras no lugar dos números. Daí você me pergunta: para quê?

Fiquei em silêncio, esperando que a explicação continuasse. Mas eu era obrigado a perguntar e não sabia.

- Anda, pergunta – ele reclamou.
- Ah – assustei-me. – Para quê?
- Para que o dado decida sobre o que vamos falar hoje.
- O dado vai decidir sobre o que vamos falar?
- Por um acaso estou falando grego? Sim, ele vai decidir.
- Olhe todos os seis lados com atenção – Renato o empurrou para que eu pudesse analisá-lo.

Peguei o tal dado nas mãos. Com os olhares dos três em cima de mim, achei que fosse um objeto sagrado digno de adoração. Em três dos lados estava escrito a palavra sexo. Em dois, a palavra futebol. E em somente um, a palavra política. Confesso que não entendi o propósito. Quer dizer, até cogitei a real intenção de priorizar sexo, por exemplo. O que não captei foi a filosofia de deixar um dado ditar os rumos de uma conversa de bar.

Como fiquei tempo demais olhando e girando o dado, Mariano o tomou das minhas mãos – de maneira nada delicada, diga-se de passagem – e se propôs a explicar a brincadeira. Pigarreando, como se fosse fazer uma espécie de discurso oficial, juntou os dedos para estalá-los, fez dois círculos completos para aliviar a tensão no pescoço e, enfim, virou-se para mim.

- É uma questão de preferência. Somos homens, certo? O que a gente mais adora? Sexo. Então, esse tema ocupa a maioria do dado. Segundo assunto que a gente mais gosta de tratar em mesas de bar? Futebol. Então, dois espaços para a palavra. O que jamais deve ser tratado em uma mesa de bar, ainda mais em plena sexta-feira? Política! Quem é que gosta de falar disso?! Então, apenas um lugarzinho para essa palavra.

Enquanto permaneci pensativo, os três concordaram sorrindo entre si que política era um assunto horrível para mesas de bar. Em meio a tantas conjecturas, esqueci que precisava tomar um certo cuidado com as palavras. Logo, vesti o capuz da inocência e parti para os questionamentos.

- Se ninguém quer conversar sobre política, porque colocar como opção então?
- Para sermos justos – respondeu Leonardo.
- Às vezes, até mesmo o azar deve ter direito à sorte – não achei que Mariano fosse capaz de filosofar uma frase tão profunda.
- E já caiu alguma vez?

- Várias – bufou Renato. - Acho que foram as piores noites da minha vida!
- É engraçado tudo isso, sério. Mas não entendo – custava a entrar na minha cabeça. – Se ficar muito chato, é só jogar o dado de novo, não?
- Quem convidou esse cara? – Fazendo de conta que eu não estava presente mais uma vez, Mariano perguntou incrédulo a Leonardo.
- Calma – pediu meu irmão. – Ele demora para pegar no tranco.
- Para que colocar marcações no dado se a gente pode simplesmente escolher o assunto? – Seguiu o gordinho, um tanto irritado. – Estamos lidando com a sorte! Essa é a regra. O assunto escolhido é o assunto debatido. Não pode mudar, é proibido mudar. Mesmo que caia política.
- Há punição para quem mudar de assunto ou falar alguma coisa fora do que o dado sorteou – completou Renato em tom de seriedade. – Uma hora sem beber.
- Uau – precisei debochar, não resisti.

Fiquei bastante surpreso. Era uma punição que olha, uau! Temi pela minha vida naquele momento. Mas minha reação de desdém não soou bem aos ouvidos de Mariano, que agitou-se em sua cadeira.

- Sério, você está debochando do jogo? – Mariano rubrou as bochechas. – Se ele continuar, eu vou embora, Leonardo. Vou embora mesmo. Termina uma cerveja e vou embora agora mesmo.

Como levar a sério sua irritação toda quando ele só deixaria a mesa depois de beber uma cerveja? Indignado com o tamanho descaso de um simples novato, Mariano pegou o seu copo e ameaçou empinar.

- Calma, calma – Leonardo pediu. – Ninguém está caçoando de nada. Rafael só é um pouco cético. Assim que o dado escolher o assunto e a gente começar, tenho certeza de que ele vai entrar no clima.
- Vai entrar no clima mesmo? – Pergunrou-me Mariano. – Promete?
- Não se preocupe – tratei de responder. – Já estou no clima. Só quis descontrair um pouco, não estou caçoando.
- Hm... certo – ele me analisou com os olhos semicerrados antes de prosseguir. – Tá, então vamos começar. Que o dado escolha sobre o que vamos falar hoje. Atenção, atenção...

Com o dado na mão, Mariano olhou para os componentes na mesa, respirou fundo e jogou. Não olhei o pedaço de plástico girar e girar e girar. Preocupei-me em analisar as expressões em seus rostos. Fiz uma força tremenda para não rir. Eles realmente levavam a sério. Três marmanjos decidindo sobre o que conversar por meio de um dado. Pareciam crianças.

Não, na verdade, pareciam homens. Foi então que me dei conta. Aquilo fazia parte de ser um homem. Era a parte de não se preocupar com nada e nem com ninguém, de esquecer todos os problemas e principalmente as mulheres. Era um momento de diversão sem pudores. Pouco importava se idolatrar um dado era algo idiota ou imaturo. O importante era que assim estávamos nos divertindo. Homens, sempre com seu lado imaturo e despreocupado.

Caiu a palavra sexo. Definitivamente entrei no clima.

Mariano deu um grito tão alto que tive receio de que as pessoas nas mesas próximas achassem que alguém estivesse morrendo. Sua felicidade era contagiante. Para comemorar a boa escolha do dado oráculo, um brinde. Leonardo me lembrou em voz baixa para não fugir do assunto estabelecido, senão Mariano ficaria realmente magoado. Mais tarde soube que a ideia inicial de todo o ritual era de sua criação, por isso ele se sentia tão ofendido quando alguém duvidava dos poderes mágicos do momento.

Dali em diante, tudo o que foi dito jamais saiu da minha cabeça. Não consigo puxar pela memória algum outro momento na vida que tenha me feito rir tanto. Lembro que saí do bar de chão e mesas de madeira escura com dor na barriga, muita experiência absorvida, conhecimento e história para contar. E claro, com dois grandes novos amigos.

- Beleza! – Comemorou Mariano. – O último a escolher o tópico foi Leonardo. Agora é a sua vez, Renato. Não me decepciona.

- Aproveitando que temos um novo membro no grupo, vou escolher o melhor que temos. Bizarrices e coisas engraçadas.

- Perfeito! É o meu preferido.

- O tópico bizarrices e coisas engraçadas é o que o próprio nome diz – explicou-me Leonardo. – Cada um de nós vai relatar cenas que protagonizou ou coisas que ouviu de outras pessoas. Tudo relacionado a sexo. Sacou?

- Vai ser bom – sorri. – Só quero ver no que vai dar – àquela altura eu estava definitivamente interessado.

- Esse é o espírito! – Mariano aprovou erguendo o polegar quase na minha cara. – Eu começo, então. Essa é nova, não lembro de ter dito a vocês. Aconteceu comigo esses tempos. Fui a um desses puteiros chinelos, de esquina. Não tinha muito dinheiro no bolso e estava morrendo de tesão. Nem me perguntem como era a puta. Acho que uma das mais feias que eu já comi na vida. Só que eu já estava meio bêbado e bastante eufórico.

O começo do seu relato já me remeteu às experiências que tive com Susan. Mesmo que eu não tivesse o costume de beber, por que eu não enchi a cara para encarar aquela mulher feia? Olhei para Mariano e senti inveja. Fodera uma puta feia e sequer lembrava de como era. Enquanto isso, eu lembrava de todos os detalhes, e isso me perseguiria para o resto da vida.

- Mais feia do que o normal? – Leonardo disfarçou surpresa para debochar.

- Muito mais do que o normal. Entrei no quarto com a puta, nos agarramos um pouco de pé, aquela coisa toda, o clima esquentando e o sangue subindo. Como eu já entrei excitado naquela espelunca, não precisou de muito para eu ficar a ponto de bala. O sangue subiu tanto que eu joguei a mulher na cama e comecei a fazer striptease.

- Meu deus – Renato simplesmente baixou a cabeça e conteve o riso ao imaginar.

Os movimentos de Mariano ao relatar a cena eram uma mistura de graciosidade, elegância e veemência. Eu podia sentir verdade em tudo o que ele dizia e fazia. Soou teatral, mas muito verídico. Fiquei hipnotizado, senti a adrenalina correr por todo o meu corpo e sequer notei o largo sorriso no meu rosto e meus olhos arregalados por tamanha atenção. Ele sabia prender as pessoas com uma naturalidade invejável.

Mariano continuou com maestria.

- Eu me senti uma diva ali, dançando e girando. A mulher meio que se surpreendeu, ficou me olhando como quem se perguntava o que estava acontecendo. Um gordo peludo e bêbado se pelando e tentando ser sensual. Mas eu estava em transe, sério! – Ele parecia ganhar combustível a cada gargalhada que dávamos. – Queria dançar, queria me pelar e conquistar aquela mulher. Tirei toda a roupa. Joguei uma peça para cada lado do quarto. Até tive dificuldades de encontrar um pé de meia na hora de ir embora – enquanto a cena se formava em nossas cabeças, não conseguíamos conter as risadas.

– Mas o pior estava por vir. Apontei para o meu pau e depois para ela. Tentei seduzir com um olhar fatal, mostrando a língua e mordendo os lábios. Cheguei a me babar. Então, abri os braços e soltei um urro de desbravador! Depois bati no peito como um gorila líder de uma selva cheia de canibais e animais selvagens. Olhei para ela com os olhos ferosos e cheios de sex appeal. Corri até a cama e pulei! Pulei como se pulasse de um penhasco em direção à felicidade plena, como se ao fim da queda uma buceta depiladinha e virgem estivesse me esperando. Queria montar naquela mulher e mostrar o que era um homem de verdade, cheio de tesão, um animal descontrolado querendo fazer sexo selvagem! Mas daí – e parou repentinamente.

Houve o silêncio inesperado em sua narrativa intensa. Todos os movimentos agressivos e sua voz grave transmitindo fortes emoções cessaram. Mariano virou as palmas das mãos para baixo como quem pedia silêncio. Ao levar seu corpo para frente e aproximar o peito da mesa, pediu para que todos fizessem o mesmo. O clima de euforia deu lugar a um ambiente com um certo aspecto de mistério. Então, quando nada se ouvia além de nossas respirações, Mariano finalizou sua história com calma e serenidade.

- A cama quebrou.

“Mentira!”, gritou Leonardo. Nós rimos tanto que nada mais precisava ser dito. Seria compreensível rir por horas. Cheguei a me engasgar, meu peito doeu e meu ouvido esquerdo ficou com um som agudo e abafado.

O pior foi ver Mariano encenando tudo. Assim que terminou de falar, ele se levantou da cadeira e ficou no meio do corredor de braços abertos e gritando para mostrar como havia pulado na cama. Pouco importava as pessoas em volta. Até esqueci que estávamos em um local público. De cara, a pequena história me convenceu de que a reunião era algo a ser respeitado e frequentado de verdade. Sem dúvida gostaria de fazer parte dela e transformar o trio em um quarteto.

Quando conseguimos nos acalmar, o que levou um certo tempo, pedimos uma nova rodada de cerveja para aquecer as ideias. Já estávamos naturalmente comprometidos com a diversão e os vocabulários masculinos. O álcool culminaria em uma espécie de gás extra. Então, imaginei como seria um Mariano bêbado, pois sóbrio já era um gordo escrachado, exagerado e cômico.

Somente hoje percebo a filosofia contida nas rápidas horas de reunião. Algo tão natural e aparentemente banal que é se juntar com amigos em uma mesa de bar, podia conter significados marcantes no espírito das pessoas, se encarados de maneira certa. Para mim, sem dúvida, foi algo

bastante representativo. Analisando bem os pensamentos, o melhor não foi a cerveja, longe disso. Tampouco as histórias, embora fossem todas sensacionais. Ou então as risadas que me fizeram ficar sem ar incontáveis vezes. Tudo isso foi bom, mas apenas secundário. Voltando no tempo, hoje percebo que naquele ambiente, naquele exato instante de toda uma vida, minha mente se desfez de todos os problemas, medos, preocupações e frustrações. Aquele era o momento, aquela era a hora. Foi a primeira vez em que me vi feliz da maneira mais sincera possível, livre dos fardos que tanto nublavam e destruíam minha mente, dia após dia de uma existência depressiva. Embora não tenha apagado o que era ruim, consegui ao menos esquecer por algumas horas e estampar no rosto um sorriso que transparecia felicidade sincera.

Sem seguir uma ordem lógica, Leonardo tomou a palavra. Fiquei particularmente curioso com o que ele iria contar. Meu irmão de longa data vinha nos últimos tempos me apresentando um lado seu que eu jamais teria imaginado. Um lado que me deixava muito feliz, diga-se de passagem. Como eu me sentia um poço de fracasso e falha, servia de segurança saber que Leonardo era tão bem resolvido e abençoado e que poderia me repassar muita coisa.

- Impossível a minha ser engraçada como a do Mariano. Na verdade – tomou um gole de cerveja para fazer mistério, - é só uma historinha para deixar os três com inveja.
- Tá, lá vem ele – disse Renato, revirando os olhos em desdém. - É sempre a mesma coisa.
- Escuta aqui, seu merda! – Raivoso, Mariano bateu na mesa e apontou o dedo para Leonardo. – Só porque você tem experiências sexuais maravilhosas com putas perfeitas, sem pagar nada, não significa que tenha o direito de jogar na nossa cara.
- Certo, então vou respeitar o tópico e contar outra coisa – defendeu-se Leonardo.
- Não, agora eu quero saber! O Mariano aqui precisa de cenas para bater umas bronhas.
- Com o Leonardo? – Perguntei.
- Não, não, só com a puta. Qual é a da vez?
- Com a Paula.
- Uh – Renato imediatamente apoiou os braços na mesa para ouvir melhor.
- Tesão de mulher! – Afirmou Mariano. - Eu a lamberia da cabeça aos pés, até gastar toda a minha saliva e ficar mais seco que um pé de bambu estruchado por um urso panda pederasta.
- Cara, de onde você tira essas coisas? – Reclamou Renato com uma cara de nojo por imaginar a cena.
- Fico louco só de pensar!

Qualquer que fosse a história envolvendo a Paula, que era capaz de despertar todos os desejos sexuais de um homem, sem dúvida seria boa de se ouvir. No entanto, ao alcançar de novo o topo da minha montanha pessoal de ingenuidade, perguntei-me se aquele tipo de coisa era certo. Leonardo ia expô-la a terceiros, sem que ela jamais soubesse disso. Era errado, não?

- Vai falar da intimidade dela para os outros? – Questionei.
- Sério, quem convidou esse cara? – Reclamou Mariano.
- Não somos namorados e nem nada para que eu guarde segredos.
- Isso! Anda, conta logo. Minhas mãos já estão suando.

- Não lembro quando foi isso, faz um tempo já. Estávamos na casa da Cris, em um churrasco com alguns clientes tidos como importantes. Aquela baboseira toda de bajular e agradar ao máximo pessoas com dinheiro no bolso. Fui porque a Cris fazia questão, queria-me por perto porque se sentia melhor.
- Isso é gay, cara – disse Mariano. – Isso é muito gay.
- Já comeu ela, né? – Perguntou Renato, com os olhos estreitos e um sorriso malicioso no canto da boca. – Confessa logo. Somos seus amigos.
- Eu não, mas o Rafa já comeu.
- Fala sério, sai fora – recuei imediatamente, embora mais tarde a ideia não tivesse me soado tão ruim assim, afinal, Cris era um mulherão. – Nem conheço ela direito.
- Jamais esqueça que na frente daquela bundinha redonda e falsa tem uma piça! – Lembrou Mariano em um tom de voz um tanto alto para o assunto e o lugar. - A merda de uma piça que me dá nojo só de pensar.
- Você está gordo de saber que a Cris é operada, mas enfim – retomou Leonardo. – Mais para o final da festinha eu me sentei no sofá para assistir televisão. Tinha um cara no sofá ao lado se agarrando com uma das meninas que nem está mais na casa. Iam fazer sexo ali mesmo, como se eu nem estivesse presente.
- Isso é um sonho – afirmou Mariano, quase em transe.
- Não me importei com eles. Continuei assistindo televisão, passando de canal em canal. Dali um tempo a Paula sentou no sofá que eu estava, mas na outra extremidade. Falou alguma coisa trivial e respondi sem muito interesse. Estava tão concentrado que por um momento esqueci que ela estava lá.
- Como? – Inconformado, Renato deitou o rosto na mesa, por entre os braços. - Me explica uma coisa dessas. Eu já teria pulado nela antes mesmo de sentar no sofá.
- Sei lá, cara – Leonardo deu de ombros. – Acho que é costume. Já comi ela tantas vezes que não é mais novidade para mim, entende?
- Isso é ridículo! – Um pouco mais exaltado, Mariano bateu de mão fechada na mesa. – Enquanto eu gasto com putas feias, você fica assistindo televisão com uma gostosa top de linha do lado. Isso é...isso é...sei lá, não tem explicação!
- Bem-vindo ao mundo real – respondi em tom de conformismo.
- Continuando, passaram-se uns cinco minutos, por aí. Então, ouvi bem de fundo ela me chamar. Estava com a cabeça tão longe que demorei a processar. Como respondi sem olhar, ela me chamou de novo. Então virei o rosto para ver o que era. Preparados?
- Calma – interrompeu Mariano. – Deixa eu tomar um gole. Estou nervoso.

Em vez de apenas um gole, vimos Mariano empinar todo o copo, que não era pequeno. Esperei ouvir um sonoro arroteo ao final do processo, mas tudo o que vi foi um suspiro como retomada de respiração.

Àquela altura já estávamos todos ansiosos para conhecer o desfecho da cena. Nossas expressões eram de curiosidade, enquanto Leonardo exibia um sorriso de quem tinha o poder nas mãos. Quando os três pares de olhos se voltaram atentos para os seus, ele enfim desvendou o mistério por trás da cortina.

- Ela estava com as calças na altura das canelas, com as pernas bem abertas e tocando uma sririca bem de leve só para me provocar.

- Deus – de cabeça baixa de novo, Renato não pode fazer nada além de lamentar e invejar.
- Na hora eu fiquei surpreso – seguiu Leonardo, aos risos. – Realmente não esperava por algo do tipo. Foi então que ela me olhou de uma maneira de quem já estava explodindo de tesão e disse: “Já estou toda molhadinha. Não vai vir?”.
- Ah!

Foi o maior berro que Mariano deu naquela noite. Também foi o soco mais forte que desferiu na mesa, tamanho era a sua indignação diante de um relato tão surreal. Pude entender perfeitamente a reação de ambos, pois eu sentia o mesmo. Era uma mistura entre ódio por Leonardo ser tão privilegiado, frustração pela incapacidade de passar pela mesma situação e sincera admiração masculina por se tratar de uma mulher tão desejada. Diante de todas as reações, Leonardo se limitou a rir e afagar o próprio ego.

Não havia nada para se falar sobre uma história como aquela. Qualquer pessoa de fora diria que era mentira, uma pura forçassão de barra. Mas a gente conhecia Leonardo e sabia que era verdade. Qualquer cena que aconteceria em filmes pornô era plausível em seu cotidiano. E isso invejou a nós três. Mariano, além de excitado com a sua imaginação, mostrou-se orgulhoso por ter um “amigo tão magnífico, apesar de cuzão”. Leonardo sorriu e propôs-me um brinde. Em vez de erguer seu copo para todos na mesa, ele ergueu apenas para mim. E eu soube na mesma hora o que ele quis dizer: que uma hora ou outra, algo parecido aconteceria comigo. Não pude deixar de sentir uma dose de ansiedade correr por todo meu corpo.

Conversamos tanto que não vi a hora passar. Em meio a tantas risadas e gritos, Mariano pediu um intervalo para esvaziar o radiador. Demorou tanto que precisei perguntar se ele não teria ido bater punheta no banheiro. Aliviado e sorridente, voltou apontando o dedo para mim. “Que porra esse louco está fazendo?”, pensei. “Você, você e você. Agora que eu quero você”, ele disse. Mariano queria que eu falasse alguma coisa. Depois de ouvir Leonardo e saber que éramos quase como irmãos, talvez ele tivesse a certeza de que ouviria de mim uma história tão boa quanto a dele sobre putaria. Ah, mas se ele soubesse das minhas histórias.

- Não tenho muito o que contar – afirmei ao baixar a cabeça, com vergonha de mim mesmo.
- Ah, qual é! – Retrucou Mariano. – Todos nós temos alguma coisa. Não seja tímido. Somos homens. Não existe vergonha entre homens.
- É sério, não me vem nada em mente agora. Ainda mais depois do que o Leo contou.
- Conta daquele seu fetiche – Leonardo tratou de instigar.
- Fetiches são bons – Renato aprovou com um sorriso. – Vai fundo.
- Não, melhor não – definitivamente não. – Vão achar que sou louco.
- Louco? Pois agora sim eu quero ouvir! – O entusiasmo de Marino me animava e ao mesmo tempo me fazia sentir pressionado. – Conta logo, manda brasa, meu querido!
- Vai, cara – insistiu Leonardo. – É a coisa mais normal do mundo.

De maneira alguma eu estava me sentindo confortável em abrir algo tão íntimo para pessoas que mal conhecia, ainda mais homens como aqueles, tão cheios de experiências e histórias. Só que eu estava na mesa e no mundo deles, então eu precisava fazer parte não apenas fisicamente, mas também deixar que o espírito de liberdade tomasse conta de mim. Além disso, vi nos olhos de Leonardo um

esforço nada discreto para que eu fosse aceito ou me sentisse incluído no grupo. Apesar de toda a minha resistência, creio que aceitei falar mais por ele do que por mim. Eu devia isso a ele, não podia decepcioná-lo.

Quando aceitei falar, Mariano bateu palmas como se fosse uma criança a ganhar um algodão doce. Aliás, um algodão doce rosa, pois seus movimentos foram deliberadamente delicados e exagerados. Acho que ele fazia questão de parecer gay para contrastar com o seu tamanho e aparência máscula.

- Tá, tá, eu falo – larguei a defensiva. Respirei fundo, medi as palavras e como falar, e falei. – Acontece que eu tenho uma tara descontrolada por mulheres grávidas.

- Wow! – surpreendeu-se Mariano.

Sua expressão não tirou nenhuma das minhas dúvidas quanto ao que eu havia dito. Não soube na hora se fora uma bobagem sem tamanho, se fora algo nojento e grotesco ou até se seria taxado pelo resto da vida como “o tarado por grávidas”. Já podia ouvir ressoar na minha cabeça piadinhas como “cuidem seus bebês, aí vem o comedor de grávidas”, ou “calma que a minha mulher não está grávida, ela só está um pouco acima do peso”. Senti crescer ainda mais a necessidade de me manter na defensiva.

Por já conhecer os fatos, Leonardo apenas abriu um sorriso de canto. Renato, conforme notei ao passar rapidamente os olhos, estava com uma expressão pensativa. Não transmitia nada além de dúvida, como se ponderasse as vantagens e desvantagens de comer uma grávida. Ele inclusive permaneceu um tempo olhando para cima, para uma nuvem de pensamentos imaginária sobre sua cabeça.

Meu interesse pairou na reação do cara com chapéu de caubói, uma espécie de xerife fictício das reuniões democráticas. Sua opinião tinha peso, com o perdão do trocadilho. O que percebi foi uma expressão de quem estava pasmo, com os olhos arregalados e a boca aberta, muda. Era como se as palavras quisessem sair, mas impedidas por algum motivo misterioso.

Eu sabia o motivo. Minha mente era doentia, e mesmo para aqueles homens sem frescuras, eu havia dito um absurdo.

Ou o contrário?

“Cara, isso é demais”, Mariano finalmente falou. Soou como uma força que tirou todos os pesos de cima das minhas costas. De pasmo, Mariano passou a ostentar uma expressão de quem estava maravilhado. Ao que tudo indicou naquele momento, eu havia dito algo que eles queriam ouvir.

Depois de muito refletir, Renato chegou à conclusão de que comer uma grávida podia ter muito mais vantagens do que desvantagens. Ele balançou a cabeça positivamente para mim e concordou com a afirmação de Mariano. Leonardo apenas sorriu, talvez orgulhoso de presenciar o meu avanço.

Sempre achei que o meu fetiche fosse algo digno de uma avaliação psicológica rígida e minuciosa. Mas aqueles três sujeitos me provaram o contrário. Se eu já estava imerso em um momento de alegria, agora me sentia muito mais envolvido. Ou melhor, aceito. Finalmente eu fazia parte de uma turma de amigos e seus costumes, peculiaridades e manias. Finalmente estava sendo quem eu gostaria de ser e com quem eu gostaria de estar. Amigos.

## 13

### Meu relato mais sincero

- Como foi depois que você conseguiu ver os peitos dela? – Renato pretendia ir a fundo no assunto.
- Não mudou muito – afirmei com indiferença. – Pude ver, tocar, apertar e lamber, mas nada além disso. Ficamos nessa nos meses seguintes. A bem na verdade, melhorou um pouco somente após o primeiro ano.
- O que aconteceu?
- Foi quando ela finalmente se dispôs a me chupar.
- Finalmente! – Mariano comemorou de braços abertos. – Um ano! Porra, um ano.
- Mas? – Renato era tão sensato e esperto quanto Leonardo. – Sinto que aí tem outro mas.
- E tem – afirmei com o polegar erguido. – Pelo menos durante meio ano, talvez um pouco mais, o boquete foi com camisinha.

Quando Leonardo cantou a pedra sobre o meu segredo e praticamente me forçou a falar aos demais, confesso que fiquei um pouco irritado. Foi um sentimento de ser sacaneado pelo melhor amigo. Mas ao ver a reação de Mariano, com toda a sua devoção às minhas estranhas preferências, senti-me mais aliviado. Estupidamente aliviado. De certa forma, até feliz. Ele me olhou pasmo, com um brilho nos olhos, uma feição de respeito e adoração. Por essa eu realmente não esperava.

A aceitação me deixou mais à vontade para falar as coisas que eu realmente pensava. Eu podia ser eu mesmo, entendem?

- Já pensei em grávidas antes, mas não chega a ser um fetiche – afirmou Mariano. – Demais isso, cara. Demais mesmo, adorei ouvir isso de você.
- Já comeu alguma? – Perguntou Renato.
- Não, ainda não. Mas se um dia casar e tiver filhos, comer minha mulher grávida está no topo da lista.
- E dizem que no período de gravidez elas ficam sensíveis, com um tesão fora do normal – afirmou Mariano ao morder os lábios.
- Sem falar que os peitos crescem – completou Leonardo com gestual.
- E o leite? – Questionou Renato, curioso. – Faz parte do seu fetiche também?
- Não muito – desdenhei. – Experimentaria, mas não é algo tão importante. Nem faço ideia do gosto, mas acredito que não seja tão bom assim.
- Noite e dia a sua esposa tomaria o leitinho do seu pau com todo o prazer do mundo – Mariano olhou para as suas mãos como se segurassem um par de seios fartos de leite. – Nada mais justo do que ao menos uma vez você beber o dela, né? Fico só imaginando um par de tetas cheias de leite, eu chupando como se fosse um terneiro lactante, gigante e tarado. Me dá até arrepios!
- Assim você acaba com qualquer fetiche, Mariano – disse Leonardo, expondo seu repúdio com uma cara de nojo.
- Isso, valeu pela cena! – Reclamou Renato. – Agora, toda vez que vir uma mãe inocentemente amamentando o filho, vou imaginar isso.
- Mas meu esquema é só com a barriga mesmo. Sei lá, não sei explicar. Eu fico com tesão, me dá uma vontade louca de transar. Mulher grávida é sexy. É frescura, mas vejo uma beleza poética nelas.
- E beleza poética, para você, desperta a vontade de foder uma mulher com um bebê inocente na barriga? É isso? – Mariano me questionou com uma repentina expressão firme nos olhos.
- Bem – voltei a ficar sem jeito. – Não procuro pensar por esse lado.
- Não, porque se for assim, você é meu ídolo!
- Sou? – Surpreendi-me e achei que fosse alguma piada.
- Claro! – Mariano estava eufórico. – Isso significa que a primeira coisa em que você pensa é sexo. Tanto faz se tem um parasita naquela barriga. O importante é fazer sexo, sempre. Pessoas assim são mais felizes.
- Bom, se você acha assim – fiquei até sem jeito diante de sua percepção.
- Mas só as bonitas! – Mariano seguiu. – Não me vem com coisa feia, ainda mais aquelas gordas que o cara não sabe em que mês de gestação está. De gordo já basta eu.

O melhor do Mariano era aquilo. Ele sabia que era gordo e fazia piada de si mesmo. Era de pessoas assim que eu precisava à minha volta. Por mais distante que estivesse de um corpo sarado ou

de uma beleza ímpar, em contrapartida, ele esbanjava confiança em si mesmo. E mais, estava cagando e andando para o que as outras pessoas pensavam ou deixavam de pensar a seu respeito, muito menos com o que ele dizia ou a maneira como pensava.

Leonardo vinha tentando colocar as mesmas filosofias na minha cabeça, de que eu precisava confiar mais em mim e deixar a opinião alheia de lado. Acho que naquele momento eu tive uma espécie de clique na cabeça. Apenas mais um de tantos que tive durante a noite, e também de tantos outros ao longo de toda a trajetória dentro de um mundo novo que se abria.

Notei que as rodadas de cerveja não duravam muito tempo na mesa. Esquentar um copo era coisa de amator, então procurei acompanhá-los, mesmo sabendo que em um ritmo forte eu seria o primeiro a bailar com os deuses da embriaguez. Imaginei que o último pudesse ser Mariano, mais pelo tamanho do que pela aparência de alcoólatra. Após meu relativo sucesso com a história do fetiche, coisas triviais pouco importavam. Eu estava aprendendo, não estava?

O último a relatar uma experiência na primeira volta foi Renato. Antes mesmo de começar ele deixou bem claro que suas palavras serviriam para expressar todo o descontentamento com Mariano e também o aborrecimento que por vezes era ser seu amigo. Esse, por sua vez, fez biquinho e mandou um beijo. Vinha coisa boa, pude sentir. Meu nível de ansiedade aumentou.

- Às vezes, por mais que você considere alguém, é preciso ponderar um pouco as coisas. Impor limites, sabem? Principalmente se esse alguém for um Mariano da vida.
- Eu tinha certeza de que você ia vir com esse assunto, estava guardando a sete chaves para poder despejar nos encontros. Eu já sei do que você vai falar, não precisa dar uma de mocinha ofendida com as suas indiretas. Em minha defesa, já adianto que não fiz absolutamente nada, como ficará provado.
- Tá, conta logo – apressou Leonardo.
- Acontece que inventei de ir a um puteiro com esse sujeito aí. Normal, a não ser pelo fato de que concordei em dividir o quarto para pagarmos menos.
- Deus nosso, nem quero pensar no que vai dizer – disse Leonardo.
- Dividiram a mesma mulher? – Perguntei em tom de brincadeira.
- Não! Nossa, pelo amor de todos os deuses. Ainda tenho o mínimo de juízo.
- Isso, vai esculachando o gordo – defendeu-se Mariano.
- Cada um com a sua, mas no mesmo quarto. Para ser mais preciso, na mesma cama, já que o lugar não era assim tão grande. Nem um cubículo, nem uma suíte.
- Mas com cama confortável – completou Mariano.
- Para você, só se for.
- Tá, as duas meninas vão ficar se acusando e apontando dedinhos ou você vai nos contar logo o que aconteceu? – A impaciência de Leonardo também era a minha impaciência.
- Para começar, foi nesse verão que passou. Estava absurdamente calor e o lugar não tinha ar condicionado.
- Sequer ventilador – ajudou Mariano.
- Exato. É preciso muita vontade de fazer sexo em situações climáticas como essa.
- Ou seria necessidade? – Leonardo e suas provocações.
- Não enche meu cu, espertalhão – reclamou Mariano. – Temos uma vida sexual tão ativa quanto a sua. A diferença é a carne que comemos, né, Renato?

- Isso. Não vou ficar narrando maiores detalhes sobre essa trama, até porque, creio eu, não seja do interesse de vocês saber que Mariano rebolou e girou em torno de si mesmo enquanto tirava a roupa, né?
- É um fetiche seu dançar e encenar striptease sempre que vai se pelar? – Perguntou Leonardo.
- Só quando estou bêbado. Ou quase bêbado.
- Pois ele estava pseudo embriagado. Apesar do tamanho avantajado desse corpinho e do espaço que ocupa, conseguimos dividir a cama de boas. Minha maior preocupação foi não nos tocarmos. Com todo o calor, nossa, não quero nem pensar.
- Seria nojento – concordou Leonardo.
- Sem dúvida. Bom, teve toda a questão das preliminares. A minha me chupou e a dele fez o trabalho que tinha que fazer nele. Fomos para a cama quase juntos, né?
- Você foi primeiro, sempre o apressadinho da história.
- Que seja. Como estava muito calor e o fato de mover um único dedo me fazia superaquecer, simplesmente me deitei na cama, deixei que a puta subisse em mim e fizesse todo o trabalho sozinha. Estava sendo paga para isso.
- Eu também comecei embaixo.
- Sim, isso faz parte da história. Ele começou embaixo, pelo que pude notar. Ficamos certo tempo assim, quase que como brinquedos imóveis para elas meterem e pularem em cima. Daí, do nada, ouço esse animal pedir para trocar de posição e ficar em cima.
- Eu só queria socar para dentro dela com força – argumentou Mariano quase como se implorasse para que fosse compreendido. – Ela estava sentando bem, em um ritmo forte. Mas eu sentia que precisava extravasar a minha vontade com movimentos mais agressivos.
- E foi a partir desse momento que nasceu a desgraça.
- Vindo de vocês dois, especialmente de Mariano, não consigo imaginar o que possa ser – disse Leonardo ao olhar sorrindo para mim.

Tentei imaginar. Liguei todos os pontos. Calor, lugar fechado, quatro pessoas, dois casais, uma cama, um gordo, striptease e sexo animal. Cama quebrada não poderia ser, impossível acontecer duas vezes. Se Leonardo que os conhecia bem não fazia a menor ideia, eu tampouco faria.

Renato prosseguiu com a narrativa, sempre acompanhado de perto pela fiscalização do Mariano.

- Então, estávamos lá, cada um com a sua parceira. Eu praticamente imóvel, apenas aproveitando a sensação. Ao meu lado, ele. Só que ele não parecia estar fazendo sexo, para início de conversa!
- Ah, não mete essa. Agora quer me dizer como devo foder?
- Você parecia um aspirador de pó respirando com bronquite, Mariano!

Leonardo e eu entramos em um ciclo sem fim de risadas. A frase já era engraçada, e só de imaginarmos a cena, foi impossível manter um nível razoável de seriedade. Com os dois brigando e discutindo entre si a situação ficou ainda pior. De olhos fechados e com as mãos nos ouvidos, Mariano balançou a cabeça de um lado para o outro em negativa às acusações enquanto falava “lá lá lá lá” incessantemente. Uma criança grande. Apenas sensacional.

- Tá, mas o que está além do Mariano respirar feito um aspirador de pó? – Perguntou Leonardo.
- Isso não chegou a tirar a minha concentração, mas começou a incomodar.
- É só prestar atenção na sua foda e deixar a minha de lado!
- Impossível, tá legal?! Não tinha como, você estava quase no meu cangote!
- Estava nada, conta outra. É só invenção para a sua história ficar mais engraçada.
- Você sabe que é verdade, gordo. Tentei manter o foco na minha, fechei os olhos e agarrei os peitos da puta. Apesar daquela turbina de avião respirando ao meu lado, consegui me manter excitado e de pau duro.

Nossas risadas começaram a nos deixar com falta de ar. Em contrapartida, Mariano dava risadinhas de deboche, discordando de tudo o que era dito. Nas poucas horas de convívio e mesmo com quase nenhum conhecimento sobre os dois sujeitos, pude ter a certeza de que naquele caso em particular, eu colocaria a mão no fogo por Renato. Por mais que Mariano fosse enfático ao negar, apenas suas reações já eram o suficiente para confirmarem a história. Senti que Leonardo também estava certo ao dizer que por mais absurdo que parecesse, vindo deles não era de se duvidar de nada.

Rolou uma breve discussão entre Renato e Mariano envolvendo negativas, palavras aparentemente ofensivas, mas que carregavam grandes sentimentos de carinho e parceria, e dedos apontados com juras de vingança. Apenas amizade pura, sem dúvida. Em meio ao tiroteio caótico e engraçado, Leonardo pediu umas dez vezes para que parassem com a viadagem e prosseguissem com a história. O foco era esse.

Nesse momento pude notar o quanto Mariano respeitava meu irmão. Na verdade, parecia uma mistura de respeito com devoção, como se ele confiasse em qualquer coisa que Leonardo dissesse. Por mais decidido que estivesse a contrariar a versão de Renato – e isso sem dúvida tomaria uma noite inteira de discussões triviais, – Mariano parou de falar assim que ouviu Leonardo pedir por silêncio com mais ênfase. Pareceu uma criança levando luz alta dos pais. Achei hilário.

Retomando o fôlego e bebendo um pouco de cerveja para aveludar a voz, Renato juntou as mãos e prosseguiu seu relato em tom solene.

- Então, como eu ia dizendo, Mariano pediu para ficar em cima da puta. Quanto tempo durou isso até acontecer o que vou falar?
- Hm, não lembro bem – pensou Mariano. – Acho que uns dez minutos, por aí.
- É, mais ou menos isso. Lá estávamos nós fazendo sexo tranquilamente. Eu de olhos fechados e focado no prazer, enquanto ele parecia querer arrombar um cofre dentro da buceta da mulher, de tanta força que fazia.

Eu ri demais.

- É sério. Não sei como a cama não quebrou. Tive que aturar a respiração dele e a cama rangendo. Foi a pior foda da minha vida!
- Problema é seu. Eu curti a minha e é isso o que importa.
- Pelo amor de tudo o que é mais sagrado, termina essa história de uma vez! – A súplica de Leonardo era a minha súplica também.

- Em meio a todo o barulho, de repente ouvi a puta dele gemer. Mas cuidem o detalhe! Não pareceu um gemido de prazer. Não me pareceu que ela estava prestes a ter um orgasmo pica das galáxias. Era outra coisa.
- Tipo? – Perguntei com olhos atentos.
- Era gemido de desconforto – Renato parecia procurar pelo termo correto. – Isso, desconforto é a palavra certa.
- Como assim? – Questionou Leonardo.
- Logo em seguida, ouvi-a soltando o ar com um certo pesar, o que me levou a acreditar que era realmente um gemido de incômodo. Mas o que poderia estar acontecendo, oh, espelho meu? O pau do Mariano não é assim tão grande para machucar, né?
- Ha-ha, idiota – Mariano debochou com uma feição mais engraçada do que propriamente de deboche.
- Daí, meus caros, quando eu já praticamente havia esquecido que tinha uma mulher cavalgando em cima de mim, veio a pérola. Ela falou exatamente o seguinte.
- Encena, encena! – Pediu Leonardo.

Renato se apurou no banco, estalou os dedos e entonou uma voz de mulher. Ou tentou.

- Ai, falta muito para você gozar? – Sua voz fina falhava. – Estou morrendo de calor, não aguento mais. Você é muito peludo.

E foi isso. Precisava falar mais alguma coisa? Sinceramente, algo mais precisava ser dito? Definitivamente não. Leonardo baixou a cabeça e apoiou-a em cima dos braços. Embora não fosse possível ouvir sua risada, era óbvio o quanto estava rindo pelo movimento do seu corpo. Parecia um ataque epilético. Mesmo sendo o relator, Renato também riu. Até Mariano não se conteve. Ele aceitou o momento e concordou que era tudo absurdamente engraçado.

Eu? Eu senti uma lágrima escorrer pelo canto do meu olho esquerdo. Meu diafragma chegou a ponto de romper. Por alguns minutos não fizemos mais nada além de rir.

- Por isso me considero um urso viril – disse Mariano, conforme íamos acalmando os corações.
- E como terminou tudo isso? – Fiquei curioso com o verdadeiro desfecho.
- Bom, o urso aí gozou – afirmou Renato. – Demorou, mas gozou.
- Você não se incomodou com o que ela disse? – Perguntou Leonardo.
- Claro que não! Grande merda o que ela acha ou deixa de achar de mim. Paguei pela foda, então ia demorar o tempo que achasse necessário. Gozei e gozei bem. Enchi a cara dela de porra. E mirei bem no olho, só para ela deixar de ser antiprofissional. Onde já se viu eu ter que agradar uma puta agora. Era só o que me faltava.
- E você? – Leonardo perguntou a Renato, com um sorriso de alegria estampado em seu rosto.
- Eu não consegui gozar, né? Foi a primeira vez que isso aconteceu na minha vida. Simplesmente perdi o tesão. Deixei ela me fodendo por mais um tempo para ver se conseguia voltar, mas não rolou. Meu pau foi amolecendo aos poucos, e minha atenção estava em imaginar esse gordo peludo logo ao lado.
- Tá ligado que isso é um desejo reprimido pelo meu corpo, né?
- Vai ver é isso mesmo. Daí pedi para a puta parar, disse que não dava mais. Dei a desculpa do calor, coloquei a roupa e vazei do quarto.

- Sério, vocês dois me racham a cara – disse Leonardo. – Quando acho que já fizeram de tudo, aparecem com coisa pior. E a garota estava certa, Mariano. Não rola uma depilada básica?
- Nunca. Os pelos exaltam minha posição de macho alfa diante da fêmea. Mulher alguma respeita homem que se depila.
- Eu me depilo, e a Paula inclusive prefere assim.
- Baitola. E você?

A pergunta foi para mim. Sofri um delay tanto por não esperar a pergunta quanto por não saber o que responder. Por mais que sofresse repúdio por parte de Mariano, era como se Leonardo tivesse um porém, uma “desculpa” chamada Paula. Mas e eu, que motivos teria? Minha tentativa de esquiva fracassou, e acabei sendo obrigado a responder um pequeno questionário, sempre sobre os olhos avaliativos de Mariano.

- Às vezes – respondi.
- Com que frequência?
- Sei lá, quando cresce.
- O quanto?
- O quanto o quê?
- O quanto cresce?
- Não muito. Uma vez por mês, está de bom tamanho?
- Hm, depende – fuzilou-me com os olhos críticos. – Por que causa, motivo, razão ou circunstância você se depila?
- Porque me incomoda.
- O que incomoda?
- Coça, especialmente no verão.
- E no inverno?
- Depende.
- Do quê?
- Tá, que merda é essa? – Interrompeu Leonardo.
- Não se mete – respondeu Mariano. – Vamos lá, depende do quê?
- Da minha paciência.
- Mas coça no inverno?
- Não muito.
- Arrá! – Mariano bateu na mesa e apontou o dedo para mim. – Agora eu te peguei.
- Por quê?
- Você não se depila só porque coça ou incomoda. Você acha esteticamente bonito.
- Se é bonito, não sei, mas pelo menos é melhor – e era verdade.
- Sei, sei – ele desdenhou.
- Tá, mas qual o intuito desse interrogatório imbecil? – Leonardo seguia sem entender.
- Saber se ele se depila por necessidade ou por opção.
- E daí?
- E daí que não chega a ser baitola que nem você, mas digamos que está no caminho. Ainda há salvação, basta andar mais comigo e menos com você.
- E por que ele tem salvação e eu não?

- Porque eu já te conheço e sei que tem umas tendências meio obscuras.
- Quais tendências? – Leonardo apenas ria.
- Ficar se depilando.
- Isso você já disse. Quero outro exemplo.
- Ficar de frescurinha com viados e travecos.
- Não, não. Não mete essa. Não fico de frescurinha com ninguém. Apenas dou corda.
- E tem certeza de que é só corda que você dá?
- Absoluta.
- Sei não. Você tem carinha daqueles “homens” que não conseguem dormir sem estar com o gatinho em cima do edredom.
- Meu toba.

Bom, pelo menos Mariano finalizou seu raciocínio sorrindo para mim, como se realmente achasse que andar mais com ele seria uma ótima ideia. Não sei até onde isso me animou.

Bebemos, bebemos, conversamos, bebemos, rimos e bebemos mais um pouco. Surpreendi-me comigo mesmo por tamanha disposição em beber, já que eu não tinha isso como hábito ou vício. Mais uma prova do quanto o ambiente me soltou. E para ser sincero, soltou até demais.

Ah, se soltou.

Nada no mundo jamais será tão sincero quanto uma criança ou um bêbado. Tais criaturas são um misto de ingenuidade e naturalidade, falando sempre o que lhes dão na telha. O bêbado ainda é um pouco pior, pois aproveita o álcool não para afogar as mágoas, mas para externá-las para os quatro cantos do mundo. Sem o menor medo. Cometi esse erro.

Lembro muito pouco o estado da mesa àquela altura. Como era de se esperar, Mariano era o mais forte para bebidas. Estava muito feliz e falando mais merdas do que o normal, mas ainda se percebia certo nível de sobriedade. Com Renato e Leonardo era quase um empate técnico. Ambos tinham os olhos semicerrados e ostentavam um sorriso bobo na cara, como se uma caneta cair no chão fosse a melhor das piadas. Mas acredito que conseguiriam raciocinar se necessário fosse. Já eu, bem... foi horrível.

Na manhã daquela sexta-feira eu era alguém desinteressado e cético. Algumas horas na mesa do bar foram suficientes para me transformar, ainda mais com a ajuda de um pouco de álcool. Senti-me feliz e solto. Principalmente livre para falar sobre tudo sem vergonha alguma. E esse foi o maior erro que eu poderia cometer, pois falei de assuntos pessoais, e por mais feliz que eu estivesse, existiam coisas que não contaria a ninguém. O álcool me ajudou a abrir a boca.

Atravessei-me quando Mariano ia começar a contar outra história. Depois de ter ouvido sobre meu super fetiche, não se importou em esperar mais, como se eu tivesse conquistado créditos. Mostrou-se curioso, inclusive. Por outro lado, Leonardo percebeu que eu já estava meio bêbado, alegre por demais e enrolando um pouco a língua. Mas como um bom professor que queria ver o aluno andar com as próprias pernas, não pensou em me dar nenhum alerta.

- Eu! – Gritei batendo forte no peito. – Eu tenho uma história triste para vocês. Muito triste!

- Triste, cara? – Perguntou Mariano com expressão condescendente. - O que é? Estou gostando de você, não me deixa preocupado.
- Você está gostando de mim? – Tentei segurá-lo pelo braço, mas não alcancei.
- Claro que sim! Você parece meio pateta, mas é gente boa.
- Jura? – Sequer percebi a doçura de elogio. – Não mente para me agradar. Eu preciso me sentir querido!
- Juro, relaxa. Agora conta aí, divide sua mágoa com a gente.
- Fui largado! – Gritei de novo, e um filete de baba caiu da minha boca. – Minha ex me deixou depois de dois anos de namoro!
- Poxa, que saco – lamentou Renato, também com feição compreensiva. – Mas isso acontece, cara. Já aconteceu com todos nós, com você, com o garçom que nos serviu a noite toda. Faz parte da vida.
- Não! – Discordei como criança birrenta. – Não é isso. Me ouve! Me ouve, tá? – Dele eu consegui agarrar o braço por estar ao meu lado. – Só me ouve.
- Ai, ai, já até sei o que vem por aí – Leonardo suspirou enquanto se acomodava na cadeira.
- Aquela vagabunda... porque é isso o que ela é, entendem? Uma filha da puta de uma vagabunda! Posso contar? Ei, vocês me deixam contar? – Eu procurava a aprovação deles com os olhos vidrados.
- Desabafa, cara – concordou Mariano. – Estamos aqui para isso.
- Eu devo contar, Leo?
- Não sei, cara – deu de ombros. – A escolha é sua.
- Leo! – Gritei mais alto ainda. – Você é meu irmão! Sabiam que ele é meu irmão? Ele tem todas as respostas. Ele! Olhem para ele – aponte com o dedo. – Ele, oh, ele, olhem, olhem. Sabem o que ele é meu?
- Você acabou de dizer – afirmou Mariano, com calma. – Ele é seu irmão.
- Não! Ele é o meu rumo. Ele tem todas as respostas!
- É, Leo, você tem todas as repostas e é o rumo de todos nós – incentivou Mariano, visivelmente querendo me apoiar. – Seja mais claro. Ele deve ou não falar?
- Não – Leonardo respondeu de imediato.
- Tá, vou contar, então – e eu escutei tanto quanto uma porta. – Eu dediquei todo o meu amor para essa garota. Todo! Todo, todo, todo – bati inúmeras vezes com a mão fechada na palma da outra mão. – Amei com todas as minhas forças. Sabem o que ela aprontou para cima de mim? Mariano, você sabe o que ela aprontou?
- Te traiu – arriscou Renato, com os olhos arregalados de expectativa.
- O quê?! Psss, muito pior! – Voltei a babar. – Muito pior, acredita? Me enrolou por dois anos – eu nem percebi que levantei três dedos. – Me fez de idiota, o mais perfeito idiota, por dois anos! Idiota de marca maior, daqueles que ostentam na testa uma placa de platina e ouro!
- Como? O que ela fez? – Mariano estava atônito e preocupado.
- Se ela tivesse enfiado um braço no meio do meu cu, teria sido muito menos doloroso.
- Mas então foi algo terrível – especulou Renato, já imerso na minha história.
- Estão prontos? Leo, vou contar – também tentei segurar seu braço, mas catei somente vento. – Posso contar?
- Já disse, você que sabe.
- Leo! – Voltei a gritar.
- Leo! – Mariano se juntou ao coro comigo. – Responde o que ele quer ouvir de uma vez, cacete!
- Tá, tá. Conta a sua história logo, queremos todos ouvi-la.

- Vou contar!

Relebrando, foi trágico cômico.

Mas se eu fosse um clone sóbrio de mim mesmo, tenho certeza absoluta de que teria levantado da mesa ou me enchido de tapas até que calasse a boca. Sempre detestara lidar com bêbados e agora havia encarnado um, e dos muito malas e difíceis de aturar. Mas os três levaram tudo na boa e com muita paciência. Pensando hoje, até me surpreendo com o grau de interesse que tiveram em me ouvir. Embora fosse melhor ter ficado de boca fechada, ao menos dei sorte ao escolher os ouvintes da minha choradeira.

Tomei ar e um gole de cerveja - o copo estava vazio. Virei-o de cabeça para baixo como se magicamente algo fosse cair e em seguida reclamei que estava vazio. Quando mencionei gritar para o garçom, Leonardo segurou meus braços e pediu para que eu continuasse falando enquanto ele pediria mais cerveja.

Agora que estou sóbrio consigo lembrar que ele não pediu porra nenhuma, queria apenas que eu não ficasse pior do que já estava.

- Prestem atenção – acenei com o indicador erguido. – Quando a conheci, ela era virgem. Virgem, entendem? E depois de dois anos, adivinhem? – Batuquei sem ritmo algum na mesa. – Ela continua virgem! – Abri os braços com um sorriso melancólico no rosto, reconhecendo a desgraça como uma velha amiga.

Os dois que não conheciam a história se olharam e me encararam, como sem saber se tinham ouvido bem.

- Está me dizendo que você não comeu ela? – Mariano levava perplexidade no olhar.

- Isso – bati na mesa e quase derrubei o copo no chão. – Exatamente isso!

- Não, não – Renato retrucou balançando a cabeça inúmeras vezes. – Impossível. Isso é brincadeira sua.

- Leo! – Tornei a gritei.

- O quê? – Entediado, Leonardo nem nos ouvia mais. Estava imerso em seu celular.

- Me ajuda aqui.

- Não é mentira – respondeu sem tirar a atenção do aparelho. – Por incrível que pareça, não é papo de bêbado.

- Mas como assim, cara? – Perguntou Mariano, estupefato. – Por que uma coisa dessas? Era algum tipo de freira? Uma crente evangélica?

- Não sei! Era uma vadia filha da puta que pagava de santinha.

- Tá, mas qual o motivo dela? – Insistiu Renato. – Tem que haver um motivo muito convincente.

- Primeiro – quase enfiei o indicador em seu olho, – porque ela tinha medo de engravidar. Ficava sempre se fazendo. Por respeito, e principalmente por ser otário – berrei, – eu esperei e tive paciência. Um otário! Fico com raiva só de pensar nisso!

- Calma, relaxa – disse Mariano ao segurar gentilmente minhas mãos. – Continua falando tranquilamente, não vale a pena se estressar. Respire fundo.

- O que eu ganhei com tudo isso? – Soltei minhas mãos para gesticular com mais ênfase. – Me diz! O cara se dedica, é amoroso, carinhoso, atencioso e não pisa na bola nunca! Em dois anos eu nunca tive um único ataque de ciúme ou fiz qualquer cobrança idiota! Quantos homens fazem isso hoje? Hein, quantos?
- Poucos – concordou Renato.
- Poucos! E o que eu ganhei com isso? O que eu ganhei com isso, Mariano?
- O que, cara?
- É o que estou te perguntando.
- Ah – desconcertou-se. – Não sei. O que você ganhou?
- Você quer saber? Renato, você quer saber também? O Leo já sabe.
- Claro, cara – respondeu Renato. – Diz aí.
- A merda de um pé na bunda! É isso o que os caras bons ganham dessas vadias! Se você é um sujeito bom e carinhoso, tenha certeza de que vai tomar um chute lindo e bem dado na bunda!
- Você generaliza – Leonardo desviou a atenção por um breve instante. – Já te expliquei que as coisas não são bem assim.
- São sim! Comigo foi assim e sempre vai ser. Sabe por quê? Porque mulher não gosta de homem bom!
- Isso é verdade – Mariano concordou de imediato. – Você há de concordar com ele, Leonardo.
- Absolutamente não.
- Me deixa desabafar? – Supliquei. – Eu só quero desabafar, posso? Com licença? Mariano, manda ele me deixar desabafar.
- Deixa ele desabafar, cara! – Mariano berrou ao pé do seu ouvido e bateu de mão fechada na mesa. – Se não quiser ajudar, fica quieto ou então sai da mesa. Não é mesmo, Renato?
- ãh? – Outro que se desconcertou. – É, isso. Sai da mesa – ele disse apenas para concordar, enquanto olhava para Leonardo com expressão de quem não sabia exatamente o que fazer.

Como fui irritante.

Encontrei um apoio surpreendente em Mariano. E por incrível que pareça, isso foi péssimo, pois serviu apenas de incentivo. A falta de qualquer hostilidade me proporcionou uma liberdade que eu não iria querer se estivesse sóbrio. E para piorar o cenário, era para Mariano que eu desabafava. Um cara com ideias e posturas um tanto incomuns. Não ficaria surpreso se ele sugerisse sair do bar e ir atrás da Putinha para fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Felizmente, algo assim jamais aconteceria. Leonardo estava lá.

Após um breve silêncio, voltei a chorar as mágoas.

- Sabem o que é pior?
- O quê? – Mariano demonstrava cada vez mais interesse.
- Foi ruim o que aconteceu? Foi – aplaudi de leve. – Odeio essa desgraçada? Sim, com todas as minhas forças – apludi mais forte. – Mas...
- Você não odeia ninguém, Rafael – Leonardo interrompeu de novo, agora com veemência.
- Odeio sim! – Praguejei em resposta.
- Ódio é um sentimento muito forte e perigoso. Já disse que você deve evitar esse tipo de coisa. É para o seu próprio bem.
- Discordo – disse Mariano.

- É óbvio que você discorda. Você é o avesso do que uma pessoa normal deveria ser – completou Leonardo, recostando-se na cadeira de braços cruzados.
- Apenas acho que ele está certo em odiar alguém que causou tanto mal.
- É! – Concordei batendo na mesa e olhando furioso para Leonardo. – O que sentir, se não ódio?
- Essa amargura toda só vai prejudicar a você mesmo. Espero – ele suspirou para retomar a paciência – que com o tempo você enxergue isso.
- Mariano, diz para ele que eu não quero conselhos.
- Ele não quer conselhos, Leonardo – era engraçado como Mariano tomara minha raiva para si. – Guarde-os para outra hora, né, Renato?
- O quê? – Já Renato estava sem a menor ideia do que fazer. – É, isso mesmo. Outra hora.
- Falo mais nada, então – resignou-se Leonardo.
- Por favor, caro Rafael, prossiga com o seu relato – disse Mariano, encenando um tom solene com uma leve reverência. – Conte-nos, o que é pior?
- A maneira como me sinto hoje – levei as mãos ao peito como se arrancasse o coração fora. – Por mais que a odeie, por maior que seja o estrago em meu peito, nada é pior do que acordar todas as manhãs e sentir-me um lixo. Nada, nada, nada. Nada!
- Como uma mulher faz isso com um cara tão bom?! – Indignou-se Mariano. – Por isso eu não respeito mulher alguma. Depois falam que sou doente.
- Mas você é doente – afirmou Leonardo.
- Tá, mas vamos aos fatos, por favor – Renato tentava conectar os pontos para não deixar a conversa se perder. – Fiquei curioso. Nesse tempo todo sem sexo, como era a relação de vocês?
- No começo, bacana. Depois – faltaram-me palavras para fazer jus aos meus sentimentos ruins. – Não sei, no mínimo um tédio.
- Tá, mas como era? – Ele insistiu. – O que vocês faziam?
- Levei uns três – pensei e calculei melhor o tempo, – não, não. Uns quatro meses para conseguir ver os peitos dela.

Mariano levou as mãos à boca, incrédulo como uma senhora gorda que acabara de ouvir o maior babado do século.

- Enquanto isso, a gente se agarrava de roupa.
- Ah, não, só um pouquinho! – Mariano se irritou de vez. – Isso já é palhaçada. Parece namorinho de criança de quinta série! – Ele abriu os braços em direção a Leonardo como se esse tivesse alguma explicação a dar.
- Exato! Porra, acertou na mosca – encenei um disparo de estilingue. – Espera, cadê a mosca? Oh, está aqui a sua mosca – aponte para um ponto qualquer na mesa. – Imagina ela aqui, oh.

Apesar do espírito cético e a certeza de que tudo aquilo era um erro, Leonardo não resistiu a tanta bobagem e riu da cena. Teve mais motivos ainda para rir quando Mariano e eu ficamos com os dedos na mesa discutindo onde exatamente estava a mosca.

- Desse jeito a coisa vai longe – ele suspirou.
- Quem discorda é louco – completou Renato.

Meu assunto pareceu tão importante a eles que ninguém mais pediu cerveja por um tempo, de tão distraídos e imersos que ficamos. A bebedeira não passou em um piscar de olhos, mas isso evitou que piorássemos. Evitou que eu piorasse e falasse coisas ainda mais íntimas e escabrosas.

Queria que Leonardo tivesse insistido para que eu calasse a minha boca.

Renato retomou o assunto quando Mariano e eu entramos em um consenso sobre onde estava a tal da mosca.

- Você ia dizendo?
- O quê? – Levei um susto ao voltar da distração. – Onde eu parei?
- Você levou quatro meses para ver os peitos dela.
- Isso! Porra, quatro meses? Em que espécie de mundo isso é normal? Me conta.
- Em nenhum mundo – respondeu Mariano. – Além de absurdamente desumano, é uma estúpida falta de respeito!
- E eu não sei? – Completei com obviedade no sorriso.
- Isso não se faz – continuou Mariano. – Tudo bem uma garota fazer jogo duro por alguns dias, quem sabe até semanas, no máximo. De alguma forma isso a valoriza.
- Inclusive pode aumentar o interesse do cara, né? – Afirmou Renato.
- Exato – concordou Mariano. – Mas cara, quatro meses? Pior que não foram quatro meses para fazer sexo, mas só para ver os peitos dela! Sinceramente, isso não existe. Como quer que ele não odeie a garota, Leonardo?
- Não odiando – disse com simplicidade. – Foi algo que ele permitiu na época e se arrepende hoje só porque foi largado. O máximo que pode fazer é esquecer e seguir em frente.
- Nossa! – Mariano ficou com uma expressão desiludida e irritada. – Que espécie de amigo diz uma coisa dessas? Parece que você acha que ele mereceu passar por tudo isso.
- Eu não disse isso – defendeu-se Leonardo.
- Mas parece! Não ouvi uma única palavra amiga vinda de você ainda.
- Porque eu já gastei todo o meu português sobre esse assunto. Defendi, dei razão em alguns pontos e larguei a real em outros. Ser amigo não é passar a mão na cabeça, mas falar a verdade, por mais cruel que seja.
- Um absurdo – Mariano o reprovou balançando a cabeça e fingindo decepção.

Fiquei perdido em meio ao pequeno tiroteio. Por um lado, concordava com Mariano quanto a Leonardo ser um tanto direto e realista. Por vezes, seu tom parecia seco e incompreensivo. Por outro lado, concordava com Leonardo que amigo de verdade não devia apenas passar a mão na cabeça e dizer que tudo se resolveria em um passe de mágica. Junto comigo, mudo e sem muito a dizer, estava Renato.

Quando a DR terminou, Renato voltou a fazer seus questionamentos. Àquela altura a mesa se dividiu em quatro posturas muito bem distintas. Leonardo era o cético aborrecido que achava todo o papo inútil; Mariano era a raiva e a indignação em pessoa; Renato ficou como a seriedade que o assunto exigia; e eu fui o otário triste e depressivo a choramingar as mágoas.

- Tá, retomando pela milésima vez – disse Renato. – Você conseguiu ver os peitos dela no quarto mês. Como foi até esse dia? Ainda não entendi.
- Já disse, a gente se agarrava de roupa, no meu quarto – apesar da língua ainda solta, a embriaguez aos poucos enfraquecia. – O máximo que conseguia era passar a mão por dentro da blusa dela e pegar nos peitos. Sentir sem poder ver. Imaginam o quanto isso pode ser horrível?
- Nem ideia – Mariano respondeu ao saborear a cerveja que o garçom acabava de entregar.
- Tá, então isso me leva a uma conclusão óbvia – seguiu Renato. – Tipo, gozar com ela nem pensar, né?
- Nunca – falei com voz aveludada de padre em missa. – Além de todo o medo que a filha da puta dizia ter, parecia que ela também tinha receio de ter prazer ou de gozar.
- Explique – pediu Renato.
- Era sempre eu em cima dela. Enquanto a gente se beijava, eu fazia o movimento de penetração, sabe? Empurrava meu pau na direção da buceta dela com toda a força do mundo, como se fosse rasgar as duas calças.
- Você não acha isso horrível? – Mariano perguntou irritado a Leonardo.
- Acho – ele concordou, mas sem demonstrar que mudaria de posição.
- Sim, era horrível – continuei. – Mas mesmo com toda essa aflição, o tesão era muito grande. Era absurdamente grande! Quanto menos eu podia meter, mais eu queria meter. E todo aquele movimento me excitava cada vez mais, até eu sentir que poderia gozar.
- Mas? – Renato sabia que existia um mas.
- Mas – suspirei inconformado, – ela mandava parar.
- Assim é foda – inconformou-se Mariano, pela centésima vez na noite. – Assim é foda.
- Acho que ela sentia que também estava prestes a gozar e simplesmente pedia para parar. Era um banho de água fria, sabe? Eu estava no auge do tesão, com o pau quase explodindo, e ela me pedia para parar. Isso não tem cabimento!
- Que vadia desgraçada, cara! – Mariano voltou a gritar e descontinuar a indignação na mesa.

A cada interjeição de raiva e parceria que Mariano demonstrava, Leonardo ficava mais incomodado. Embora na hora tenha passado despercebido por mim, hoje entendendo toda a sua preocupação. Existem três passos para esquecer e se livrar definitivamente de algo ruim: primeiro, desabafar; segundo, jamais tocar no assunto de novo; terceiro, seguir em frente.

Pois eu já havia desabafado com Leonardo tempos antes. Em vez de respeitar o segundo passo, eu estava retomando o primeiro. Acredito que para ele, falar tudo de novo apenas aumentaria a minha mágoa e me deixaria mais triste. Ele tinha toda a razão. Eu é que não percebi na época.

- Como foi depois que você conseguiu ver os peitos dela? – Renato pretendia ir a fundo no assunto.
- Não mudou muito – afirmei com indiferença. – Pude ver, tocar, apertar e lambar, mas nada além disso. Ficamos nessa nos meses seguintes. A bem na verdade, melhorou um pouco somente após o primeiro ano.
- O que aconteceu?
- Foi quando ela finalmente se dispôs a me chupar.
- Finalmente! – Mariano comemorou de braços abertos. – Um ano! Porra, um ano.
- Mas? – Renato era tão sensato e esperto quanto Leonardo. – Sinto que aí tem outro mas.

- E tem – afirmei com o polegar. – Pelo menos durante meio ano, talvez um pouco mais, o boquete foi com camisinha.
- Ah, não! – Quanto mais fundo eu ia, mais irritado Mariano ficava. – Assim não dá! Estou começando a perder o controle aqui. Qual o nome dessa infeliz?
- Não vem ao caso – Leonardo imediatamente interrompeu.
- Putinha – respondi.
- Como? – Renato estranhou, sem entender sobre o que eu estava falando.
- É como eu a chamo. Putinha.
- Justo! – Concordou Mariano, sempre olhando para Leonardo. – Justíssimo!
- Pelos meus cálculos aqui – Renato olhou para cima como se juntasse os números em pensamentos, - a essa altura o namoro já estava quase no fim.
- Isso – concordei. – Foi somente quando ela começou a me chupar com a camisinha, cerca de um ano e meio de namoro, que eu pude vê-la totalmente pelada. Exceto pela penetração e o sexo de verdade, passamos a aproveitar um pouco mais. Além de poder chupar a buceta dela, ela passou a sentar no meu pau e se esfregar até gozar.
- Ah, já é um cenário um pouco melhor – Renato procurou um alento em meio a tanta desgraça.
- Mas não o suficiente, né? Já se vai um ano e meio sem sexo, não esqueça disso.
- Jamais vou esquecer! – Afirmou Mariano, como se a sua dor fosse legítima.
- Passei a ganhar boquetes sem camisinha no meu aniversário, quando ela resolveu me dar isso de presente.
- Oh, nossa, que grande presente! Como se isso fosse um favor!
- Para você ver. Enfim, essa foi a vida sexual que eu não tive com a Putinha. Por isso – senti toda a raiva voltar, – embora Leonardo diga o contrário, eu odeio essa garota com todas as forças que eu tenho. Desejo, sim, do fundo do coração, que um dia ela sofra e tenha o coração partido de uma maneira tão horrível quanto o meu foi. E que se por um acaso ela ainda for virgem e estiver se fazendo para dar a buceta, que o próximo que ela encontrar simplesmente dê o fora. E quando já estiver fodendo feito a cadela prostituta que é, que leve um par de chifre muito lindo e bem levado, pois ela pisou no amor e dedicação que dei a ela sem pensar duas vezes, sem jamais pensar em mim, no que eu estava sentindo e sem cogitar consertar a relação. Simplesmente achou mais fácil jogar fora e virar a página. É o que eu desejo a ela, todo o sofrimento que eu tive. Simples assim.

Encare da maneira como bem entender, mas procure não me julgar. Tudo o que disse, mesmo sobre o efeito de álcool, foi sincero. Da primeira à última frase, foi tudo sincero. Mariano me encarou por uns segundos, com uma expressão indecifrável. Imaginei que após presenciar tamanho ódio, ele acabaria trocando de time e passaria a concordar com Leonardo. Talvez por medo de mim, talvez por vergonha, talvez por achar tudo uma grande infantilidade.

Mas não, muito pelo contrário. Ele se levantou da mesa em silêncio, deu a volta até onde eu estava e deu-me um abraço bem apertado e cochichou em meu ouvido para que ninguém além de mim ouvisse: “Eu te compreendo, irmão. E ela vai ter o que merece. Um dia ela vai ter o que merece. Confia em mim”.

Serviu-me de consolo. Apesar de toda a tristeza e rancor, consegui abrir um sorriso pela satisfação de saber que alguém estava comigo, mesmo em se tratando de um cara que eu acabara de

conhecer. Eu não precisava que as pessoas concordassem comigo ou que aceitassem todo o meu ódio como algo bom. Eu precisa apenas ser compreendido e respeitado.

Seguiu-se um estranho silêncio após o meu forte desabafo. Pareceu um minuto de silêncio em respeito a uma grande tragédia na qual eu era a vítima. Centenas de pensamentos sobrevoaram minha cabeça. Dúvidas, medos, receios, ódios, a Putinha e tudo o que ela havia me causado. Cada coisa se uniu e formou uma única bomba. Não explodiu, mas a joguei para fora de mim.

E tudo o que eu despejei jamais poderia ser falado, ou sequer mencionado. Era algo que somente Leonardo sabia e ninguém mais no mundo deveria ter conhecimento. O maldito álcool, unido a todo o rancor impregnado nas minhas entranhas, serviu de estopim para eu dar com a língua nos dentes.

Quando cada um de nós estava perdido em seus próprios pensamentos, voltei a me pronunciar: “Mas tem mais uma coisa”. Os três imediatamente me olharam.

- Dois meses antes do término ela viajou para o exterior. O que aconteceu nesse meio tempo foi o mais próximo que tive de uma boa experiência.
- Rafael, não – interrompeu Leonardo. – Simplesmente não.
- O quê? – Perguntou Renato ao se apoiar na mesa e ficar mais perto de mim.
- Aconteceu uma coisa que fez jus ao fato dela ser uma vadia.
- Você vai se arrepender mais tarde se contar – alertou Leonardo.
- Um momento – interferiu Mariano. – Se você não quer que ele fale, então só pode ser coisa boa. Fala logo.
- Posso falar, Leo? – Perguntei sem bebedeira, queria mesmo saber a sua opinião.
- Não – ele respondeu.
- Você vai ficar brabo se eu falar?
- Sim.
- Que mané brabo! – Mariano o empurrou com o braço. – Foda-se o que ele acha. Também somos seus amigos e queremos saber. Vamos resolver isso por votação. Você quer saber o que é, Renato?

Embora em dúvida e com receio de chatear Leonardo, ele concordou com a cabeça que também queria saber do que se tratava. E eu, apesar do mesmo receio, falei o que ainda havia para despejar.

- Com a distância, obviamente não podíamos nos tocar. Todas as noites, quando a gente se falava pela internet, em meio a conversas normais, sempre surgiam os assuntos mais picantes. Saudade de você, saudade do seu pau, saudade da sua buceta, de te chupar, de te agarrar, e tantas coisas desse tipo. E isso me excitava muito. Chegou um momento em que eu pedia por essas provocações para poder bater punheta pensando nela.
- Justo – apoiou Mariano. – Uma punheta nunca é demais. Faz muito bem para a saúde.
- Sim, por isso ela fez questão de me ajudar com as punhetas. Mas felizmente não foi só isso. A brincadeira evoluiu. Existe uma coisa chamada webcam. Conhecem?
- É o que estou pensando? – Renato estava visivelmente segurando a euforia.
- Só pode ser o que estamos pensando! – Mariano comemorou esfregando as mãos uma na outra.

- Provavelmente – completei. – Como estava em uma casa de família e com algumas crianças, no começo ela foi resistente à ideia. Mas depois de muito insistir, consegui com que ela me mostrasse os peitos. Com um pouco mais de conversa e tempo, ela passou a massageá-los e tocá-los para que eu batesse punheta ali mesmo, em frente ao computador. Tudo em tempo real, sabe?
- Muito bom – afirmou Renato em tom de admiração. – Isso é muito bom.
- Sim. E tem mais – completei.

Exceto por Leonardo, arranquei sorrisos dos outros dois. E é claro que isso me estimulou e deu confiança para seguir falando.

- A brincadeira ficou um pouco melhor.
- Fala, fala, fala! – Disse Mariano, já quase sem conseguir se conter na cadeira.
- Primeiro, ela pediu para que eu colocasse a webcam filmando meu pau. Enquanto exibisse os peitos, ela queria me ver batendo punheta. Lembrando que não foi da noite para o dia. Houve um período de evolução e muita paciência.
- Uma longa evolução, como foi todo o seu namoro – completou Renato.
- Exatamente! Quando isso deixou de ser novidade e comecei a enjoar, sugeri o passo seguinte. Pedi para ver a buceta dela.
- E é claro que ela recusou – afirmou Mariano com cara de nojo.
- Isso. Ela voltou a dizer que tinha crianças na casa e que poderiam entrar no quarto a qualquer momento. Argumentei que era noite e que nunca, em nenhuma de nossas conversas, uma das tais crianças havia entrado no quarto. Não havia motivos para essa preocupação burra. Estou errado?
- Certíssimo – respondeu Renato.
- Então. Como sempre, insisti e fui paciente até conseguir. No começo ela só baixava um pouco as calças para que eu visse por alguns segundos e depois guardava. Conforme ganhou confiança, ela enfim resolveu liberar. Quando percebi, já estava batendo punheta com ela toda pelada no meu monitor. Podia ver aquela bucinha virgem de novo, enquanto ela acariciava os peitos.
- Cara, você é bom nessa coisa de descrever – disse Mariano. – Estou ficando excitado só de imaginar.
- Para, Mariano! – Renato tratou de frear o amigo. – Nem começa a falar essas coisas nojentas. Deixe-o terminar o relato em paz, por favor. Quero imaginar cenas boas sem precisar ouvir o quanto você está excitado.

Nós três rimos. Sim, apenas os três. Àquela altura Leonardo se mostrava alheio a qualquer bom astral da mesa. Ele não estava brabo, apenas desinteressado e contrariado. Seus sentimentos eram de que no dia seguinte eu iria me arrepender profundamente de tudo. Não passava de preocupação e instinto de segurança para comigo.

Segui em frente sem me preocupar, afinal, Leonardo sempre pedia para que eu fizesse tudo o que gostaria de fazer sem me preocupar com terceiros. Pois era exatamente o que eu estava fazendo. Apesar do álcool, claro.

- Bom, tivemos duas mudanças consideráveis – prossegui. – Primeiro, por diversas vezes, ela fez um pequeno striptease para mim. Pequeno porque ela usava pijama e dançava desengonçado. Nada sensual, convenhamos. Mas meu tesão era tanto que isso pouco importou, sinceramente.

- Ah, compreensível – disse Mariano. – Compreensível, né, Renato?
- É, acredito que sim – ele respondeu sem tanta certeza.
- Depois disso, atenção – retomei a palavra. O mistério deixou ambos ainda mais curiosos. – Depois de todo esse caminho arduamente percorrido, ela topou se masturbar junto comigo!

Mesa de homem, atitudes de homem, reações de homem. Assim que confidenciei a parte da história, Mariano e Renato bateram palmas – e também na mesa – e comemoraram como se fosse um gol. Senti-me o cara. Simplesmente o cara. De canto de olho, pude notar Leonardo sorrir timidamente ao achar graça na euforia dos seus amigos.

- E daí? Conta como foi – pediu Mariano, animado que só vendo.
- Foi muito legal. Nunca havia feito isso antes, imagina. Enquanto eu batia punheta no meu quarto, ela tocava uma siririca do outro lado do mundo, na casa de completos desconhecidos. Em dois anos de namoro, vejo isso como a única prova de preocupação com as minhas necessidades sexuais. Preocupação e respeito, acima de tudo. Não diminuí em nada meu ódio por ela, mas serve de experiência para contar aos amigos.
- Sem dúvida! – Renato concordou me dando um abraço firme. – Não é nada surreal, mas serve de experiência, sim. Ajuda até no papo para desdobrar futuras namoradas ou parceiras.
- Mas duvido que alguma outra mulher no mundo vá ser tão filha da puta como essa tal de Putinha foi – afirmou Mariano. – Exceto se ela for uma freira, mas daí já seria um fetiche não tão convencional e fácil de se conseguir. Mas podemos tentar se você quiser.
- Não, obrigado – respondi rindo.

Toda a revelação nos tomou um bocado de tempo. Por ter parado com o álcool, senti que aos poucos o pior da bebedeira estava passando. Claro que ainda me sentia feliz de graça e triste sem grandes motivos, mas pelo menos não perderia completamente a consciência das minhas ações, embora quase não tivesse controle sobre nenhuma delas.

A única coisa que eu disse por decisão própria, sem precisar culpar a bebida, foi para encerrar o assunto e enterrá-lo com toneladas de pedras. Enquanto Renato e Mariano relatavam rapidamente experiências semelhantes ou coisas que haviam ouvido de terceiros, escolhi as palavras e pedi licença para falar. Mesmo não tão ansiosos como antes, ambos me olharam atentos.

- Só quero encerrar bem. Já que vim até aqui e contei tanta coisa aos dois, não vejo porque não ir até o final.
- Opa, tem mais! – Mariano esfregou as mãos de entusiasmo.
- Não gostaria que nada do que eu disse saísse dessa mesa – continuei. – Mas isso que vou falar agora, por favor, vocês devem jurar que jamais vão comentar com absolutamente ninguém. Ninguém mesmo.
- Nem precisa pedir – respondeu Mariano levando uma das mãos ao peito e fazendo figa com os dedos na outra mão.
- Jurado – completou Renato.
- Ótimo. Do primeiro peito que ela mostrou – levei o dedo até uma parte da mesa, – até a última siririca que ela bateu para mim – percorri uma linha imaginária e conectei em um outro ponto distante. – Tudo,

simplesmente tudo. Os stripteases, as gozadas dela, as vezes em que arregaçou a bunda para mostrar o cu novinho, eu tenho todos esses dois meses de exibições pornográficas gravadas no computador.

Primeiro, fez-se o silêncio. Fosse pelo espanto ou por se tratar de uma informação inesperada, os dois precisaram de alguns segundos para digerir.

O primeiro a reagir foi Mariano, com um grito de comemoração, como já era de se esperar. Renato foi um pouco mais contido ao apenas bater palmas e rir. Reações diferentes, significados iguais. Ambos me cumprimentaram por algo que muitas pessoas diriam ser errado. Filmei minha ex-namorada pelada e batendo siririca na webcam sem que ela soubesse. Nunca pedira permissão ou informara ela disso, nem mesmo após o fim do namoro. Ela estava vivendo sua vidinha medíocre e feliz sem saber que eu tinha a posse de vídeos dela tocando uma para mim. Mas o que para muitos poderia ser um erro, para eles era uma conquista. E isso me deixou feliz, pois eu pensava exatamente da mesma forma.

- Isso é foda demais! – Mariano seguiu comemorando. – São muitos vídeos?
- Hm – pensei. – Não tenho certeza de quantos são, sinceramente. Mas acredito que mais de vinte, por aí.
- Qualidade boa? – Perguntou Renato.
- Razoável – gesticulei meio termo com a mão. – Não é uma imagem perfeita e trava um pouquinho com movimentos rápidos, mas dá para ver tranquilamente. Os primeiros vídeos dela mostrando peitinho eu não tenho registrado porque usei de testes para achar um programa decente. Quando encontrei, já era.
- Chupa essa, filha da puta! – Disse Mariano. – Você é demais, cara! Acabo de virar seu fã.
- Valeu – agradei sem jeito.
- E você ainda assiste a esses vídeos? – Renato e sua curiosidade contida.
- Não mais. Uma vez me senti bem para vê-los de novo. Inclusive bati punheta duas vezes com eles, após o fim da relação. Mas nunca mais assisti depois disso, apenas os tenho guardados.
- E pretende fazer o que com eles? – Mariano questionou com um certo desejo iminente no olhar.
- Nada – Leonardo interferiu sem que esperássemos, após longos minutos de silêncio.

Nós três o olhamos surpresos, pois ele havia ficado calado por um longo tempo mesmo. Seu descaso a respeito do assunto e a própria preocupação comigo tinham um certo limite de abstenção. Por mais que quisesse me ver andar com as próprias pernas, Leonardo jamais permitiria que eu fizesse algo errado ou que fosse contra a educação que sempre tivemos dos meus pais. Nunca soube sua opinião sobre os meus vídeos gravados da Putinha, mas tinha certeza de que ele não abriria mão de suas convicções quanto ao que fazer com eles.

- Ele não vai fazer absolutamente nada com esses vídeos – continuou. – Estão no computador dele e lá vão ficar, a não ser que os delete.
- Essa é a sua opinião – disse Mariano.
- A dele também – rebateu Leonardo, com os olhos semisserrados.
- É mesmo? – Mariano olhou diretamente em meus olhos. Fiquei estático por alguns instantes, sentindo-me pressionado por ambos.
- Não é? – Insistiu Leonardo, também olhando para mim.

- Sim, claro que é – respondi no susto. Senti um alívio ao falar.
- Então, pretende nunca espalhar esses vídeos pela internet? – Perguntou Renato.
- Confesso que é algo que não me passou pela cabeça – respondi.
- E se passasse, é claro que você – Leonardo fez menção para que eu completasse a frase.
- Jamais o faria – completei.
- Ótimo – ele sorriu.
- Uma pena – lamentou Mariano. – São vídeos assim que alimentam a putaria ao redor do mundo.
- São vídeos assim que destroem famílias e humilham mulheres – rebateu Leonardo de maneira categórica.
- Meu cu, Leonardo – respondeu Mariano, um tanto contrariado. – Não quero entrar nesse tipo de debate moralista agora, mas que se foda a vadia burra que se deixou ser filmada.
- A ex dele não se deixou ser filmada – afirmou Leonardo, cada vez mais cheio de convicção.
- Mas ficou se exibindo na webcam. Se fosse minimamente esperta, saberia que as chances de ser gravada eram enormes, independente da índole desse nosso querido e bom rapaz. Todo homem que se preze, quando tiver a chance de filmar ou bater uma foto, com ou sem permissão, não só vai como deve fazê-lo. Do contrário, será o mais perfeito idiota – concluiu ajeitando o chapéu que ameaçou cair da cabeça com os movimentos enfáticos.

Leonardo não se preocupou muito em dar continuidade à discussão, pois como Mariano havia dito, aquele não era o momento para debates moralistas. Além disso, ele sabia – assim como eu sei hoje – que Mariano era uma porta emperrada. Não adiantaria argumentar ou fazer uso das mais inteligentes ideias, a opinião dele não mudaria. Em outras palavras, seria perda de tempo seguir batendo boca.

- Vai dar para trás, Renato? – Perguntou Mariano. Sua expressão era carrancuda, como quem procurava por apoio no que dizia. – Ainda estou esperando a sua opinião.
- Bem – Renato pigarreou, – concordo com ambos.
- Muralista, como sempre – Mariano revirou os olhos em desapontamento.
- Não é muralista. Os dois têm certa razão. Concordo com Leonardo que é errado fazer esse tipo de coisa. O vazamento de vídeos assim causa muitos, muitos problemas. Eu que curso direito já estou careca de estudar casos dessa esfera. E acreditem, são seríssimos, envolvem muita coisa.
- Por outro lado? – Questionou Mariano, ainda carrancudo.
- Por outro lado, o problema não é meu se o vídeo vazar.
- Fala sério – foi a vez de Leonardo se desiludir.
- Mas é verdade, ué – defendeu-se Renato. – Se eu gravar algum vídeo ou bater fotos de uma garota, não vou repassar a ninguém. No máximo mostrar nas minhas coisas, onde estão salvos. Mas se um outro cara que eu sequer sei quem é resolveu passar adiante, o problema não é meu. Vou assistir sem o menor sentimento de culpa.
- Logo – seguiu Leonardo, - você não condena quem vaza, mas você mesmo não o faria. É isso?
- É, basicamente.
- Que belo advogado você vai ser – ironizou.
- Minha opinião pessoal não tem nada a ver com o meu empenho em defender o que está escrito por lei e os interesses de quem vier a ser o meu cliente – percebi que ele se ofendeu.

- Acho justo – completei. – Não conheço essas pessoas, de qualquer forma. E no mais, pouco vai adiantar eu não assistir, sendo que milhares de outras pessoas o farão.
- Era só isso o que eu queria ouvir nessa mesa, obrigado. – Mariano olhou para Leonardo como se tivesse vencido uma batalha.
- De qualquer forma – continuou Leonardo, – esses vídeos que ele gravou jamais sairão de lá, correto?
- Correto – concordei para acalmá-lo logo. – Embora a odeie e queira para ela tudo aquilo de ruim que já citei, vou esperar que o próximo otário que cair na dela trate de compartilhar vídeos assim.
- Porque ela é uma vagabunda e com certeza irá fazer dessas de novo – completou Mariano. – Mas um dia você vai nos mostrar esses vídeos, né?
- Quem sabe um dia, quando eu não odiá-la mais – sorri. – Quando restar apenas indiferença.

Por um instante, confesso que temi uma briga séria entre Leonardo e Mariano. A visão dos dois de um mesmo assunto era tão diferente que nada mais normal do que a discussão se estender por horas. Mas, pelo que pude perceber na época, Mariano tinha, sim, todas as suas convicções avessas ao normal, só que batia de frente com Leonardo apenas para irritá-lo. Esse, já acostumado, procurava não dar pano para manga alguma. Por isso as discussões não se alongavam

Mais uma vez ninguém deu uma só palavra por um certo tempo. Leonardo e Renato mexeram em seus respectivos celulares, Mariano procurou um garçom e eu olhei para as minhas mãos, tentando refletir se fora um erro tudo o que havia revelado. Também pensei se deveria me sentir culpado por ter filmado minha ex sem o seu consentimento. “Ela não sabia que estava sendo filmada”, as palavras de Leonardo retumbavam em minha cabeça.

Como que hipnotizado por meus próprios pensamentos, ou como se uma segunda consciência tomasse conta de todo o meu ser e me controlasse sem que a primeira consciência tivesse conhecimento das ações, acabei por abrir a boca e cuspir mais um grande segredo. Não me dei conta na hora, achei que estivesse falando comigo mesmo ou com o álcool que corria livre pela minha corrente sanguínea.

- Sou virgem.

Foi repentino a ponto de ninguém compreender. Leonardo não largou o celular e respondeu apenas com um “hm” interrogativo, Mariano permaneceu de braço erguido e todo torto na cadeira para que algum garçom lhe atendesse, e Renato largou o aparelho na mesa para me perguntar diretamente o que eu havia dito.

- Sou virgem – repeti sem pensar que mais tarde me arrependeria.
- É o quê? – Mariano se virou rapidamente.
- Está brincando – Renato foi o primeiro a compreender.
- Não é virgem coisa nenhuma – e Leonardo o segundo.
- Sou sim – contestei. – Sou virgem. Um homem barbado e virgem.
- Mas você é uma caixinha de surpresas, hein – disse Mariano. – Depois eu que sou o sujeito peculiar do grupo.
- Mariano, não amola – Leonardo tratou de cortar o mal pela raiz. – Ele não é virgem.
- Sou sim, cacete!
- Não, não é – Leonardo insistiu.

- Porra – irritado, Mariano deu o milésimo soco na mesa. – É ou não é? Chega dessa palhaçada.

Leonardo e eu respondemos ao mesmo tempo. Eu voltei a dizer que sim e ele a dizer que não, e isso só serviu para deixar Mariano ainda mais nervoso.

- Juro que vou arrebentar a cabeça do primeiro que brincar comigo de novo – afirmou ao pegar uma garrafa vazia pelo gargalo.

- Joguem no cara ou coroa se for preciso, mas por favor, entrem em um consenso – disse Renato.

- Ele já transou pela primeira vez com uma garota que conheceu no Binder – afirmou Leonardo. – Não é virgem.

- Opa, adoro o Binder – animou-se Mariano. – Já comi algumas usando esse aplicativo. Como ela era?

- Eu ainda sou virgem – insisti como vitrola quebrada.

- Eu vou enfiar essa garrafa no seu cu, seu bostinha – Mariano voltou a se estressar.

- Por que vocês estão nessa disputa irritante? – Renato manteve a calma, mas também estava começando a se incomodar. – O que aconteceu, afinal?

- Ele conheceu uma garota chamada Gabriele pelo Binder – Leonardo adotou o cargo de porta-voz. – Os dois se encontraram em um motel e transaram. Simples. E quem transa, não é virgem.

- Eu não gozei – pensei em repetir que ainda era virgem, mas fiquei com medo de verdade de apanhar do Mariano. – Se eu não gozei, me considero virgem.

- Calma que eu não entendi – Mariano pediu ao soltar a garrafa. – Só por não ter gozado você se considera virgem?

- Sim – fui simplista quando todos esperavam por uma grande explicação.

- Tá, mas e daí? – Perguntou-me Renato. – Isso não tem nada a ver.

- Tem, sim – e me confundi ao balançar a cabeça negativamente. – Ela montou em mim e gozou três vezes em menos de uma hora. Mas eu estava tão nervoso que não consegui gozar. E se eu não gozei, mesmo tendo penetrado, não considero que tive o prazer pleno da transa, logo, me dou o direito de ainda me considerar virgem.

Cada um pegou a informação e analisou à sua maneira. Mariano foi o primeiro a se pronunciar.

- Esse cara é muita doideira, Leonardo – riu como se eu fosse uma piada. – Curti demais essa teoria. Não concordo, mas só para ajudar, vou te defender dizendo que ainda é virgem.

- E você ainda incentiva – Leonardo suspirou.

- Obrigado – agradei com uma leve reverência.

- Tá, e cadê essa garota? – Renato queria mais informação. – Se o problema foi não gozar, tenta de novo e goza, ora.

- Foi exatamente o que eu disse a ele – Leonardo afirmou ao dar um tapa na minha mão.

- Porque eu não quero somente uma foda – respondi. – Quero um relacionamento, e isso ela não estava preparada para me dar.

- Mas ela estava preparada para te dar a xoxota, seu animal – Mariano também me deu um tapa na mão, só que muito mais forte. – O resto não importa.

- E por que ela não estava preparada? – Prosseguiu Renato. – Alguma doença mental como a Putinha?

- Não, não – nunca, Gabriele foi uma menina sensacional. – Ela apenas não queria um relacionamento à distância, simples. E mesmo que a gente transasse, eu não ficaria viajando horas e horas apenas por uma foda. Não vale a pena e não serve como fuga. Preciso de uma buceta mais próxima a mim.
- Isso faz sentido – Mariano consentiu. – Agora você falou uma verdade, jovem. Tem a minha aprovação.
- Grato – fiz mais uma reverência.

O assunto simplesmente morreu de uma maneira que eu não esperava. Achei que a informação sobre eu ainda ser virgem fosse gerar um novo debate, mas simplesmente morreu. Mais tarde, quando sóbrio, entendi o motivo. Além de não concordarem com o meu ponto de vista, Mariano e Renato optaram por acreditar em Leonardo, seu amigo de longa data. Eles não tinham laços afetivos comigo para me apoiar.

Mesmo assim, aceitaram me considerar virgem apenas para me fazerem um agrado. Leonardo achou tudo uma grande bobagem.

- Tá, mas tem um furo nessa história – Renato e sua perspicácia.
- Qual? – Questionei-o, já pronto para rebater.
- Se a minha memória não falha, e raramente ela falha, no seu aniversário você não comeu aquela garota de rosa que vimos na boate?
- Comi, e daí?
- Você transou com duas mulheres, como quer ser considerado virgem?
- Viram por que avisei para não levarem essa bobagem a sério? – Indagou Leonardo, quase que realizado por ter razão.
- Vai me dizer que também não gozou com uma puta? – Mariano foi um pouco mais enfático, como se estivesse pronto a me bater se a minha resposta fosse negativa.
- Não, eu gozei – concordei com serenidade. – Mais de uma vez.
- E como diabos você me diz que é virgem? – Seguiu Mariano. – Embora não concorde com o caso dessa Gabriele, faço uma força para te ajudar. Mas depois dessa outra história aí, não tem como.
- Foi com uma garota de programa, tive que pagar para ter prazer. Isso não é sexo de verdade. Só vou sentir que não sou mais virgem quando comer alguém que se interesse por mim e que queira dar por interessem em mim, não no meu dinheiro. Basicamente, quando for uma transa com amor.

Eu quase encarnei um filósofo para destilar uma sabedoria milenar, um pensamento profundo e complexo, capaz de gerar grandes debates em mesas redondas com os mais respeitados sábios de todos os tempos. Isso na minha visão das coisas, é claro. O que eu consegui dos demais? Nada. Absolutamente nada. Nem Mariano, sempre tão passional e na maioria das vezes enfático, se preocupou em rebater. Ele simplesmente pegou o copo e tomou um longo gole de cerveja.

A conversa encerrou ali porque nenhum deles via a necessidade de rebater tamanho absurdo. Acredito que também não falaram nada pelo cansaço, pois é óbvio que cansava debater com bêbados teimosos.

Quando cada um resolveu fazer uma coisa diferente, ficamos sem dar um pio de novo. Em um dado momento, Renato foi quem quebrou o breve silêncio. E não foi a minha última revelação que enterrou o assunto Putinha, infelizmente.

- Já parou para pensar no pior? – Olhou rapidamente para mim, mas se dirigiu a todos. – Refleti aqui. Que a Putinha não vai perder o cabaço com você já é fato consumado. Acontece que outro carinha qualquer vai fazer com ela coisas que você não fez.

- Não, não – pude sentir uma alegria sádica em Mariano. – O pior não é isso. Você já meio que iniciou ela com toda essa agarrão, com boquetes, punhetas, siriricas, webcams e afins. Garanto que não tem mais esse medo ridículo de engravidar. Ou seja, deve estar com uma vontade louca de dar o rabo e perder logo o lacrezinho de virgem. O pior disso tudo, de verdade, é que o cara que tirar aquele cabacinho não vai levar nem metade do tempo que você levou.

- Metade?! – Surpreendeu-se Renato. – Muito menos!

- Exato – Mariano concordou rindo. – Enquanto você só tentou, ele vai conseguir de barbada. Bucetinha literalmente dada.

- Se isso é para me fazer sentir melhor – larguei o ar com muito pesar, – vocês foram péssimos.

- Relaxa, só estamos mexendo com você – disse Renato, tentando me dar um conforto simplesmente inútil. – Imagino que seja horrível, mas infelizmente é a realidade. Aquele cabacinho não pertence mais a você. Então, meu caro, paciência e bola para frente.

- Verdade – completou Mariano com um sorriso amistoso no rosto. – Esquece essa vaca chupadora de camisinha. Além de não merecer o seu pau, não merece os seus lamentos. Vai por mim, ouve o titio Mariano. Estou errado, Leo?

- Não, de forma alguma – Leonardo concordou, já mais calmo da breve discussão. – Foi exatamente isso o que eu disse a ele quando conversamos na primeira vez. A vida segue.

- É, tem que seguir – suspirei olhando para as mãos e lembrando tudo em segundos. – Precisa seguir.

## Prólogo

### Amor de Puta Vol. 2

#### Carta Branca [Rafael]

Então, abraçou-me com força e despediu-se com mais um beijo longo e carinhoso no rosto.

Sempre atenciosa, embora não tivesse obrigação alguma comigo, ela explicou que passaria a noite conversando sobre qualquer coisa que eu quisesse, mas que naquele momento estava realmente cansada e precisava muito dormir.

Compreendi com um sorriso. E da minha maneira desajeitada de ser, gaguejei várias vezes e agradei a sua atenção.

Em princípio, quando estava desligando o carro na garagem, saí com a impressão de que havia feito um bom papel. Mostrei sinceridade em todos os meus gestos e falas, disso vocês podem ter certeza. Agora, quanto ao que isso me traria de benefícios ou até malefícios, somente o tempo diria.

Independente disso, o que de mais importante aconteceu naquela noite foi quando eu subia a rua em direção à minha casa. A garagem ficava uma rua abaixo.

Meu telefone vibrou no bolso da calça. Raramente o sentia vibrar enquanto caminhava. Mas senhores, por algum motivo, naquele momento eu senti.

- Já está em casa? – Era Leonardo.
- Quase chegando. O que foi?
- A Cris acabou de me telefonar.

Uma leve preocupação cruzou meus pensamentos. Uma reação assim, tão imediata?

- Para quê? – Perguntei, relutante.
- Ela basicamente me mandou tomar no cu por ter te apresentado a ela e dito que você era um excelente cozinheiro. Também disse que se já não bastasse ser apaixonada por mim, ela acredita que já está duplamente ferrada, pois dificilmente não se apaixonará por você também. Disse que é questão de tempo.

Até parei de caminhar! Não sabia se pulava, corria, berrava ou me jogava no chão. Quando eu imaginaria chegar tão longe?

- Rafa, eu não sei o que você fez ou disse para a Cris hoje. Mas o que quer que tenha sido – ouvi uma breve risada de felicidade, – você acertou em cheio, irmãozinho.